UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

OS CURSOS *NOVA ET VETERA* COMO EXPERIÊNCIA DE INCULTURAÇÃO MISSIONÁRIA NA MISSÃO DO LUCULA ZENZE – CABINDA (1970-1974)

Uma abordagem histórico-teológica

Volume II – ANEXOS

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Doutor em Teologia,
especialidade em Teologia Prática

por

BARNABÉ LELO TUBI

Sob orientação de José Manuel da Silva Valente Nunes
e coorientação de Sérgio Filipe Ribeiro Pinto

CATÓLICA
FACULDADE DE TEOLOGIA

Outubro de 2022

ÍNDICE DOS ANEXOS

BREVE NOTA INTRODUTÓRIA 7

Anexo 1 – **Mapas e fotografias da Missão do Lucula Zenze (1893-2020)** 9

Mapa n.º 1 – CEAST – Arquidiocese de Luanda (1940) 9
Mapa n.º 2 – CEAST – Arquidiocese de Luanda (1940) 10
Mapa n.º 3 – Pontos Extremos – Norte: Miconje; Sul: Yema; Oeste: Massabi; Leste: Lucula Zenze 11
Mapa n.º 4 – Missões de Cabinda: Lândana (1873), Cabinda (Imaculada Conceição 1891), Lucula Zenze (1893) e Belize/Maiombe (1922) 12
Mapa n.º 5 – Aldeias da Missão do Lucula Zenze 13
Mapa n.º 6 – Diocese de Boma 13
Mapa n.º 7 – Berços do Seminário de Cabinda: Primeiro berço: Lândana (1879-1936); Segundo berço: Lucula Zenze (1936-1947) e Terceiro berço: Cabinda (1947) 14
Fotografia n.º 1 – Placa no local de desembarque dos missionários 14
Fotografia n.º 2 – P. Eugénio Bisch 15
Fotografia n.º 3 – Ir. Gregório Eusébio 15
Fotografia n.º 4 – Planta da Missão do Lucula Zenze 16
Fotografia n.º 5 – Capa do livro do *Catecismo Fiote-Português* 17
Fotografia n.º 6 – Primeira Residência Missionária 18
Fotografia n.º 7 – Primeira Igreja da Missão do Lucula Zenze 18
Fotografia n.º 8 – Igreja da Missão do Lucula Zenze (inaugurada em 1932) 19
Fotografia n.º 9 – Igreja da Missão do Lucula Zenze (restaurada em 2014) – Frente 19
Fotografia n.º 10 – Igreja da Missão do Lucula Zenze (restaurada em 2014) – Traseira 20
Fotografia n.º 11 – Sino da Igreja da Missão do Lucula Zenze 20
Fotografia n.º 12 – Residência Missionária do Lucula Zenze (1938) 21
Fotografia n.º 13 – Internato da Missão do Lucula Zenze (inaugurado em 1966) 21
Fotografia n.º 14 – Antigo Posto Sanitário de Lucula Zenze (1947) 22
Fotografia n.º 15 – Complexo Escolar do Lucula Zenze (uniforme dos alunos) 22
Fotografia n.º 16 – Uma das salas de aula da Escola Missionária do Lucula Zenze (1947) 23
Fotografia n.º 17 – Uma outra sala de aula da Escola Missionária do Lucula Zenze 23
Fotografia n.º 18 – Padres e Irmãs Mercedárias e Professores da Escola Missionária do Lucula Zenze 24
Fotografia n.º 19 – Alunos da Escola Missionária do Lucula Zenze, no recreio (1947) 25
Fotografia n.º 20 – Edifício da Escola Missionária do Lucula Zenze (1947) .. 25
Fotografia n.º 21 – Khokho ou *Coco* (instrumento de comunicação entre os Cabindenses) 26
Fotografia n.º 22 – Capa do livro *Nsambu Misa – Ordinário da Missa* (1970) 26

Anexo 2 – **Fotografias alusivas aos C. I. *Nova et Vetera* (1970-2020)** 27

Fotografia n.º 30 – Sede dos C. I. *Nova et Vetera* (1970) 27
Fotografia n.º 31 – Mercado dos C. I. *Nova et Vetera* (1972) 28
Fotografia n.º 32 – Extratos das páginas da entrevista ao *Jornal de Angola* .. 29
Fotografia n.º 33 – Capa do *Guia de Alfabetização em Língua Ibinda* 30
Fotografia n.º 34 – Capa do *Manual de Alfabetização Inongo-Nongo* 31

Anexo 3 – **Documentos de Identificação do Padre Gabriel (1930-2009)** 32

Fotografia n.º 35 – Bilhete Identidade do P. Gabriel Nionje Seda (era colonial) 32
Fotografia n.º 36 – Celebret do P. Gabriel Nionje Seda (redigido em latim) 33
Fotografia n.º 37 – Celebret do P. Gabriel Nionje Seda (redigido em português) 34
Fotografia n.º 38 – Provisão do P. Gabriel Nionje Seda (reabertura da Missão) 35
Fotografia n.º 39 – Certificado de Estudos do Curso de Teologia do P. Gabriel Nionje Seda (frente) 36
Fotografia n.º 40 – Certificado de Estudos do Curso de Teologia do P. Gabriel Nionje Seda (verso) 37
Fotografia n.º 41 – Bilhete de Identidade do P. Gabriel Nionje Seda (era pós--colonial 38
Fotografia n.º 42 – Passaporte do P. Gabriel Nionje Seda (era pós-colonial) 39
Fotografia n.º 43 – Túmulo do P. Gabriel Nionje Seda (1930-2009) 39
Cronologia da vida do P. Gabriel Nionje Seda (1930-2009) 40

Anexo 4 – **Fontes Escritas sobre os Cursos *Nova et Vetera*** 42

1.1. Aspetos da Visita Pastoral à Missão do Lucula Zenze (14-7-1970) 42
1.2. Evangelizar os Pobres (dezembro 1973) 43
1.3. Três anos de vida (1970-1973) 45

Anexo 5 – **Vocabulário Português-Ibinda e Ibinda-Português** 49

Anexo 6 – **Pensamentos para o Canto de Meditação** 56

Anexo 7 – **Meditações sobre o Homem e os Valores (Alguns Temas)** 64

– Meditação sobre o Homem e os Valores (o *Homo Socialis*) 64
– Meditação sobre o Homem e os Valores (objetivo: atingir o Homem) 64
– Meditação sobre o Homem e os Valores (o Cego) 65
– Meditação sobre o Homem e os Valores (a Culinária) 66
– Meditação sobre o Homem e os Valores (o Dinheiro) 66
– Meditação sobre o Homem e os Valores (a Nutrição) 67
– Meditação sobre o Homem e os Valores (a Agricultura) 67

Anexo 8 – **Entrevista do padre Gabriel ao *Jornal de Angola* (29-9-1996)** 69

Anexo 9 – **Conferências do padre Gabriel** 75

– A tese «África para os Africanos» poderá aplicar-se audaciosamente à Igreja Africana? Ensaio duma resposta (20/1/1988) 75
– Alfabetização e Africanidade (1-10-1996) 77
– Um espaço para o Método *Inongo-Nongo* (24-6-1998) 80

Anexo 10 – Livro I – **Manuscrito de Matrículas do Seminário (1934-1942)** 83

Anexo 11 – Livro II – **Manuscrito de Matrículas do Seminário (1942-1947)** 86

Anexo 12 – Livro III – **Manuscrito de Matrículas do Seminário (1947-1957)** 88

Anexo 13 – **Diário Manuscrito do Seminário do Lucula Zenze (1936-1946)** 91

Anexo 14 – **Atas Manuscritas das Reuniões do Seminário (1937-1945)** 94

Anexo 15 – **Manuscritos de *Nova et Vetera* (1970-1974)** 97

Anexo 16 – **Diário Manuscrito da Missão do Lucula Zenze (1972-1974)**..... 223

BREVE NOTA INTRODUTÓRIA

Findo o trabalho de investigação e as inúmeras leituras indispensáveis à prossecução do seu propósito, houve que proceder ao registo escrito de quanto nos foi dado ver e observar, assim como também dar conta do vislumbre e da constatação, agora, devidamente arrumada, que nos foi surgindo, à medida que os materiais recolhidos foram sendo catalogados, arrumados e combinados como num *puzzle,* em perfeita coerência e justeza cronológica.

Quanta descoberta, quantas novidades, quanto reconhecimento e quantas memórias nos revisitaram, em assaltos de saudade e de nostalgia, mas também de revivescências de dor, de generosidade, de gratidão e de consolação!

Houve que decidir, então, o tratamento e o destino a dar a tão valioso espólio, constituinte de repositório de memórias, de forma não só de o proteger do esquecimento, mas mais, muito mais, dispô-lo como legítima fonte disponível para futuros interessados e investigações.

Para tanto, tomámos, por avisado conselho, a decisão de incluir parte deste inestimável conjunto de documentação num volume de anexos (Volume II) que juntamos ao Volume I (Tese propriamente dita com os seus enunciados e argumentos), procedimento este que, supomos, muito contribuirá para o propósito de preservação, e que, por este ato académico, agora, confiamos aos Arquivos da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, que aceitou, por seu turno, selar a avaliação final deste esforço.

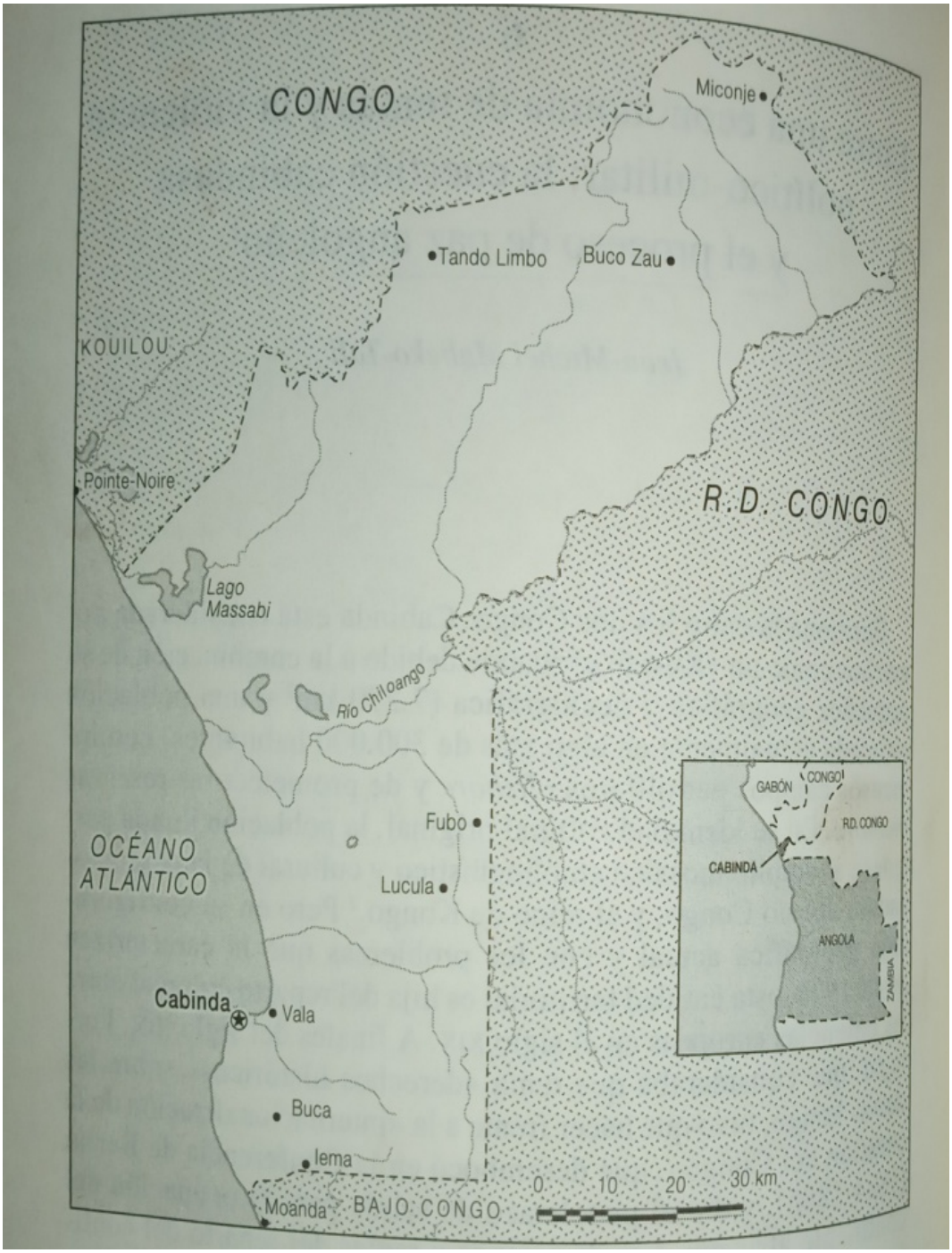
ANEXO 1

MAPAS E FOTOGRAFIAS DA MISSÃO DO LUCULA ZENZE (1893-2020)

Como uma imagem vale mil palavras, recolhemos mapas e fotografias nos Arquivos dos Padres da Congregação do Espírito Santo de Paris, de Lisboa e de Luanda. Fizemos fotografias de casas missionárias, escola, internato e posto sanitário e recolhemos mapas de todos os documentos para melhor autenticar e testemunhar o nosso trabalho de investigação.



Mapa n.º 1 – CEAST – Arquidiocese de Luanda (1940)



Mapa n.º 2 – CEAST – Arquidiocese de Luanda (1940)



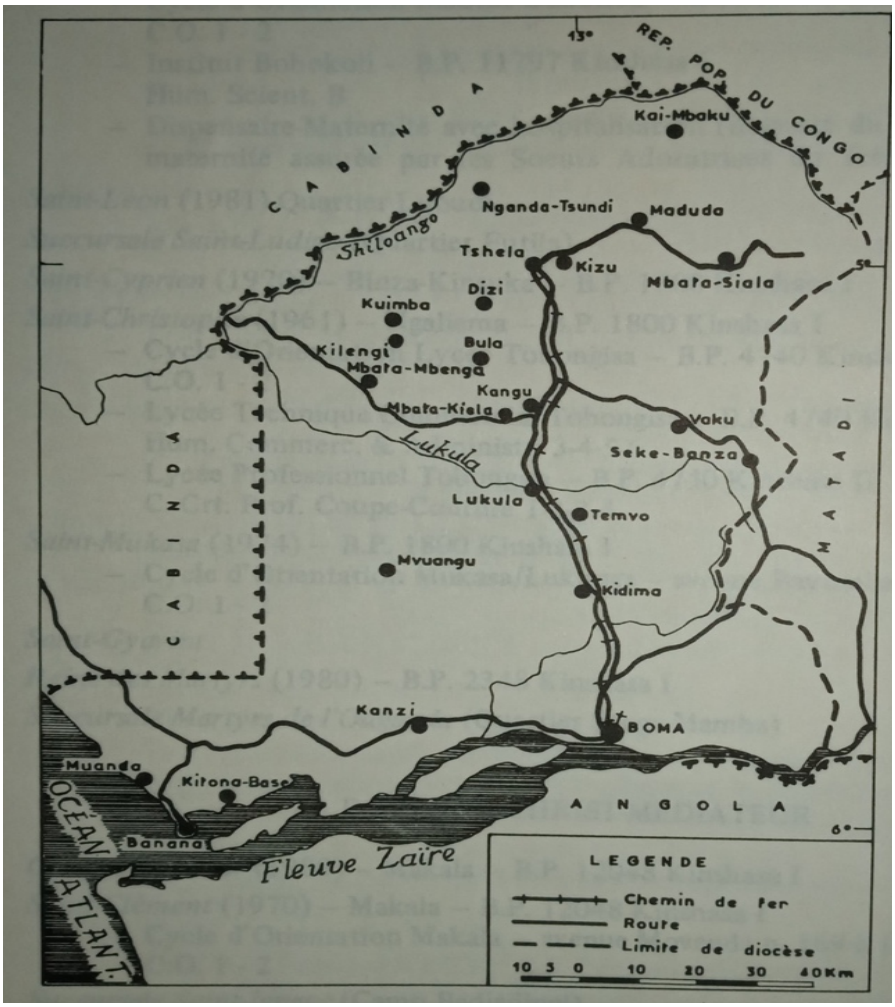
Mapa n.º 3 – Pontos Extremos – Norte: Miconje; Sul: Yema; Oeste: Massabi; Leste: Lucula Zenze



Mapa n.º 4 – Missões de Cabinda: Lândana (1873), Cabinda-Imaculada Conceição (1891), Lucula Zenze (1893) e Belize/Maiombe (1922)



Mapa n.º 5 – Aldeias da Missão do Lucula Zenze



Mapa n.º 6 –Diocese de Boma



Mapa n.º 7 – Berços do Seminário de Cabinda:

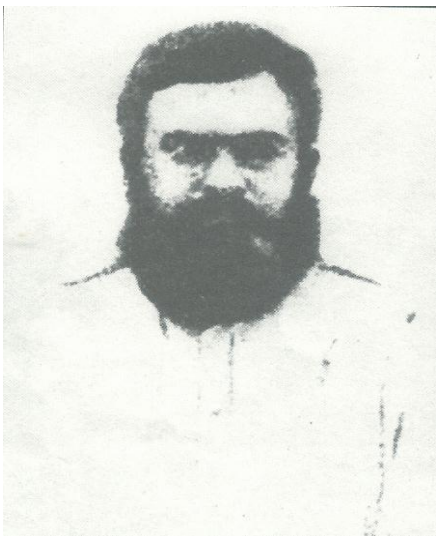
1.º Berço: Lândana (1879-1936); *2.º Berço*: Lucula Zenze (1936-1947) e *3.º Berço*: Cabinda (1947).

NESTE LOCAL DESEMBARCARAM OS MISSIONÁRIOS ESPIRITANOS FUNDADORES DA MISSÃO DO LUCULA ZENZE 12-6-1893

Fotografia n.º 1 – Placa no local de desembarque dos missionários

REDACTORES
do

CATECISMO FIOTE – PORTUGUÊS

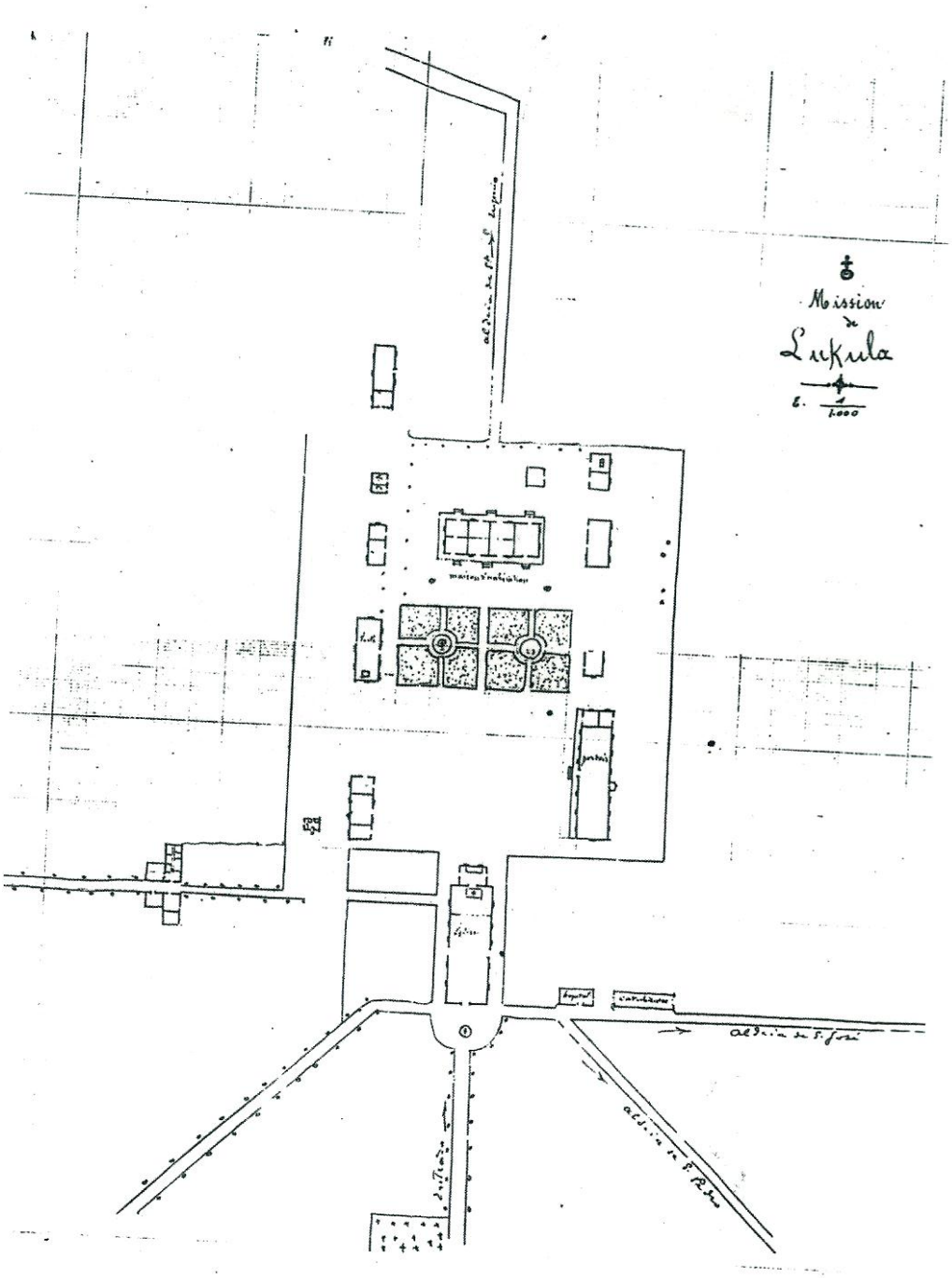


Fotografia n.º 2 – P. EUGÉNIO BISCH (1869-1910)
missionário do Lucula Zenze,
autor do *Catecismo Fiote-Português*, redigido no Lucula-Zenze.



Fotografia n.º 3 – Ir. GREGÓRIO GOMES EUSÉBIO (1874-1930)
missionário do Lucula Zenze,
tradutor do livro *Buka Nsambu*, redigido no Lucula-Zenze.

(Archives Générales de la Congrégation du Saint Esprit
12, Rue P. Mazurié, 94669, Chevilly-Larue – Paris)



Fotografia n.º 4 – Planta da Missão do Lucula Zenze

(Archives Générales de la Congrégation du Saint Esprit
12, Rue P. Mazurié, 94669, Chevilly-Larue – Paris)

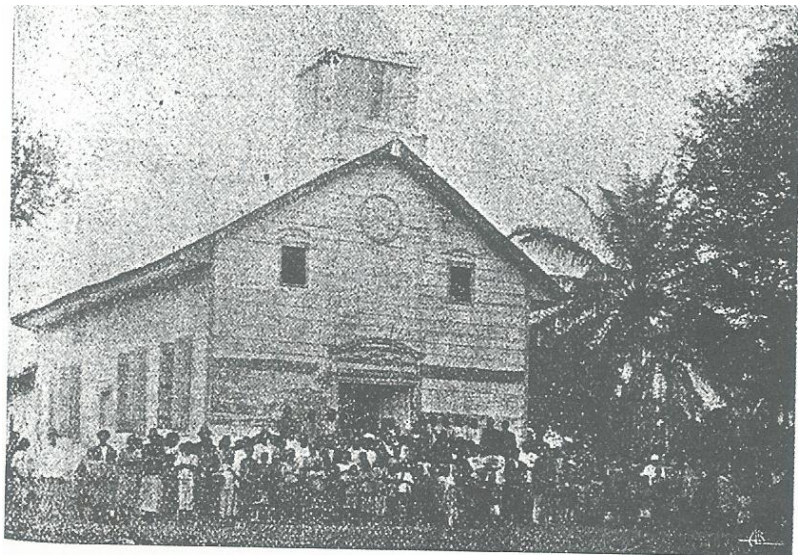


Fotografia n.º 5 – Capa do *Catecismo Fiote-Português*
(1.ª ed., 1910; 2.ª ed., 1975)



Fotografia n.º 6 – Primeira Residência Missionária

(Archives Générales de la Congrégation du Saint Esprit
12, Rue P. Mazurié, 94669, Chevilly-Larue – Paris)



Fotografia n.º 7 – Primeira Igreja da Missão do Lucula Zenze

(Archives Générales de la Congrégation du Saint Esprit
12, Rue P. Mazurié, 94669, Chevilly-Larue – Paris)



Fotografia n.º 8 – Igreja da Missão do Lucula Zenze (inaugurada em 1932)



Fotografia n.º 9 – Igreja da Missão do Lucula Zenze (restaurada em 2014) – Frente



Fotografia n.º 10 – Igreja da Missão do Lucula Zenze (restaurada em 2014) – Traseira



Fotografia n.º 11 – Sino da Igreja da Missão do Lucula Zenze



Fotografia n.º 12 – Residência Missionária do Lucula Zenze (1938)



Fotografia n.º 13 – Internato da Missão do Lucula Zenze (inaugurada em 1966).



Fotografia n.º 14 – Antigo Posto Sanitário do Lucula Zenze (1947)



Fotografia n.º 15 – Complexo Escolar do Lucula Zenze (uniforme dos alunos)



Fotografia n.º 16 – Uma das salas de aula da Escola Missionária do Lucula Zenze (1947)



Fotografia n.º 17 – Uma outra sala de aula do Complexo Escolar Missionária do Lucula Zenze



Fotografia n.º 18 – Padres, Irmãs Mercedárias e Professores da Escola Missionária do Lucula Zenze



Fotografia n.º 19 – Alunos da Escola Missionária do Lucula Zenze, no recreio (1947)



Fotografia n.º 20 – Edifício da Escola Missionária do Lucula Zenze (1947)



Fotografia n.º 21 – Khokho ou *Coco* (instrumento de comunicação entre os Cabindenses)



Fotografia n.º 22 – Capa do livro *Nsambu Misa – Ordinário da Missa* (1970)

ANEXO 2

FOTOGRAFIAS ALUSIVAS AOS CURSOS *NOVA ET VETERA* (1970-2020)

O cuidado que nos assistiu em documentarmos, tanto quanto possível, os passos da investigação sobre os Cursos *Nova et Vetera*, levou-nos a fotografarmos diversos lugares de referência – Sede e Mercado dos C.I. *Nova et Vetera* –, assim como assinalarmos momentos de maior importância da sua divulgação – páginas da entrevista do fundador ao *Jornal de Angola* e as capas dos livros *Guia* e *Manual de Alfabetização Inongo-Nongo*. Como prova da criteriosa organização dos Cursos, deixamos aqui também o seu bem elaborado Programa de Encerramento do ano 1972-1973.

CURSOS DE INICIAÇÃO
NOVA ET VETERA

Caixa Postal 29 Sede: Missão do Lucula-Zenze CABINDA

Celebrações do Encerramento das actividades educativas dos C. I. NOVA ET VETERA para o ano 3 (1972/73)

Signo das Celebrações: ***Culto da Responsabilidade e Competência***

— PROGRAMA —

16 de Junho — Sábado:

15.00 - Início das Celebrações
Visita às obras da futura SEDE DOS C. I. NOVA ET VETERA.
16.00 - Inauguração da AVENIDA DOS PARTICIPANTES e do MINI-REFEITÓRIO DOS C. I. NOVA ET VETERA no Mercado.
18.30 - Celebração da Palavra de Deus
Tema da Celebração: A Bíblia e o Culto da Responsabilidade e Competência.

17 de Junho — Domingo:

9.45 - Início do Culto Dominical com procissão de entrada e Laudes.
10.00 - Concelebração Solene da Eucaristia
Ao ofertório: entrega dos Diplomas aos Participantes dos 5.º e 6.º cursos dos C. I. NOVA ET VETERA. Execução da Missa Solene das Celebrações «LUKA-NUNU MU VUVU», de G. Nionje-Seda, pela Orquestra e Coro «BANA BA VUVU-KIETU» — Coral Piloto da Missão do Lucula. Direcção do Autor.
11.30 - Actividades recreativas.
13.30 - ALMOÇO-CONVÍVIO (para os que se tiverem inscrito).
20.30 - Serão Africano (Imoko).

TERMO DAS CELEBRAÇÕES

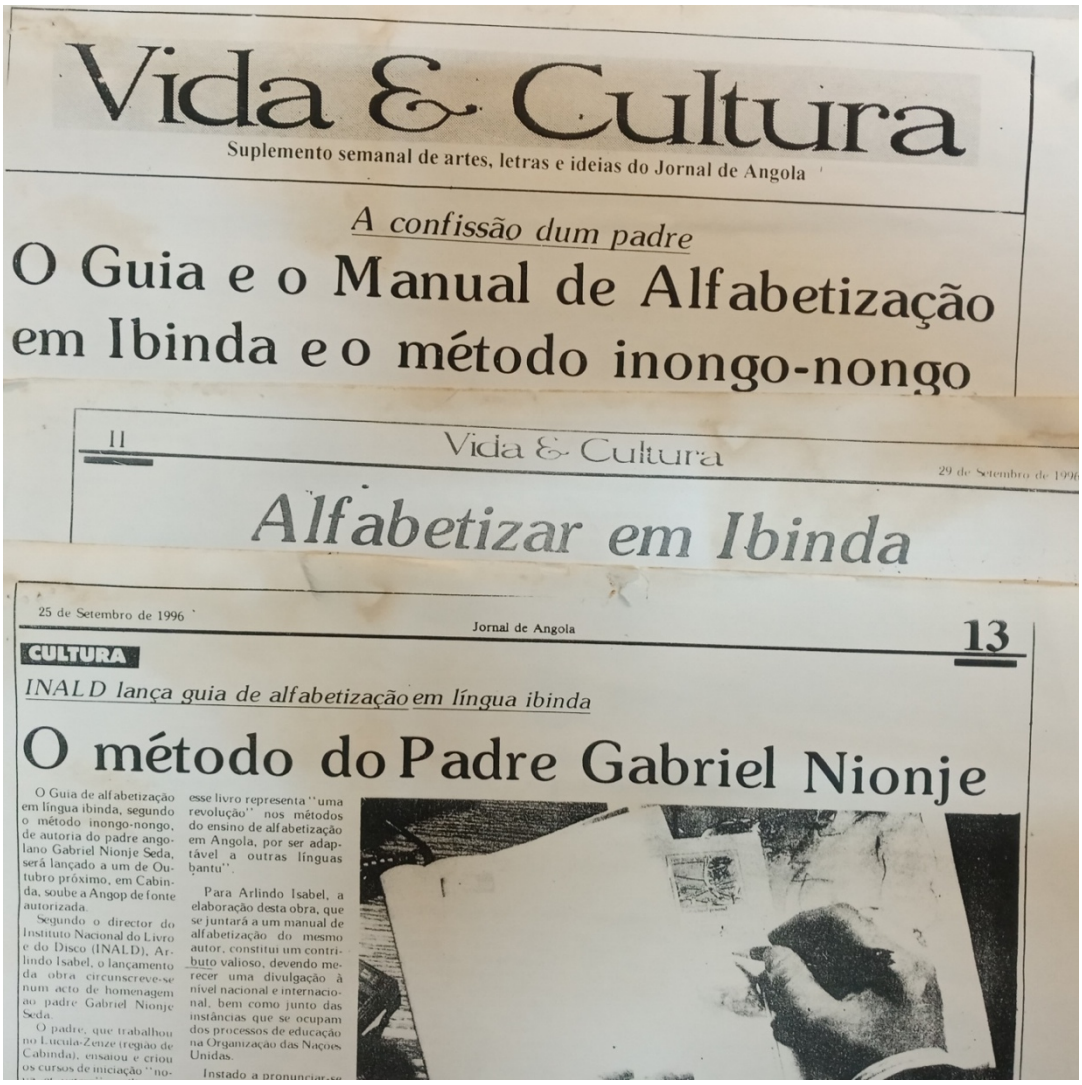
Simcol 796 — Maio/73 — 500 ex.



Fotografia n.º 30 – Sede dos C. I. *Nova et Vetera* (1970)



Fotografia n.º 31 – Mercado dos C. I. *Nova et Vetera* (1972)



Vida & Cultura

Suplemento semanal de artes, letras e ideias do Jornal de Angola

A confissão dum padre

O Guia e o Manual de Alfabetização em Ibinda e o método inongo-nongo

11 Vida & Cultura 29 de Setembro de 1996

Alfabetizar em Ibinda

25 de Setembro de 1996 Jornal de Angola 13

CULTURA

INALD lança guia de alfabetização em língua ibinda

O método do Padre Gabriel Nionje

O Guia de alfabetização em língua ibinda, segundo o método inongo-nongo, de autoria do padre angolano Gabriel Nionje Seda, será lançado a um de Outubro próximo, em Cabinda, soube a Angop de fonte autorizada.

Segundo o director do Instituto Nacional do Livro e do Disco (INALD), Arlindo Isabel, o lançamento da obra circunscreve-se num acto de homenagem ao padre Gabriel Nionje Seda.

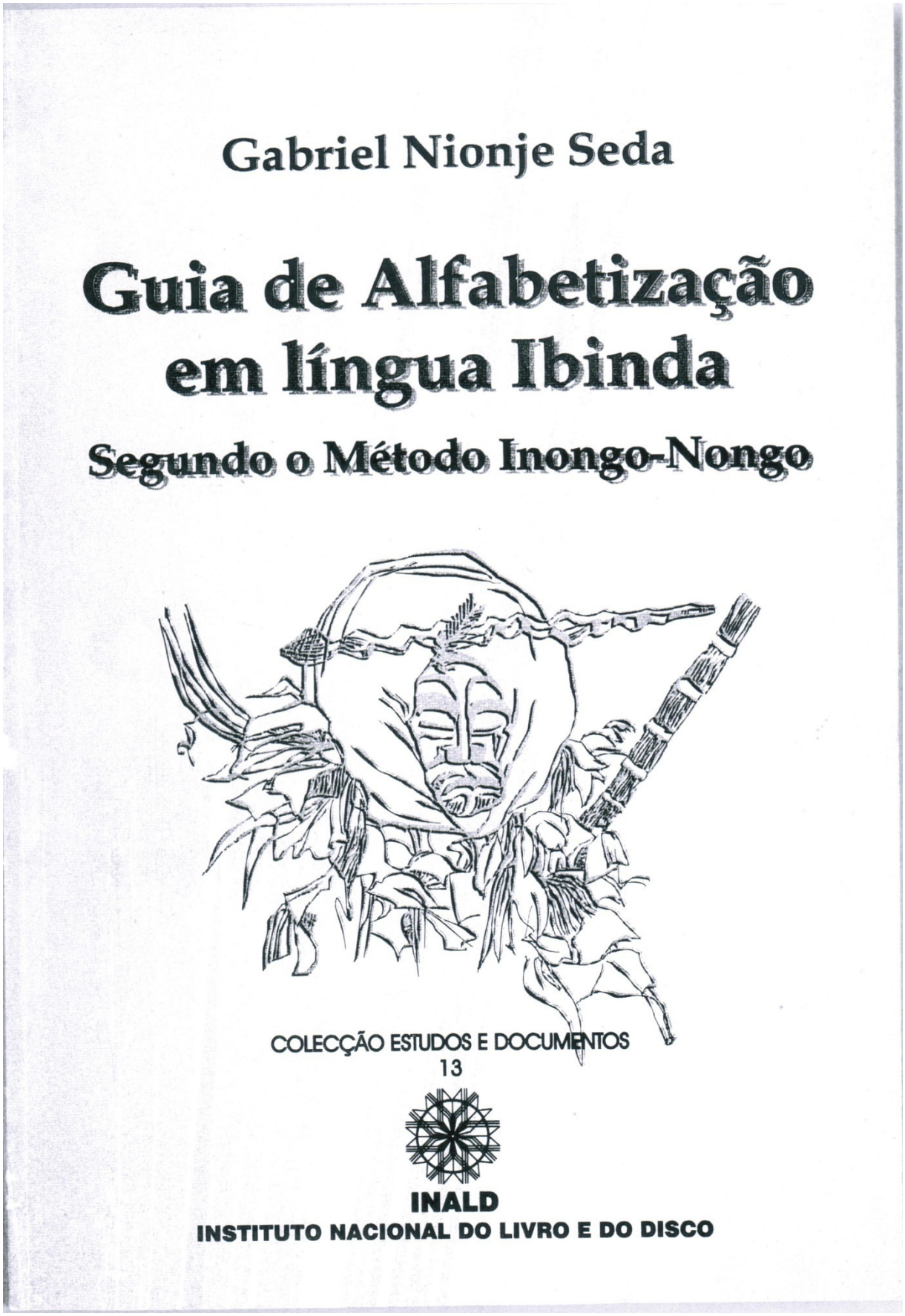
O padre, que trabalhou no Lucula-Zenze (região de Cabinda), ensaiou e criou os cursos de iniciação "no-

esse livro representa "uma revolução" nos métodos do ensino de alfabetização em Angola, por ser adaptável a outras línguas bantu".

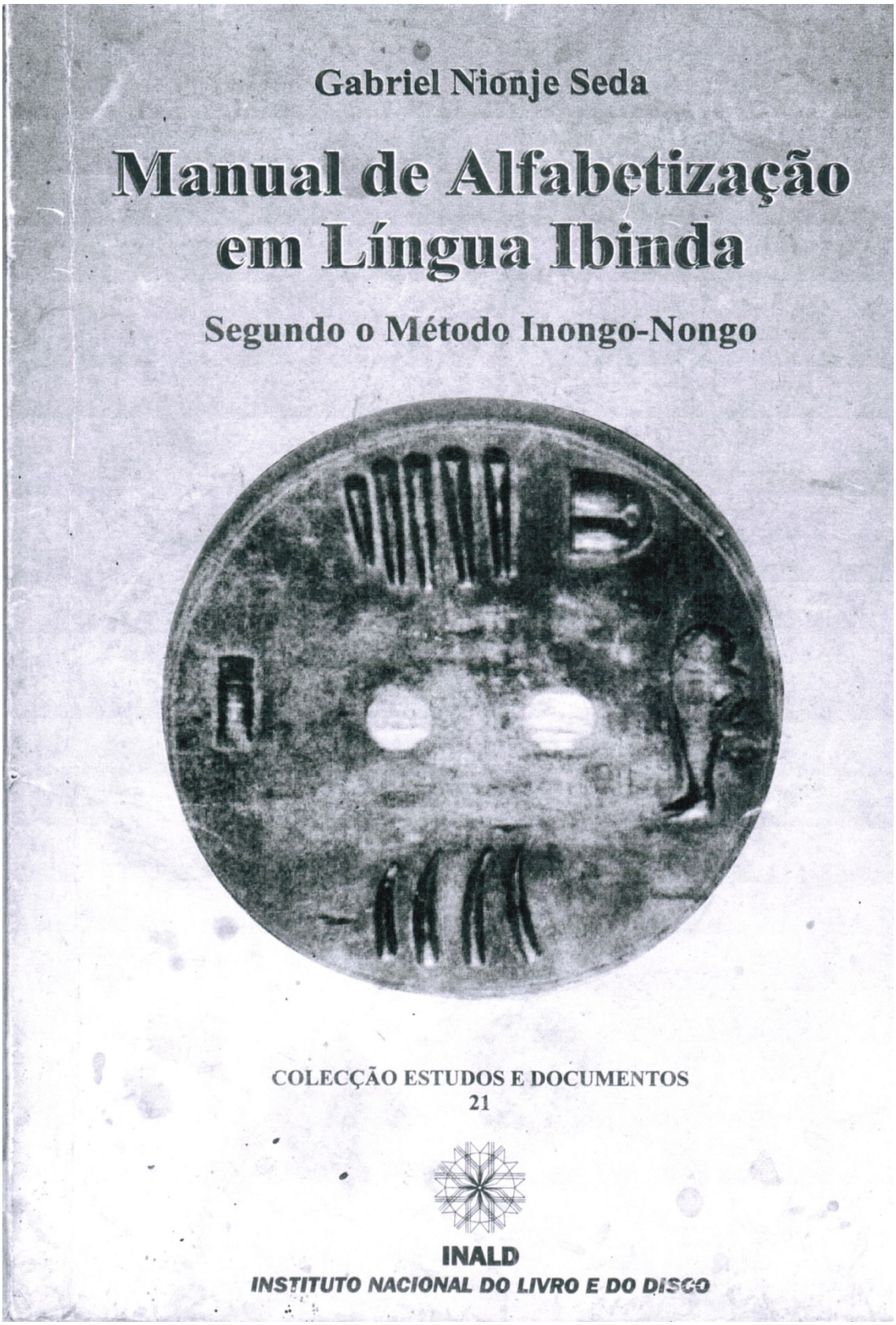
Para Arlindo Isabel, a elaboração desta obra, que se juntará a um manual de alfabetização do mesmo autor, constitui um contributo valioso, devendo merecer uma divulgação à nível nacional e internacional, bem como junto das instâncias que se ocupam dos processos de educação na Organização das Nações Unidas.

Instado a pronunciar-se

Fotografia n.º 32 – Extratos das páginas da entrevista ao *Jornal de Angola*, na véspera da publicação do *Guia* e do *Método de Alfabetização Inongo-Nongo*



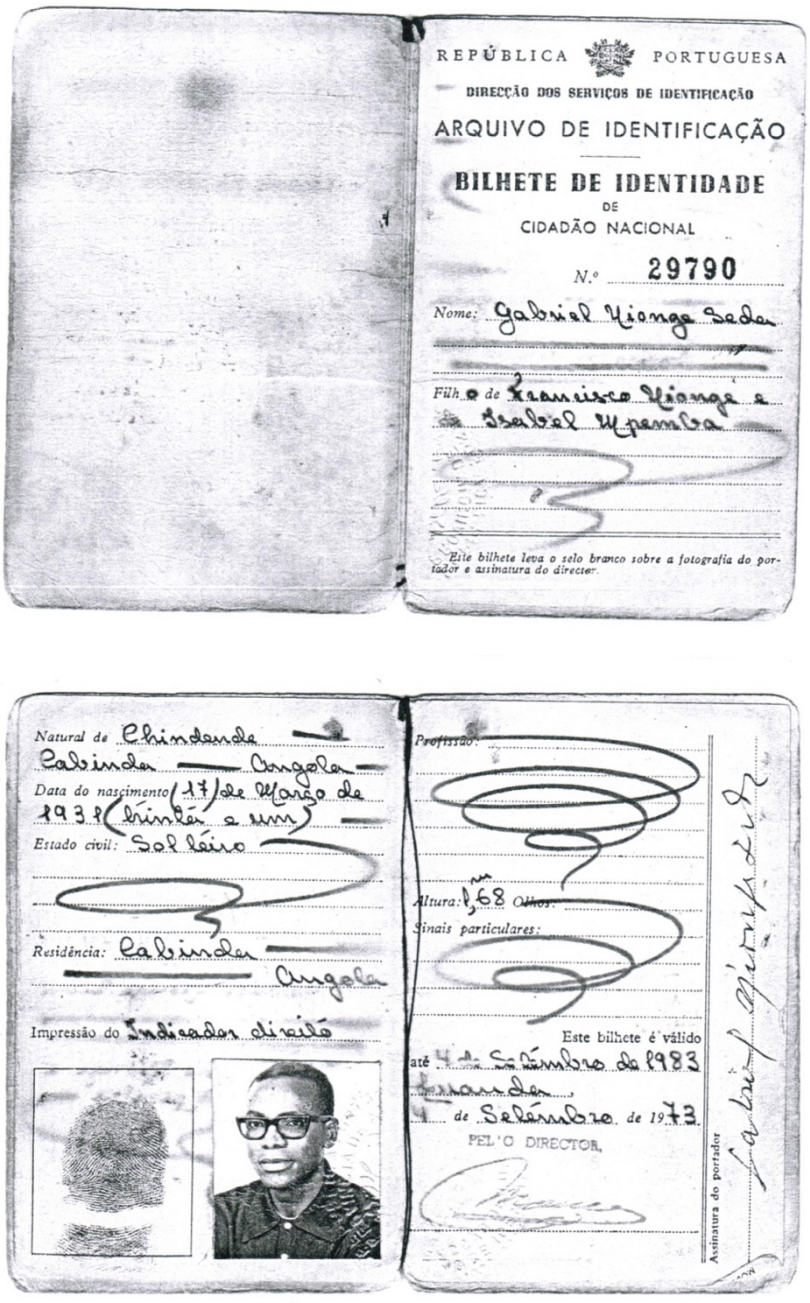
Fotografia n.º 33 – Capa do *Guia de Alfabetização em Língua Ibinda*



Fotografia n.º 34 – Capa do *Manual de Alfabetização Inongo-Nongo*

ANEXO 3

DOCUMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PADRE GABRIEL (1930-2009)



REPÚBLICA PORTUGUESA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE IDENTIFICAÇÃO

ARQUIVO DE IDENTIFICAÇÃO

BILHETE DE IDENTIDADE

DE

CIDADÃO NACIONAL

N.º 29790

Nome: Gabriel Nionge Seda

Filh o de Francisco Nionge e Isabel Mpemba

Este bilhete leva o selo branco sobre a fotografia do portador e assinatura do director.

Natural de Chindonde Cabinda Angola

Data do nascimento 17 de Março de 1933 (dezassete e um)

Estado civil: Solteiro

Residência: Cabinda Angola

Impressão do Indicador direito

Profissão:

Altura: 1,68 Olhos:

Sinais particulares:

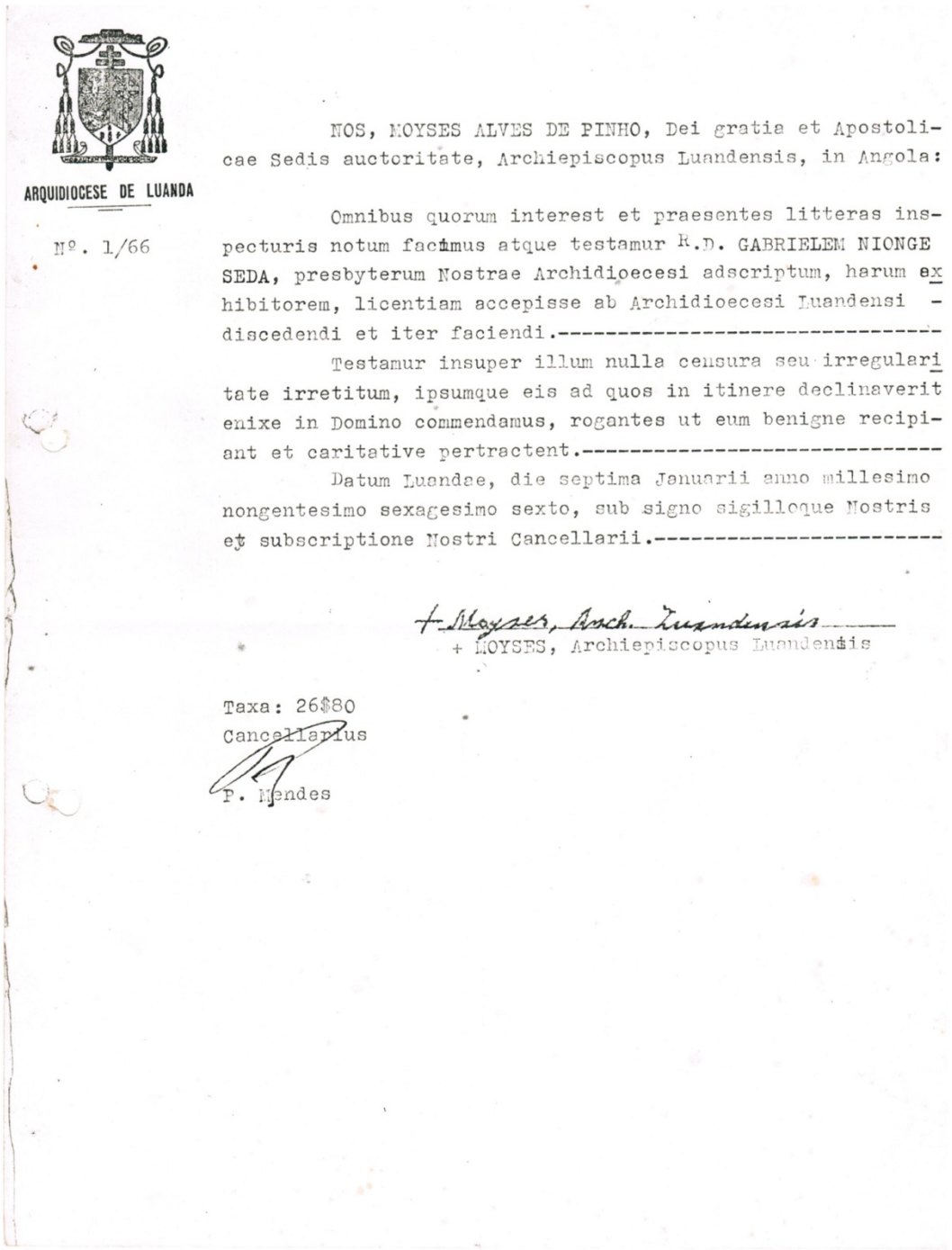
Este bilhete é válido até 4 de Setembro de 1983

Cabinda, 4 de Setembro de 1973

PEL'O DIRECTOR,

Assinatura do portador

Fotografia n.º 35 – Bilhete de Identidade do P. Gabriel Nionje Seda (era colonial)



ARQUIDIOCESE DE LUANDA

Nº. 1/66

NOS, MOYSES ALVES DE PINHO, Dei gratia et Apostolicae Sedis auctoritate, Archiepiscopus Luandensis, in Angola:

Omnibus quorum interest et praesentes litteras inspecturis notum facimus atque testamur R.D. GABRIELEM NIONGE SEDA, presbyterum Nostrae Archidioecesi adscriptum, harum exhibitorem, licentiam accepisse ab Archidioecesi Luandensi - discedendi et iter faciendi.----------

Testamur insuper illum nulla censura seu irregularitate irretitum, ipsumque eis ad quos in itinere declinaverit enixe in Domino commendamus, rogantes ut eum benigne recipiant et caritative pertractent.----------

Datum Luandae, die septima Januarii anno millesimo nongentesimo sexagesimo sexto, sub signo sigilloque Nostris et subscriptione Nostri Cancellarii.----------

+ Moyses, Arch. Luandensis

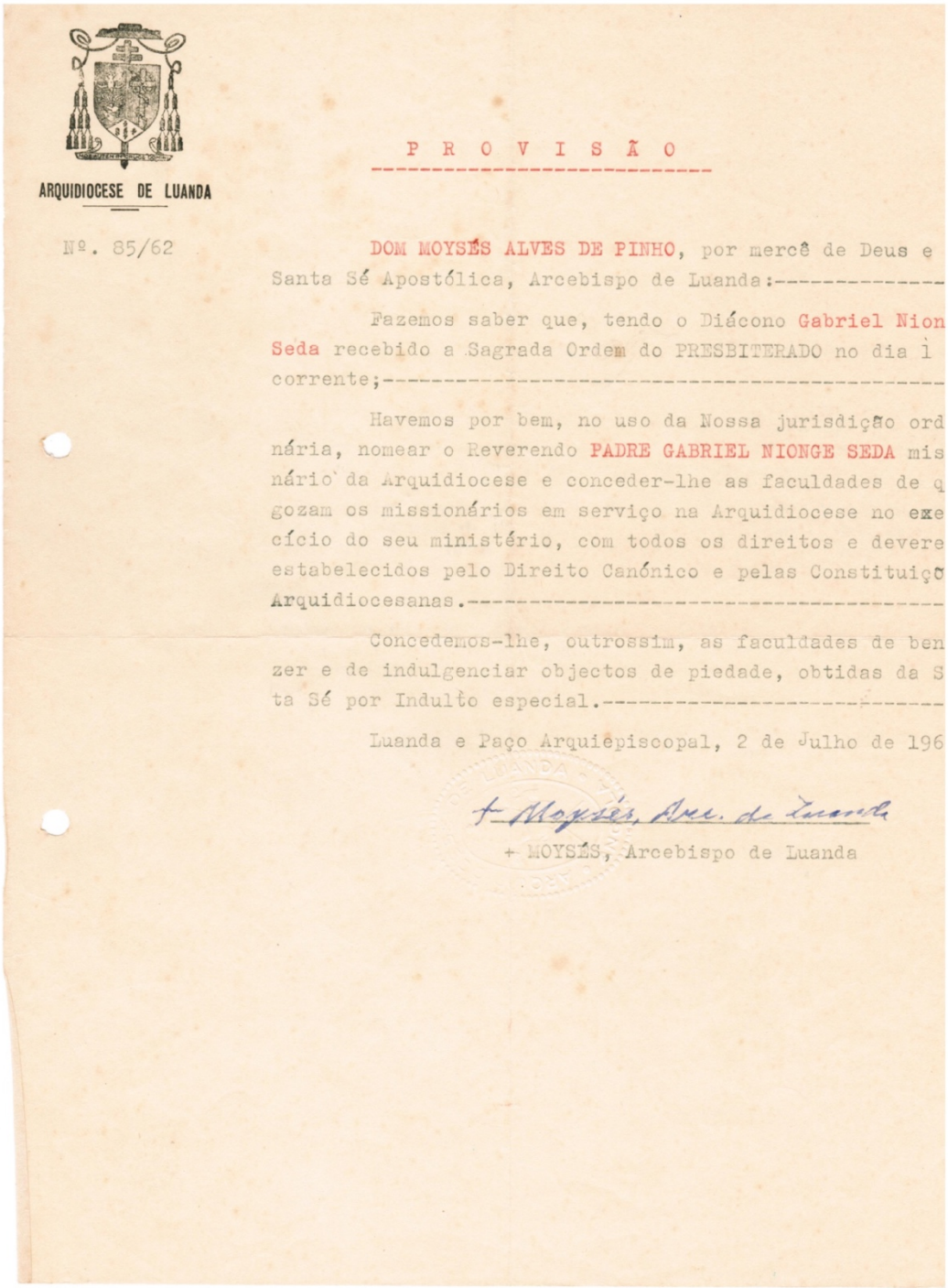
+ MOYSES, Archiepiscopus Luandensis

Taxa: 26$80

Cancellarius

P. Mendes

Fotografia n.º 36 – Celebret do P. Gabriel Nionje Seda (redigido em latim)



ARQUIDIOCESE DE LUANDA

Nº. 85/62

P R O V I S Ã O

DOM MOYSÉS ALVES DE PINHO, por mercê de Deus e Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Luanda:----------

Fazemos saber que, tendo o Diácono Gabriel Nion Seda recebido a Sagrada Ordem do PRESBITERADO no dia 1 corrente;----------

Havemos por bem, no uso da Nossa jurisdição ord nária, nomear o Reverendo PADRE GABRIEL NIONGE SEDA mis nário da Arquidiocese e conceder-lhe as faculdades de q gozam os missionários em serviço na Arquidiocese no exe cício do seu ministério, com todos os direitos e devere estabelecidos pelo Direito Canónico e pelas Constituiçõ Arquidiocesanas.----------

Concedemos-lhe, outrossim, as faculdades de ben zer e de indulgenciar objectos de piedade, obtidas da S ta Sé por Indulto especial.----------

Luanda e Paço Arquiepiscopal, 2 de Julho de 196

+ Moysés, Arc. de Luanda

+ MOYSÉS, Arcebispo de Luanda

Fotografia n.º 37 – Celebret do P. Gabriel Nionje Seda (redigido em português)

Diocese de Cabinda
Caixa Postal, 276 - Telefone 22237
CABINDA — ANGOLA

PROVISÃO Nº. 4/89

PAULINO FERNANDES MADECA, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Cabinda.....

A quantos esta nossa Provisão virem, saúdepxxx, paz e bênção em Jesus Cristo, nosso Mestre.

Com o eclodir da guerrilha na Província nos meados dos an 70, fora a linda Missão do Lucula/Zenze, dedica a Nossa Senhora das Vitórias, espoliadas dos seus bens e reduzida material e po lacionalmente a zero.

Tendo já regressado na sua quase totalidade a população d área, julgamos ter chegada a hora de se pensar a sério no seu r tauro.

Conhecedores das qualidades organizativas do Rev.mº Padr GABRIEL NIONJE SEDA, seu último Superior,

No uso da nossa jurisdição ordinária, Havemos por Bem no- mear Sua Reverência ADMINISTRADOR PAROQUIAL da Paróquia-Missã do Lucula, funções que exercerá acumulativamente com as de Ecón mo da Diocese.

Sua Reverência sempre que se encontrar em Cabinda presta serviço pastoral na Paróquia da nossaSé Catedral.

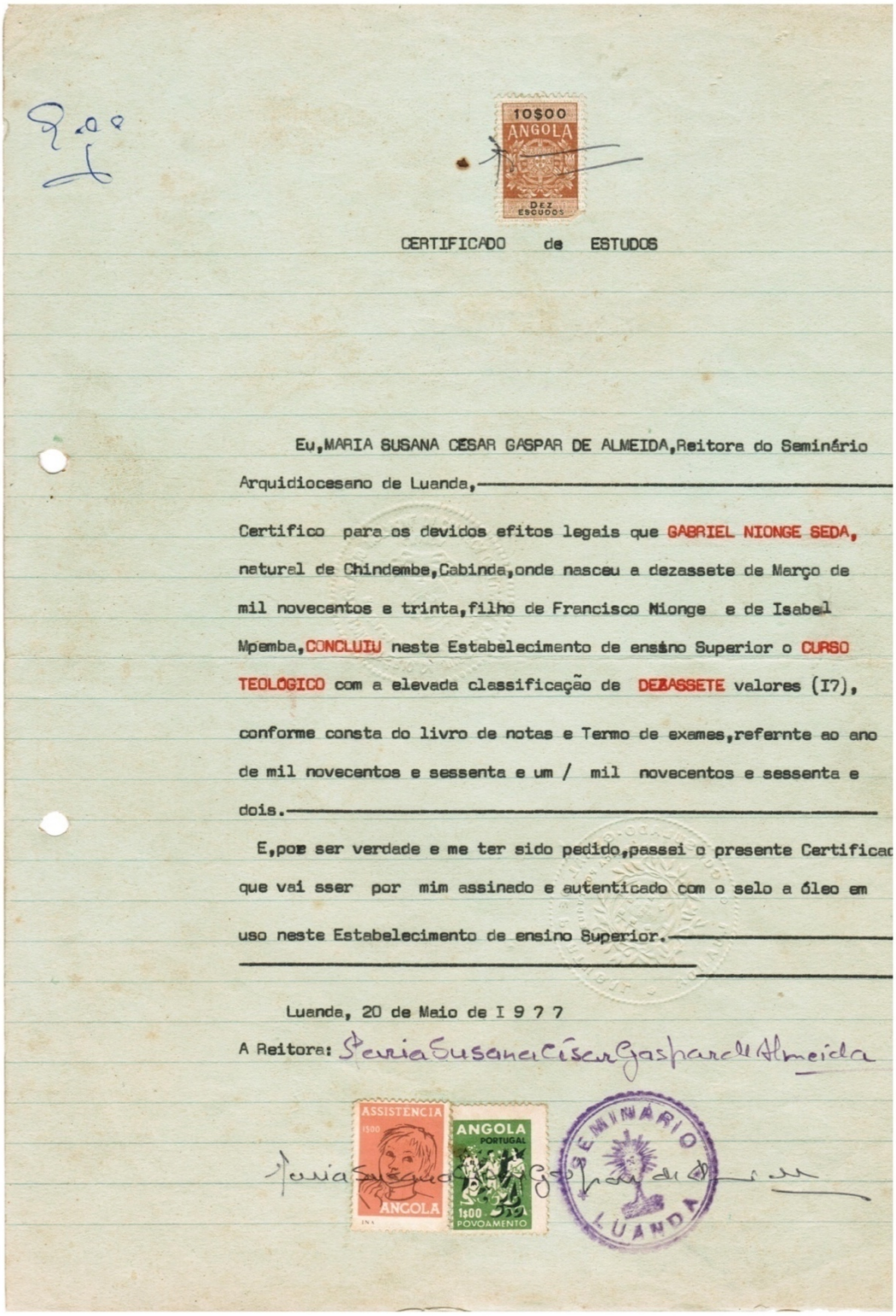
Registe-se, comunique-se e cumpra-se.

Cabinda e Casa Episcoapl, 13 de Janeiro de 1989

+ Paulino Fernandes Madeca
Bispo de Cabinda

E eu, Padre Alexandre Pambo, Chanceler da Diocese a subscrevi:

Fotografia n.º 38 – Provisão do P. Gabriel Nionje Seda (reabertura da Missão)



CERTIFICADO de ESTUDOS

Eu, MARIA SUSANA CESAR GASPAR DE ALMEIDA, Reitora do Seminário Arquidiocesano de Luanda,

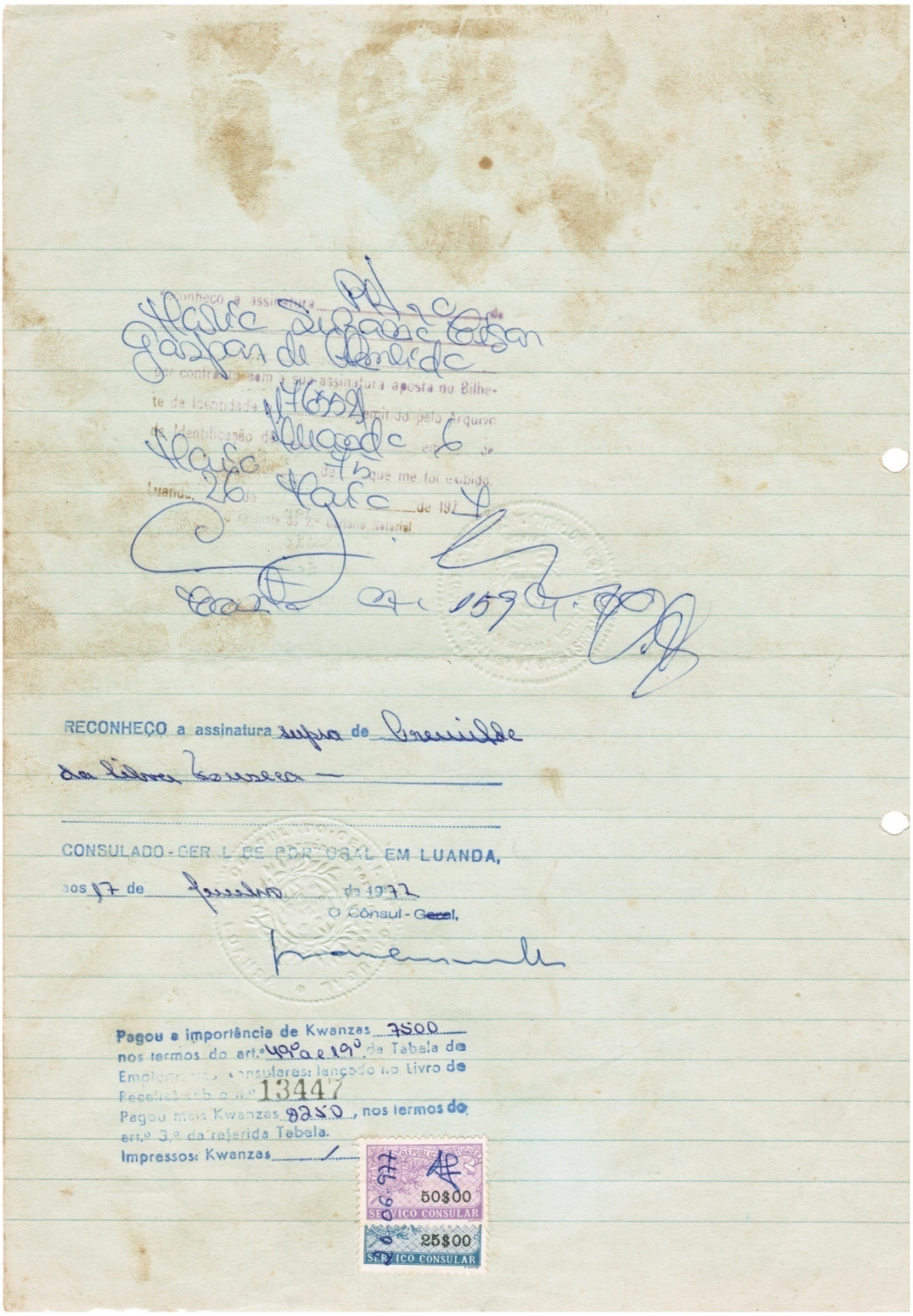
Certifico para os devidos efitos legais que GABRIEL NIONGE SEDA, natural de Chindembe, Cabinda, onde nasceu a dezassete de Março de mil novecentos e trinta, filho de Francisco Nionge e de Isabel Mpemba, CONCLUIU neste Estabelecimento de ensino Superior o CURSO TEOLÓGICO com a elevada classificação de DEZASSETE valores (I7), conforme consta do livro de notas e Termo de exames, refernte ao ano de mil novecentos e sessenta e um / mil novecentos e sessenta e dois.

E, por ser verdade e me ter sido pedido, passei o presente Certificad que vai sser por mim assinado e autenticado com o selo a óleo em uso neste Estabelecimento de ensino Superior.

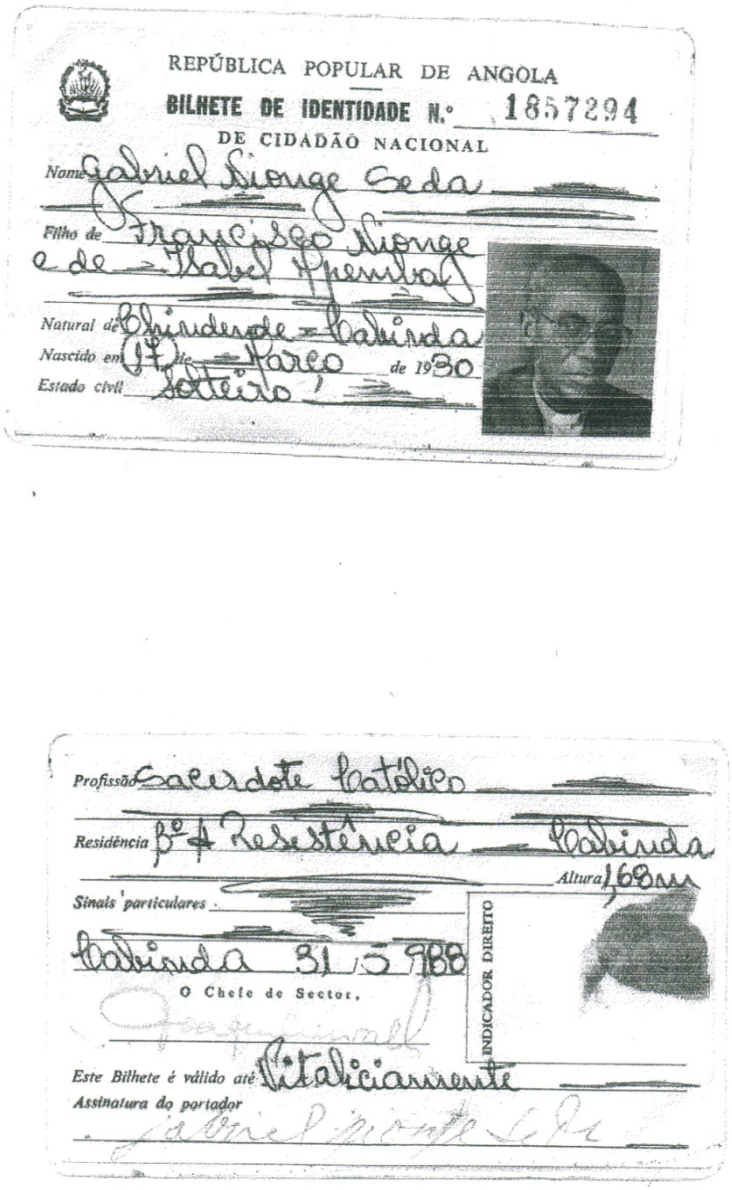
Luanda, 20 de Maio de I 9 7 7

A Reitora: Maria Susana Cesar Gaspar de Almeida

Fotografia n.º 39 – Certificado de Estudos do Curso de Teologia do P. Gabriel Nionje Seda (frente)



Fotografia n.º 40 – Certificado de Estudos do Curso de Teologia do P. Gabriel Nionje Seda (verso)



Fotografia n.º 41 – Bilhete de Identidade do P. Gabriel Nionje Seda (era pós-colonial)



Fotografia n.º 42 – Passaporte do P. Gabriel Nionje Seda (era pós-colonial)



Fotografia, n.º 43 – Túmulo do P. Gabriel Nionje Seda (1930-2009)

CRONOLOGIA DA VIDA DO PADRE GABRIEL NIONJE SEDA

(1930-2009)

1930 – 17 de março – Nasceu na povoação da Chindende – Missão do Lucula Zenze.

1. Ensino Primário (1943-1948)

Iniciação – Janeiro-Julho (1943) – Internato da Missão de Cabinda (hoje Paróquia);
1.ª Classe – Janeiro-Julho (1944) – Pré-Seminário do Lucula Zenze;
2.ª Classe – Janeiro-Julho (1945) – Pré-Seminário do Lucula Zenze;
3.ª Classe – Janeiro-Julho (1946) – Pré-Seminário do Lucula Zenze;
4.ª Classe – Janeiro-Julho (1947) – Seminário de Cabinda;
Admissão – Janeiro-Julho (1948) – Seminário de Cabinda.

2. Ciclo Preparatório (1948-1950)

1.º Ano do Ciclo Preparatório (Janeiro-Julho, 1949) – Seminário de Malanje;
2.º Ano do Ciclo Preparatório (Janeiro-Julho, 1950) – Seminário de Malanje.

3. Ciclo Liceal – Humanidades (1950-1955)

3.º Ano dos Liceus – Janeiro-Julho (1951) – Seminário de Malanje.
1.º Ano de Interrupção dos Estudos – Chindende (Janeiro-Julho 1952)
4.º Ano dos Liceus – Janeiro-Julho (1953) – Seminário de Malanje;
5.º Ano dos Liceus – Janeiro-Julho (1954) – Seminário de Malanje;
6.º Ano dos Liceus – Outubro-Julho (1954-1955) – Seminário de Malanje.

4. Ciclo de Filosofia (1955-1959)

1.º Ano de Filosofia – Outubro-Julho (1955-1956) – Seminário de Luanda;
2.º Ano de Filosofia – Outubro-Julho (1956-1957) – Seminário de Luanda;
2.º Ano de Interrupção dos Estudos – Chindende (1957-1958);
3.º Ano de Filosofia – Outubro-Julho (1958-1959) – Seminário de Luanda.

5. Ciclo de Teologia (1959-1962)

1.º Ano de Teologia (1959-1960) – Seminário de Luanda;
2.º Ano de Teologia (1960-1961) – Seminário de Luanda;
3.º Ano de Teologia (1961-1962) – Seminário de Luanda;
1962 – 1 julho – *Ordenação Sacerdotal na Sé Catedral de Luanda.*

6. Luanda (1962-1966)

1962-1966 – Professor nos dois Seminários de Luanda (diocesano e capuchinho)

7. Porto (1966-1970)

1966-1970 – Doente na cidade do Porto em Portugal;
1970 – 1 de outubro – Fundador dos C. I. *Nova et Vetera*.

8. República Popular de Angola (1975-1976)

1975 – 8 de novembro – Eclosão da guerra antes da independência de Angola;
1975 – 11 de novembro – Proclamação da independência de Angola;
1976 – 20 fevereiro – P. Gabriel é preso na aldeia de Chinsua e encarcerado na prisão do Batalhão na cidade capital de Cabinda;
1976 – 29 de fevereiro – P. Gabriel foi posto em liberdade.

9. República do Zaire (1976-1987)

1976 – 19 março – Fuga do padre Gabriel de Cabinda para a República do Zaire, acompanhado por António Ndembe Ngoma, aluno interno da missão;

1976 – 12 de abril – Recuo do Zenze – Bombardeamento da zona de Lucula Zenze. Fuga de todas as aldeias de Lucula Zenze para a República do Zaire (RDC). Foi o êxodo total. A missão ficou sem pastores e nem ovelhas;

1976 – 21 julho – Fundação do Centro Pastoral dos Padres de Cabinda, na cidade de Tshela, República do Zaire (RDC);

1977 – Fundação de Campos de Refugiados Baixo-Zaire, República do Zaire: Kimbianga (13-3-1977), Nlundu-Matende (3-10-1977), Mfuiki (30-9-1978) e Tseke Zole (10-5-1978).

10. República de Angola (1987-2009)

1987 – 10 dezembro – P. Gabriel regressa da República do Zaire (RDC) para Cabinda;

1987-1989 – Reside na cidade de Cabinda, no Bairro 1.º de Maio;

1989 – 13 de janeiro – Reabertura da Missão do Lucula Zenze, que tinha ficado 13 anos encerrada (1976-1989), devido à eclosão da guerra;

1993 – Comemoração do Centenário da Missão do Lucula Zenze (1893-1993);

1993 – 18 junho – D. Paulino Fernandes Madeca, por ocasião da comemoração do primeiro centenário da missão, promoveu a Missão do Lucula Zenze a missão-paróquia.

2009 – 22 fevereiro – P. Gabriel procedeu à bênção da casa das Irmãs no Lucula Zenze;

2009 – 23 de julho – P. Gabriel morreu no Bairro 1.º de Maio, na cidade de Cabinda.

ANEXO 4

FONTES ESCRITAS
DOS CURSOS *NOVA ET VETERA* (1970-1974)

O primeiro artigo, que foi escrito sobre os Cursos *Nova et Vetera*, é da autoria do padre Artur Alvarães, sacerdote diocesano, português, que acompanhou D. Eduardo André Muaca como secretário *ad hoc*, na sua primeira visita à Missão do Lucula Zenze, nas vestes de primeiro prelado originário dessa missão:

1.1. ASPECTOS DA VISITA PASTORAL À MISSÃO DO LUCULA ZENZE *NOVA ET VETERA*

…Presentemente uma obra surge, ainda em toda a sua inocência de criança, talvez por entre o sorriso de comiseração de alguns, talvez olhada com ironia e asfixiada por uma chuva de interrogações. Essa obra incipiente de promoção social, de início para raparigas que nunca frequentaram alguma escola e não aprenderam a ler e a escrever, é uma iniciativa do Padre Gabriel. Chama-se *Nova et Vetera*, expressão tirada da parábola do «Pai de família», em que Jesus disse: «Por isso, todo o escriba instruído acerca do reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira coisas novas e velhas do seu tesouro» (Mt 13,52).

A obra consiste na iniciação de pessoas numa série de valores antigos e novos, isto é, sem menosprezo pelos antigos valores levar os indivíduos a descobrir novos valores, como sejam hábitos de higiene, a culinária europeia, com novos reparos (preparativos) e novos pratos, socorrendo-se de matéria-prima existente. Bastante se pode esperar dela se não for tolhida.

Cada curso funciona durante três meses, começando no último mês o estágio para a secção de culinária e serviço doméstico com a duração de uma semana para cada participante. São as seguintes as secções dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*:

1. Culinária e Nutrição; 2. Agricultura e Pecuária; 3. Puericultura – Primeiros Socorros; 4. Serviço Doméstico e Higiene/Educação Sanitária; 5. Economia Doméstica; 6. Alfabetização.

O princípio seguido é: «*ao fazermos, aprendemos: o acto favorece o pensamento porque todo o acto é descoberta, conhecimento, criação*.»

No final do Curso, há um encerramento solene, no decurso do qual são entregues os diplomas aos participantes que obtiveram aproveitamento. No primeiro ano, classificaram-se 13.

Que dizer desta obra de promoção e de verdadeiro apostolado prático? É digna da nossa melhor simpatia e urge aproveitá-la. Não esqueçamos que de outro lado da fronteira com o Congo-Kinshasa, a 30 km, a Missão do Mbata Mbenge, da Diocese de Boma, é um grande centro de irradiação religiosa e cultural tendo ainda, na parte social, muito que nos ensinar. E, se pudéssemos visitar a Missão do Congo, a 100 km, veríamos que, em linha, as instalações ocupam nada menos de três quilómetros. Só nessa missão havia três médicos!

Bem digna de ser considerada qualquer iniciativa de promoção social, nesta linha fronteiriça e de melhoramentos nas instalações para que a Missão não desdiga do génio missionário português.[1]

O segundo artigo sobre os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* teve como título «Evangelizar os Pobres». Como o anterior este artigo também foi publicado no Jornal *O Apostolado*. É da autoria do padre José da Rocha Ferreira, missionário espiritano, português, vigário-geral da Vigararia de Cabinda, na altura. O primeiro artigo, com certeza passou despercebido para muitos. Foi o segundo artigo, o que despertou as atenções do público cabindense e luandense.

1.2. EVANGELIZAR OS POBRES

… Nos dias 16 e 17 de Junho terminou, na Missão Católica do Lucula Zenze, mais um Curso de Iniciação *Nova et Vetera*.

As palavras latinas *Nova et Vetera*, por que são conhecidos os Cursos e o Movimento, são uma citação do Evangelho segundo São Mateus (capítulo 13,52). Todo o escriba instruído no Reino dos Céus é semelhante ao pai de família, que tira do seu tesouro coisas novas (*nova*) e velhas (*vetera*).

Assim, pretende-se que os cursos sejam um aperfeiçoamento dos valores tradicionais, animados e informados por novos ideais, novos conceitos de dignidade da pessoa humana, por uma maior valorização do trabalho, da cultura, da inteligência e da actividade doméstica.

Os cursos iniciaram-se em 1970 e têm-se realizado a um ritmo de dois por ano.

Trata-se de uma experiência missionária de promoção integral das populações mais humildes, projectada por dois sacerdotes africanos na missão católica do Lucula, distrito de Cabinda, que procuraram sensibilizar, para valores mais altos, a alma do seu povo.

Existe, um pouco por toda a parte, nestas terras em rápido desenvolvimento e evolução, uma camada social dificilmente tocada pela onda da cultura e do progresso, que, se passa despercebida à maioria dos responsáveis, sensibiliza e comove os irmãos de raça, sendo como que o clamor da voz do sangue. E foi, certamente, esse sentimento de compaixão e de ternura, mais exactamente de caridade cristã, que levou o padre Gabriel Nionje-Seda a dedicar-se a um trabalho profundo de investigação, a fim de poder recuperar essa gente que era deixada para trás, nesta onda avassaladora de alfabetização e de progresso.

A experiência começou com um grupo de raparigas, dos 15 aos 20 anos, aproximadamente, que, sendo embora uma parte notável, se não a maior das mães de família de amanhã, não levam para o casamento mais bagagem do que aquela que a natureza lhes dá e que se resume no instituto de conservação e de propagação da espécie dos seres racionais.

Urgia, pois, no mínimo espaço de tempo, dar àquelas raparigas a formação essencial nas várias actividades da vida doméstica, para as consciencializar da sua dignidade, das suas possibilidades e das suas obrigações, como mulheres e filhas de Deus.

Tornava-se indispensável adaptar os ensinamentos ao seu nível de cultura para as não desenraizar, para tornar possível o diálogo, e assim obter o maior rendimento possível. E é exactamente esse o trabalho que se está processando lentamente, sob a

[1] Cf. «Cabinda Missionária – Aspetos da Visita Pastoral a Missão do Lucula Zenze *Nova et Vetera*», in *O Apostolado*, quarta-feira do dia 14 de julho de 1970, Ano XXVI, n.º 2.750, 1-3.

orientação do padre Gabriel, com a colaboração de alguns elementos nativos que melhor conhecem os costumes e tradições do povo.

Os cursos têm uma duração de três meses, ocupando apenas os sábados, domingos e segundas. Durante esse tempo os alunos seguem várias aulas que são dadas, em geral, ao ar livre. O corpo docente é formado por dois sacerdotes, um professor de posto, dois monitores escolares, um enfermeiro, duas donas de casa, um cozinheiro, um pedreiro e um agricultor.

As disciplinas administradas abrangem todos os ensinamentos de que precisa uma mulher ou um homem para levar uma vida digna dentro, evidentemente, dos condicionamentos da sua cultura e das suas posses. Assim, os alunos recebem umas lições práticas de educação física, serviço doméstico, economia doméstica, higiene e educação sanitária, primeiros socorros, puericultura, formação moral e religiosa, civilidade, culto dominical, estética, simbologia, etc.

A simbologia é uma ciência original, que se destina a ensinar os alunos, em escassas semanas, a ler, contar e apreciar os valores e os conceitos. A cada letra ou algarismo, é atribuído um símbolo tirado da vida concreta, de forma que o símbolo escolhido lembra a forma e a letra, além de ser também a letra inicial do mesmo símbolo. Por este processo os alunos, no fim de três meses, lêem, escrevem e fazem contas.

É difícil dar uma ideia de todo o vasto programa destes cursos, pois o método, além de estar em contínuo aperfeiçoamento, devido à evolução exigida por novas pesquisas, reside quase exclusivamente na mente do seu autor, que a pouco e pouco o vai transmitindo aos seus colaboradores.

Aliás o trabalho de pesquisa abrange toda a vida e costumes dos africanos, desde os ritos aos medicamentos, desde a literatura à arte, num mundo de conhecimentos que não têm fim.

Findos os cursos, os alunos são submetidos a provas e estágios, recebendo depois um diploma e um emblema.

O encerramento dos cursos reveste-se da máxima solenidade constando duma celebração da Palavra de Deus, com textos escolhidos e da celebração da Eucaristia, durante a qual são entregues os diplomas e os emblemas. Os cânticos, acompanhados por instrumentos musicais tradicionais, dão à cerimónia mais vida e alegria.

Além do programa das lições, que pouco varia de curso para curso, há um tema geral que anima todo o curso e todo o ano e que este ano foi «*a responsabilidade e a competência*». Em anos anteriores tinham sido versados os temas do trabalho e do serviço e partilha.

No último curso foi inaugurada a (*Avenida dos Participantes*), na qual cada aluno que termina o curso planta uma árvore e um refeitório, onde se servem refeições, a fim de que as populações possam tomar refeições mais variadas e nutritivas e sobretudo tomem gosto pela comida bem preparada e bem servida.

Os Cursos de Iniciação (*Nova et Vetera*) nasceram no coração do padre Gabriel Nionje-Seda, sacerdote africano desde há anos rude mas amorosamente provado pela Providência na alma e no corpo, quase inutilizado pela doença, necessitando de auxílio alheio até para comer, mas com o coração a transbordar de sensibilidade e amor, para sentir e viver, na própria carne a infelicidade dos seus irmãos e procurar-lhes lenitivo eficaz e imediato.

A obra é acarinhada, secundada e sobretudo amada por um grupo de pessoas de Luanda, na maioria assistentes sociais e mestras e alunas do Instituto de Educação e Serviço de Assistência Social Pio XII (IESSPIO X).

As despesas são cobertas pelos alunos e por pequenos donativos. Aliás, além da pobreza imposta pela escassez de meios e da índole da obra convém que o nível de vida sóbrio e modesto real se conserve durante os cursos, a fim de não desenraizar os alunos do seu meio ambiente natural. Dentro dos meios e das possibilidades actuais das populações, pretende-se dar-lhes consciência da sua dignidade e das possibilidades de singrarem pelos próprios meios. Este é o primeiro passo, ao qual se têm de seguir, numa evolução lenta, mas segura.

Há, no entanto, obras materiais a levantar e material didáctico a adquirir e para isso a obra conta com a generosidade das pessoas de boa vontade e de coração bem formado.[2]

O terceiro artigo sobre os Cursos *Nova et Vetera* é da autoria do fundador dos Cursos. O diretor da Revista *Além-Mar*, em Lisboa, depois de ter lido o artigo do Jornal *O Apostolado* de Luanda, pediu ao padre Gabriel para que, como autor e fundador dos Cursos, escrevesse algo para os leitores da Revista *Além-Mar*. Esta Revista reproduziu o artigo «Evangelizar os Pobres», de *O Apostolado* da Arquidiocese de Luanda, e o artigo do padre Gabriel intitulado «3 Anos de Vida».

1.3. TRÊS ANOS DE VIDA (1970-1973)

Orgânica

Os Cursos de Iniciação (*Nova et Vetera*) têm a seguinte estrutura: no topo está o Secretariado organismo central servido por um secretário, um subsecretário e um vice-subsecretário. Superintendente sobre três Secções: uma para a Cultura, outra para a Economia e a outra para o Arquivo. Cada uma tem o seu anotador (encarregado de registar tudo o que a ela diz respeito, cumulando também a função de co-responsável com os seus membros de Secretariado pelo funcionamento da secção).

Secção para a Cultura

Esta secção é servida por um Centro de Investigação e Estudos para a Cultura, a que pertence as seguintes Comissões: para a Música Africana, para o Estudo de plantas Medicinais, para a Liturgia e Palavra, e um Conselho, Conselho da Educação. Deste dependem, por sua vez, nove Subsecções: para as Realidades da Cultura, Puericultura, Higiene e Educação Sanitária, Educação Física e Estética, Primeiros Socorros, Culinária e Nutrição, Serviço Doméstico e Economia Doméstica, Agricultura e Pecuária, Artes Aplicadas.

A Comissão tem à sua frente um comissário coadjuvado por um ou mais assistentes. O Conselho da Educação reúne-se duas vezes por ano, no início e termo das actividades. Compõem-no os membros do Secretariado, o grupo dos anotadores, os orientadores-coordenadores das subsecções e os delegados de zona.

À frente de cada subsecção encontra-se um orientador coordenador (título atribuído à pessoa dotada de determinadas qualidades humanas, encarregada de orientar o serviço do grupo e coordenador para os participantes as aquisições que vão fazendo). Cada orientador-coordenador pode ser ou não coadjuvado por um ou mais assistentes.

São de responsabilidade da Subsecção para as Realidades da Cultura as seguintes actividades: Lições de introdução às disciplinas dos Cursos, de iniciação literária (Simbologia 1: introdução ao diálogo e à sua expressão), de iniciação Aritmética (Simbologia 2: introdução ao espírito de precisão e medida, ao espírito técnico): de introdução à Filosofia dos Valores (Simbologia 3: iniciação ao espírito crítico). Nestas últimas lições estão incluídas as Meditações sobre o Homem e os Valores.

Secção para a Economia

É servida por um conselho – o Conselho de Administração – compreende uma Tesouraria, uma Comissão dos Fundos, e uma Comissão das Celebrações. O

[2] Cf. *Além-Mar*, Revista Missionária Mensal, Padres Combonianos, n.º 191, dezembro (1973), 10-13.

conselho reúne-se duas vezes por ano, no início e termo das actividades dos Cursos, sob a presidência do comissário dos Fundos. Fazem parte do conselho os membros do Secretariado, o grupo dos anotadores, o tesoureiro dos Cursos, os comissários da Comissão dos Fundos e da Comissão das Celebrações e os delegados de zona.

Conselho dos Cursos

Além dos Conselhos da Educação e da Administração, os Cursos são ainda servidos por um terceiro, o Conselho dos Cursos. Compõem-no todos os membros dos dois primeiros conselhos, mais três conselheiros dentre o povo e três elementos representantes daqueles que já participaram nos cursos. Têm também assento nas reuniões todas as mais pessoas que nelas queiram tomar parte.

O Conselho reúne-se uma vez por mês, sob a presidência do subsecretário dos Cursos, para debate dos problemas que vão surgindo no decorrer do trabalho da educação e da administração.

Delegados de zona

Para facilitar os contactos entre a sede e as zonas distantes, os Cursos têm um delegado nomeado para cada zona e com as atribuições específicas.

Cursos de Educação

Nos C. I. (*Nova et Vetera*) existem os chamados os cursos de educação, que são de três meses. Funcionam ao sábado, domingo e segunda-feira. Fazem-no dois por ano. O primeiro começa em meados de Setembro; o segundo começa em Janeiro. O primeiro acaba em meados de Dezembro e o segundo em meados de Abril. Tenta-se durante tais cursos iniciar os participantes numa série de valores ou caminhos de valores.

No fim do curso, cada participante estagia uma semana na Sede. O estágio é essencialmente prático. Terminado o estágio do último curso do ano, começa o trabalho de preparação das Celebrações do Encerramento das actividades educativas do ano. É um trabalho intenso de síntese e vida que envolve todos os elementos e organismos dos Cursos e visa sensibilizar todo um povo para determinados valores, para determinadas realidades humanas incarnadas em signos. Termina esse trabalho em meados de Junho com a Semana das Celebrações do Encerramento das actividades educativas do ano e que vêm a ser a última lição do ano dada pelos Cursos aos participantes. As Celebrações culminam com as solenidades das proclamações das grandes descobertas e dos grandes serviços feitos durante o ano. As solenidades começam no sábado e terminam no domingo; nelas toma parte toda a população da área da Missão e outra gente vinda de diversas zonas de Cabinda e até de Luanda. Ocupa nas Celebrações lugar de destaque a proclamação da palavra, com rituais muito próprios.

Semana das Celebrações

A semana das celebrações é a semana das manifestações culturais. Nela os Cursos pretendem recapitular tudo quanto se ensinou aos participantes no decurso do ano, desta vez na presença de todo o povo que assim tem a oportunidade de viver também a excitante experiência dos mesmos Cursos.

Signos

Cada ano decorre sob um determinado signo. O signo vem a ser uma espécie de ponto de partida e de chegada para todas as buscas e experiências do ano. Naturalmente, o culto da palavra nas Celebrações decorre sob o signo do respectivo ano.

O signo do ano 1 (1970-1971): (O Valor do Trabalho);

O signo do ano 2 (1971-1972): (O Espírito de Serviço e Partilha);

O signo do ano 3 (1972-1973): (Os Valores da Responsabilidade e Competência).

Realizações

No decurso do primeiro triénio os C. I. (*Nova et Vetera*) desenvolveram-se uma série de actividades educativas, nomeadamente, nos campos de formação humana, investigação e estudo do património cultural do homem, de meio, a quem pensam auxiliar no seu natural esforço de crescimento até à estatura nem sempre visionada de homem adulto, segundo a vontade de Cristo.

No campo da formação humana, organizaram seis cursos de educação, que foram frequentados por 47 participantes, dos quais 40 fizeram seu estágio com bom aproveitamento; fizeram um mercado rural inaugurado na altura das Celebrações do ano 2 e destinado a facilitar e a incentivar a troca de bens entre a população; e construíram o Mini-Refeitório, uma espécie de restaurante – bar para apoiar as lições sobre a alimentação racional. Abriram uma avenida, a Avenida dos Participantes – que ladearam de variadas espécies de árvores de fruto, para inculcar o amor à natureza e à árvore.

Organizaram também o primeiro Curso de Formação Técnica para Orientadores dos C. I. (*Nova et Vetera*), sob o alto patrocínio do Instituto de Educação e Serviço Social Pio XII de Luanda.

Nos campos da investigação e estudos:

– Organizaram um grupo-piloto – (*A Orquestra e o Coro Bana Bavuvu Kietu* – Filhos da nossa esperança), que tendo já tocado e cantado em Cabinda o ano passado, este ano tocou e cantou em Lândana na Missa Solene concelebrada de acção de graças do I Centenário da Missão de Lândana (1873-1973). O grupo serve-se exclusivamente de instrumentos musicais africanos.

– Criaram um método próprio de iniciação a uma alfabetização funcional global dos adultos, o Método de Alfabetização Seda-Mbambi, apoiada na filosofia africana dos símbolos, com resultados já assinaláveis, conseguiu-se já iniciar dezenas de pessoas com arte e, ao mesmo tempo, técnica da literatura e escrita no espaço de 12 períodos de três horas cada um. O método foi elaborado a partir da língua veicular de Cabinda – o *iuoio.*

– Registaram e estudaram uma série de plantas medicinais da região. A icterícia, por exemplo, é a doença que se cura hoje com a maior das facilidades nos Cursos. Conseguimos já curar duas icterícias em três dias.

– No campo da investigação, além do estudo da língua e, através da língua, de todo o património cultural (filosofia, direito, moral, etc…), tentaram traduzir, indo ao encontro dos anseios do povo, a mensagem da Boa Nova sempre antiga e sempre nova, numa linguagem e gestos autenticamente seus.

– Coroaram, finalmente, cada ano com as Celebrações do Encerramento, presididas no ano I pelo Reverendo Padre Angelino Gaspar Nanga, actual responsável da Missão do Lucula Zenze, no ano 2, pelo actual bispo de Malanje, então bispo auxiliar de Luanda, S. Excelentíssima e Reverendíssima D. Eduardo André Muaca e no ano 3 Reverendo padre José da Rocha Ferreira, Vigário Episcopal de Cabinda.

Método

Em todas as buscas, os Cursos adaptaram como método a prática, na linha desde o princípio: (*Ao fazermos aprendemos: o acto favorece o pensamento, porque todo o acto é descoberta, conhecimento, criação*). De resto, é o método do povo, cuja cultura está essencialmente voltada para o concreto, para a vida.

Resultados obtidos

Mesmo que não tivessem conseguido mais, bastava os cursos terem conseguido, como realmente conseguiram despertar a atenção de não poucas pessoas para valores básicos até há pouco esquecidos e suscitar em muitos o desejo de se ser mais.

Problemas. Anda todo o mundo tão cheio de problemas que cada um só tem a ganhar quando dá ou procura dar uma solução adequada ao seu ou seus problemas. Os cursos compreenderam bem isso e assim, desde o início trabalharam contando mais consigo mesmos do que com terceiros para a solução dos seus problemas,

fossem eles de ordem técnica, económica ou outra qualquer. E levaram o mesmo espírito aos seus participantes.

Nas secções de alfabetização, queria-se ensinar a ler e escrever e faltou o quadro e não havia o dinheiro para o comprar. Acabou-se por se adaptar o chão para as experiências de iniciação. Queria-se uma sala para as meditações sobre o Homem e os Valores, mas também faltou. Acabou-se por adaptar o ar livre dos campos. Ficou célebre a sala n.º 1, simples encruzilhada de caminhos nos terrenos da Missão, pelas descobertas aí feitas em grupo.

Um técnico vindo de Luanda ou mesmo de Cabinda era um luxo em que se não podia pensar. Acabou-se por se levar as pessoas fazerem-se cada uma na sua especialidade desde o Orientador-coordenador da subsecção da Culinária e Nutrição ao de Economia, que já tem de orientar temas de discussão como os relacionados com o orçamento.

Os Cursos talvez tivessem feito mais se tivessem a apoiá-los meios mais eficientes, técnicas mais avançadas. Cremos, no entanto, que a pobreza serviu também para enraizar a experiência, tornada que foi uma experiência só nossa. E quantas energias físicas, espirituais e morais teriam continuação latente e quantos horizontes teriam continuado fechados se no início não fossemos tão pobres e por isso cheios de fome!

Ano da Avaliação

Durou já três anos a nossa experiência. Instituímos agora um ano de aterragem, o Ano de Avaliação. Há que rever princípios e métodos, há que avaliar, há que fixar o que de importante e belo se fez ou descobriu. O signo deste Ano de Avaliação (ano 4) será (*Coragem e Perseverança*). A nossa audácia não deve conhecer a morte. Um ano de aterragem para mais uma arrancada, a arrancada que será dos anos 5, 6 e 7. Virá então um outro Ano de Avaliação, será o ano 8.

A minha primeira conclusão: Somos homens do Desejo porque somos homens da Esperança. E a Esperança diz-nos que vale a pena continuar a participar.

G. Nionje-Seda[3]

[3] Cf. *Além-Mar*, Revista Missionária Mensal, Padres Combonianos, n.º 191, dezembro (1973), 10-13.

ANEXO 5

VOCABULÁRIO PORTUGUÊS-IBINDA E IBINDA-PORTUGUÊS

Os Cursos *Nova et Vetera*, na nossa maneira de ver, foram uma autêntica escola. Os numerosos vocábulos, que foram introduzidos na linguagem falada e escrita, não podem ser excluídos da nossa reflexão. Razão essa pela qual fizemos a recolha e o estudo do significado destes vocábulos para a compreensão da dinâmica dos Cursos.

Depois da fundação dos cursos as pessoas não saudavam mais dizendo, habitualmente, ao outro «*Bom dia!»* e o outro respondia *«Bom dia!*». Um dizia «*Boa Tarde!»* e o outro respondia «*Boa Tarde!*». As pessoas passaram a saudar-se dizendo, simplesmente, *Nova!* O outro respondia: *Et Vetera.* Para dizer noutras palavras, abracemos *os bons novos valores,* não abandonemos *os bons antigos valores. A*companhemos o mundo com as notícias e as novas descobertas! Mas não abandonemos os valores antigos! Os valores da nossa cultura, os valores da nossa tradição e aprendamos também a reconhecer os valores doutros povos.

Nessa linha de ideias, os Cursos *Nova et Vetera* introduziram na linguagem falada e escrita muitos vocábulos novos. Tendo em consideração os vários termos introduzidos elaboramos este pequeno vocabulário *Português – Ibinda* (língua de Cabinda), *Ibinda – Português***,** para ajudar a compreender uma palavra difícil tanto do *português* para o *Ibinda* e assim como do *Ibinda* para o *português.* O léxico é útil na alfabetização, onde encontramos vários desses vocábulos.

VOCABULÁRIO PORTUGUÊS-IBINDA

Adicção – *Mbuelolo*.

Adjunto – *Nsadisi* **–** Aquele que prestava ajuda em todo o sentido da palavra ao secretário.

Anotador – *Nkwa Masona* **–** Um termo que ganhou lugar especial nos cursos. Anotador é um elemento que desempenha uma função importante: pôr por escrito tudo o que se verificava ao longo do processo da educação.

Arco – *Cingongolo* ou *Lungongolo*.

Assistente – No contexto dos cursos é o observador independente.

Baba – Burro. Este rapaz é burro (Muana bebe-au **libaba** ou ainda Muana bene-au **baba)**

Bandeira – *Ilimbu.*

Bebé – Bebé.

Bengala – *Mkawa.*

Borboleta – *Cimpepele* (singular); *Bimpepele* (plural).

Braços cruzados – *Nkondibila.*

Brigada – Um grupo de membros mobilizados para uma missão.

Buraco – *Bulu*.

Cadeira – *Kadela.*

Calcular – *Ukonzika.*

Capacidade – *Nata.*

Casa – *Nzo.*

Cauda – *Mcila.*

Celebração – Uma palavra que entrou em vigor a fim de dar solenidade e dignidade ao culto.

Comissário – *Mvuala.*

Comprimento – *Kula*.

Contar – *Utanga*.

Coro e **Orquestra –** Outras duas palavras que se casam. Um coro com o seu conjunto de cantores ligados a uma orquestra. As duas entidades, sempre unidas, formam o corpo e a alma da música, no sentido africano. Cantar sem orquestra não congrega no espírito do iniciador dos C. I. *Nova et Vetera*.

Cruz – *Kulusu*.

Curso – A palavra curso ficou em voga no Zenze, desde as primeiras experiências de educação. No contexto, podemos dizer que englobava a série de actividades educacionais.

Delegado – Uma vez que a experiência não se limitava unicamente à sede do Zenze. A sua expansão exigia um delegado dos cursos que os fizesse conhecer às outras zonas.

Departamento – Divisão administrativa dos Concelhos.

Dignidade – *Cibuntu*.

Divisão – *Nkabulu.*

Embrulho – *Ifunda*.

Esgalho – *Vaku li nti.*

Espelho – *Lumueno* **– (***Nzo lumueno luona uvuili* – A casa é espelho de quem a pertence**)**

Feixe de corda – *Iko ci msinga*.

Funil – *Mlingu.*

Galinha – *Susu nciyentu* ou *Tsusu nciyent.u.*

Galo – *Susu mbakala* ou *Tsusu mbakala.*

Gravidez – *Bwemba*.

Hoje – *Bubu.*

Homem – *Bakala.*

Isto – *Bibi.*

Laboratório – Passou a ser o lugar de pesquisa, da investigação, da crítica e da experiência, da produção das novas teorias. Não será porque o iniciador dos cursos esteve quatro anos nos laboratórios da Medicina a ser tratado que ele impôs este termo?!...

Louva Deus – *Makonya mlenje.*

Lua nova – *Ngonda mona*.

Luar – *Mueze* ou *Mweze.*

Medida – *Izongolo*, *Itezu.*

Medir – *Uzonga.*

Metade – *Mpapa.*

Mulher – *Nciyentu.*

Multiplicação – *Mbuelo izaci*, *Uwocia*, *Wokisia.*

Nascimento – *Lubutukulu* (*Muana Nzambi mebutuka* – Menino Jesus nasceu).

***Nova et Vetera* –** Duas palavras latinas que, respetivamente, expressam o **novo** e o **velho**. *Nova et Vetera* passou a ser a saudação no Zenze. *Nova* no sentido de que é atual, moderno, novo; *Vetera*, o antigo, o do passado, que ambos se deviam casar na encruzilhada dos acontecimentos e do encontro de culturas.

Orientador-Coordenador – Dois vocábulos que se casam na sua significação. Dar pistas que são coordenadas, isto é, classificá-las segundo o critério.

Palmeira – *Libá*, *Palmeira*. (*Mkuati* **–** Palmeira muito alta).

Participante – É a designação que era atribuída à aluna que frequentava os cursos. Um vocábulo que, de facto, inculca de alguma maneira o espírito de partilha e solidariedade. Como marco lá está a *Avenida dos Participantes*.

Pedaço – *Iveso*

Perfurador – *M'tobo*.

Peso – *Izitu*.

Pessoa – *Muntu.*

Relâmpago – *Lusiyemo.*

Secção – Agrupamento de várias comissões, subdivisão.

Secretário – Cremos, na ordem dos cargos que essa função se coloca, no topo de todas as outras atividades. É o expoente máximo!

Sede – Centro de todas as atividades.

Serpente – *Nyoka.*

Signo – Marco, sinal, ponto de partida e de chegada, ponto de referência.

Simbologia – A simbologia é uma ciência original, que se destina a ensinar os alunos, em escassas semanas, a ler, contar e apreciar os valores e os conceitos. A cada ***letra*** ou ***algarismo***, é atribuído um ***símbolo*** tirado da vida concreta, de forma que o ***símbolo escolhido*** lembra a forma e a ***letra*****,** além de ser também a ***letra inicial*** do mesmo ***símbolo***. Por este processo, os alunos, no fim de três meses, lêem, escrevem e fazem contas.

Simbologia 1 (*Alfabetização*) – Iniciação à literatura – Introdução ao diálogo e à sua expressão.

Simbologia 2 (*Algarismos*) – Iniciação ao espírito crítico – Introdução ao espírito de precisão e medida de, ao espírito técnico.

Simbologia 3 (*Cultura*) – Iniciação ao espírito crítico – Introdução à Filosofia dos valores. É aqui, onde temos as «Meditações sobre o Homem e os Valores»

Subtração – *Mbotolo*.

Superfície – *Kwangila.*

Suporte – *Likunji.*

Tempo – *Ntangu.*

Tesoureiro – Uma função que tem a sua especialidade. Ter um tesoureiro significa saber ganhar e saber gastar. Essa função é introduzida principalmente para incutir o espírito de economia.

Volume – *Mpiba.*

VOCABULÁRIO IBINDA-PORTUGUÊS

Baba – Burro.

Baduika – Penteado.

Bakala – Homem.

Bana Bavuvu Kietu – Filhos da nossa esperança.

Bebe – Bebé.

Bibi – Isto.

Bobo – Inútil.

Buala ou ***Bwala –*** Aldeia

Bubu – Hoje.

Bulu – Buraco.

Bwemba – Gravidez.

Cibuntu – Dignidade humana.

Cikumbi – Rito de iniciação da rapariga, antes do casamento**.** ***Kota Tsona –*** Rito de iniciação do rapaz, antes de ingressar na assembleia dos anciãos, dos mais velhos.

Cimpepele – Borboleta.

Cingongolo – Arco. Como se emprega a palavra ***Cingongolo*****,** emprega-se, igualmente, a palavra ***Lungongolo*****,** que quer dizer a mesma coisa – arco.

Cinguli – Da mãe, noutras palavras, da parte do matriarcado. Nas famílias africanas, o regime é do matriarcado. É o tio ***Khazi*** ou ***Ngwakhazi*****,** que é chefe da família dos irmãos e das irmãs da mesma via uterina e os sobrinhos.

Citata – Do pai, noutras palavras, da parte do pai, diríamos do patriarcado. Na Europa, é o pai que é o chefe da família.

Fola – Lar. Com o mesmo significado também se usa ***Liziku*** (ver).

Ibinda – Língua materna do grupo linguístico bantu, falado em Cabinda, e que, antigamente, era designada Fiote.

Ifunda – Embrulho.

Ilimbu – Bandeira.

Inongo-Nongo – Pequeno provérbio, pequeno ditado popular.

Isona – Letra.

Iveso – Pedaço.

Kadela – Cadeira.

Khoko ou ***Nkhoko*** – Instrumento musical de comunicação. Os europeus têm o sino. O toque do sino é bem conhecido pelo europeu. Nós, em Cabinda e em vários povos africanos, temos um instrumento de comunicação, chamado *Khokho*. Poderíamos dizer: instrumento como o sino europeu. Se é grande, quando é tocado pode ser ouvido a uma distância de 20km.

O ***Khokho***, um grande tronco de árvore, cortado, com uma abertura estreita, cavado por dentro, foi, desde os tempos mais recuados dos nossos antepassados, o meio de comunicação entre os povos de Cabinda.

Cada maneira de tocar o ***Khokho*** transmite a sua mensagem. Pode querer informar que chegou à aldeia o sacerdote, assim como comunicar a morte de alguém, ou ainda, a chegada duma autoridade…

O toque deste único meio de comunicação – o ***Khokho*** – assim como a correspondente mensagem, chega a qualquer indivíduo, que logo fica informado esteja onde estiver. Aqui, um exemplo do toque para comunicar a vinda de um alto dignitário: ***Tata Mpelo wizidi! Tata Mpelo Wizidi.*** *Kumbusa nkondo kizidi! Kumbusa nkondo kizidi* (O senhor padre chegou, o Senhor padre chegou. Passou atrás do embondeiro. Passou atrás do embondeiro). Para comunicar a morte de um membro da aldeia ***(Badidi mtu! Badidi mtu! Badidi Mtu!*** (Tradução à letra: *Comeram a cabeça. Porém, o significado é que, se cortaram a cabeça, portanto, morreu.*)

Onde qualquer indivíduo estiver, seja a um metro, seja a um quilómetro, a dez ou a vinte da aldeia, fica, imediatamente, a saber que faleceu alguém. Como estes dois toques existem muitos outros, cada um com o seu significado.

Kota Tsona – Rito de iniciação para o rapaz, entre os cabindenses. ***Chikumbi*** – Rito da iniciação da rapariga antes do casamento, entre os cabindenses.

Kulusu – Cruz.

Lubutukulu – Nascimento. (*Muana Nzambi mebutuka* **–** Menino Jesus nasceu.)

Liziku – Lar, esta palavra também é chamada ***fola*** (ver).

Lungongolo – Arco.

Lusiemo lu nzazi – Relâmpago.

M'cila – Cauda.

M'tu – Cabeça.

Makonya Mlenje – Louva Deus.

Makunji Matatu – Três suportes.

Makunji Muali – Dois suportes.

Mazina – Nome, palavra, imagem.

Mbembo – Voz.

Mbembu Muntu – Sabedoria dum povo, sabedoria popular.

Mbembu zimbakala – Sons pais – consoantes.

Mbembu zinguli – Sons mães – vogais.

Mbotolo – Subtração.

Mbongo – Depende da frase**.** (*Tuala mbongo ziami* – traz o meu dinheiro); aqui, ***mbongo*** significa dinheiro); *Kuna mbongo* (semeia a semente; aqui, significa semente).

Mbuelolo – Adição.

Mbuelo izaci, Uwocia, Wokisia – Multiplicação.

Mbusa – Atrás. **(***Muana kumbusa* – filho nas costas, ou filho atrás, nas costas).

Mkawa – Bengala.

Mkuati – Palmeira alta ou palmeira muito alta.

Mlengo – Funil.

Mtobo – Perfurador.

Muntu – Pessoa.

Mvika – Escravo.

Mwana ou ***Muana*** – Filho.

Mwanza – Alpendre, sombra, com um profundo significado simbólico, onde os mais velhos na aldeia se reúnem para partilhar uma refeição em comum, para resolver um assunto da aldeia, como a receção do alambamento, julgamento, receção da contribuição das despesas do funeral… Enfim, é um alpendre com muitas funções, uma espécie de sala multiuso.

Nciyentu – Mulher.

Ngonda mona – Lua nova.

Ngonje – Instrumento musical de comunicação, entre os cabindenses. O *Ngonje* é tocado pelo despertador da comunidade, pelo pregoeiro para comunicar uma mensagem do rei, uma mensagem para toda a comunidade da aldeia.

Nkabulu – Divisão.

Nkondibila – Braços cruzados.

Nsinga – Corda. (*Tuala* ***nsinga*** *tukanga ifunda* – Traz a corda para amarrarmos o embrulho).

Ntoto – Terra. (*Va mongo* ***ntoto*** *tukangala tuiza* – Aqui, na *terra*, estamos de passagem).

Nyoka – Serpente.

Nza – Mundo.

Nzambi – Deus.

Nzo – Casa.

Nzungu – Panela.

Susu wimina mazi – Galinha que bebe água.

Tshinti – Vara.

Ukonzika – Calcular.

Utanga – Contar. (*Utanga* ***zimbongo*** – Contar o dinheiro, um, dois, três, quatro, vinte, trinta, kwanzas, ou dólares, ou euros…).

Uzonga – Medir.

Vaku li mti – Esgalho.

Ziku – Valor básico da sociedade.

ANEXO 6

PENSAMENTOS PARA O CANTO DE MEDITAÇÃO

PENSAMENTOS ACLAMADOS
DURANTE A EXIBIÇÃO DO CANTO DE MEDITAÇÃO

Leitor 1. Tu que estás agarrado aos valores antigos e segues os valores novos, deixa de perguntar: *O que é* Nova et Vetera*? Pois, tu próprio és* Nova et Vetera.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Qualquer valor é um valor de ensinamento na vida! Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 2. Se não tens olhos, saibas escutar. Aquele que tem olhos desde que esteja à tua frente, tu que só tens ouvidos, segue-o. Buracos, pedregulhos, encruzilhadas, não serão mais teus.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 3. A palavra é como a semente. A semente, que possa valer, é aquela que, é semeada. A palavra, quando é pronunciada, ensina uma mensagem. A semente é um bem. O ensino é uma mensagem.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 4. Para a semente do milho crescer é enterrada e apodrece. A semente do milho se não for enterrada, se não apodrecer, ficará, somente, uma semente, sem um rebento que possa produzir. Tal como a semente de milho tal a pessoa humana.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 5. Ainda não vimos uma pessoa acender o candeeiro e colocá-lo debaixo da cama. Vai colocar o candeeiro onde todos podem ver a luminosidade. Porque «*não há nada oculto que não venha a ser revelado e nada escondido que não venha a ser conhecido e trazido à luz*» (Lc 8,17).

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 6. Tu que nasceste, tu que divulgaste a notícia. O maior nascimento é o homem no caminho da luz. Na árvore, que plantastes; na semente, que semeastes; no amor, que tu tivestes para com os outros; no bem todo que fizestes, o nascimento nunca acaba.

Refrão; *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 7. Ninguém deve deixar o mundo como o encontrou. Encontraste o bem, acrescenta o bem. Encontraste o mal, procura destruir este mal, no bem que estás a fazer.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 8. Aquilo, que estás a comer com alegria na tua varanda, talvez, só uma pessoa sofreu para teres este alimento; talvez, uma só pessoa trabalhou para teres este alimento; talvez, uma só pessoa sofreu para teres a felicidade deste alimento. Aquele que sofreu para teres este alimento, sofreu por tu para gozares por este alimento; praticou o bem. Ama tu também aqueles que virão em semear por eles. O trabalhador é, somente, um, porém, aqueles, que vão comer o alimento, são muitos.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 9. O amor, que tu manifestas com alegria, manifesta este amor no amor do próximo; manifesta este amor procurando ter tempo para ouvires o outro; manifesta este amor em dar-lhe tempo para ele começar; manifesta este amor procurando perder tempo por ele; manifesta este amor em saber perdoá-lo; manifesta este amor para não espalhares o seu mal; manifesta este amor para salientar o seu bem, pois, o amor é serviço.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 10. Os que semeiam com lágrimas, ceifam no meio de canções (Salmo 125,5). A semente é serviço, a semente é questão, a semente é vida.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 11. Aquele, que cresce no meio da gente, destaca-se e desenvolve-se. Porém, a lei da convivência com a gente é a lei do amor, porque o amor é serviço. Se cresceres, cresça com os outros.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 12. Outros comem, outros se sacrificam. Para que a terra seja terra de gente agradável a todos, aqueles, que aceitam sacrificar-se, nunca acabam, aqueles, que só comem, nunca faltam. Para que a terra seja agradável a todos, deve ser terra de gente, que se sacrifica, terra de gente de entendimento.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 13. Outros comem, outros sacrificam-se. Na caça se faltar o cão de caça, não há caça. A terra, onde não há, aqueles, que se sacrificam, não é terra agradável. Aqueles, que avançam para frente, não acabam. Aqueles, que os seguem, não faltam.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 14. Sacrificar-se é aceitar trabalhar somente na linha do bem sem esperar alguma recompensa. Sacrificar-se é aceitar trabalhar para que os outros possam viver. Sacrificar-se é aceitar apodrecer para que os outros possam nascer. Sacrificar-se é aceitar morrer de fome para que os outros possam comer. Sacrificar-se é aceitar o sofrimento para que os outros possam viver na alegria.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 15. Vi um velho. Vi uma rapariga. Vi um rapaz. Vi um mais velho. Vi uma criança recém-nascida. O tempo de escolha acabou *«… Já não há diferença entre grego e judeu, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos sois um só em Jesus Cristo» (Gl 3,21).* O olho do crocodilo é bem saliente. O olho duma pessoa está na cabeça. Todo o homem é homem.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 16. Aquilo que uma outra pessoa respeitou, está respeitado. Se desprezares aquela coisa, também desprezas a pessoa que a respeitou. A coisa está a crescer, há alguma esperança, que é depositada nela.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 17. «*… Minha Mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática (Lc 8,21)*. A palavra de Deus é amor; amar é aceitar perder; amar é perdoar; amar é servir. O serviço é ajudar o seu próximo. O serviço é teres tempo para o ouvir. O serviço é dar-lhe tempo para começar. O serviço é não espalhar o seu mal. O serviço é saber valorizar o seu bem. Se amares é amar verdadeiramente. Se amares é sacrificar-te até à morte.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 18. Aqueles que decidem de viajar são eles que chegam ao fim da viagem. Aqueles que não decidem de viajar, nunca chegam ao fim da viagem. Por esta razão, Abraão tornou-se o Pai de todos os crentes (At 7,3-4). Zaqueu levantou-se para deixar a sua grandeza. Chegou a ver Jesus. Recebeu-o em sua casa (Lc 19,1-10). O caranguejo demorou muito a decidir, ficou sem cabeça.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 19. Tu que ofereces, és tu que distribuis. Tu que semeias, és tu que colhes. Tu que investigas, és tu que encontras. Tu que nasces, és tu que prolongas. Tu que fostes nascido, és tu que vives. Tu que morres, és tu que ressuscitarás.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera*!

Leitor 20. «*Um novo sentido para tudo. Compreendestes tudo isto? Eles responderam: "Sim". Então Jesus acrescentou: E assim todo o doutor da Lei, que se torna discípulo do Reino do Céu, é como um Pai de família, que tira do seu baú coisas novas e velhas*» (Mt 13,51-53). Aquilo, que cresce, é aquilo que tem um rebento. O antepassado morto é antepassado vivo, no sentido de que a sua mensagem é sempre atual. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça (Lc 14,35b). Quem tem pernas para andar, ande. Quem tem mãos para trabalhar, trabalhe.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 21. Uma coisa não vale porque é antiga ou é nova. O valor de qualquer coisa está na sua beleza, na sua utilidade e na sua veracidade.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 22. Por isso, uma coisa pode ser antiga ou nova. Se é uma coisa boa, se é uma coisa útil, se é uma coisa bela, portanto, é uma coisa de valor para o serviço, é uma coisa que está na linha do crescimento do homem.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 23. Por isso, se estás a trabalhar ou a separar, deves trabalhar ou separar não porque é antiga ou é nova. Separa a partir da sua utilidade ou inutilidade.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 24. Por isso, os antepassados disseram um provérbio: se não tens olhos, saibas escutar. Aquele que tem olhos, desde que esteja à tua frente, tu, que só tens ouvidos, segue-o. Buracos, pedregulhos, encruzilhadas, não serão mais teus.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 25. Aquilo que tu reconhecestes que está bem feito e perfeito aos olhos do mundo inteiro, senão o aceitares, senão o reconheceres, senão o seguires, senão o valorizares, senão o pensares em pô-lo em prática, no futuro, serás admoestado. O mesmo para a palavra, para o serviço, para a vida.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 26. Para que a terra seja bela, é necessário que haja gente. Toda a pessoa é uma pessoa que torna a terra agradável? Aqueles, que tornam a terra agradável, são aqueles que a trabalham, a constroem, a melhoram e a embelezam. Entra no grupo daqueles que tornam a terra agradável.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 27. A terra é de Deus. Diga que a terra é tua se estiveres no grupo daqueles que a tornam agradável. Nunca ouvistes a Palavra de Deus? «*Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus Ele criou; e criou-os homem e mulher.*» «*Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra; dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra*» (Gn 1,27-28). Mencionar Adão é mencionar qualquer homem.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 28. «Confiaram-te um serviço, deram-te um poder.» Respeite tudo aquilo que está nesse serviço para seres respeitado na tua função. Falar do serviço é falar do caminho. «Um animal chamado *tchikanda*» foi para ser entronizado. Desde que respeitou tudo aquilo que está na linha da entronização, foi entronizado rei.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 29. A boca, os olhos e os ouvidos previnam-nos, ajudam-nos. Enquanto tiveres boca e não falas, olhos e não vês, ouvidos e não ouves, no futuro poderás ser verdadeiro pai?

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 30. Esteja unido no pensamento e nas palavras com os teus amigos. O problema não é teres comido o que é proibido. Entra no grupo dos que trabalham para que a terra seja agradável. A boca, os olhos e os ouvidos previnam-nos. Os pés e as mãos ajudam-nos.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 31. Não há nenhum homem e nenhuma terra, onde está tudo completamente perfeito. Para concluir deves saber que os pensamentos, as mãos e os pés são necessários.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 32. Um trabalho pode ser começado por uma só pessoa. Porém, para ser concluído, não pôde ser concluído por uma única pessoa. Tu que te aproximastes, tu que ingressastes no grupo, serás considerado no grupo daqueles que concluíram o trabalho.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 33. Para que uma palavra valha, deve ser aceite, seguida e gente que se sacrifica por ela. No aceitar a palavra, no seguir a palavra, no sacrificar-se por ela, é que se encontra o valor desta palavra.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 34. Quando pronuncias um discurso, saibas que são muitos aqueles que te escutam. Por isso, os antepassados disseram, sê prudente no falar e no agir, A Deus não podes mentir.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 35. Se deres testemunho, dá somente testemunho daquilo que tu vistes ou fizestes. Pois o testemunho é uma grande questão. Todo o testemunho, senão é da salvação, é da condenação.

***Refrão*:** *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 36. Se fostes proclamado, saibas que perante o público fostes reconhecido. Na proclamação, é que tu és colocado na linha de frente. Quer seja à frente do caminho, à frente do serviço, à frente duma questão, à frente dum conflito.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 37. Cada cabeça, cada sentença. Cada cabeça deve saber peneirar, verificar se o problema é verídico ou não. Portanto, tu não podes aceitar qualquer assunto sem primeiro o investigares e verificares a sua veracidade? Portanto, tudo aquilo que ouvires, deves primeiro procurar verificar a veracidade ou falsidade, a fim de saber se está ou não na linha do crescimento humano.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 38. Ao falares demais, cometes erros. Ao cometeres erros, estragastes o caminho da verdade.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 39. Tu que não aceitastes a verdade, que está à frente dos teus olhos, cuidado que naufragas na tua escuridão. «… O *julgamento é este: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque as suas ações eram más. Quem pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para que as suas ações não sejam desmascaradas (Jo 3,19-20).*»

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 40. Tu que lutas contra a Verdade, acreditas que hás de vencer? Ainda, não vimos, nem ouvimos, alguém que tenha lutado contra a Verdade e tenha ganho, pois Jesus disse: «*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim*.» (Jo 14,6).

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 41. O semeador semeou a semente. Quando chega o tempo da colheita, deseja colher os seus frutos. Se a semente não produziu, então o terreno não é bom (Lc 8, 6-7). A palavra também nasce os seus frutos.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 42. Os que semeiam com lágrimas, ceifam no meio de canções (Salmo 125,5). A semente é palavra, a semente é questão, a semente é serviço, a semente é vida.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 43. Tu e a palavra estão no mesmo sentido. Deixa de ouvir só para ouvir. Procura pô-la em prática para que seja também para ti palavra de salvação. Pois, ainda não vimos uma terra, uma pessoa ou uma qualquer coisa, que cresce, simplesmente, com uma boa intenção. «*Nem todo aquele que Me diz: "Senhor, Senhor", entrará no Reino do Céu. Só entrará aquele que põe em prática a vontade do meu Pai que está no céu*» (Mt 7,21). Falar do poder é falar do crescimento, é falar do humanismo. Um assunto para ser valorizado tem de haver quem se sacrifica por ele.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 44. Os valores são importantes numa sociedade e os valores são importantes para a convivência entre os homens.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 45. A ninguém se pode obrigar a fazer aquilo que é impossível para ele. «Jesus disse: «*Tende fé em Deus. Eu vos garanto: se alguém disser a esta montanha: "Levanta-te e lança-te ao mar" e não duvidar no seu coração, mas acreditar que isso vai acontecer, assim acontecerá*» (Mc 11,22-23). Portanto, este tempo é tempo de fé para não sermos homens que ficam pelo caminho.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*

Leitor 46. «*Um novo sentido para tudo. Compreendestes tudo isto? Eles responderam: "Sim." Então Jesus acrescentou: E assim todo o doutor da Lei, que se torna discípulo do Reino do Céu, é como um pai de família, que tira do seu baú coisas novas e velhas*» (Mt 13,51-53). Aquilo, que cresce, é aquilo que tem um rebento. O antepassado morto é antepassado vivo no sentido de que a sua mensagem é sempre

actual. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça (Lc 14,35b). Quem tem pernas para andar, ande. Quem tem mãos para trabalhar, trabalhe.

Refrão: *Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. Nova! Todos respondem: Et Vetera!*[4]

[4] Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos C. I. *Nova et Vetera.*

ANEXO 7

MEDITAÇÕES SOBRE O HOMEM E OS VALORES
(Alguns Temas)

O padre Gabriel fez numerosas meditações nas aulas dos Cursos *Nova et Vetera*. Dada a sua importância e tendo em consideração o facto de serem numerosas, achamos oportuno recolher algumas, a fim de saborearmos a riqueza das lições contidas nessas meditações:

* * *

Meditação sobre o Homem e os Valores (o *Homo Socialis*)

Constatamos, que o homem se constrói e constrói na cidade (História do Presente), se construiu e construiu (História do Passado), se construirá e construirá (História do Futuro). A primeira virtude na cidade: amor. A cidade é o estímulo e o amor a força. O homem tanto económico como socialis é o homem do crescimento. Mas até quando ou até onde esse crescimento?

Ninguém se basta. E a vida em comunidade torna-se uma necessidade. Para dois homens, que se encontraram, o primeiro valor é amor. É o amor, que gera a atenção, a abertura, a disponibilidade, o espírito de serviço. Amando o homem está sempre a dar ao outro a oportunidade de crescimento.

Na cidade (lê comunidade), o amor faz o mesmo que a massa faz na parede, significa e realiza a unidade. O adobe que se não junta ao outro em parede está destinado a ficar só e a derreter-se (*usuta,* em Ibinda).

Criatividade: o homem pelo seu trabalho e pelos seus testemunhos transforma o mundo: a partir dai passando pela natureza e para terminar em si mesmo. É sempre uma terra nova que deixa, ou seja da perenidade dos valores e do valor «homem». Se o que amo e o que quero está destinado a perecer, então sou o mais miserável.

Eu exijo que as conquistas da cidade já não tenham fim. Aparece um homem que me garante que de facto não terão fim. O importante afinal é aderir, é crer. É a esperança a envolver tudo.

– O homem condenado a viver é o homem condenado a criar. E criar é participar. Quem não participa não cria e quem não cria não vive.

– Simbologia 3: Simbologia para a descoberta dos valores, partindo do valor homem. É a simbologia do homem e do mundo.

– Simbologia 3 reúne em si a tríplice condição de *bimpepele* (espírito de já e ainda não), de *bitá mana* (espírito de esperança actuante) e de *bitobuka meso* (espírito de adesão e participação-criatividade).

Bimpeple: homens da partida
Bita mana: homens da certeza
Bitobuka mesa: homens da participação[5]**.**

Meditação sobre o Homem e os Valores (o objetivo: atingir o Homem)

Tentativa de o integrar tendo em conta o passado, o presente e o futuro. Fazer do homem um elo do passado e futuro no presente. Daí a verdade da expressão *Nova et Vetera*: Valores novos e velhos. Para o valor absoluto relativo que é o homem. Na

[5] Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera.*

tentativa de o afirmar é posto o homem perante uma tríplice pergunta: donde vieste? Onde estás e o que fazes neste mundo? Para onde tendes?

Nos C. I *Nova et Vetera* faz-se o esforço para chamar a atenção dos participantes para o valor homem e para o conjunto dos valores que agem no valor. Homem, valores de ordem física, moral e espiritual.

O homem é avisado do que é e do que ainda pode ser.

O homem cresce adquirindo mais valores. Aquisição pelo trabalho igual esforço.

O homem parte à busca de valores. Encontrados são por ele criticados e assimilados na medida em que são verdadeiros valores.

O homem do crescimento pode ser encarado sob dois aspectos. O aspecto económico e social.

O homem da saúde é o que põe mais problemas, no fundo, de todos os problemas tratados nas disciplinas dos C. I. *Nova et Vetera*.

Sem saúde o homem não cria, porque está incapacitado de partir pela atenção e disponibilidade. O homem económico como tal é o homem da simbologia 2 (espírito de precisão).

O homem social como tal é o homem da simbologia 1 (simbologia do espírito de diálogo e participação).

O homem prepara-se para a atenção, para a disponibilidade, para o serviço. E entra no mundo dos outros. Ora, isso só é possível por meio do diálogo. Há um mundo de vias de diálogo: gesto, olhar, ternura, rancor, etc. E a pessoa a atingir chega a compreensão. Diálogo: discussão de dois mundos em choque. Linguagem, música e até símbolos.

Ao iniciar as pessoas na simbologia 1, explicar o mistério do diálogo. Numa autêntica aprendizagem.

Quem não sabe dialogar, não sabe amar. Dar aos outros a oportunidade de criar, de se revelarem na sua justa medida, nos seus valores. Em Cabinda faz-se uso do diálogo do som (*Nkhokho*, instrumento de comunicação)[6]**.**

Meditação sobre o Homem e os Valores (o Cego)

Um cego precisa de alguém, que o guie, quando se desloca. Sozinho mal anda apesar de ter boas pernas. Tem de apalpar para conhecer qual é, aproximadamente, o estado do sítio por onde passar. Mas apesar de andar às apalpadelas muitas vezes cai, por exemplo, num buraco ou por ter dado um encontrão a alguém ou a um obstáculo que esteja no seu caminho.

Um cego precisa de ouvidos em que ouvir ao que lhe diz o guia quando está sendo guiado (exemplo: «passa por aqui»; «levanta» «com as pernas porque está um pau atravessado no caminho»). Assim o cego consegue caminhar melhor e em mais segurança apesar de ser guiado. Nós, podemos dizer, sois cegos daquilo que ainda não vistes e dos caminhos que vos levam até ao destino ou até ao objectivo. E quem vos há-de guiar e dar a vista é a *Nova et Vetera.* Neste mundo, o homem está sempre a procurar caminhos que lhe levam até ao conhecimento daquilo que o instrue. Portanto, o homem investiga.

A Sagrada Escritura fala-nos de um homem de nome Zaqueu (Lc 19, 1-10), rico e com muitos bens. Este ouviu a falar de um homem (Cristo) que pregava e ensinava coisas maravilhosas e jamais ouvidas.

Zaqueu depois de se examinar, meditar no que era, reparou que embora rico, não sabia de tudo e que precisava de aprender mais. Quando soube, que o mestre estava a passar numa das ruas da cidade, correu imediatamente, para lá. Por ser acompanhado de grande multidão não o pode ver e também porque era de pequena estatura. Resolveu subir numa árvore que se encontrava na rua, mais adiante, para vê-lo.

A atitude de Zaqueu foi criticada pelos do seu tempo ou pelo menos por alguns da época porque se encontravam na escuridão. Mas é louvado por nós porque

[6] Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera.*

entendemos melhor que o homem não sabe tudo ainda que tenha (nos nossos tempos) muitos estudos. Por terdes cá vindo tiveste a necessidade de aprender mais. Investigastes e encontrastes alguém que vos podia ensinar. Esse alguém é ***Nova et Vetera***. Resolvestes, então vir aprender e mais tarde o que poreis em prática[7]**.**

Meditação sobre o Homem e os Valores (a Culinária)

Antigamente os alimentos eram comidos crus. Depois da descoberta do fogo começaram a cozer e assar os alimentos. Mais tardes descobriu-se, que o fogo não só era capaz de cozer e assar os alimentos como também era capaz de ferver água. Os antigos viram, que sem qualquer depósito, era impossível de ferver a água. Começaram, então, com as descobertas desses depósitos, as panelas: primeiras panelas de barro; segundas panelas de aço; terceiras panelas de alumínio (as actuais).

Há muitos alimentos, que nós nunca comemos, mas que muita gente come. Por isso quando nós encontramos no ambiente dessa gente devemos comer daquilo que eles comem, porque você é homem e os que comem dessas comidas são também homens.

A maneira da preparação dos alimentos foi e continua a ser descoberto. Aparece-nos a ciência que ensina a preparar os alimentos que se chama culinária. «Culinária: *liela litulonja bulambila bilya* – a sabedoria ensina-nos como preparar os alimentos.»

O que acabamos de ver é necessário para a saúde do homem.

A gente ou o homem organiza-se para organizar as coisas a fim de também se organizar. Para se adquirir essas coisas, é necessário o trabalho. Nos «C. I. *Nova et Vetera*» aprende-se a trabalhar. Portanto as participantes dos Cursos devem ter espírito de serviço. E se as participantes virem uma colega sem o espírito de serviço, o que devem fazer, é tirá-la da sua companhia.

O trabalho é, portanto, necessário para o progresso.

Os antigos ou antepassados, ou alguns dos antepassados, não tiveram a preocupação de progredir, que é uma coisa de reprovação. Nasciam, viviam e morriam e por fim morria sem ter feito nada para o progresso da terra ou do mundo e de si próprios.

Muitos não se interessavam com a instrução. Mas depois de verem que a instrução é uma coisa essencial para o progresso de alguém tornou-se coisa vulgar. E para a instrução é também necessário o trabalho. Com o que vimos, podemos concluir que tudo é adquirido por trabalho.

No fim da comunicação canta-se: «*Kioso salu sadidi*» (Qualquer trabalho que fizeres)[8].

Meditação sobre o Homem e os Valores (o Dinheiro)

O Senhor Deus deu-nos necessidades que sem trabalho não as satisfazemos. Ele próprio o criador dessas necessidades as satisfez. Por exemplo a respiração. A necessidade de bebermos água, não é satisfeita por Deus, mas deu-nos água. E para nós conseguirmos essa necessidade, basta-nos movimentarmos, indo buscá-la. As necessidades criadas pelo homem ou das necessidades criadas pelo homem, algumas aproximam-se às necessidades de nascença. Essas são como a casa, o vestuário e outras. Os que criam necessidades, são aqueles que utilizam os seus «***bisosolo***» (peneira) para «*sosar* – peneirar» as coisas. E para satisfazer essas necessidades o homem trabalha. Com o trabalho o homem consegue valores que lhe servem de elementos de seu avanço. Qual é a coisa com que se satisfazem todas as necessidades? É o dinheiro. Pois, o dinheiro tem dentro de si todas as coisas de que o homem precisa.

Na Antiguidade, antes do aparecimento do dinheiro, os nossos antepassados faziam os seus negócios com troca de coisas. Assim, vice-versa faziam troca desses

[7] Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera.*
[8] Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera.*

objectos. Mais tarde, viu-se muitos inconvenientes na troca de coisas nas compras. Então, fizeram uma reunião onde descobriram o valor dinheiro. Tornou-se ou pôs-se em uso o dinheiro. Antes de o «escudo» aparecer o dinheiro passou em várias modificações. Quando o homem tem necessidades, tem também, muitas vias para a satisfação dessas. Na nossa área as únicas vias que conhecem são monitores e professores. É muito mal. Temos de descobrir meios, pois, uma terra com muitos meios de satisfazer as necessidades é uma terra avançada.

Vem, então, a necessidade das profissões. Com as profissões se satisfazem necessidades e mais necessidades existem. Cada homem trabalha e consegue possibilidades de conseguir o que precisa. Mas, há muitas pessoas que não sabem aproveitar bem essas possibilidades, desperdiçando-as. Essas pessoas não avançam, não crescem. Há uma ciência que nos ensina a fazer tudo com medida, com precisão. É a matemática. Há, em cada pessoa a necessidade de espírito da precisão. Mas, nota-se em muitas pessoas a falta do espírito da precisão, fazendo o excesso de tudo. (…) Baseia-se na dominação do espírito. E com o espírito de precisão, o homem cresce sem fim e com ele o homem vive feliz. Põem-se três participantes, no centro das outras e em linha recta um pouco distanciadas. Uma é considerada homem e as outras duas, objectos. O homem trabalha e consegue um objecto. Este com o objecto adquirido e com mais trabalho consegue mais valores. Para terminar, canta-se o hino do trabalho: «*kioso salu sadidi*» (Qualquer trabalho que fizeres).[9]

Meditação sobre o Homem e os Valores (a Nutrição)

Sabemos que o que comemos transforma-se em sangue do nosso corpo. No carro, por exemplo, a gasolina faz andar o carro; a água arrefece o motor; e o óleo evita o desgaste das peças do carro, fazendo com que girem bem. O mesmo acontece no nosso corpo. Lembremo-nos ainda do princípio: «*zaba ulya, zaba usotshia*» (saber comer, saber dosear a comida). Há em nós a necessidade de variarmos o que comemos, pois, os alimentos têm em si qualidades de nos protegerem o corpo de muitos males.

A carne, os ovos e o leite, por exemplo, servem para fazer desenvolvimento do corpo. São elementos de desenvolvimento muito úteis nas crianças. O arroz, a batata, a mandioca, o feijão, azeite, gorduras e fruta-pão são elementos essenciais na fortificação do corpo para trabalhar.

Os alimentos que acabamos de ouvir falar comem-se só depois de cozidos. Há outros que se comem sem serem cozidos: é a fruta. São, por exemplo, a laranja, a banana, o ananás, o mamão, a hortaliças, etc.

A fruta protege o corpo das doenças. Portanto, devemos comer tanto quanto é necessário para que o nosso corpo esteja sempre em condições óptimas.[10]

Meditação sobre o Homem e os Valores (a Agricultura)

Antigamente, ou melhor, os nossos antepassados alimentavam-se de frutos silvestres: «*Baba ke nonganga, ke nonganga*» (apanhar, apanhar, eram colectores). Portanto comiam do que a natureza lhes oferecia. Mais tarde, com a reprodução o número dos homens aumentou e, portanto, não havia o suficiente para toda a gente. Muitos, para evitar esses problemas de falta de comida, começaram a plantar das mesmas plantas para si. E, assim, plantavam as plantas de cujos frutos achavam saborosos. Assim, apareceu a agricultura. Dali começou-se a arranjar lavras, roças, pomares, onde cada um, o dono da lavra ou da roça cultivava o necessário. Para muitos de nós (homens) a melhor, muitos nós cultivamos geralmente, para satisfazermos a necessidade de comer. Sabemos, que com o fruto da agricultura, podemos satisfazer muitas ou outras necessidades. Como com a venda. Na venda arranjamos dinheiro com que, como já vimos, podemos satisfazer todas as necessidades. A venda

[9] Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera.*
[10] Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera.*

é também um dos grandes métodos da conservação do que vendemos porque temos com o dinheiro igual valor.

A maneira de cultivar varia de pessoa em pessoa, visto que há os que cultivam com pouca necessidade e com pouco interesse e os que cultivam em muita necessidade e interesse.

O mesmo podemos dizer que há os que cultivam na escuridão e os que cultivam na luz: cultivam na escuridão, aqueles que não têm experiências de cultura de cada tipo de planta; e cultivam na luz os que plantam baseados na experiência de agricultura.

Nota-se também, grande diferença na colheita porque o outro teve espírito crítico e o outro muito rendosa. Exemplo de um homem de Cabinda que trabalhou com «*isosolo*» (espírito crítico) é o Daniel de Oliveira.

A agricultura deve estar relacionada com os fenómenos da natureza e com as estações. Como é e qual é a origem da chuva? A chuva, como sabemos é água que cai do céu, das nuvens. Tem origem na evaporação da água com a acção do calor (solar). Exemplificando, suponhamos, que a terra é uma enorme panela com a água. E com o calor do sol a água evapora-se e o vapor sobe; sobe e com o frio que encontra lá no alto o vapor condensa-se de peso, já o vapor transformado em nuvens, caem em chuva. Há chuva na estação de chuvas, porque há muito calor no tempo das chuvas e no cacimbo porque há pouco calor e pouca evaporação. Pouco calor no cacimbo porque a terra afasta-se muito do sol e, assim, recebe pouco calor.

Faz-se explicação do fenómeno da origem das chuvas e dos fenómenos que surgem quando chove (relâmpago, trovão) e o fenómeno dos dias e das noites, acompanhada de exemplo.

Fala-se do aparelho feito pelo homem que serve para evitar os estragos provocados pelos raios. Esse aparelho chama-se pára-raios. Há, ainda, uma coisa natural que exerce a mesma função do para-raios: é o mar. A água é um elemento essencial da agricultura. Com a água abastecemos os campos, as lavras, etc.

Como vistes, este ano não houve muita chuva, portanto, a falta de água a agricultura enfraqueceu. Há duas vias de abastecimento. Essas vias são: a chuva (natural) e irrigação (humana). Esses são os sistemas utilizados para a rega dos campos. Mas, como sabemos, muitas vezes há falta de chuvas. Então, quem faz chover é o próprio homem, com a irrigação. O sistema de irrigação faz-se com valas feitas na terra que conduzem a água para as várias divisões do campo. Faz-se também, quando temos água perto da lavra ou campo.

Explicação da origem dos rios e sua utilidade na agricultura. Irrigação feita com a água dos rios. Devemos saber que o terreno junto do rio ou da água é muito fértil. Os vários instrumentos inventados pelo homem para a agricultura: tractores, charruas, catanas, enxadas, etc. Princípio: «*mbongo oio lili, vatua i vatua*» (os alimentos que estão a ser consumidos foram semeados).[11]

[11] Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera.*

ANEXO 8

ENTREVISTA DO PADRE GABRIEL AO *JORNAL DE ANGOLA* (29-9-1996)

O fundador dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* deu uma entrevista ao *Jornal de Angola*, por ocasião da publicação do *Guia* e do *Método de Alfabetização Inongo--Nongo*, no dia 29-9-1996. É uma entrevista que nos ajuda a aprofundar o pensamento do fundador sobre os Cursos.

5.1. A Confissão de um padre – *Guia* e *Manual de Alfabetização em Ibinda e o Método Inongo-Nongo*

> … No dia 1 de Outubro próximo, na cidade de Cabinda, serão lançados os livros *Guia* e *Manual de Alfabetização*, em língua *Ibinda*, de autoria do padre na reforma, Gabriel Nionje-Seda.
>
> Editadas ambas pelo Instituto Nacional do Livro e do Disco (INALD) constituem o fruto duma iniciativa de educação de base marcadamente voltada para o homem e para quanto o dignifica, visto o mesmo na perspectiva de síntese histórica do passado e do futuro, no tempo presente, a que chamou *Cursos de Iniciação Nova et Vetera,* cujo iniciador é o próprio Padre Gabriel Nionje Seda, que nos fala, detalhadamente, dessa sua experiência e discute finalmente a sua tese que visa substituir o termo *Fiote,* designativo genérico das línguas de Cabinda e em circulação, pelo termo *Ibinda* (Arlindo Isabel).
>
> *P. – Nova et Vetera, o que quer dizer?*
>
> *Pe. Gabriel Nionje-Seda (GNS)* – Coisas Novas e Coisas Velhas! E isso vem do Evangelho S. Mateus, no capítulo 13,52: Todo o escriba instruído no Reino nos Céus é semelhante ao pai de família, que tira do tesouro coisas novas (*Nova)* e velhas (*Vetera*)**.** É a partir daí que tiro a expressão *Nova et Vetera,* que se conserva sempre em latim, porque tem muito mais força, porque não havia e não haverá de sofrer uma série de mutações como sucede com as línguas vivas. Essa expressão é latina e o latim como é uma língua morta, já está fixada.
>
> *P. – E o que vêm a ser os Cursos de Iniciação* Nova et Vetera*?*
>
> *Pe. GNS* – São uma experiência de autodesenvolvimento comunitário. Nasceram e começaram a funcionar na Missão Católica de Lucula Zenze, onde eu era coadjutor do meu colega Pe. Angelino Nanga Gaspar. Visavam promover não só o homem, mas também a mulher que estava muito marginalizada naquela altura dos anos 60-70. Saíram dentro de mim como uma explosão de tudo aquilo que sentia vendo o povo na encruzilhada de civilizações.
>
> Havia pessoas que não sabiam definir-se mais e não sabiam por onde ir e espreitava-nos o perigo de perdermos as raízes. Havia uma evolução rápida. Não se via como terminaria história. Então havia um confronto de culturas e as pessoas entraram numa certa indecisão.
>
> Havia uma certa indefinição de valores. Eu achei que era importante que as pessoas se reencontrassem e esse reencontro seria através do reconhecimento dos seus próprios valores e também do reconhecimento dos valores dos outros povos, na medida em que fossem valores reais, que servissem para a reconstrução, o crescimento e a dignidade do homem.

Os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* foram concebidos na linha de valorizarmos e aceitarmos tudo o que é nosso de bom, dos nossos antepassados, dos antigos (*Vetera)* e os valores novos que vieram das outras culturas. A cultura europeia trouxe-nos novos valores, mas também não é pelo facto do valor ter vindo da Europa que deve automaticamente ser aceite. Deve antes ser criticado e na medida em que é positivo para nós o aceitarmos. Se não serve para a nossa construção, para o nosso crescimento não o vamos aceitar.

P. – Como é que começaram a funcionar?

Pe. GNS – Funcionavam à maneira de «*Weekend*», portanto aos fins-de-semana. Os participantes iam para o centro de experiência, que era a própria Missão de Lucula, à tardinha de sexta-feira e aos sábados é que era o primeiro dia das actividades, que englobavam o domingo com liturgia e outras actividades dominicais. Na 2.ª feira de manhã, havia a outra parte das actividades e à tarde voltavam para as suas aldeias, porque eu também insistia na necessidade de as pessoas não esquecerem o factor trabalho.

P. – A sua intenção foi imediatamente compreendida?

Pe. GNS – No princípio as pessoas diziam que o Gabriel estava a fazer uma coisa que não tinha muito interesse e que os participantes fugiam aos duros trabalhos dos campos para irem divertir-se na Missão. Mas eu dei a entender o contrário. Insisti na noção da necessidade do trabalhador, no valor do trabalho e hoje posso orgulhar-me de ter conseguido esse objectivo. A partir dessa altura, as pessoas passaram a trabalhar mais e não só as pessoas que participavam dos cursos, mas o exemplo delas incentivou na área o espírito do trabalho. Podemos dizer que ainda hoje é uma das áreas com mais actividades no campo agrícola – a do Lucula Zenze –, graças à experiência dos Cursos *Nova et Vetera.*

P – Sendo católico e padre e sendo a experiência dos Cursos de iniciativa pessoal, uma iniciativa que se podia catalogar de «nacionalista» pelo muito que tinha de reivindicação cultural, de defesa e valorização de uma cultura que a Igreja, pela relação privilegiada que tinha com o poder colonial, não reconhecia direito de cidadania, como é que ela foi recebida pela cúpula da Igreja Católica?

Pe. GNS – A Igreja logo no início aprovou a experiência sem reticências. Aprovou a experiência porque era mesmo um apoio à própria evangelização. E na pessoa não só do padre, o pároco ou superior da Missão, o Pe. Angelino, mas nas pessoas do Arcebispo de Luanda Dom Manuel Nunes Gabriel, que presidiu a Eucaristia em que nós com o nosso coro actuamos. E ele disse que, francamente, de facto, nunca tinha chegado ao ponto de saber, de imaginar, que se podia, realmente, com o batuque, rezar. Ele, naquele dia, convenceu-se de que nós rezávamos utilizando os instrumentos africanos em missas e que ele próprio também rezou, e por isso chamou-me à porta no fim da Eucaristia. Foi na missa de Cabinda em 1972; deu-me um apoio financeiro para continuar a fazer as investigações como estava a fazer, não só no campo da liturgia como no da cultura e no campo da promoção humana e social e religiosa que estava a promover na Missão do Lucula Zenze.

P. – ... E da parte das autoridades administrativas, também não houve problemas?

Pe. GNS – A PIDE andava atrás dos Cursos *Nova et Vetera* e houve uma altura em que se estava para fechar essa experiência, porque a PIDE desconfiava que era uma experiência reivindicativa.

P. – Esse voto de aprovação do Cardeal acontece em 72. Quando é que os C. I. Nova et Vetera *começaram, exactamente?*

Pe. GNS – Os Cursos começaram em 1970. Em 1971, o arcebispo emérito de Luanda, D. Eduardo André Muaca, que era nessa altura Bispo Auxiliar de Luanda, foi das pessoas que mais se entusiasmou pelos Cursos, a ponto de nos orientar para organizações internacionais como a Missio, para nos apoiar no campo da investigação.

P. – A preocupação dos Cursos era como que uma certa viragem no rumo das coisas, uma espécie de paragem e ruptura. O Pe. Gabriel considerava que dentro da Igreja Católica havia valores a questionar inadequados ao desenvolvimento do homem?

Pe. GNS – Era um dado novo, na medida em sem eu utilizar os meios normais de propaganda, seja o Jornal ou a Rádio, as pessoas começaram a correr para a Missão do Lucula Zenze, idas de Luanda e de outras partes para ver a experiência na medida em que o facto tinha muito de novo. As palavras próprias da experiência *Cursos de Iniciação Nova et Vetera*, tinham sentido, na medida em que nós não aceitávamos globalmente valores antigos por serem valores antigos, deviam ser criticados, avaliados e aceites na medida em que fossem valores perenes, capazes de servir o progresso e a dignificação do Homem.

Dos novos valores que continuavam a chegar das outras culturas, particularmente da Europa, não o devíamos aceitar pura e simplesmente, deviam também merecer um crivo, temos uma palavra em *Ibinda-Isosolo*, que significa mais ou menos o *«Passador»*, portanto todos os valores deviam passar pelo «*Passador»* e não podiam ser aceites só pelo facto de virem da Europa, mas criticados e aceites na medida em que eram valores para o crescimento do homem, para a dignificação humana.

P. – Como é que os Cursos estavam estruturados?

Pe. GNS – Tínhamos uma direcção, mas o órgão importante era o secretariado. Eu próprio era o secretário e tinha à minha volta os anotadores – 1.º, 2.º e 3.º anotadores –, que me ajudavam em muitas actividades; depois tínhamos os departamentos. O Departamento de Economia, muito importante para qualquer funcionamento das coisas; tínhamos o Departamento de Educação e Cultura, tínhamos o Conselho dos Cursos, que se reunia mensalmente para avaliar o trabalho e tomar decisões. Vinham a seguir as sessões e essas secções eram várias disciplinas em que se enfarinhavam os Cursos *Nova et Vetera*, como a sessão de culinária e nutrição, secção de serviço doméstico, sessão de higiene, saúde e educação sanitária, sessão de agricultura e pecuária, alfabetização era outra, e a comissão das celebrações, que actuava no fim do ano, envolvendo todo o povo na experiência para ter consciência das descobertas feitas durante o ano.

As celebrações levavam uma semana inteira e a elas acorriam gentes idas de Luanda. Havia também a Comissão da Hospitalidade que recebia as pessoas e sabia receber gente, para que as pessoas se sentissem à vontade e tínhamos, além disso, brigadas de educação permanente. Porque me tinha apercebido que a educação nunca devia ser definitiva, que estava sempre em evolução. Então, saíamos, de vez em quando para as aldeias e fazíamos uma espécie de acampamento, e durante os dias que durasse, a aldeia convertia-se no *Centro dos Cursos Nova et Vetera*, em que ensinávamos tudo aquilo que era dado na Missão.

Foi uma experiência muito linda, sobretudo porque também explorávamos muito os nossos valores no campo da medicina tradicional. Havia gente que tinha um certo receio de revelar os segredos dessa medicina, mas utilizando uma política de aproximação revelaram-nos muitas plantas medicinais. Infelizmente, com a desordem que houve, muito desse material foi destruído, desapareceu, tornando-se difícil a sua recuperação. Também fizemos muitas buscas no campo da *música africana* e foi a partir daí que eu pude compor, além da missa em latim, as três missas solenes em ibinda, que foram cantadas durante muito tempo, agora não com tanta frequência, por causa desse conflito de gerações. As novas gerações estão a conceber que tudo o que é antigo já não tem valor e só a novidade é que conta, mas a história depois há-de repor as coisas no sentido.

P. – Nesses primeiros anos, a experiência circunscrevia-se exclusivamente a Cabinda ou teve a possibilidade de ser ensaiada noutros pontos do território angolano?

Pe. GNS **–** Não. Houve passos na Kibala, com o padre César Viana, que está agora na Diocese do Sumbe. Foi um dos adeptos que se entusiasmou com a experiência e fez um ensaio na Kibala. Quando fui à Kibala, fui recebido como o criador dos Cursos *Nova et Vetera*, com muitas honras. Sei também que a mesma experiência foi ensaiada em Mbanza Congo, então São Salvador, pelo Padre Álvaro Mvovi. Não sei até que ponto chegou de avançar, mas a experiência de Kibala resultou.

P. – Voltando um pouco atrás. Sr. Padre, a introdução do batuque e de outros instrumentos musicais tradicionais na Igreja Católica era uma heresia naquele momento. Esse seu exemplo pode considerar-se pioneiro ou já tinha precedentes?

Pe. GNS – Não vou dizer que seja pioneiro. Nesse campo, estavam muito avançados os irmãos zairenses. Muito avançados que já tinham até pessoal muito preparado a nível de formatura, a nível de doutoramento em liturgia, como o próprio bispo, natural de Boma. De modos, que não posso dizer que nós fomos pioneiros.

P. – ... Mas em Angola, Sr. Padre?

Pe. GNS – Aqui creio que sim, mas só talvez no sentido de uma organização, não digo ordeira, mas aceitável: porque havia muitas pessoas a tocar de qualquer maneira os batuques numa desordem completa, conforme, aliás, está a acontecer agora, se repararem. Entra-se numa Igreja e sente-se que as pessoas se tocam de tal forma que não há piedade, não há aquele espírito religioso, que é sagrado; perde-se a noção do sagrado perante o rufar dos tambores e depois os ritmos são sempre os mesmos.

Nós tínhamos chegado de facto a criar uma série de ritmos. Inclusivamente, tínhamos na nossa posse nove (9) formas diferentes de tocar e assim, de facto, a música nunca cansava. As pessoas que assistiam às nossas missas, mesmo gente europeia, deliravam com as nossas missas e iam da cidade de Cabinda a Lucula, que são 75 quilómetros, para assistir a missa dominical. Os próprios europeus, em vez de ficarem na cidade, iam, porque encontravam uma novidade e algo que lhes dizia também qualquer coisa de novo.

E ia dizer que não somos nós também os pioneiros, porque já na altura da canonização dos mártires do Uganda, em 1964, pela primeira vez na história da Igreja Católica, os instrumentos africanos, nomeadamente o batuque, foram admitidos e se pôde ouvir «*a aleluia cantado*» na *Basílica de S. Pedro* pelo coro que foi do Uganda. Esse coro cantou «*a aleluia*» com instrumentos africanos, entre os quais estava o batuque. O que nós fizemos, creio que foi aprofundar, dar um sentido mais científico a essa cultura.

P. – Qual foi o comportamento dos Cursos Nova et Vetera nos últimos 20 anos?

Pe. GNS – Durante estes 20 anos, funcionaram na sombra, mas também creio que funcionámos em pleno, porque pessoalmente, e as outras pessoas também confirmam, sem os Cursos *Nova et Vetera* não seria ou não me sentiria realmente realizado como sacerdote, como me sinto hoje. Também sem os cursos não teria dado o contributo que dei como refugiado para fundar o Centro Pastoral (no Zaire), onde pusemos a funcionar uma série de instituições, sendo entre elas uma escola e um seminário e a assistência que se deu aos refugiados. Ajudei a fundar um Centro Pastoral, reconhecido e aceite em todo o mundo, inclusivamente pela Santa Sé. Ali chegamos a ordenar um padre e muitos dos seminaristas, ao regressar à terra pátria, hoje são padres. Isto quer dizer que na sombra o mesmo espírito continuou a funcionar É que depois de termos descoberto uma vivência mesmo que as situações mudem, nós não mudamos, sobretudo quando estamos convencidos de que aquilo é um valor nós continuamos a pensar e a actuar a partir dos valores que nós assimilamos. É assim

como vão os Cursos *Nova et Vetera* numa hibernação, mas é nessa hibernação que estamos a fazer estas coisas todas: a publicação do Método, do Guia de Alfabetização e de outras coisas, com a possibilidade de voltarmos a vir à tona da água.

P. – E agora, Sr. Padre, que perspectivas para os Cursos Nova et Vetera*?*

Pe. GNS – As perspectivas são as mesmas de quando começamos. A nossa preocupação era a de ajudar o homem a crescer e a dignificar-se. E o homem não chegará nunca a atingir a sua maturidade, a sua plenitude, senão cada um no termo da sua vida. Portanto, as perspectivas são muitas. Só vejo que os C. I. *Nova et Vetera* não podem funcionar, naturalmente, num ambiente de tensão e de guerra. Só uma paz real pode facultar os Cursos *Nova et Vetera* dar aquilo que podem dar ao povo. Há uma nova situação, mas só um espaço humano é que ainda não favorece. Neste momento da candonga, neste em que as pessoas só pensam no imediato e não estão voltadas para os valores humanos, é um bocado difícil tornar a reactivar esses cursos, mas somos e continuamos a ser homens de esperança e vamos esperar.

P. – Na esteira dos Cursos nasceu uma ideia de fazer-se um livro, o que agora vai ser ou já é uma realidade. Que significado atribui à edição Guia *e do* Manual de Alfabetização, segundo o Método *Inongo Nongo?*

Pe. GNS – São duas as obras que se complementam e corporizam o ideal dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*. É um contributo para nós, para o nosso povo, até para toda a África, na medida em que, suponho eu, poderá levar outros povos africanos a fazer uma adaptação, ou tradução das nossas ideias. Porque alfabetizar não era alfabetizar por alfabetizar; era um instrumento de trabalho, e eu dizia e repito, uma janela aberta para a cultura. Através da alfabetização nós queríamos levar o homem a ter o mundo na mão. Ajudá-lo a descobrir os seus próprios valores e os valores dos outros e assim acelerar o seu próprio desenvolvimento, porque alguém disse e com muita razão, a cultura é o suporte de desenvolvimento e que não há desenvolvimento sem cultura, mas também vejo, nas nossas condições, cultura sem alfabetizar fica a perder muito. A escrita ajuda a sustentar a cultura, para que a cultura não pereça, não sofra muitos desvios ou mesmo desapareça por falta de escrita. Passando-se da oralidade para a escrita há de ajudar «-nos muito. Então, o «Método» parte da cultura do meio onde eu nasci, onde eu cresci e depois de padre passando por Luanda e outros lugares. De facto, creio que outros povos poderão encontrar coisas iguais ou semelhantes, sobretudo, os povos bantu, porque muitos valores são comuns.

P. – Qual a diferença substancial entre o Guia *e o* Manual*?*

Pe. GNS – No princípio, eu tinha ideia de que ambos fossem um único livro, mas depois viu-se que não dava. No «Manual» estão as orientações a «Carta-Prefácio» e está «A PALAVRA QUE FALTAVA», onde eu explico como cheguei à realidade. Depois, vem a didáctica e há testemunhos de pessoas que viram a experiência no seu funcionamento. Isto é que «Manual». Depois tem o corpo do «Método» agora chamado «Guia de Alfabetização». Não são duas coisas diferentes, mas complementares. O «Manual» é que introduz o «Guia». O «Guia» sem o «Manual» é um livro vão sem chave. O «Manual» é a chave do «Guia de Alfabetização».

P. – O que se entende por Método Inongo Nongo*?*

Pe GNS – Em *Ibinda* há uma maneira de se formarem os diminuitivos. Por exemplo, *Nongo* – provérbio; *Inongo Nongo* – Proverbiozinho, porque o «*i*» funciona como diminutivo a outra forma que reduz muito mais a palavra é *Inongo Nongo*, que significa peque provérbio.

Meditando bem e nisso eu nunca me afastei da nossa cultura: quando miúdo eu via e vejo ainda hoje como resolviam ou resolvem os «*mambo»*, como se faziam os funerais, mesmo estando no Seminário sempre acompanhei essas situações, e achei que o povo sempre estava em plena escola. Todo espaço era, espaço de

aprendizagem que também no ensino era incisivo; pequenas coisas que iam dizendo e o povo estava sempre aprendendo. No *Inongo Nongo* eu aplico também mesmo sistema de, através de pequenas coisas, deixar voz as pessoas a descobrirem por elas próprias o mais essencial, por isso que nós dizemos «Cursos de Iniciação», quer dizer que nós só iniciamos, só damos o pontapé de saída para cada um depois, realmente avançar. Eu creio que muita gente seguia dessa experiência e que avançou muito. Toda gente se sente como outra e honrada por ter sito membro dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*. Eu mesmo, sendo padre, aprendi muito do povo e através das investigações que fomos fazendo em grupo valorizou mais o meu sacerdócio.

P. – Com os seus livros todas as línguas faladas em Cabinda ficam sob a designação única de «Ibinda»? Como vai ser o «Ifiote» que está padronizado e é que circula até na Comunicação Social?

Pe. GNS – De facto, o termo «*Ibinda»* vem substituir a palavra «*Ifiote*». Houve um grande angolano, o Mingas, também estava preocupado para encontrar uma palavra que viesse a substituir a palavra *Ifiote* ou *Fiote*, porque se diz *Fiote* compreendia o povo todo de Cabinda de Miconje ao Yema e de Massabi ao Lucula Zenze. O Ibinda, de facto substitui o *Fiote*. Essa palavra tem dois sentidos pode significar pessoas é bem também por isso; é que nós os negros, todos os negros de África somos *Ba-fiote*. Eu sou *nfiote*, o senhor também é *nfiote.* Ora bem, todos negros de África não falamos o *nfiote* temos uma diversidade de línguas. Então ao designar a língua dos negros de Cabinda com a palavra *Fiote* vimos que havia falta de propriedade do próprio termo. Foi a partir daí que nós nos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*, particularmente o Gabinete de Estudos e Aplicação se debruçou a encontrar uma palavra – o velho Mingas chegou até a utilizar a palavra *Oyombe*, para apanhar o *Iwoio* de baixo, a fala aqui do Sul mais a Sede e mais o *Iyombe*, lá do Norte. Mais existe ali também os *Akuakongo* ou *Bakongo*, há os *Bakotche*, os *Balinje* e depois os *Basundi* lá mais ao Norte. Os Missionários fizeram o catecismo que foi aceite e entende-se em todas as partes de Cabinda. Ora se eles conseguiram isso é porque, de facto, nós entendemo-nos de Norte a Sul. Uma língua que faz uma certa diferença é o *Kisundi*, mais é uma pequena parte que está em Cabinda a maioria está no Zaire. O *Ilinji* se entende perfeitamente. Há *nuances* do *Iyombe* de Cabinda que um bocado diferente do *Iyombe* do Zaire e, então, a partir dessas realidades começamos a questionar-nos: mas então, vamos fazer quantas gramáticas, quantos dicionários para uma região de 7.200 Km2 quer dizer é pulverizar praticamente tudo. E então partindo da palavra Cabinda comecei a raciocinar: *Tsissi-Kabinda* a fala da gente de Cabinda, e depois, fazendo a evolução fonética *Tsissi-Kabinda* vem dar Ibinda.

Eu fico contente porque estando no Zaire, precisamente no Tshela que é uma região próxima de Cabinda, nos diziam que nós éramos *ba-binda* que no singular é *Ibinda*. Olha está ali um *mbinda*! Quer dizer homem de Cabinda. Então nesse caso eu concluí que não tinha saído das regras gerais porque eles próprios já nos chamavam *ba-binda, mbinda* então a língua é *Ibinda*! Essa palavra foi aceite sem quaisquer reticencias na Igreja. Inclusivamente na segunda Semana da Pastoral, o Sr. Bispo de Cabinda, D. Paulino proclamou que o *Ibinda* passaria a ser a língua da liturgia. Como sabe há sempre os atrasados que não aceitam rapidamente as novidades, mesmo que sejam novidades cientìficamente baseadas. Há sempre reticência, mas perante essa evidência não sei se ainda continuará a haver resistência para as pessoas que são honestas e que tem realmente vontade de se encontrar a si próprias. É que a palavra *Fiote* faz uma confusão. Creio que também um dia outras regiões de Angola terão o mesmo problema. Ao começar a interrogar-se sobre o nome da língua que é diferente da que os antigos tinham mais que a era colonial adoptou para designar os indivíduos de raça. Muitas vezes, significa o negro fala a língua negra. Nós não dizemos que o branco falo o branco, mais dizemos isso, pelo que não aceitamos que o negro esteja a falar o negro.[12]

[12] Cf. *Jornal de Angola*, Vida & Cultura, Suplemento Semanal de Artes, Letras e Ideias, Ano 21, n.º 6.900, Domingo, 29 de setembro de 1996, 10-12.

ANEXO 9

CONFERÊNCIAS DO PADRE GABRIEL

Nos documentos manuscritos dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*, encontramos três conferências que ele proferiu no Centro de Conferências de Simulambuco. Considerando a importância dessas conferências, reproduzimo-las como as redigiu, a fim de compreendermos a linha do pensamento do fundador dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*, principalmente, porque não chegaram a ser reproduzidas em nenhum jornal.

A TESE «ÁFRICA PARA OS AFRICANOS» PODERÁ APLICAR-SE AUDACIOSAMENTE À IGREJA AFRICANA?

ENSAIO DUMA RESPOSTA (20/1/1988)

O *slogan* que fazendo correr rios e rios de tinta, nas décadas dos anos 50 e 60 criou medições que fizeram esta África dos nossos tempos com todas as suas dúvidas e certezas, derrotas e vitórias, sonhos e pesadelos, resumia-se nestas poucas palavras: ***África para os africanos***. Era o grito do Ipiranga da Negritude. Era de cariz política e nascera da revolta de séculos dos Povos Africanos contra a assumida pelos intelectuais africanos de então.

O *slogan* era de ordem política, mas não deixava de ser também de ordem económica, social, ética, e religiosa, na medida em que o colonialismo se tinha implantado em todos os sectores da vida dos povos colonizados.

As elites políticas africanas, apoiadas na magia desta palavra de ordem «***África para os Africanos***» lograram a libertação política da África que só uma tendenciosa interpretação e aplicação do princípio precipitou para situação em muitas partes não menos dolorosas que as da era colonial. A independência é um dado natural, que sempre chega, quando se completam os tempos. A precipitação prepara o desastre como a recusa embora na alienação. Houve independências precipitadas como as houve recusadas. Todos nós somos testemunhos dos males que tanto uma como outra situação trouxeram.

No bom sentido «***África para os africanos***» era unicamente no campo de poder, de ter e de ser a interpretação do poder, de ter e de ser. Era a interpretação do poder, do ter, e do ser que causou à mesma África os piores males. Do totalitarismo ao anquilosamento da África para os africanos não deveria significar com os estrangeiros apropriaram-se do seu Deus.

A partir do princípio «***África para os africanos***» as políticas fizeram a sua experiência para não dizermos as suas experiências. Por festa de poder real, cuja análise nos levaria muito longe, temos esta África que muito bem podia ser outra África efectivamente nova e nossa.

Os políticos tentaram. Se lograram êxitos em campos muitos precisos, falharam noutros. Para a igreja que se não pode pôr à margem do processo histórico de África sem se demitir, a lição da descolonização política deste continente diz-lhe tanto respeito como lhe diz respeito o seu próprio futuro numa África saída do colonialismo.

A preocupação duma Igreja Africana nasce daí. Embora não haja dúvida de que a mensagem evangélica não se identifica com nenhuma cultura, transcendendo-

as todas, o que é certo é que a sua proclamação só pode ser assumida definitivamente por um povo profundamente ligada a uma determinada cultura.

O sim que se diz ao Senhor na profissão da fé não é feito senão através da cultura. Ninguém, pois, ousará pregar a real interacção que existe entre a vida e a cultura, como entre a fé e a vida. Daqui se infere que a inculturação do evangelho, definida como sendo o enraizamento do cristianismo na cultura africana é determinante para todo o processo do futuro da igreja africana no que se vem trabalhando há tempos para cá.

No princípio com algum receio e nestes últimos tempos com certa ousadia a igreja de Roma para o processar normalmente do advento e a afirmação duma igreja africana capaz de viver a sua fé sem trair a Cristo nem a África. A igreja africana deverá ser uma igreja com todas as suas potencialidades e possibilidades. Sem complexos. Uma igreja que indo buscar à sua cultura todos os *«Semina Verbi»* será capaz de ser sacramento da comunhão com a mensagem evangélica do homem africano. Uma igreja que deixa de se ajoelhar todo o tempo para pedir e receber para também passar a dar.

Os agentes dessa igreja mais que os missionários serão os próprios africanos eclesiásticos e leigos como intermediários natos entre a cultura do seu povo e a mensagem evangélica. O missionário continuará a ser um precioso elemento para uma complementaridade e um são pluralismo dos valores e das experiências doutras igrejas. Mas os poderes de iniciativa e de decisão deverão ir sendo assumidos pelos bispos e sacerdotes locais que desta forma preparados para organizar e dirigir todas as instituições da Igreja Africana de amanhã sim. No seio da Igreja Africana que deve reconhecer-se já nasceu o relacionamento do missionário com a mesma deixa de se pôr em termos de poder para se passar a pôr em termos de sincera franca colaboração para o bem comum do povo de Deus que não conhecem fronteiras, nem raças, nem línguas, nem ideologias porque se servem da língua universal do homem que é o amor.

Professando a mesma fé e o mesmo baptismo e confessando o mesmo Senhor a Igreja Africana pode vir a traduzir a fé comum de todas igrejas tanto na liturgia como na teologia, fazendo uso de sinais e símbolos que só são seus. A partir das concepções do Direito Africano, o próprio direito da igreja Africana poderá tomar feições sem ir contra o essencial ou o instável «da fé antes enriquecendo-os». Sim porque nos torna necessário distinguir o conteúdo e a expressão do conteúdo que não é forçoso que seja sempre a mesma.

Foram estas e outras preocupações da Igreja Africana que o Teólogo Vicente Mulago, procurou expôr na entrevista que deu à Revista Missionária Mundo Negro, do mês de Outubro do ano passado, no seu número 302, insistindo sobretudo no papel insubstituível das Igrejas locais e dos Missionários na modelação da Igreja Africana embora a destes últimos não deixe de ser relativo e condicionado às circunstâncias.

Então uma Igreja Africana já amadurecida será capaz de encerrar a organização do já tão falado Concílio Africano que sem dúvida não deixará de trazer muitos frutos para a Igreja universal.

Para aprofundar estas reflexões será útil ler o livro *Les Prêtres Noirs s'interrogent*, a Encíclica *Africae terrarum* de Paulo VI, a Constituição Conciliar *Gaudium et spes*, o Decreto Conciliar *Ad gentes*, a Encíclica *Slavorum apostoli* de João Paulo II sobre a Inculturação do Evangelho, o exemplo dos irmãos Cirilo e Metódio.

Cabinda, 20/1/1988.

Gabriel Nionje Seda[13].

[13] Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera.*

ALFABETIZAÇÃO E AFRICANIDADE

(1-10-1996)

Comunicação do P. Gabriel Nionje Seda no acto do lançamento do *Manual e Guia de Alfabetização segundo o Método* Inongo-Nongo*,* que decorreu no Centro de Conferências de Simulambuco, a 1 de Outubro de 1996, na cidade de Cabinda.

* * *

Começo para agradecer a presença da Sua Excelência, a Senhora Ministra da Cultura, Dra. Ana Maria de Oliveira, para presidir à cerimónia do lançamento do *Manual* e *Guia de Alfabetização em Língua Ibinda, segundo o Método* Ingongo Nongo, que encerra as celebrações do vigésimo quinto aniversário da fundação dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*. Desta maneira, pode ser testemunha ocular do valor do seu esforço e ter a satisfação de missão cumprida, como membros de direito dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*!

Agradeço também a presença e colaboração sem medida do Director do Instituto Nacional do Livro e do Disco, INALD, Dr. Arlindo Isabel e bem assim a presença do Director do Instituto de Línguas Nacionais YLM, Director, Dr. Zavoni Ntondo e do Director José Pedro, linguista do Ministério da Cultura.

Agradeço, finalmente, a presença da Sua Excelência o Senhor, Governador de Cabinda, Engenheiro José Amaro Tati, de Sua Excelência e Reverendíssima o Sr. Arcebispo de Lubango D. Manuel Franklin da Costa, de Sua Excelência e Reverendíssima o Sr. Bispo de Cabinda, D. Paulino Fernandes Madeca, dos membros da delegação do Ministério da Cultura, dos representantes do Clero e Comunidades Religiosas dos membros do governo local, e bem assim dos distintos convidados.

1.º O acto que, neste momento, nos é dado assistir, é, no meu entender, uma etapa notável da confirmação da consciência daquilo que somos e daquilo que ainda podemos ser nos caminhos de busca de nós mesmos e das nossas potencialidades novas e velhas «*Nova et Vetera*», palavras com ressonância eterna, porque bíblicas (Mt. 13, 51-52).

Com efeito, o acto na sua grandeza, não é só a proclamação da descoberta do Método de Alfabetização *Inongo Nongo*, mas também a consagração da experiência global que viu nascer na primeira metade da década de 70, no seio do nosso próprio meio e próprio Povo – família, comunidade e igreja-experiências que são da sociedade, os *Cursos de Iniciação Nova et Vetera*, como resposta, entre outras, a uma série de inquietações, vividas e sentidas então, colectivamente, no campo social e do religioso, com as suas implicações e incidências na vida das pessoas e da sociedade.

2.º A busca de um Método de Alfabetização acessível, prático, que servisse de eixo, de suporte aos ideais por nós preconizados nos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*, culminou com a descoberta do Método de Alfabetização baptizado com o nome de *Inongo-Nongo*, em homenagem aos espíritos de culto da sabedoria de toda a antiguidade clássica africana, apoiada na Pedagogia da Escola aberta permanente, desencadeante e envolvente no espaço e no tempo, perante o qual me inclino como fonte de inspiração e ponto de referência.

Uma tal descoberta facilitou-nos o processo de pesquisa e crítica dos valores em grupo para depois assumi-los e transmiti-los uma vez que nos levou a descobrir no *nongo* (provérbio) o desencadeamento e desfecho de toda a busca. A essência do *nongo* das palavras em língua *Ibinda*: *unonga* (apanhar, recolher) e *unongana,* (ter atingido) abriu-nos o mar da criatividade de que se tornaram fecundos. Os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*, dando-nos as mãos uns aos outros, na caminhada da

comunidade em demanda do bem, da verdade e unidade que integram o homem, o mundo e a natureza.

3.º A Alfabetização, segundo o Método *Inongo Nongo*, parte de três dados:

3.1. A *escrita ideogramatical* (Père Alphonse Bittremieux, CICM, Scheutista belga) ou *ldeografia* (Padre Joaquim Martins, CSSP, Espiritano Português) radicado pelo Povo de Cabinda e pelos Povos vizinhos e disseminada em instrumentos de uso comum ou de adorno, como textos de panela, esteiras, sextos, bilhas de água, tatuagens, cabaças, chocalhos e paredes de casa de juncos.

3.2. A cosmovisão simbológica do mundo e da natureza, dado adquirido da filosofia africana dos valores.

3.3. E a hipótese de trabalho da convenção fenícia avançada pelo GPA / C. I *Nova et Vetera* – Gabinete de Pesquisa e Aplicação dos Cursos de Iniciação, rumo à criatividade libertadora, que é a cultura ordenada para o desenvolvimento harmonioso e progressivo do homem e do seu meio.

É assim que a visão gera a penetração e, por sua vez, a penetração gera a cultura. No nosso caso, começamos por o que é (d), passamos para o que sugere (d) e terminamos pelo como se constrói.

Prima o Método *Inongo Nongo* pela eficácia comprovada nos resultados e pela economia do tempo e do espaço: 36 horas espaçadas em 12 semanas (tempo de duração de um curso de fim-de-semana) foram suficientes para fazer entrar um analfabeto no mundo dos não analfabetos.

Nota bem O anotador Xavier Fiti, ultimamente, praticou uma proeza de iniciar uma criança na ciência, arte de ler e escrever em três dias.

4. A guerra paralisou, estrangulou a experiência no terreno:

– Com a destruição do centro-piloto em pleno funcionamento na Missão Católica do Lucula Zenze, distante de 75 km daqui e a dispersão do povo e dos seus quadros. Mas converteu-se naquilo de Cristo: «*se o grão de trigo, lançada à terra, não morrer, permanece só; mas se morrer, dá muito fruto*» (Jo 12,24). Foi e é ainda o tempo de deserto da experiência, por sinal, fecundo por aquilo que nos tem sido dado observar até ao momento.

5. Podem-se invocar outras causas além das acima citadas para explicar o atraso da obra já pronta para publicação em 1974:

– a perda de documentos e textos de base;

– o trabalho de reconstituição da obra em circunstâncias penosamente difíceis e condições sub-humanas.

O patrocínio dos Ministérios da Cultura e do Governo da Província de Cabinda pôde tornar possível agora a publicação na obra.

6. Actualidade do Método:

24 anos depois, será que se pode ainda considerar o Método actual?

A descoberta como descoberta traz sempre consigo o selo de perenidade. Mais ainda: o analfabetismo não só não foi vencido mas reconquistou as antigas áreas de domínio e mais se alastrou, nomeadamente, nas áreas rurais e suburbanas, sobretudo, desta nossa querida Mãe-África, porque a alfabetização ou é ou não e funcional, pois, a funcionalidade ou não funcionalidade da mesma afere-se da sua grande participação na veiculação da cultura em ordem não a um desenvolvimento mas ao desenvolvimento.

Os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* tinham chegado a esta conclusão, por isso, fizeram da alfabetização não um fim, mas um meio, um simples instrumento de trabalho, embora dos mais importantes, talvez insubstituível.

Daí a possibilidade de contributo ainda válido do Método, pelo seu alcance e penetração, no nosso caso para o despertar real das consequências e culturas dos Povos Africanos em continuada crise de identidade e até em risco de genocídio. Por isso, deixo aqui uma palavra solene de convite aos filhos e filhas, amigos e amigas da África para continuarem a investir o melhor de si mesmo numa cultura que liberte e salva a África e não que afunde a mesma África, quando, na suposta criatividade

se envereda pelos caminhos de alienação, de exotismo, excentricidade, extravagância e novidade por novidade.

A cultura quando é cultura é sempre uma ponte para o diálogo com outras culturas. Porque ou a África encontra o segredo do seu desenvolvimento e progresso real na descoberta ou redescoberta da (s) sua (s) cultura (s) para um confronto dialéctico, vital, com as outras culturas, com a vida, ou acaba por cair na desorientação, confusão e marasmo para não falar na morte e no desaparecimento. E o juízo da história será implacável.

Termino estas minhas palavras com as palavras sábias do poeta mauriciano Raymond Charles: «A chave que abre as portas de uma vida plena só se pode chamar cultura: cultura dimensão humana do desenvolvimento. Desenvolvimento, fim último da cultura. A cultura bem entendida é isto: interacção entre o homem e o meio ambiente.»[14]

Muito obrigado. Centro de Leitura e Reflexão Francisco de Assis, Cabinda, 1 de Outubro de 1996

Gabriel Nionje Seda[15]

[14] Cf. Charles Raymond, *Contribuição da Fundação para a Cooperação Cultural*, ACP-CEE, cit. Fontes Unesco, n.º 25 de Abril de 1991, 9.

[15] Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera.*

UM ESPAÇO PARA O MÉTODO *INONGO-NONGO*

(24-6-1998)

Autor: Gabriel Nionje Seda.
Data: 24 de junho de1998.
Lugar: Auditório do Instituto Politécnico de Cabinda.
Título: Um espaço para o Método *Inongo-Nongo*.

1. *Um Espaço para o Livro* – Se formos suficientemente honestos não nos será difícil aceitar que, na nossa terra, há falta de reflexão, e, sobretudo, de reflexão crítica, ia a dizer, profunda. E onde há falta de reflexão facilmente se deixa de escrever ou mesmo se não escreve. E não existem livros ou deixa de os haver.

Mas são os livros que fazem os leitores. Livros e leitores, sim! Porque para onde se iria parar com livros sem leitores ou leitores sem livros?

Os livros, na feliz expressão de alguém, são os mestres mudos. Destacados dos demais mestres, são os mais acessíveis, porque mais disponíveis. Eliminam a distância no tempo e no espaço. São eles que tornam possível a convivência e comunhão do passado com o presente e do presente com o futuro. Será, então, uma pura divagação. Talvez, mas necessária diante do desastre que é o espectáculo sem fascínio da multidão que se move à nossa volta de costas voltadas para os livros que, por sua vez, parecendo envergonhados, se sumiram, inclusive, na sua expressão mais simples e mais acessíveis que são os jornais e as revistas, a cujos recortes só temos acesso através de fotocópias de curiosos.

2. *Papel da Alfabetização* – O Conceito de alfabetização vem muito ligado ao «Status» sociocultural do indivíduo em relação ao grupo e do grupo em relação à sociedade e esta, por sua vez, em relação ao seu avanço na linha do conhecimento e tecnologias do tempo, cujas necessidades e interesses variam ou se modificam, consoante a consciência da necessidade de crescimento ou desenvolvimento atingido. Alfabetização ou iletrismo são, pois, conceitos ou realidades muito relativas na medida em que se posiciona perante tipos e níveis de sociedade, cultura e civilização em permanente processo dialéctico.

3. Daí que o analfabetismo e iletrismo podem converter-se em situações inultrapassáveis e crónicas, mesmo quando se tenta combatê-las com uma alfabetização para níveis de cultura e tecnologias mais abrangentes e mais avançadas.

Porque uma alfabetização tal qual vem sendo concebida e praticada aqui e ali, embora com muita boa vontade, está condenada a converter-se, dum momento para outro, em analfabetismo funcional, informático, tecnológico, cultural, cujos resultados serão os mesmos do analfabetismo primário: *ignorância, incapacidade, segregação, alienação.*

«O saber mínimo garantido» da escola de Baudelot e Establet, como franqueamento da porta dourada da alfabetização, perdeu consistência perante os multiformes saberes hoje reclamados, para se estar em dia.

Uma alfabetização funcional, senão multifuncional, é a alfabetização que prepara o alfabetismo para leitura da natureza e da cultura nas suas variantes ou vertentes, nas suas modificações em constante devir. A nosso ver, só esta tem capacidade de se confrontar com os desafios que se põe ao homem para um mundo novo.

4. Para tentar dar resposta à necessidade duma alfabetização para uma cultura aberta, abrangente, nasceu o sistema de alfabetização baptizado com o nome de «Método *Inongo-Nongo*», dentro do espírito de acção dos «Cursos de Iniciação *Nova* ***et*** *Vetera*», que floresceram na primeira metade da década de 70 na Missão Católica do Lucula Zenze, a 75 Km, daqui, hoje, votada pela história dos tempos actuais ao silêncio da acção.

O Método em experimentação, que fará 30 anos no ano de jubileu 2000, nasceu com um objectivo bem definido: *contribuir para a tarefa de pôr o homem de pé*

perante si próprio, perante os outros e perante a natureza, onde o próprio Deus se espelha como espaço privilegiado da sua teofania.

5. O Método *Inongo Nongo* veio à luz num contexto da crise global à escala do planeta. Estamos na década de 70, que segue à explosiva década de 60 e, por sua vez, à década de 50, com os acontecimentos do século que são: a convocação, realização e encerramento do Concílio Ecuménico Vaticano II, a realização da primeira viagem do homem à Lua com a expedição americana, chefiada por Armistrong, precedida pela exploração do espaço pelo russo Yuri Gargarin, a realização da Conferência de Bandung em 1955, onde, pela primeira vez, o homem do Terceiro Mundo tem voz na História da Humanidade; a Revolução de Maio de 1968 em França e o prolongamento, sem sentido, da guerra colonial dos portugueses nas suas colónias.

6. Será que o Método *Inongo Nongo* abriu perspectivas válidas em vista à solução da crise que atrapalhava também o povo de então, onde, pelo menos, se começou a aplicar?

O Método foi pontapé de saída englobado na acção dos *«Cursos de Iniciação «Nova et Vetera»*, que, por sua vez, o foram já pela definição, já pela prática.

O Método não se dissociou do livro pela capacidade que este tem de manuseabilidade, memória histórica e reflexão e por conseguinte, do espírito de leitura.

O Método fez aterragem sociocultural desencadeando um autêntico espírito afetivo pelo crescimento assumido.

Sem um efectivo processo de socialização, a alfabetização mesmo que atinja nível de funcional ou multifuncional está condenada a não avançar porque tráz consigo o gérmen de esterilidade. E o Método intuiu esta realidade quando se debruçou sobre a relação e a associação de que se emprega todo o processo. Para isso, fez recurso à simbologia dos sinais e à sabedoria do povo a que se aplicava. Fizemos uso de provérbios, como estes, sobre os quais reflectimos, profundamente:

– *uyela: uyela i muntu iaku* (se cresce, cresce com os outros);

– *wonsoko muntu, mwe muntu* (todo o ser humano tem dignidade real);

– *ndengene muntu ka mbulisi mbembo ko, ndengene muntu ko* (encontrei-me com alguém que não teve palavra para mim: não me encontrei com ninguém).

Uma alfabetização conseguida é a que prepara o alfabetizado para a multifuncionalidade. Por outras palavras: uma alfabetização só será válida na medida em que prepara o alfabetizando para percorrer, à vontade os caminhos dum mundo que todos os dias nos surpreende com novidades.

Dois espíritos marcam o Método: capacidade de observação e atenção, admiração e imitação que vão embocar no mar da descoberta e da criatividade.

7. Que perspectivas nos abre ou pode abrir o Método «*Inongo-nongo*» na conjuntura actual?

Perante uma mentalidade pedagógica extrovertida, para a qual só é válida a pedagogia pré-fabricada pelos outros para o consumismo, a minha pergunta só pode provocar sorriso zombeteiro.

Mas, insisto, não deixa de ser fenómeno de perseverança no erro…

8. Perante o fracasso de tantos métodos, que já foram aplicados por esta África fora sem que a mesma consiga sair do pantanoso analfabetismo que a aliena cada vez mais, porque não da nossa própria cultura ou culturas para uma nova pedagogia, africana, adaptada à nossa própria realidade actual, uma pedagogia englobante, envolvente, explosiva, que arranque a África não para um desenvolvimento mas o desenvolvimento, porque assente na sua própria cultura, que é mesmo que dizer, na sua própria alma?

9. Vou concluir para me não repetir explorando a filosofia do Método, suficientemente, explicada na minha comunicação aquando do lançamento do Manual de Alfabetização Segundo o Método de *Inongo-Nongo* no *Centro de Conferências de Simulambuco* no dia 1 de Outubro de 1996.

A África não tem futuro se teima em não aceitar as suas verdadeiras raízes ou origens e se teima também em não cultivar a consciência das fontes da sua cultura

ou culturas não só para a sua afirmação mas também para a *«mesa comum do diálogo cultural da Humanidade*» (Augusto Eduardo Kambwa) para o grande «encontro do dar e do receber» (Senghor) em ordem à Civilização do Universal, só possível, quando existirem culturas diferenciadas, autênticas.

Cabinda, 24 de Junho de 1998.

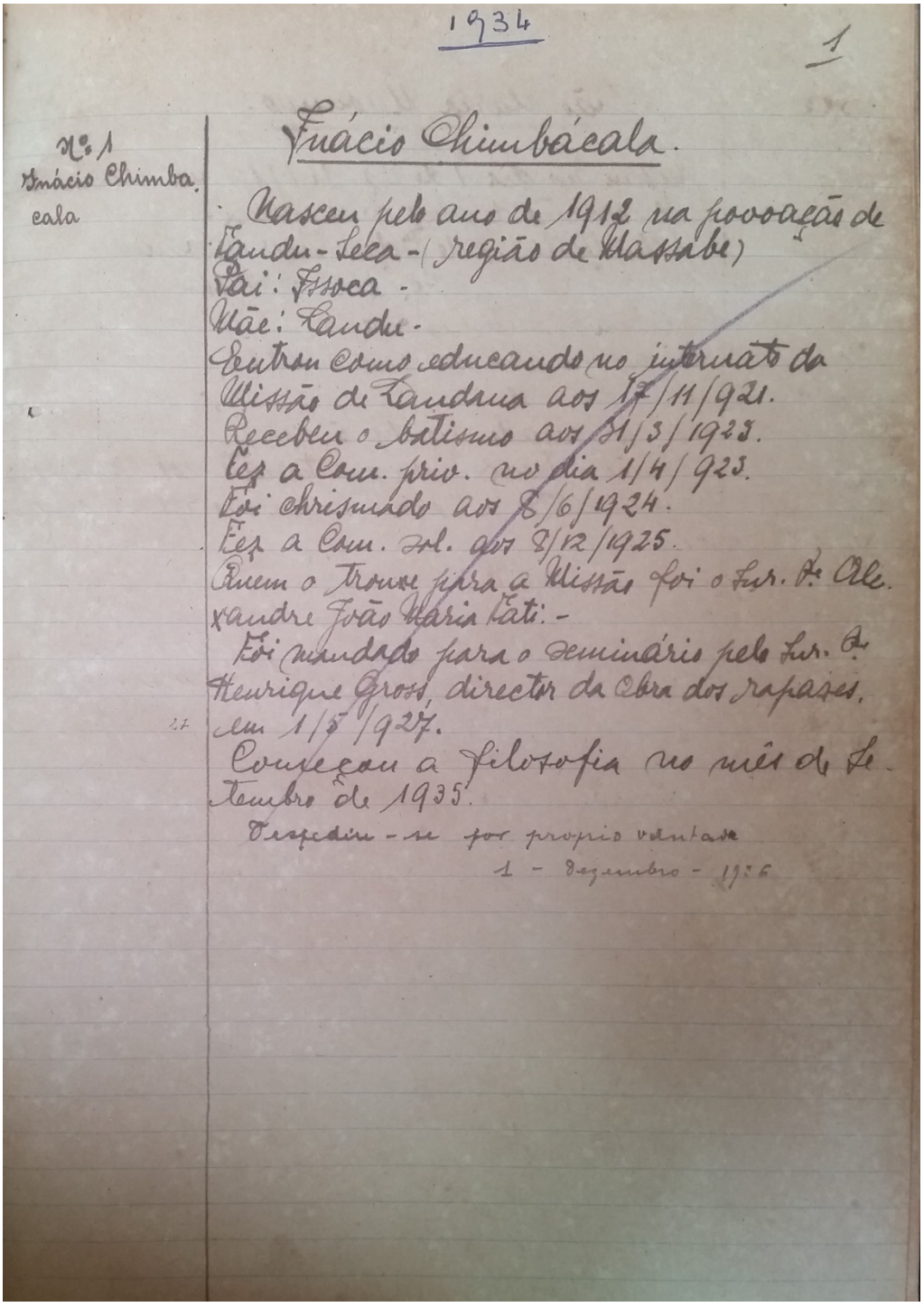
Gabriel Nionje Seda[16]

[16] Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera.*

ANEXO 10

LIVRO I – MANUSCRITO DE MATRÍCULAS DO SEMINÁRIO (1934-1942)

O *Livro I* – Livro Manuscrito de Matrícula dos Seminaristas é de 104 páginas. Fotocopiámos três páginas.



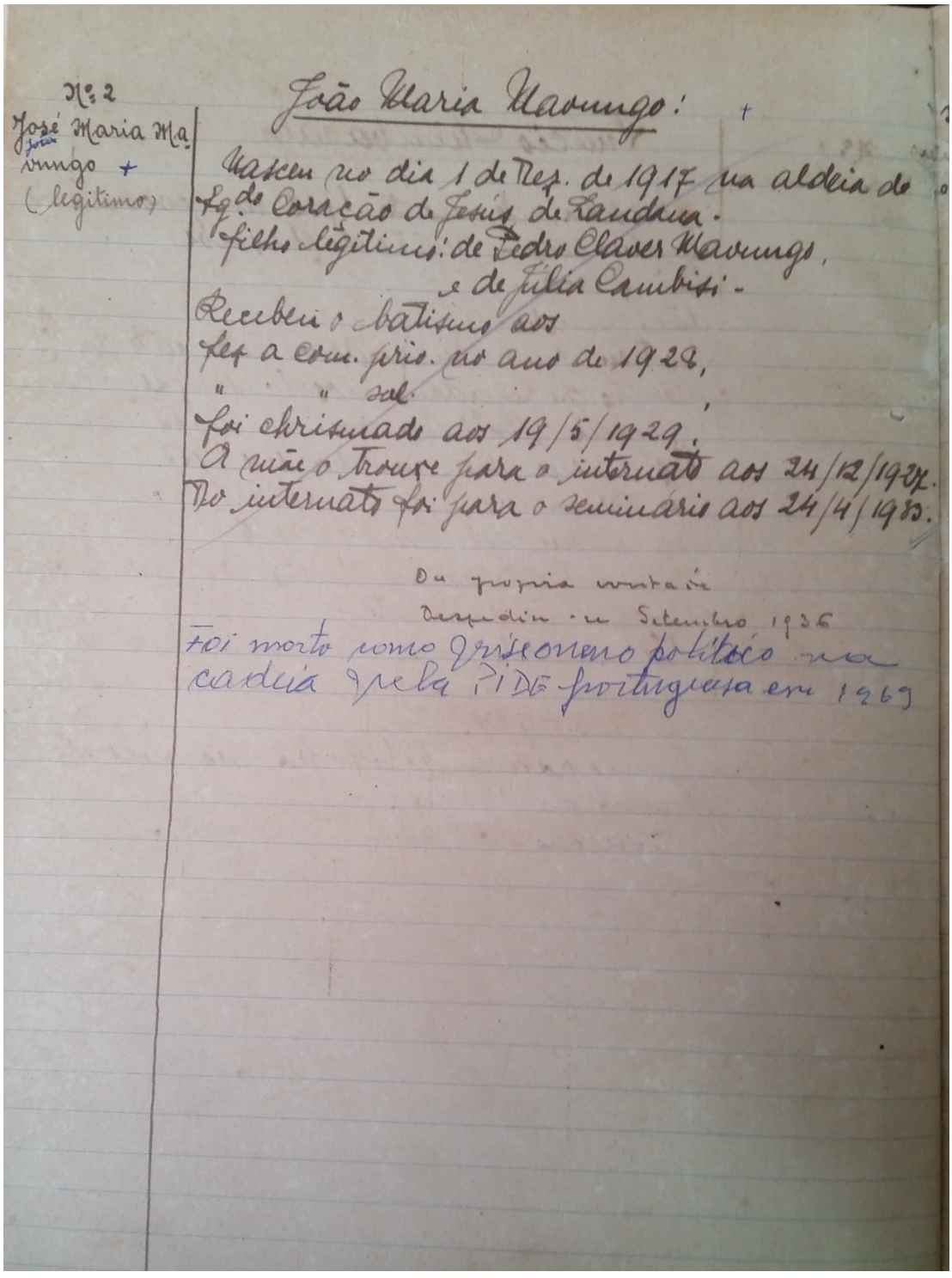
1934 1

Nº 1
Inácio Chimbacala

Inácio Chimbácala.

Nasceu pelo ano de 1912 na povoação de Landu-Seca - (região de Massabe)
Pai: Fisoca -
Mãe: Landu -
Entrou como educando no internato da Missão de Landuma aos 17/11/921.
Recebeu o baptismo aos 31/3/923.
Fez a Com. priv. no dia 1/4/923.
Foi chrismado aos 8/6/924.
Fez a Com. sol. aos 2/12/925.
Quem o trouxe para a Missão foi o Snr. P.e Alexandre João Maria Fati. -
Foi mandado para o seminário pelo Snr. P.e Henrique Gross, director da Obra dos rapazes, em 1/5/927.
Começou a filosofia no mês de Setembro de 1935.
Despediu-se por propria vontade
1 - Dezembro - 1936

Primeira fotocópia do *Livro I* – Manuscrito de Matrículas do Seminário (1934-1942)



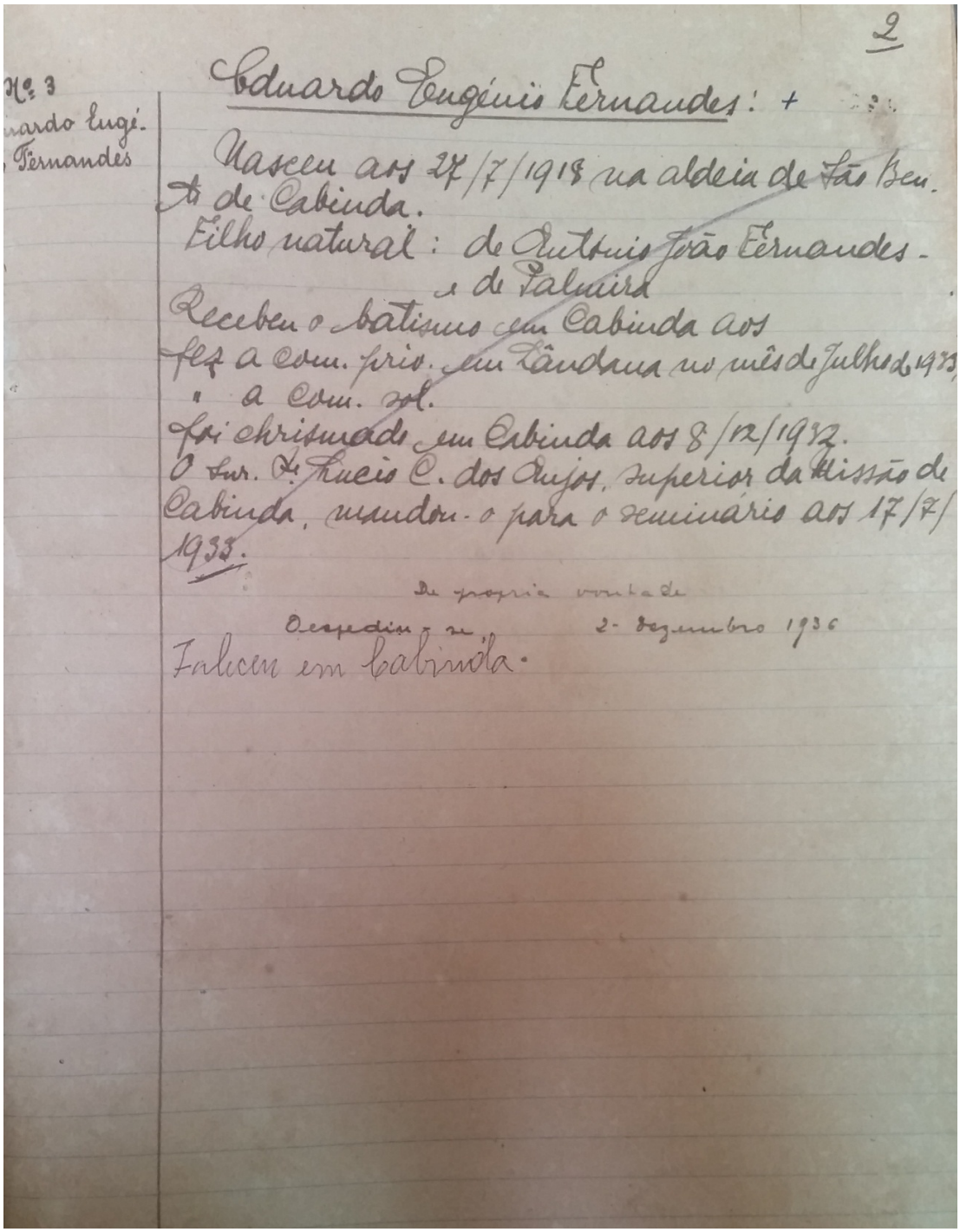
Nº 2
José Maria Mavungo +
(legitimo)

João Maria Mavungo: +

Nasceu no dia 1 de Dez. de 1917 na aldeia do Sg.do Coração de Jesus de Landana.
filho legitimo: de Pedro Claver Mavungo,
e de Julia Cambisi.
Recebeu o batismo aos
fez a com. prio. no ano de 1928,
" " sol.
foi chrismado aos 19/5/1929.
A mãe o trouxe para o internato aos 24/12/1927.
Do internato foi para o seminário aos 24/4/1933.

Da propria vontade
Despediu-se Setembro 1936
Foi morto como prisioneiro politico na cadeia pela PIDE portuguesa em 1969

Segunda fotocópia do *Livro I* – Manuscrito de Matrículas do Seminário (1934-1942)



2

Nº 3
Eduardo Eugé.
Fernandes

Eduardo Eugénio Fernandes: +

Nasceu aos 27/7/1918 na aldeia de São Ben.
to de Cabinda.
Filho natural: de Antonio João Fernandes -
e de Paluira
Recebeu o baptismo em Cabinda aos
fez a Com. prio. em Landana no mês de Julho de 1933
" a Com. sol.
foi chrismado em Cabinda aos 8/12/1932.
O Snr. D. Lucio C. dos Anjos, superior da Missão de
Cabinda, mandou-o para o seminário aos 17/7/
1933.

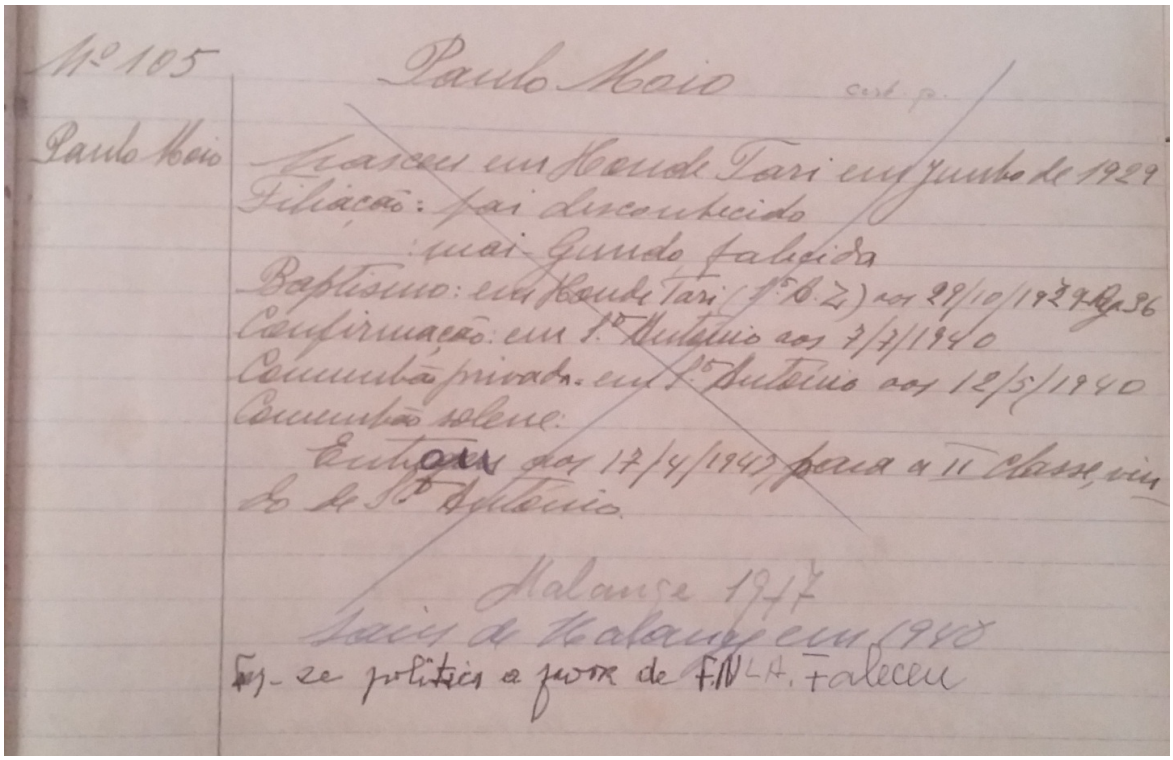
De propria vontade
Despediu-se, 2- Dezembro 1936
Faleceu em Cabinda.

Terceira fotocópia do *Livro I* – Manuscrito de Matrículas do Seminário (1934-1942)

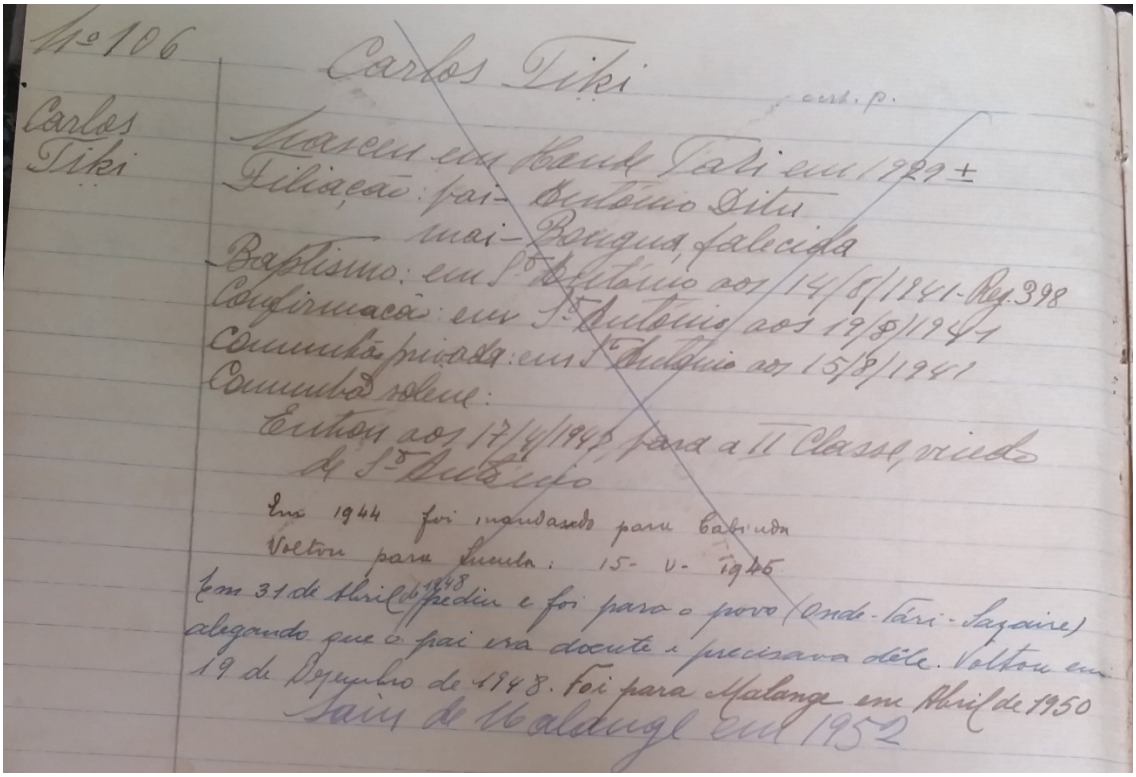
ANEXO 11

LIVRO II – MANUSCRITO DE MATRÍCULAS DO SEMINÁRIO (1942-1947)

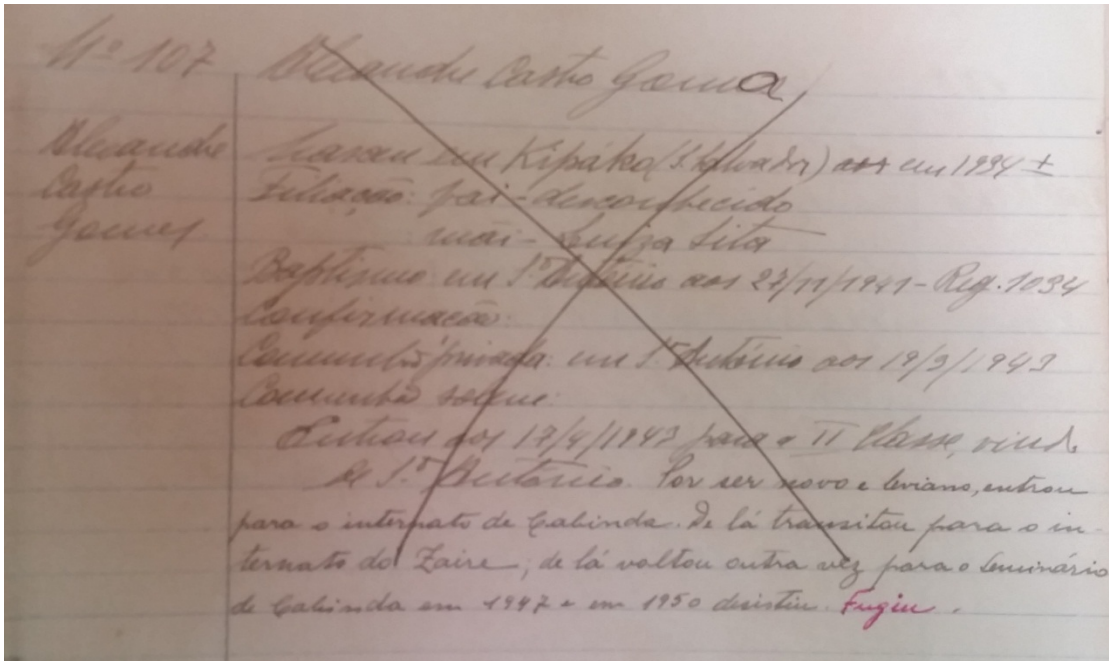
O *Livro II* é de 108 páginas. Fizemos três fotocópias.



Primeira fotocópia do *Livro II* – Manuscrito de Matrículas do Seminário (1942-1947)



Segunda fotocópia do *Livro II* – Manuscrito de Matrículas (1942-1947)

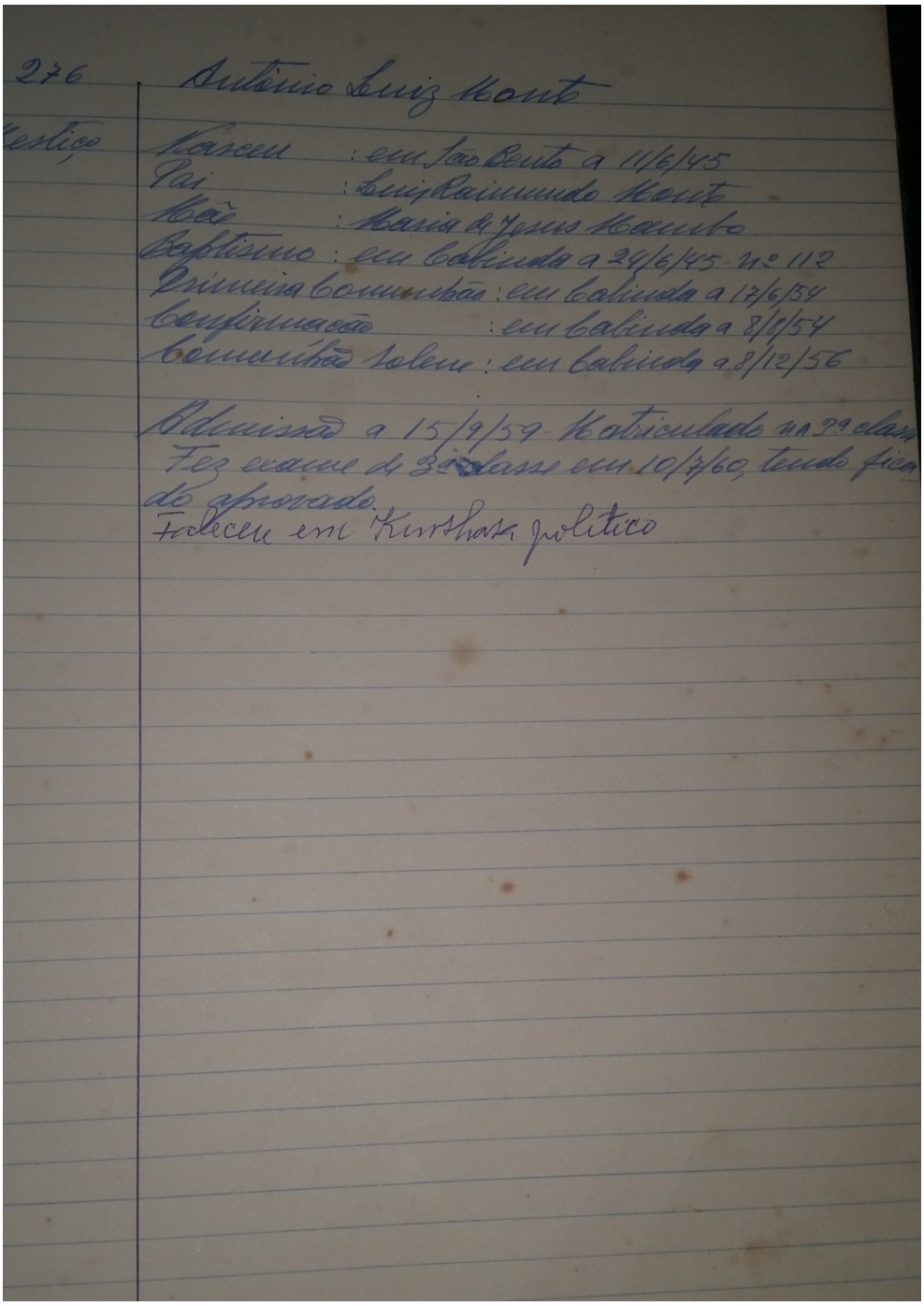


Terceira fotocópia do *Livro II* – Manuscrito de Matrículas (1942-1947)

ANEXO 12

LIVRO III – MANUSCRITO DE MATRÍCULAS DO SEMINÁRIO (1947-1957)

O *Livro III* – Manuscrito de Matrículas do Seminário é de 213 páginas. Fizemos três fotocópias.



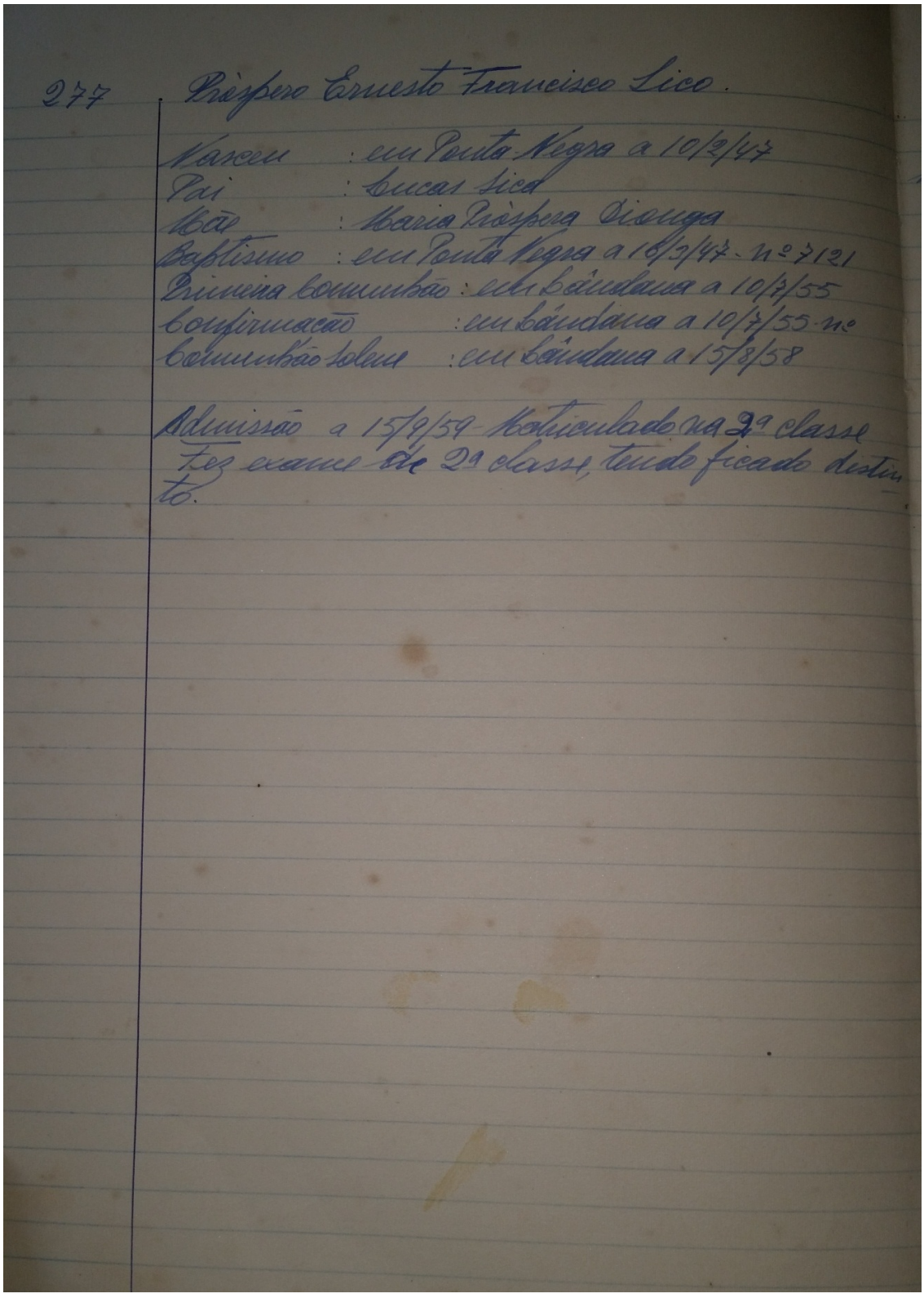
276 Antônio Luiz Monte

Mestiço

Nasceu : em São Bento a 11/6/45
Pai : Luiz Raimundo Monte
Mãe : Maria de Jesus Mambo
Baptismo : em Cabinda a 24/6/45 - nº 112
Primeira Comunhão : em Cabinda a 17/6/54
Confirmação : em Cabinda a 8/8/54
Comunhão Solene : em Cabinda a 8/12/56

Admissão a 15/9/59 - Matriculado na 3ª classe
Fez exame de 3ª classe em 10/7/60, tendo ficado aprovado.
Faleceu em Kinshasa politico

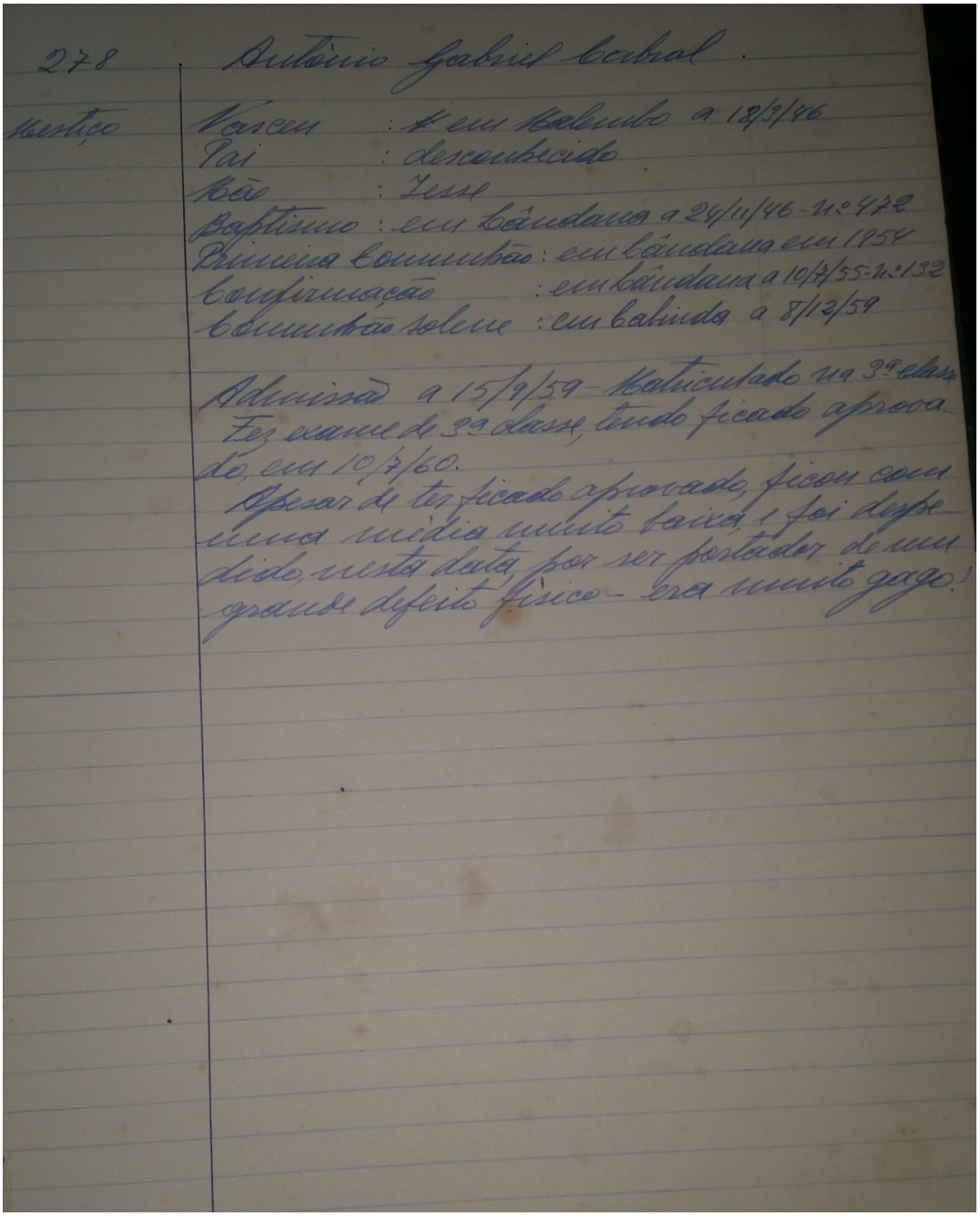
Primeira fotocópia do *Livro III* – Manuscrito de Matrículas (1947-1957)


277 Próspero Ernesto Francisco Lico.

Nasceu : em Ponta Negra a 10/2/47
Pai : Lucas Lico
Mãe : Maria Próspera Diniz
Baptismo : em Ponta Negra a 16/3/47 - nº 7121
Primeira comunhão : em Caiçara a 10/7/55
Confirmação : em Caiçara a 10/7/55 nº
Comunhão Solene : em Caiçara a 15/8/58

Admissão a 15/9/59 - Matriculado na 2ª classe
Fez exame de 2ª classe, tendo ficado destinto.

Segunda fotocópia do *Livro III* – Manuscrito de Matrículas (1947-1957)



278 . António Gabriel Cabral.

Mestiço

Nasceu : em Malembo a 18/3/46
Pai : desconhecido
Mãe : Jesse
Baptismo : em Cândana a 24/11/46 - n.º 472
Primeira Comunhão : em Cândana em 1954
Confirmação : em Cândana a 10/7/55 - n.º 132
Comunhão solene : em Cabinda a 8/12/59

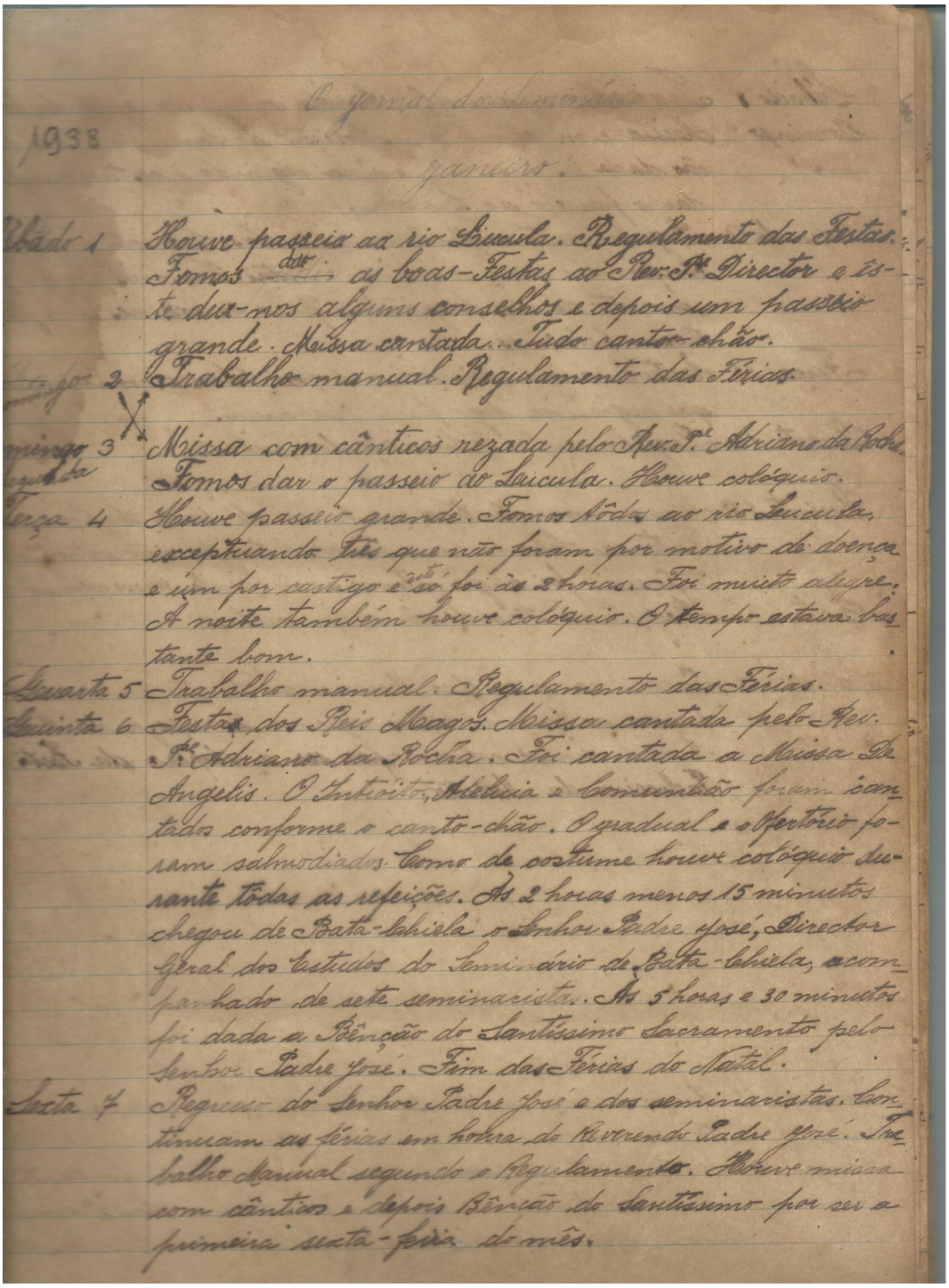
Admissão a 15/9/59 - Matriculado na 3ª classe
Fez exame de 3ª classe, tendo ficado aprovado, em 10/7/60.
Apesar de ter ficado aprovado, ficou com uma média muito baixa, e foi despedido, nesta data, por ser portador de um grande defeito físico - era muito gago!

Terceira fotocópia do *Livro III* – Manuscrito de Matrículas (1947-1957)

ANEXO 13

DIÁRIO MANUSCRITO DO SEMINÁRIO DO LUCULA ZENZE (1936-1946)

O *Diário Manuscrito do Seminário do Lucula Zenze* (1938-1946) é de 262 páginas. Fizemos três fotocópias desse histórico documento.



O jornal do Seminário

1938

janeiro.

Sábado 1 Houve passeio ao rio Lucula. Regulamento das Festas. Fomos dar as boas-Festas ao Rev.mo P.e Director e êste deu-nos alguns conselhos e depois um passeio grande. Missa cantada. Tudo canto-chão.

Domingo 2 Trabalho manual. Regulamento das Férias.

Segunda 3 Missa com cânticos rezada pelo Rev.mo P.e Adriano da Rocha. Fomos dar o passeio do Lucula. Houve colóquio.

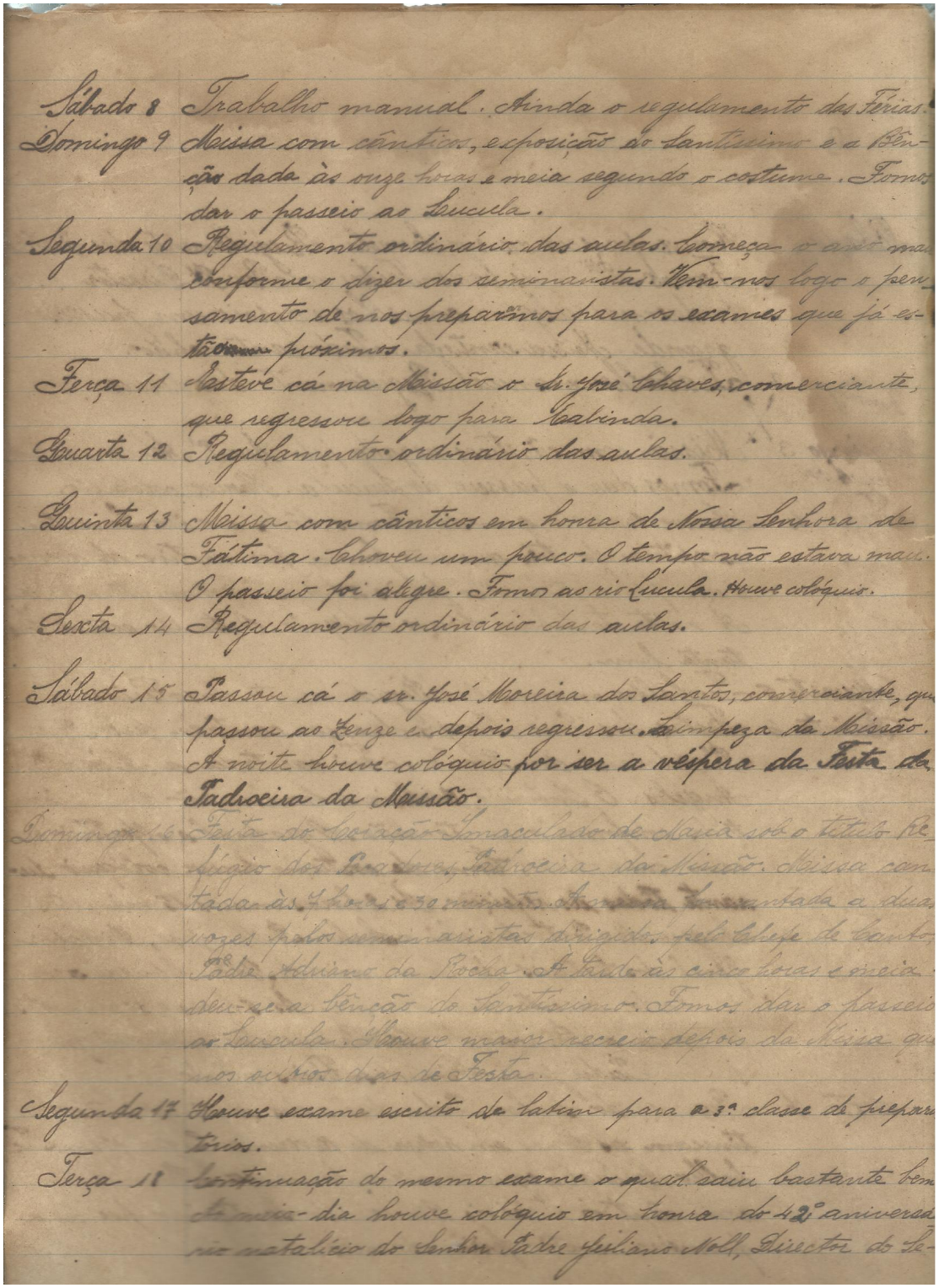
Terça 4 Houve passeio grande. Fomos todos ao rio Lucula, excepticando três que não foram por motivo de doença e um por castigo e êste só foi às 2 horas. Foi muito alegre. A noite também houve colóquio. O tempo estava bastante bom.

Quarta 5 Trabalho manual. Regulamento das Férias.

Quinta 6 Festas dos Reis Magos. Missa cantada pelo Rev.mo P.e Adriano da Rocha. Foi cantada a Missa De Angelis. O Introito, Aleluia e Comunhão foram cantados conforme o canto-chão. O gradual e o Ofertório foram salmodiados. Como de costume houve colóquio durante todas as refeições. Às 2 horas menos 15 minutos chegou de Bata-Cabiela o Senhor Padre José, Director Geral dos Estudos do Seminário de Bata-Cabiela, acompanhado de sete seminaristas. Às 5 horas e 30 minutos foi dada a Bênção do Santíssimo Sacramento pelo Senhor Padre José. Fim das Férias do Natal.

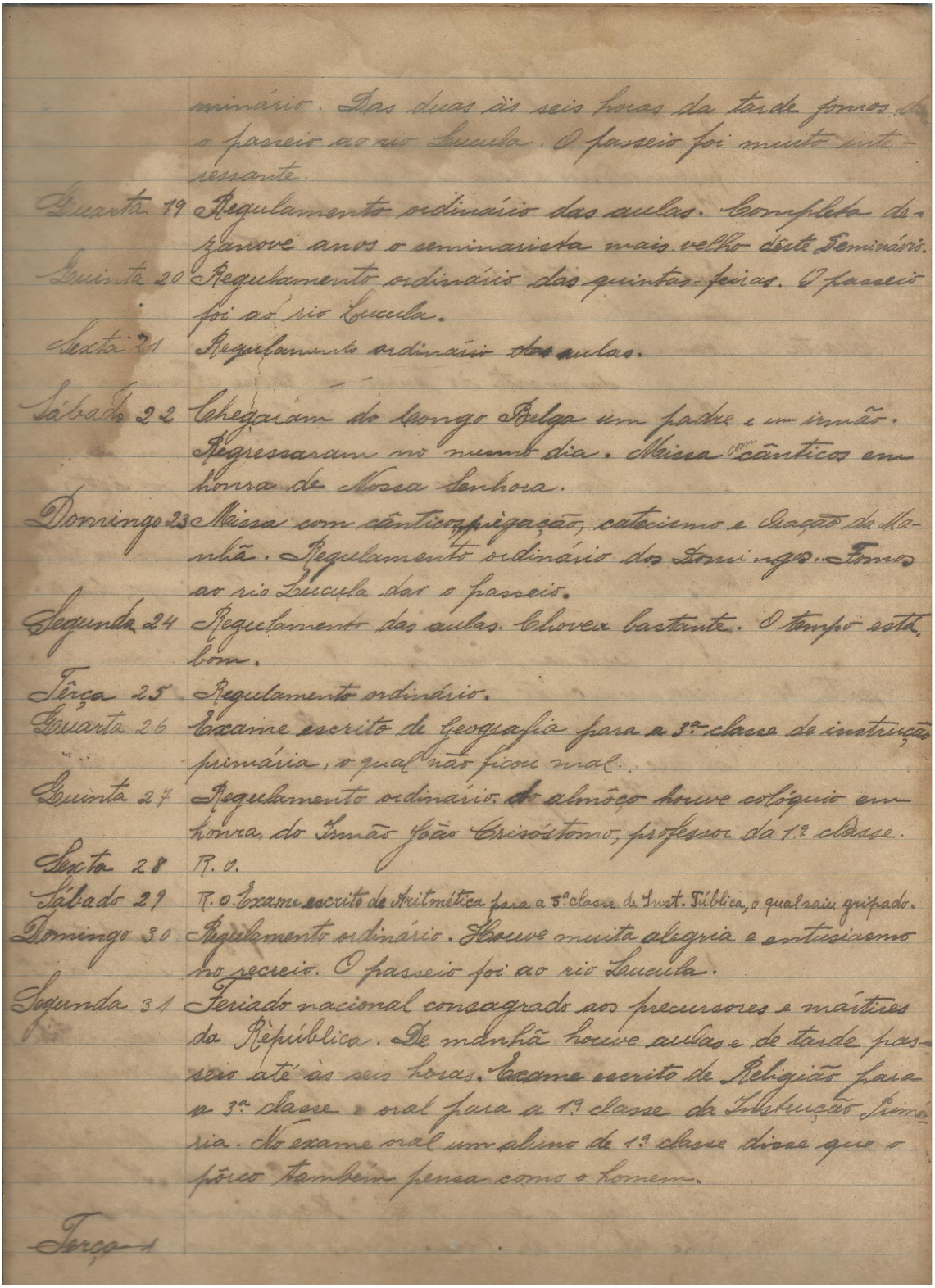
Sexta 7 Regresso do Senhor Padre José e dos seminaristas. Continuam as férias em honra do Reverendo Padre José. Trabalho Manual segundo o Regulamento. Houve missa com cânticos e depois Bênção do Santíssimo por ser a primeira sexta-feira do mês.

Primeira fotocópia do *Diário Manuscrito do Seminário* (1938-1946).



Sábado 8 Trabalho manual. Ainda o regulamento das Férias.
Domingo 9 Missa com cânticos, exposição ao Santíssimo e a Bênção dada às onze horas e meia segundo o costume. Fomos dar o passeio ao Lucula.
Segunda 10 Regulamento ordinário das aulas. Começa o ano mal conforme o dizer dos seminaristas. Vem-nos logo o pensamento de nos preparmos para os exames que já estão próximos.
Terça 11 Esteve cá na Missão o Sr. José Chaves, comerciante, que regressou logo para Calinda.
Quarta 12 Regulamento ordinário das aulas.
Quinta 13 Missa com cânticos em honra de Nossa Senhora de Fátima. Choveu um pouco. O tempo não estava mau. O passeio foi alegre. Fomos ao rio Lucula. Houve colóquio.
Sexta 14 Regulamento ordinário das aulas.
Sábado 15 Passou cá o sr. José Moreira dos Santos, comerciante, que passou ao Lenze e depois regressou. Limpeza da Missão. A noite houve colóquio por ser a véspera da Festa da Padroeira da Missão.
Domingo 16 Festa da Conceição Imaculada de Maria sob o título Rainha dos Anjos, Padroeira da Missão. Missa cantada às 7 horas e 30 minutos. A missa foi cantada a duas vozes pelos seminaristas dirigidos pelo Chefe de Canto, Padre Adriano da Rocha. A tarde às cinco horas e meia deu-se a Bênção do Santíssimo. Fomos dar o passeio ao Lucula. Houve maior recreio depois da Missa que nos outros dias de Festa.
Segunda 17 Houve exame escrito de latim para a 3ª classe de preparatórios.
Terça 18 Continuação do mesmo exame o qual saiu bastante bem. Ao meio-dia houve colóquio em honra do 42º aniversário natalício do Senhor Padre Juliano Noll, Director do Se-

Segunda fotocópia do *Diário Manuscrito do Seminário* (1938-1946)



minário. Das duas às seis horas da tarde fomos
o passeio ao rio Lucula. O passeio foi muito inte-
ressante.
Quarta 19 Regulamento ordinário das aulas. Completa de-
zanove anos o seminarista mais velho deste Seminário.
Quinta 20 Regulamento ordinário das quintas-feiras. O passeio
foi ao rio Lucula.
Sexta 21 Regulamento ordinário das aulas.
Sábado 22 Chegaram do Congo Belga um padre e um irmão.
Regressaram no mesmo dia. Missa com cânticos em
honra de Nossa Senhora.
Domingo 23 Missa com cântico, explicação, catecismo e oração da ma-
nhã. Regulamento ordinário dos Domingos. Fomos
ao rio Lucula dar o passeio.
Segunda 24 Regulamento das aulas. Choveu bastante. O tempo está
bom.
Terça 25 Regulamento ordinário.
Quarta 26 Exame escrito de Geografia para a 3ª classe de instrução
primária, o qual não ficou mal.
Quinta 27 Regulamento ordinário. Ao almoço houve colóquio em
honra do Irmão João Crisóstomo, professor da 1ª classe.
Sexta 28 R. O.
Sábado 29 R. O. Exame escrito de Aritmética para a 3ª classe de Inst. Pública, o qual saiu gripado.
Domingo 30 Regulamento ordinário. Houve muita alegria e entusiasmo
no recreio. O passeio foi ao rio Lucula.
Segunda 31 Feriado nacional consagrado aos precursores e mártires
da República. De manhã houve aulas e de tarde pas-
seio até às seis horas. Exame escrito de Religião para
a 3ª classe e oral para a 1ª classe da Instrução Primá-
ria. No exame oral um aluno de 1ª classe disse que o
porco também pensa como o homem.

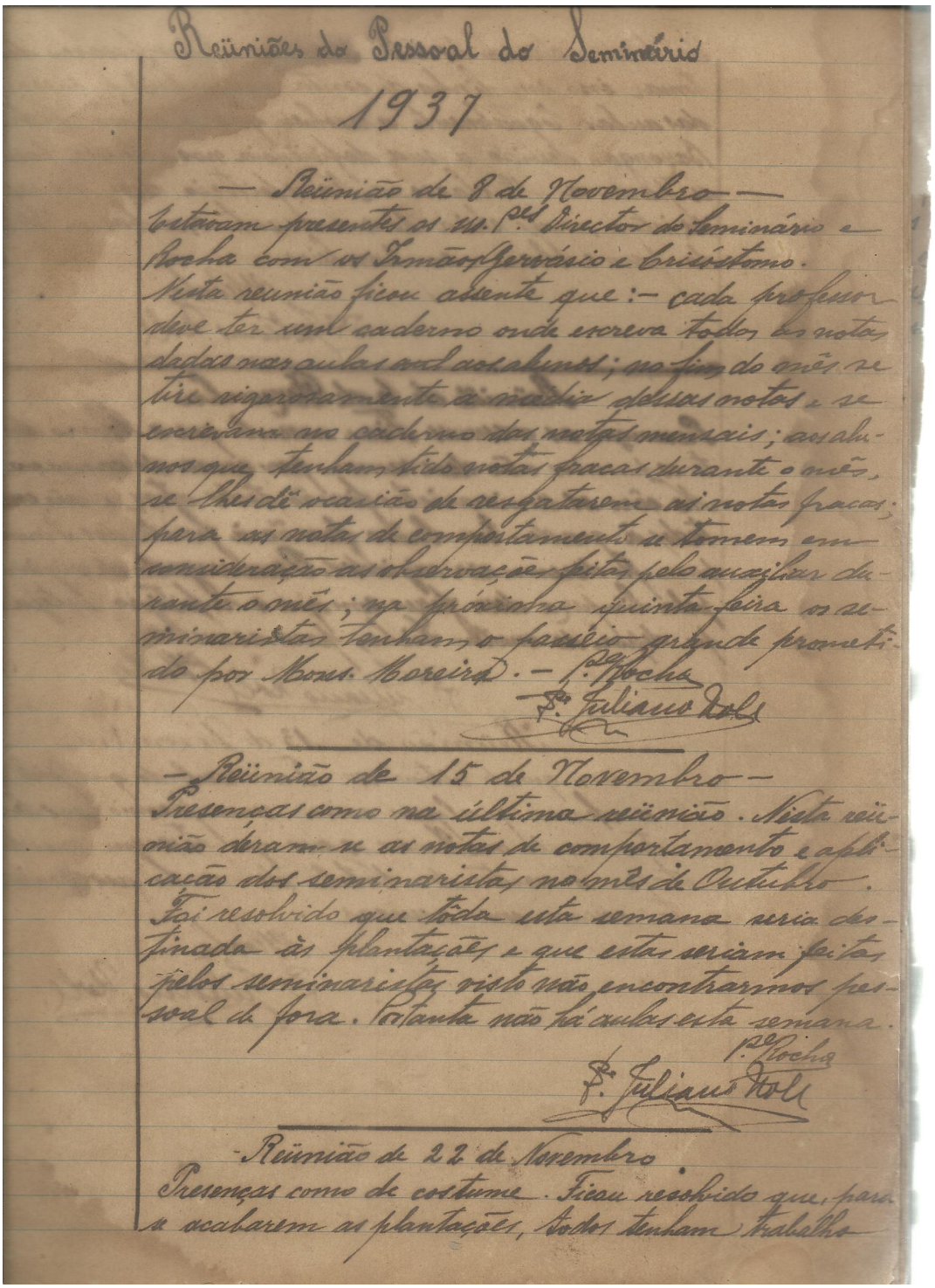
Terça 1

Terceira fotocópia do *Diário Manuscrito do Seminário* (1938-1946)

ANEXO 14

ATAS MANUSCRITAS DAS REUNIÕES DO SEMINÁRIO (1937-1945)

As atas das 36 reuniões estão redigidas em 58 páginas. Fizemos três fotocópias.



Reüniões do Pessoal do Seminário

1937

— Reünião de 8 de Novembro —

Estavam presentes os ss. P.es Director do Seminário e Rocha com os Irmãos Gervásio e Crisóstomo.
Nesta reunião ficou assente que:— cada professor deve ter um caderno onde escreva todas as notas dadas nas aulas aos alunos; no fim do mês se tire rigorosamente a média dessas notas e se escrevam no caderno das notas mensais; aos alunos que tenham tido notas fracas durante o mês, se lhes dê ocasião de resgatarem as notas fracas; para as notas de comportamento se tomem em consideração as observações feitas pelo auxiliar durante o mês; na próxima quinta-feira os seminaristas tenham o passeio grande prometido por Mons. Moreira. — P.e Rocha

P.e Juliano Dolz

— Reünião de 15 de Novembro —

Presenças como na última reünião. Nesta reünião deram-se as notas de comportamento e aplicação dos seminaristas no mês de Outubro.
Foi resolvido que tôda esta semana seria destinada às plantações e que estas seriam feitas pelos seminaristas visto não encontrarmos pessoal de fora. Portanto não há aulas esta semana.

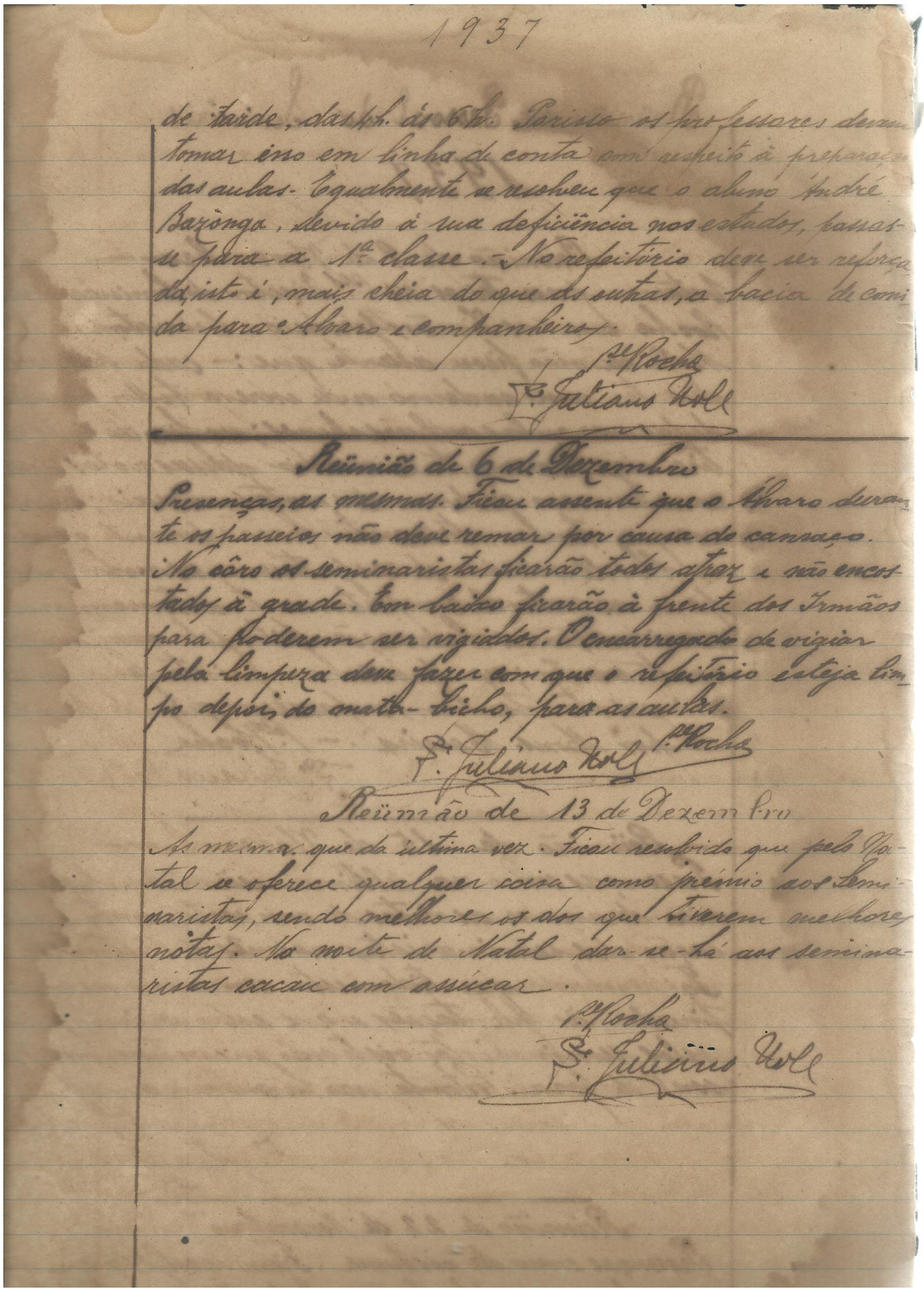
P.e Rocha

P.e Juliano Dolz

— Reünião de 22 de Novembro

Presenças como de costume. Ficou resolvido que, para se acabarem as plantações, todos tenham trabalho

Primeira fotocópia da Ata manuscrita da Reunião (1937-1945)



1937

de tarde, das 4h. às 6h. Porisso os professores devem tomar isso em linha de conta com respeito à preparação das aulas. Igualmente se resolveu que o aluno André Barbosa, devido à sua deficiência nos estudos, passasse para a 1ª classe. No refeitório deve ser reforçada, isto é, mais cheia do que as outras, a bacia de comida para o Álvaro e companheiros.

P. Rocha
P. Julianus Voll

Reünião de 6 de Dezembro

Presenças, as mesmas. Ficou assente que o Álvaro durante os passeios não deve remar por causa do cansaço. No côro os seminaristas ficarão todos afóra e não encostados à grade. Em baixo ficarão à frente dos Irmãos para poderem ser vigiados. O encarregado de vigiar pela limpeza deve fazer com que o refeitório esteja limpo depois do mata-bicho, para as aulas.

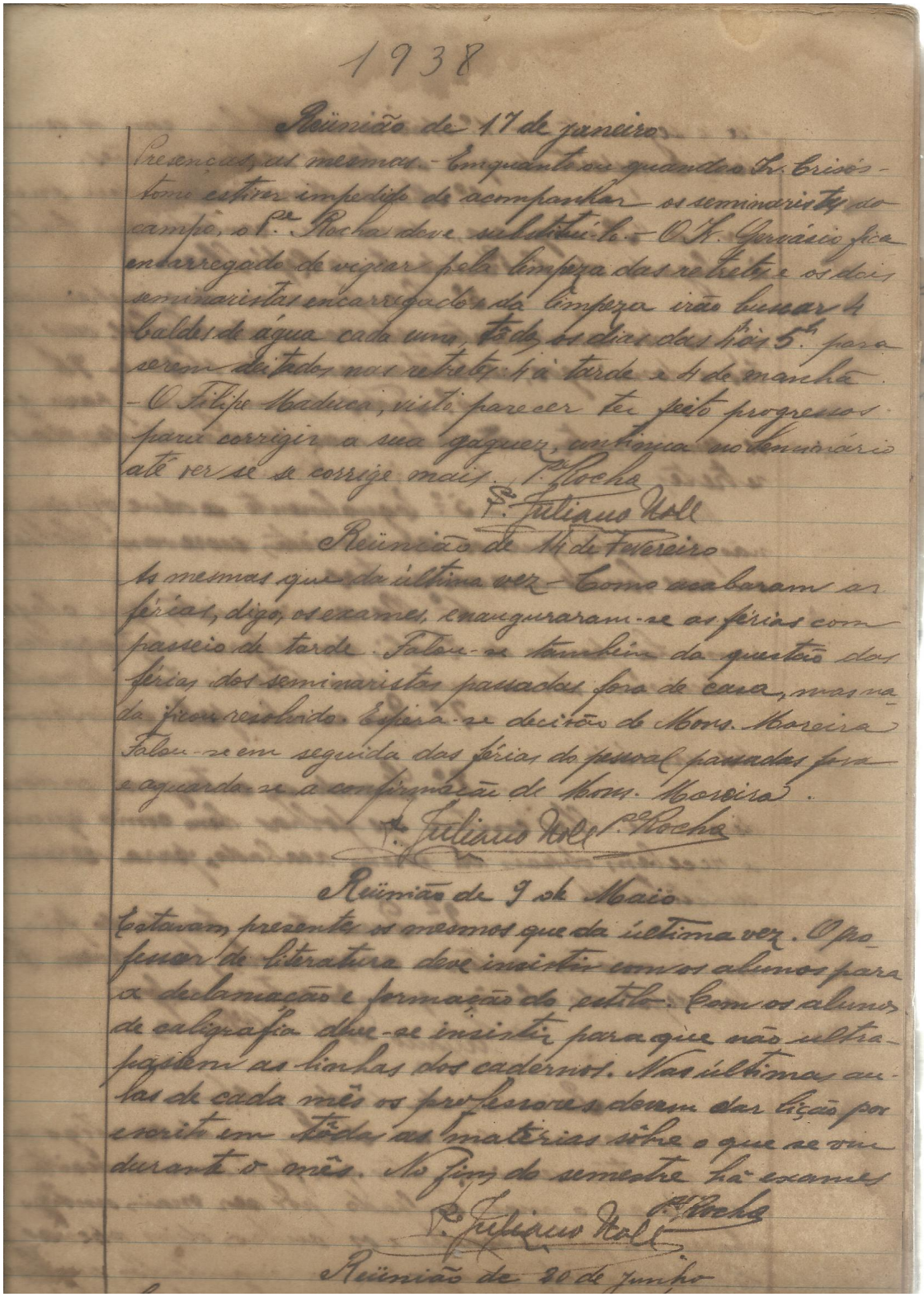
P. Julianus Voll P. Rocha

Reünião de 13 de Dezembro

As mesmas que da última vez. Ficou resolvido que pelo Natal se oferece qualquer coisa como prêmio aos seminaristas, sendo melhores os dois que tiverem melhores notas. Na noite de Natal dar-se-á aos seminaristas cacau com assúcar.

P. Rocha
P. Julianus Voll

Segunda fotocópia da Ata manuscrita da Reunião (1937-1945)



1938

Reünião de 17 de janeiro

Presenças as mesmas - Emquanto os quandos Srs. Irmãos - forem estiver impedido de acompanhar os seminaristas do campo, o Sr. Rocha deve substituir-lo - O Sr. Gervásio fica encarregado de vigiar pela limpeza das retretes e os dois seminaristas encarregados da limpeza irão buscar 4 baldes de água cada um, todos os dias das 4½ às 5. para serem deitados nas retretes à tarde e de manhã - O Filipe Madeira, visto parecer ter feito progressos para corrigir a sua gaguez, continua no seminário até ver se se corrige mais. P. Rocha

P. Julianus Roll

Reünião de 14 de Fevereiro

As mesmas que da última vez - Como acabaram as férias, digo, os exames, inauguraram-se as férias com passeio de tarde. Falou-se também da questão das férias dos seminaristas passados fora de casa, mas nada ficou resolvido. Espera-se decisão de Mons. Moreira. Falou-se em seguida das férias do pessoal passadas fora e aguarda-se a confirmação de Mons. Moreira.

P. Julianus Roll P. Rocha

Reünião de 9 de Maio

Estavam presentes os mesmos que da última vez. O professor de literatura deve insistir com os alunos para a declamação e formação do estilo. Com os alunos de caligrafia deve-se insistir para que não ultrapassem as linhas dos cadernos. Nas últimas aulas de cada mês os professores devem dar lição por escrito em tôdas as matérias sôbre o que se viu durante o mês. No fim do semestre há exames

P. Julianus Roll P. Rocha

Reünião de 20 de junho

Terceira Fotocópia da Ata manuscrita da Reunião (1937-1945)

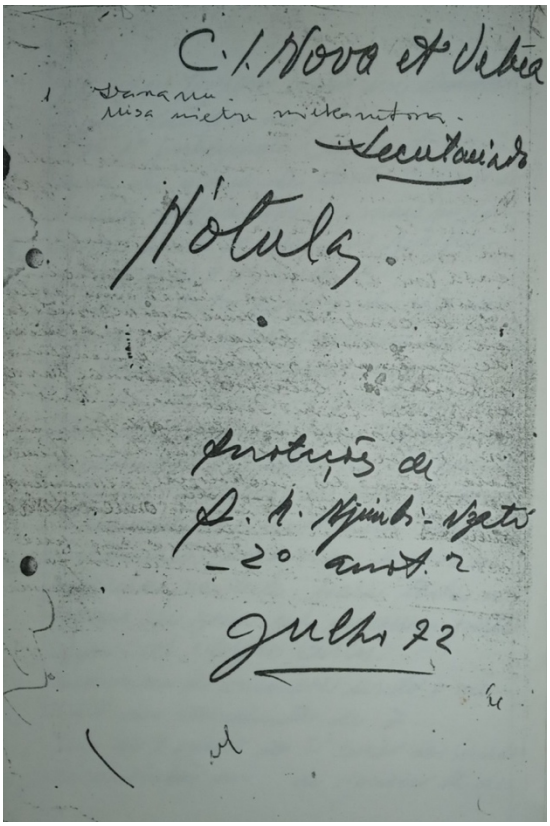
ANEXO 15

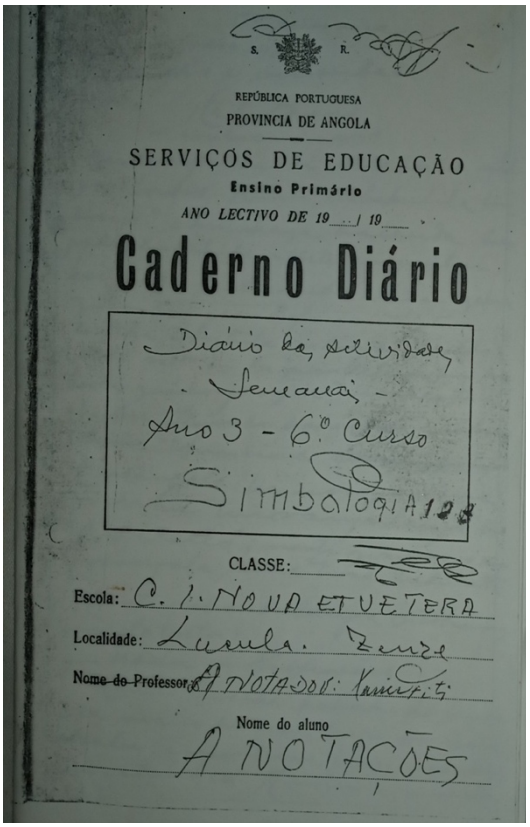
MANUSCRITOS DE *NOVA ET VETERA* (1970-1974)

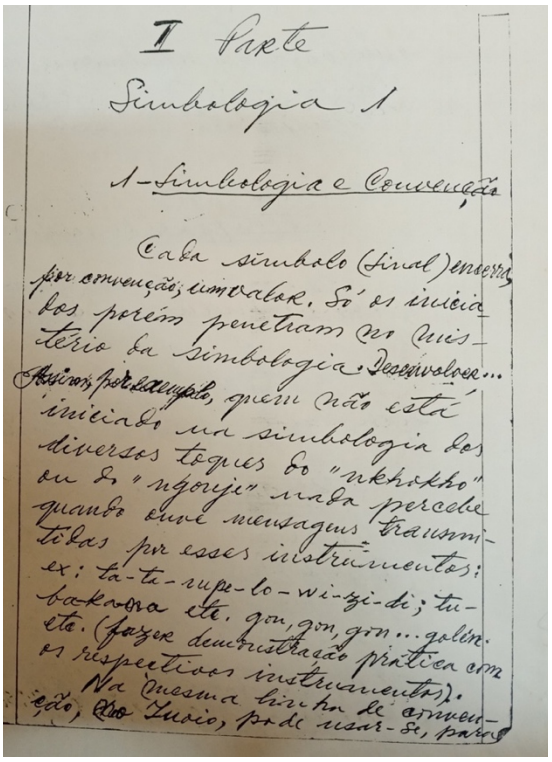
O interesse pessoal que, desde os tempos de Seminário, nos suscitaram os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*, levou-nos ao contacto com essa valiosa documentação, principalmente depois da morte do fundador. Indagado o seu provável paradeiro, viemos a confirmar que se encontrava guardada, então, na residência pessoal do Padre Gabriel.

Chegado a esse contacto, houve que, apressada e meticulosamente, organizar os vários documentos dispersos e pouco resguardados, misturados com várias outras informações, algumas de cariz absolutamente pessoal.

Perante o quadro encontrado, procurámos salvar o essencial dessa documentação. E, a curiosidade que aqui partilhamos foi a de nos sentirmos impulsionados, então, não só em preservar essa documentação, mas em estudá-la com critério e metodologia, e desse esforço foi-se-nos implantando a necessidade de um tratamento de características de bem maior responsabilidade que haveriam de se converter numa reflexão mais profunda com seu desfecho num doutoramento. Nesta sequência e dentre os inúmeros manuscritos que compulsámos, apresentamos aqui, de uma forma um pouco aleatória, aqueles que considerámos de maior relevância e interesse para o presente trabalho.







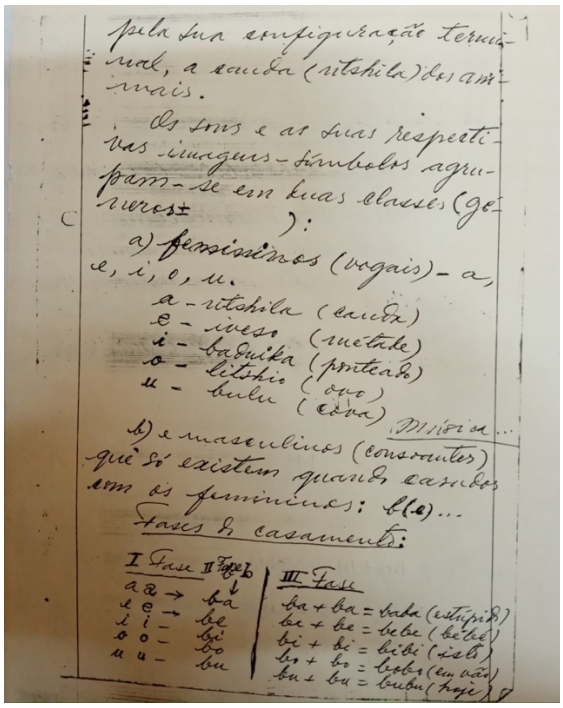
II Parte

Simbologia 1

1 - Simbologia e Convenção

Cada símbolo (sinal) encerra, por convenção, um valor. Só os iniciados porém penetram no mistério da simbologia. Desenvolver... Assim por exemplo, quem não está iniciado na simbologia dos diversos toques do "nkokobo" ou do "ngonje" nada percebe quando ouve mensagens transmitidas por esses instrumentos: ex: ta-tu-rupe-lo-wi-zi-di; tubakadra etc. gon, gon, gon... galinha etc. (fazer demonstração prática com os respectivos instrumentos).

Na (mesma linha de) raciocínio, pode usar-se, para



pela sua configuração terminal, a sonda (nkokobo) dos animais.

Os tons e as suas respectivas imagens - símbolos agrupam-se em duas classes (generos):

a) femininos (vogais) - a, e, i, o, u.

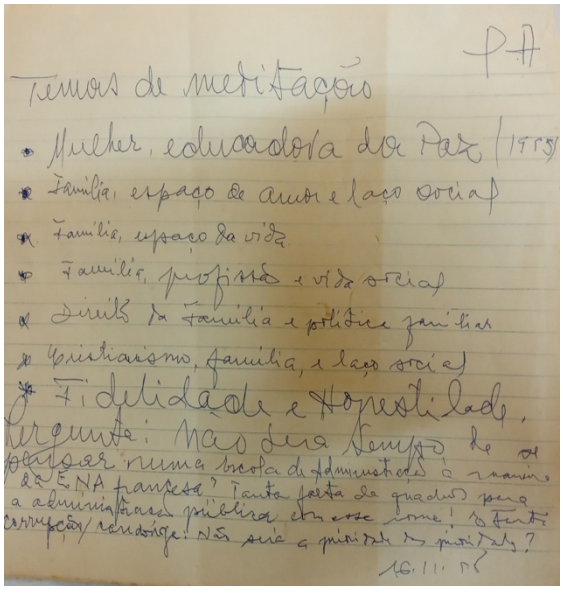
a - nkokobo (sonda)
e - nweso (metade)
i - baduika (punteado)
o - likoko (oco)
u - bubu (cova)

Mistura...

b) e masculinos (consoantes) que só existem quando casados com os femininos: b(a)...

Fases do casamento:

I Fase	II Fase	III Fase
a a →	b a	ba + ba = baba (estúpido)
e e →	b e	be + be = bebe (bebé)
i i →	b i	bi + bi = bibi (isto)
o o →	b o	bo + bo = bobo (em vão)
u u →	b u	bu + bu = bubu (hoje)

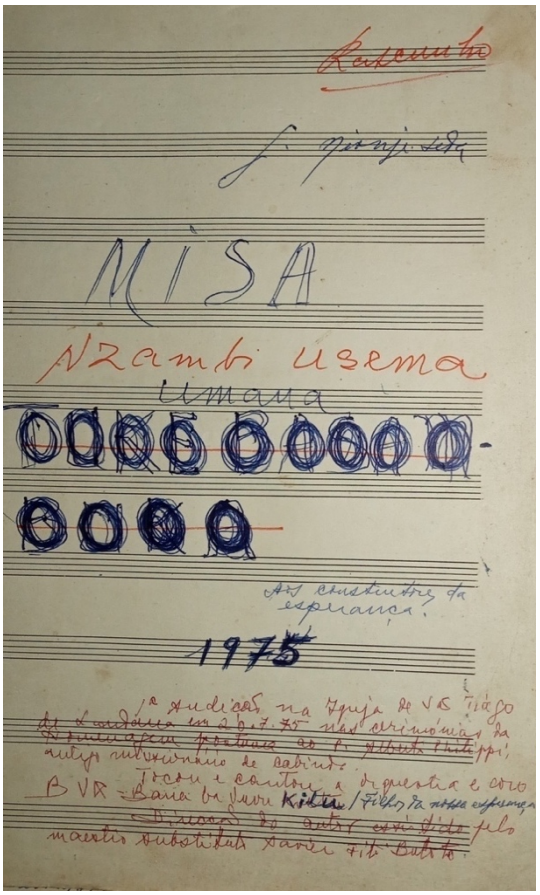


P4

Temas de meditação

- Mulher, educadora da Paz (1975)
- Família, espaço de amor e laço social
- Família, espaço da vida
- Família, profissão e vida social
- Direito da Família e política familiar
- Cristianismo, família, laço social
- Fidelidade e Honestidade, pergunta: Não será tempo de se pensar numa escola de formação à maneira da ENA francesa? Tanta falta de quadros para a administração pública e tanta corrupção, roubalheira! Não será a principal das pragas?

16.III.76



Kalemba

[illegible]

MISA

Nzambi Uzema

Umana

[illegible]

Aos construtores da esperança!

1975

[illegible] Audição na Igreja de N.S. Graça de Calemba em 2.7.75 pela orquestra da Emissora Provincial do Huambo [illegible] Coro [illegible] Tocou e cantou a orquestra e coro B.V.M. - Banda de Jovens Kidutu / Filhos da nossa esperança. Direcção do autor que foi substituído pelo maestro [illegible]

Cursos de Iniciação Nova et Vetera

Caixa Postal, 44 Telef: (Centro Piloto: Lucula - Zenze) -*- Cabinda — Angola

S/ Referência S/ Comunicação: N/ Referência Data

ASSUNTO: Disposição 01/O.C.I./97

Celebrados os 25 anos da fundação dos Cursos de Iniciação Nova et Vetera em 01/10/96 com o lançamento da obra Método Inongo. nongo havendo necessidade de restruturação dos órgãos centrais da ~~Orgão~~ Direcção ~~Zaca~~, ouvidos os membros ~~[illegible]~~ do Conselho Permanente dos Cursos foram criados um novo órgão centrado de supervisão a Direcção dos Cursos de Iniciação Nova et Vetera com sede permanente na cidade de Cabinda passando o fundador e secretário dos cursos a assumir a ~~nova~~ função criada de Director.

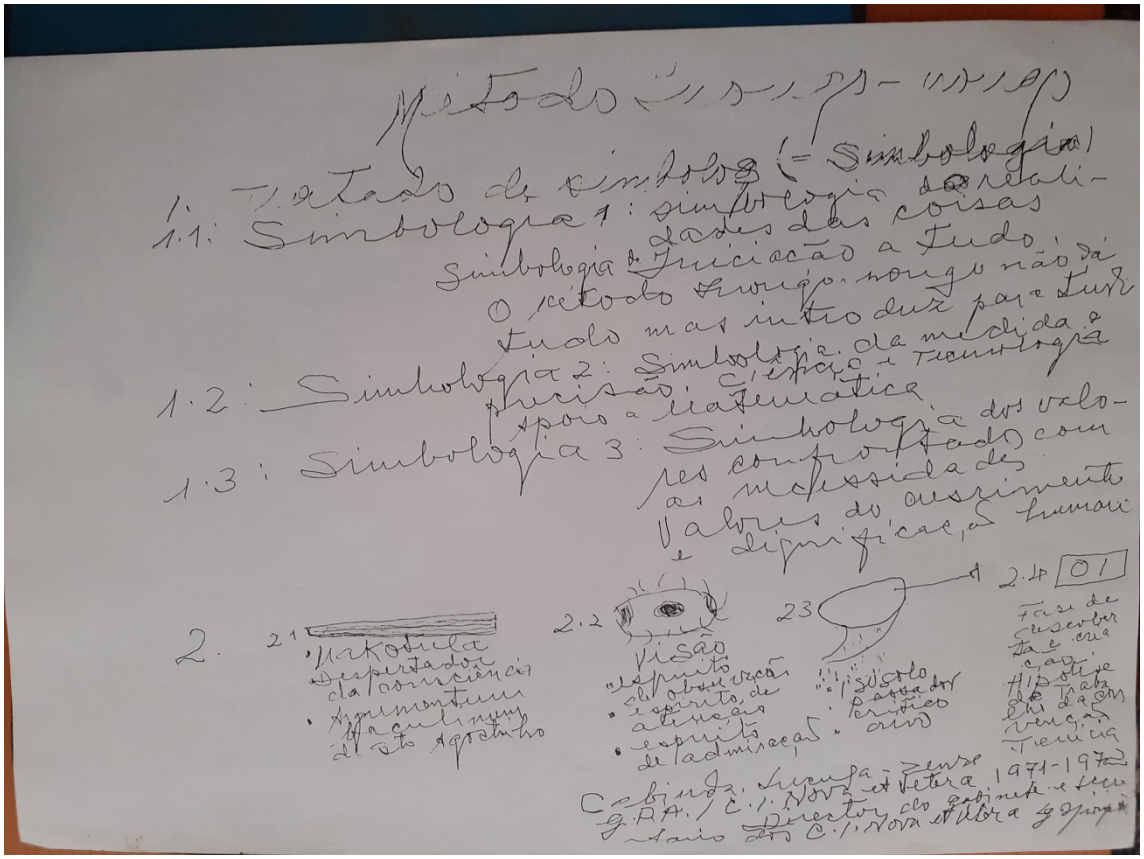
A presente disposição entra em vigor imediatamente em vigor.

Chindende, 17 de Março 97

O Secretário em exercício dos Cursos

Gabriel Ijivuje Sede

Os cursos de Iniciação Nova et Vetera são uma experiência local de educação formação e cultura, para um autodesenvolvimento comunitário de base assumido, voltada para o homem e para quanto o dignifica, visto o mesmo homem na perspectiva de síntese histórico do passado e do futuro no tempo presente. Página aberta para uma cultura aberta preparam o "homo festivus" cultivando "o homo faber". Têm como dado adquirido o método Inongo - nongo. Testado pelo G P A. - C. I. Nova et Vetera, pela equipa de estudos de I P N - Kinshasa (Zaire) e pelo Instituto Nacional de Livro e Disco — INALD Luanda (Angola). Nos cursos C.I. Nova et Vetera, o homem é ponto de partida e de chegada para o encontro com o absoluto Deus.


Método
1. Tratado de símbolos (= Simbologia)
1.1: Simbologia 1: simbologia da realidades das coisas
Simbologia de Iniciação a tudo
O método Trongo-Longo não dá tudo mas introduz para tudo
1.2: Simbologia 2: Simbologia da medida e precisão. Ciência e Tecnologia
Apoio a Matemática
1.3: Simbologia 3: Simbologia dos valores confrontados com as necessidades
Valores do crescimento e dignificação humana
2.
2.1
Makotula
Despertador da consciência
Argumentum baculinum de Sto Agostinho
2.2
Visão
espírito de observação
espírito de atenção
espírito de admiração
2.3
Isósolo
passador crítico
2.4
01
Fase de descobertas e criação
Hipótese de trabalho da convenção
Tecnicia
Cabinda, Lucula - Zenze
G.R.A. / C.I. Nova et Vetera 1971-1972
Director do gabinete e secretário dos C.I. Nova et Vetera

S. R.

REPÚBLICA PORTUGUESA

PROVÍNCIA DE ANGOLA

criador e inte-
rador da civiliza
~~ção~~ cultura
na cidade

Serviços de Educação

Ensino Primário

ANO LECTIVO DE 19..... / 19.....

CADERNO DIÁRIO

S2 no ku

ad letra
ad intra

Actividades
Semanais

4.º curso

CLASSE: Nótula

Escola: C. I. Nova A Vetera

Localidade: Lucula Zenze

Nome ~~do professor:~~ Gabriel Mionji Lelu

Nome do aluno

(1)

Cursos de Iniciação

Nova et Vétera

O nosso princípio: "Ao fazermos aprendemos:
O acto favorece o pensamento porque todo
todo o acto é Descoberta, Conhecimento, Criação!"

(Lê Thanh Khôi).

Plano esboço dos Trabalhos.

Secções:

I. Culinária e Nutrição

1. Culinária – Introdução: (História. O homem e a alimentação
A Culinária.
– Prática da Culinária: (Ementas vulgares da culinária Europeia e Africana)

2. Nutrição – Introdução: (Nutrição, fenómeno biológico. Nutrição e o dinamismo da vida)
– Estudo Sumário dos Alimentos e sua Função.
Dietética.

II

Agricultura e Pecuária

1. Agricultura – Introdução: (Nótula histórica. A agricultura ~~e o problema económico~~) Processo histórico ~~e Criação~~ Tema de meditação: o homem recriaca natureza
Prática. Técnica. Ciência.
– ~~Processos Diversos e Técnicas: (Amanho. Fertilização. Irrigação. Sementeira ou plantação. Granjeio. Trabalho. Colheita.~~

2. Pecuária – Introdução: ~~(Nótula histórica. A pecuária e problema económico)~~
– ~~Processos Diversos e Técnicas de Criação e Aproveitamento da Riqueza Animal~~

III. Puericultura e Primeiros Socorros.

1. Puericultura – Introdução *

2. Primeiros Socorros – Introdução: (A defesa da vida, problema angustioso e vital do homem. A doença e a morte e o problema da vida)

– Prática da Defesa Imediata da Vida.

Casos e seu tratamento: Fracturas. Luxações. Entorses. Feridas Hemorragias. Asfixia. Mordeduras. Picos ou laceas. Síncope e "ataques"

IV. Serviço Doméstico – Higiene e Educação Sanitária

1. Serviço Doméstico – Introdução: (Realidade casa, símbolo e convergência de todas as posses – Nótula histórica)

– Arranjo e Asseio da Casa

– Tratamento do Vestuário e Demais Peças Domésticas.

– A Comunhão da ~~Casa~~ Mesa: (Vivência dos que nela habitam ou para ela convergem) sua preparação, rito e modo de realização.

2. Higiene e Educação Sanitária – Introdução: (A defesa da vida problema angustioso e vital do homem. A doença e a morte e o problema da vida. A saúde, bem supremo da existência). Dependência do homem do ambiente em que vive. Saúde pública.

– Prática: Defesa preventiva da vida (saúde, Processos e técnicas (banho e higiene individual). Combate positivo e negativo aos agentes internos e externos

da doença. Alimentação cuidada. Vida regrada. Sono. Alimentos e bebidas. Doenças contagiosas e sua profilaxia. Vacinação.
Em apêndice: A saúde e o problema económico.

V. Economia Doméstica.
— Nota Introdutória (Homo oeconomicus: O homem na existência sente-se projetado no futuro. Ao tomar consciência disso, faz-se providência. O homem e as necessidades (necessidades naturais, quase naturais e criadas pelo homem). O homem frente a necessidade (trabalho e aquisição; uso e fruição), da realidade social.
— O papel específico dos membros do lar na aquisição e conservação das posses, aquisição e conservação orientadas para o consumo e colocação no mercado.
Divisão do trabalho (Profissões).
Diversificação de culturas.
Costura, corte e confecção.

Nota-Chave: Há uma razão direta entre a Necessidade e o Progresso.

VI. Alfabetização.
— Nota Introdutório: Simbologia e convenção (até os iniciados penetram no mistério da simbologia. O conhecimento de sinais exige uma iniciação a que chamaremos alfabetização) Alfabetização — Via de diálogo que liberta. DIÁLOGO: — Começo mesmo
— com os outros
— com a natureza
À luz desse tríplice diálogo, nascem problemas tais

como o do:

- Eu
- Tu
- Transcendente

A Alfabetização - vias de acesso aos valores da cultura.

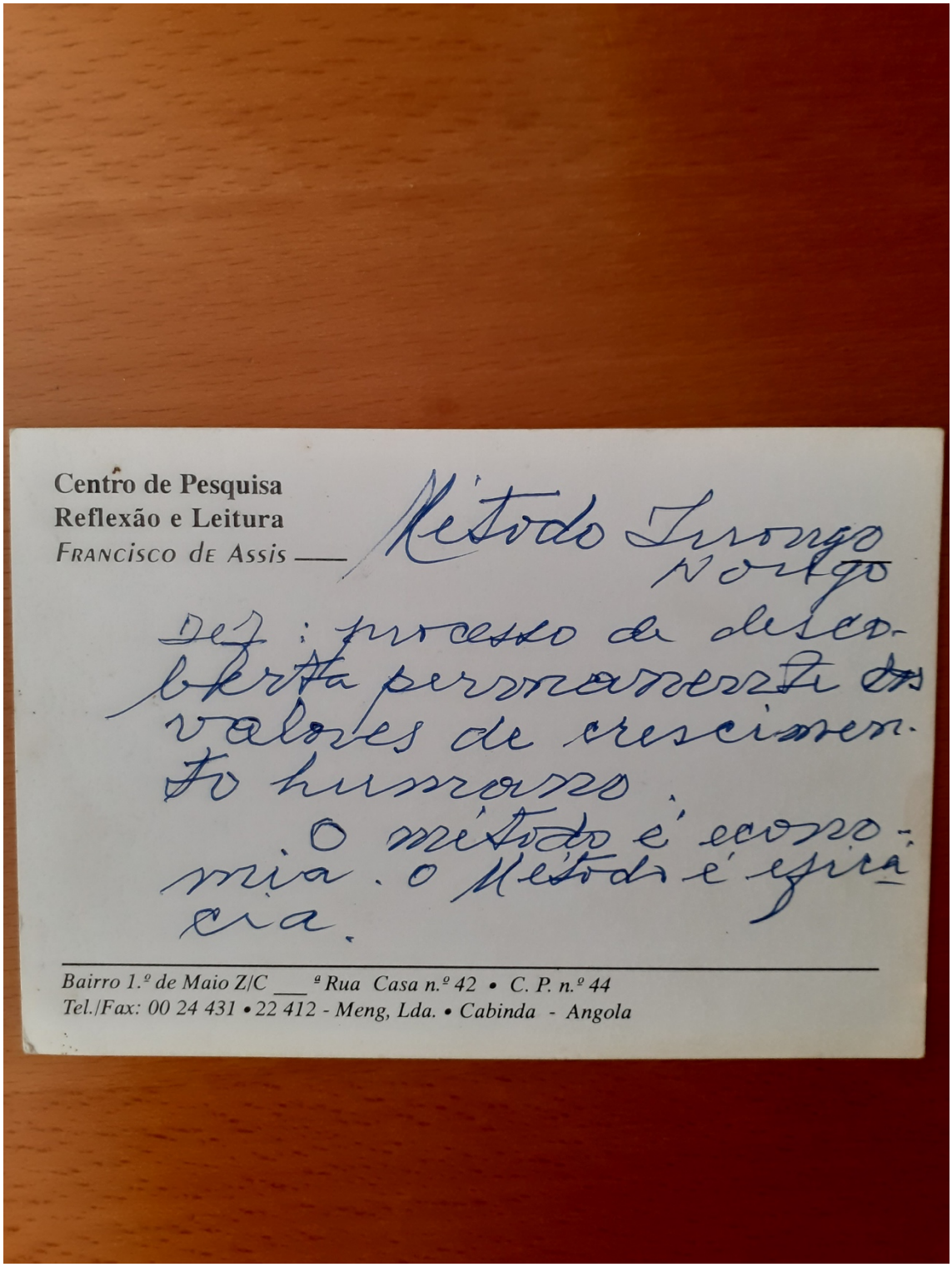
- Prática: Método de Alfabetização funcional Global que se veio concretizar no Método de Alfabetização nongo-nongo ou método cabindes de Alfabetização Inongo-nongo

* Em estudo o esquema da Quericultura

Lucula - Tenze, Julho de 1971
Ideário do Secretariado

Uso privativo.

O presente plano serviu de ponto de partida para todas as investigações que posteriormente se fizeram nos Cursos de Iniciação Nova et Vetera. Gabinete de Planificação, Pesquisa e Aplicação.

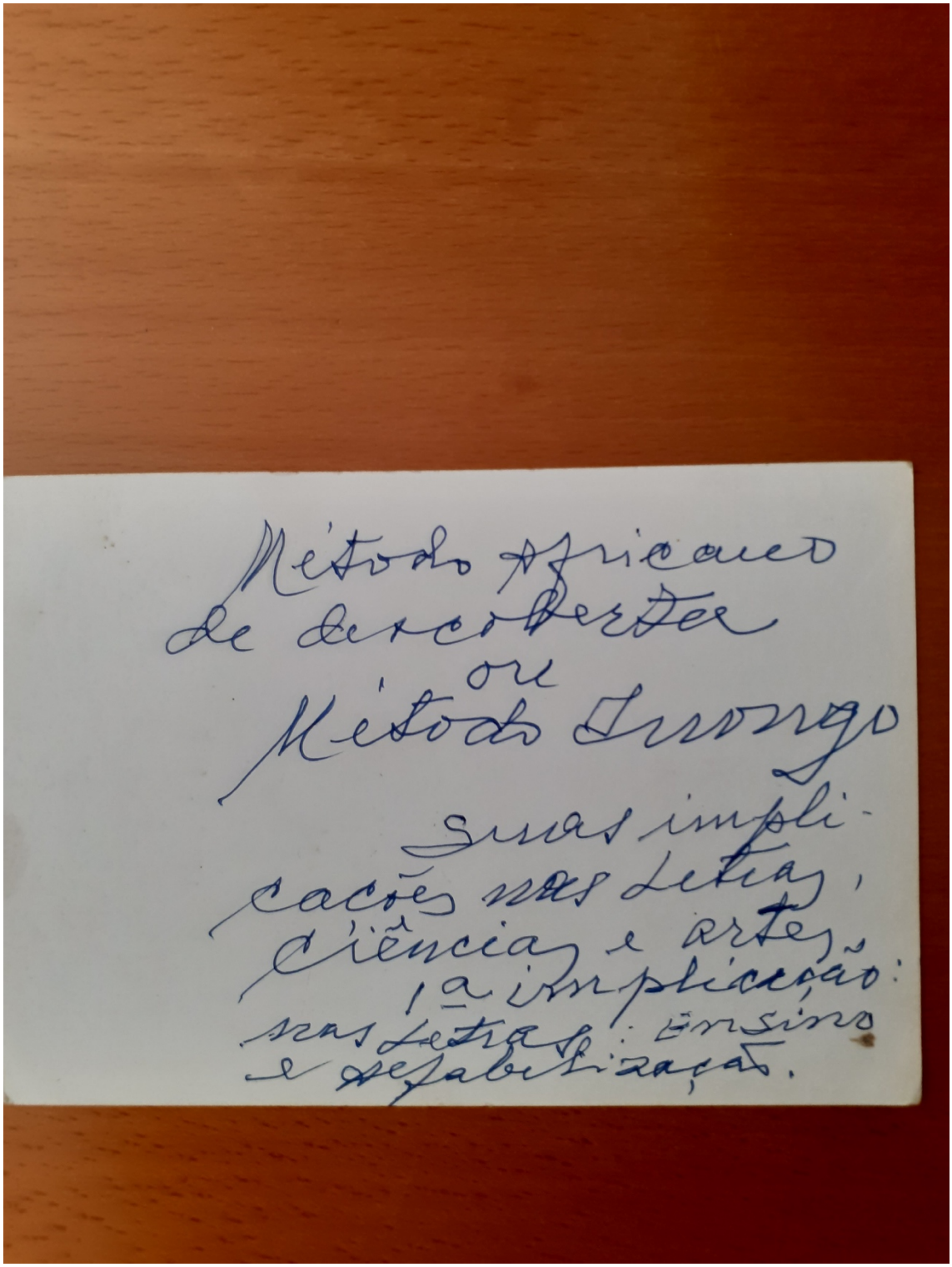


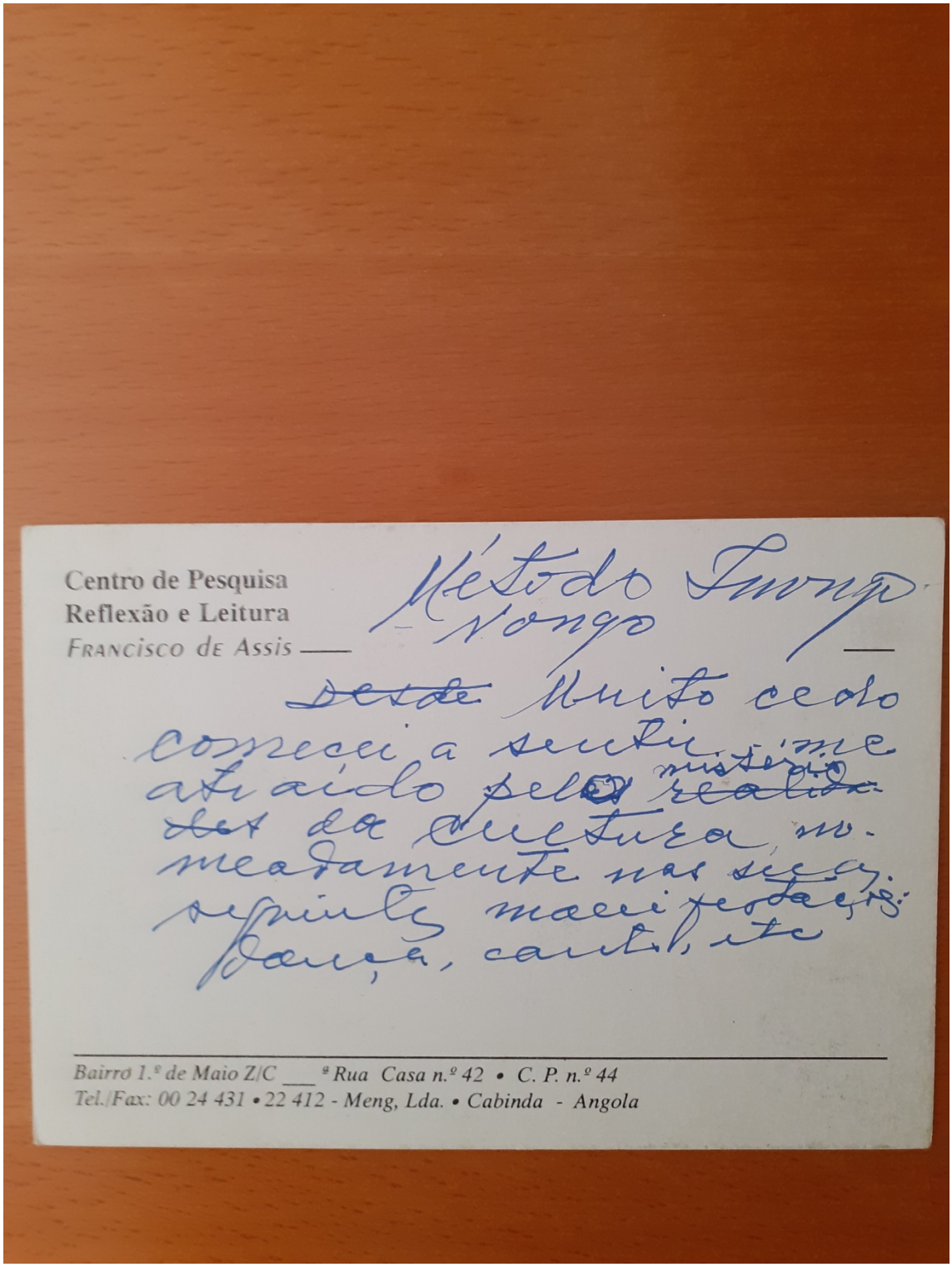
Centro de Pesquisa
Reflexão e Leitura
FRANCISCO DE ASSIS

Método Inongo
Nongo

Def: processo de descoberta permanente dos valores de crescimento humano.
O método é economia. O Método é eficácia.

Bairro 1.º de Maio Z/C ___ ª Rua Casa n.º 42 • C. P. n.º 44
Tel./Fax: 00 24 431 • 22 412 - Meng, Lda. • Cabinda - Angola


Método Analítico
de descoberta
ou
Método Global
Suas implicações nas Letras, Ciência e Artes.
1ª Implicação:
nas Letras: ensino
e alfabetização.

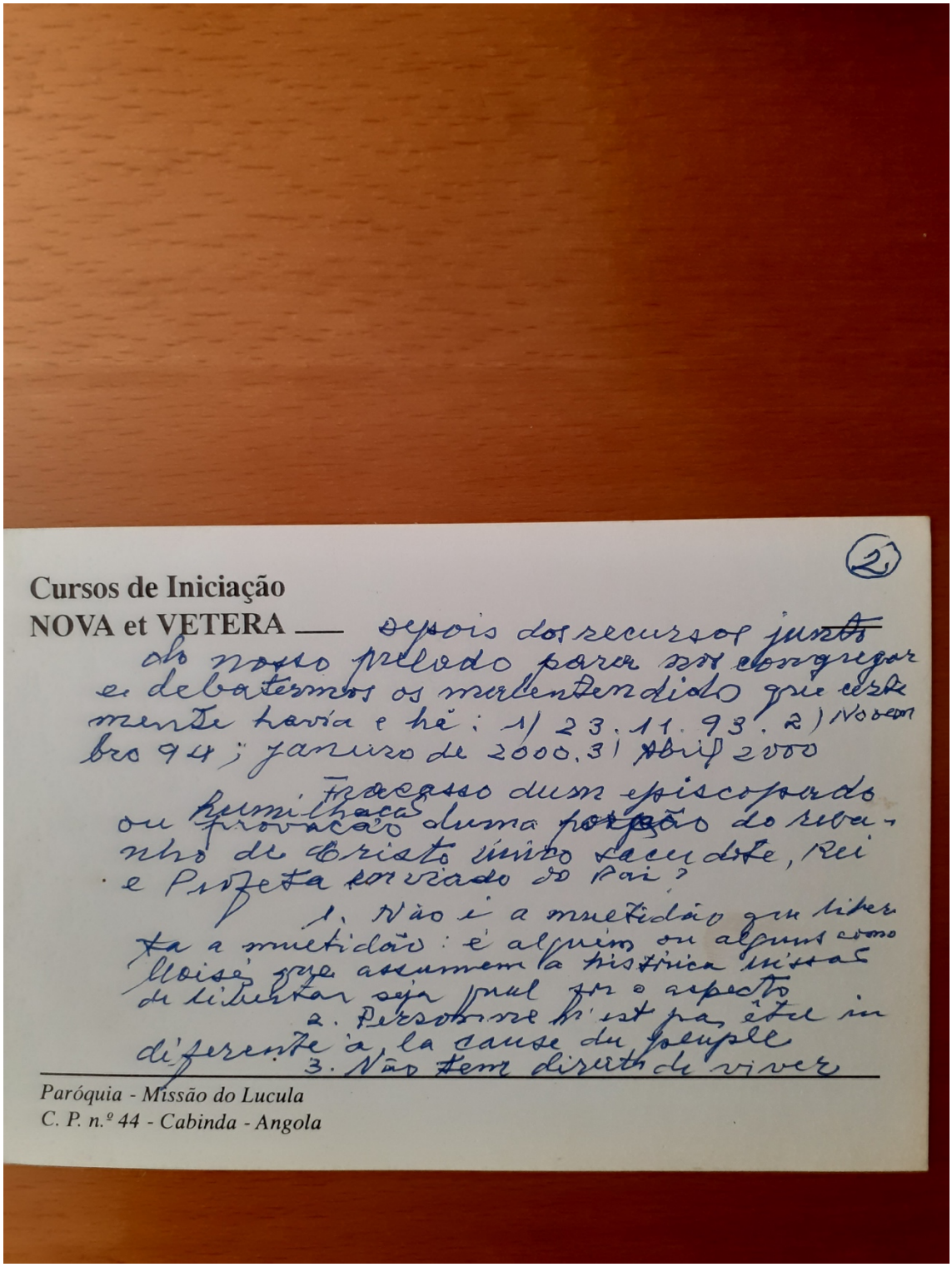


Centro de Pesquisa
Reflexão e Leitura
FRANCISCO DE ASSIS

Método Inongo Vongo

~~desde~~ Muito cedo comecei a sentir-me atraído pelo ~~real~~ mistério da cultura, nomeadamente nas suas expressões manifestações: dança, canto, etc

Bairro 1.º de Maio Z/C ___ ª Rua Casa n.º 42 • C. P. n.º 44
Tel./Fax: 00 24 431 • 22 412 - Meng, Lda. • Cabinda - Angola

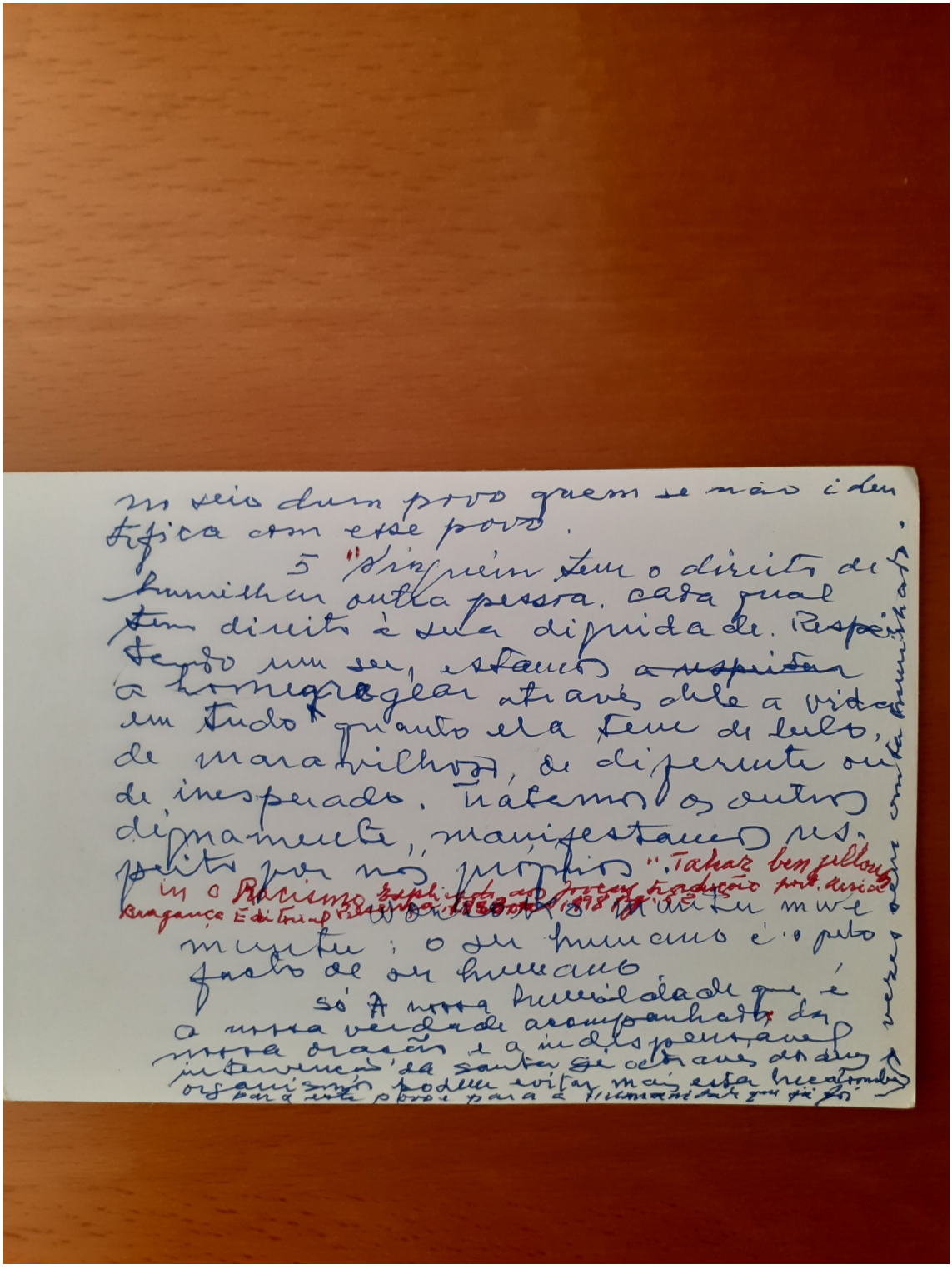


Cursos de Iniciação
NOVA et VETERA — Depois dos recursos ~~justo~~ do nosso prelado para nos congregar e debatermos os mal entendidos que existe mente havia e há: 1) 23.11.93. 2) Novembro 94; janeiro de 2000. 3) Abril 2000

Fracasso dum episcopado ou humilhação duma provação do rebanho de Cristo unido sacerdote, Rei e Profeta enviado do Pai?

1. Não é a multidão que liberta a multidão: é alguém ou alguns como Moisés que assumem a histórica missão de libertar seja qual for o aspecto
2. Personne n'est pas étranger ou indifférent à la cause du peuple
3. Não tem direito de viver

Paróquia - Missão do Lucula
C. P. n.º 44 - Cabinda - Angola



no seio dum povo quem se não identifica com esse povo.

5 "Ninguém tem o direito de humilhar outra pessoa. Cada qual tem direito à sua dignidade. Respeitando um ser, estamos ~~a respeitar~~ a homenagear através dele a vida em tudo quanto ela tem de belo, de maravilhoso, de diferente ou de inesperado. Tratamos os outros dignamente, manifestamos respeito por nós próprios". Tahar ben Jelloun in O Racismo Explicado aos Jovens tradução port. Maria Bragança Editorial Presença, 1998 pg. 52

Morrerão muitos muitos muitos; o ser humano é o pelo facto de ser humano.

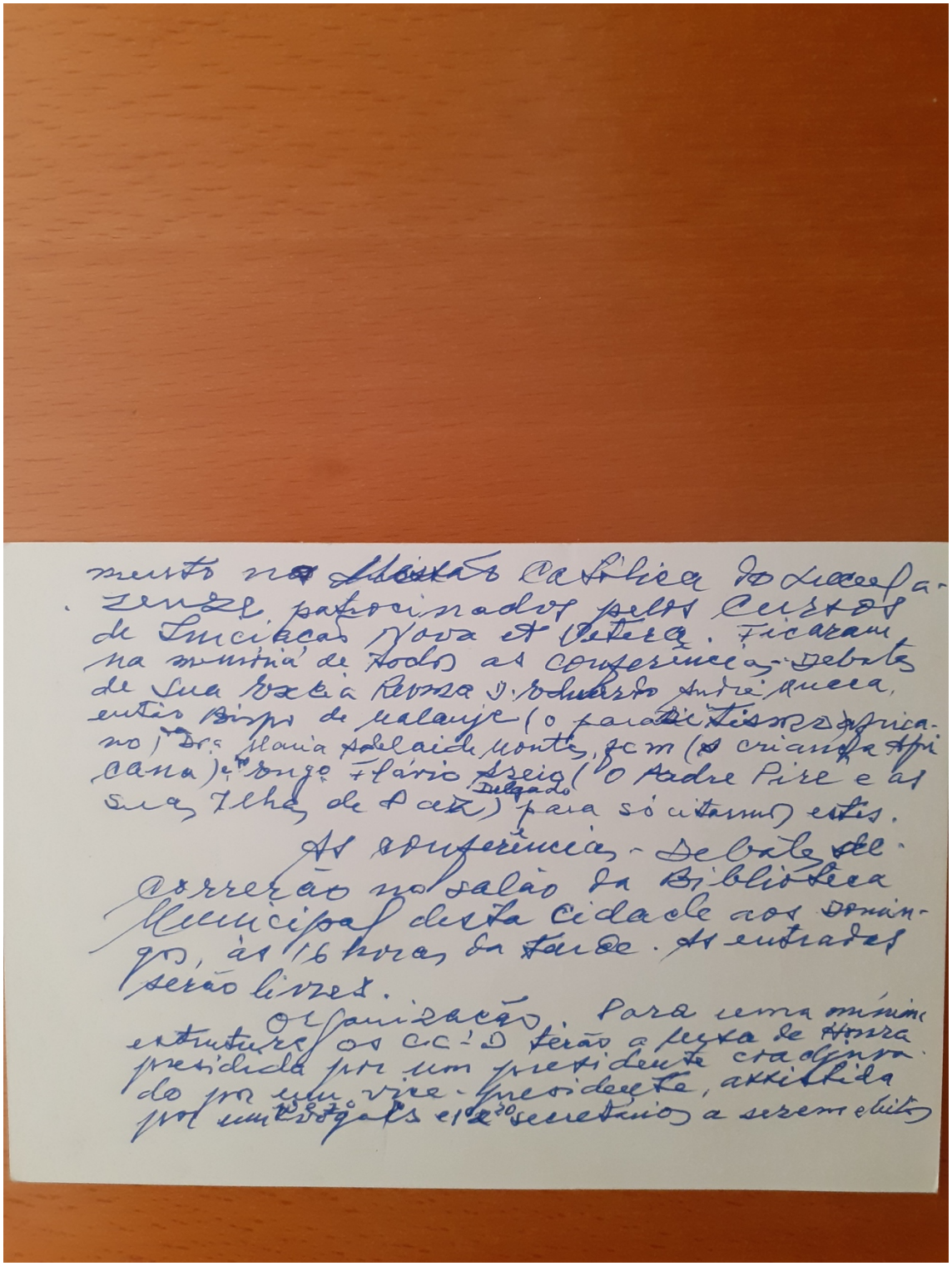
Só A nossa humildade que é a nossa verdade acompanhada da nossa oração e a indispensável intervenção da santa Sé através dos seus organismos podem evitar mais esta hecatombe para este povo e para a humanidade que já foi vezes sem conta humilhado.

Cursos de Iniciação
NOVA et VETERA ___ Comunicado à Imprensa, à Radio e à Televisão

Os Cursos de Iniciação Nova et Vetera actualmente reorientados para a Fundação Pe Eugénio Bisch reassumem a vitalização dos ciclos de conferências-debates recomendados no Comunicado Final do 1º Seminário Provincial de Formação de Formadores de sefabilização em língua ibinda segundo o reto do Inongo. Inongo em ordem a criação de espaço de cultura que por vocação é alma, é vida.

É, afinal, uma tradição que se retoma que viu o seu nascimento e floresci-

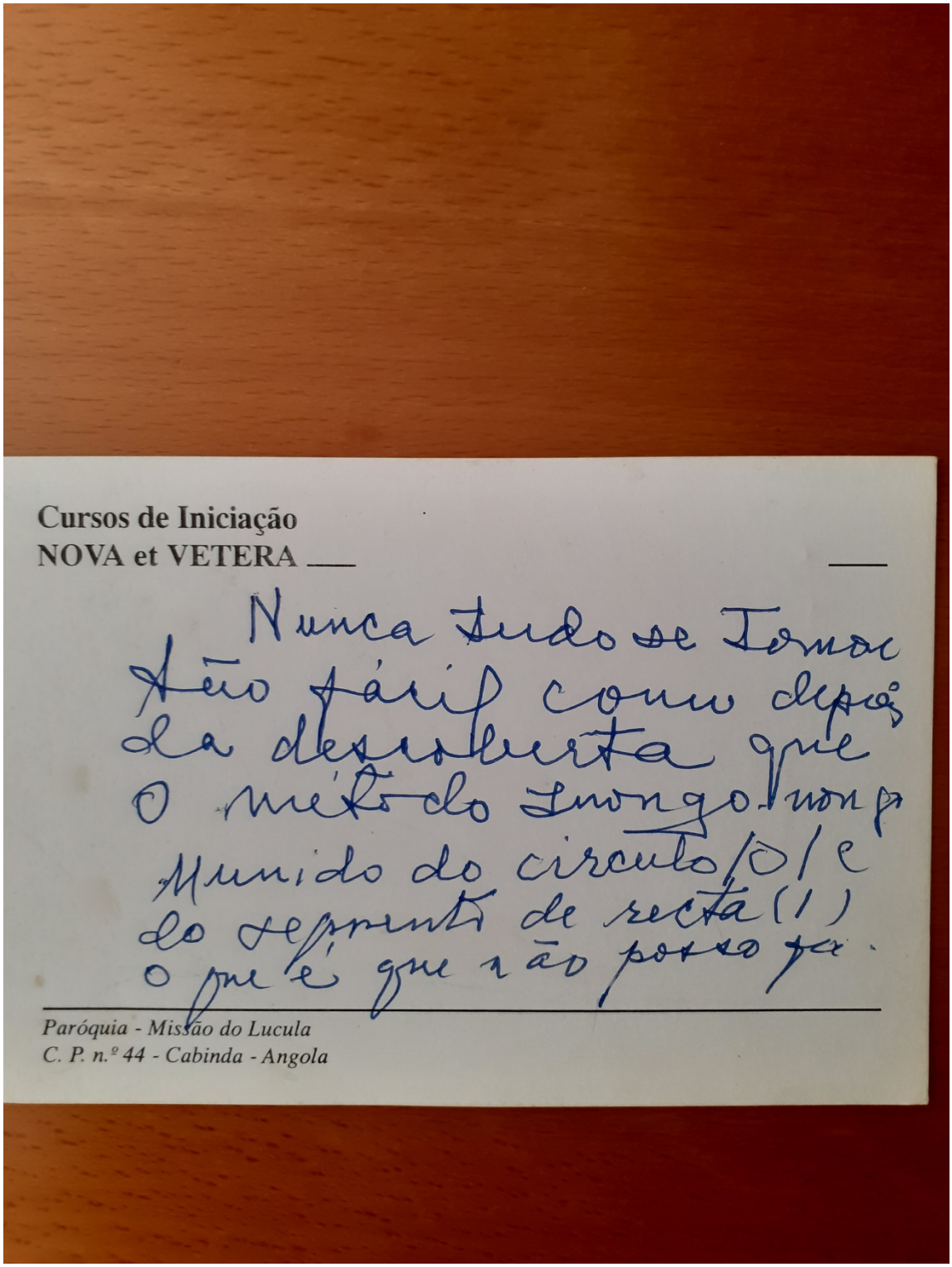
Paróquia - Missão do Lucula
C. P. n.º 44 - Cabinda - Angola



mento na Missão Católica do Lucel a-
zenze, patrocinados pelos Cursos
de Iniciação Nova et Vetera. Ficaram
na memória de todos as conferências-Debates
de Sua Excia Revma D. Eduardo André Muaca,
então Bispo de Malanje (o paradigma Tiscrezafrica-
no) Dra Maria Adelaide Montes, fcm (A criança Afri-
cana) e Engº Flávio Areio Delgado (O Padre Pire e as
suas Ilhas de Paz) para só citarmos estes.

As conferências-Debates de-
correrão no salão da Biblioteca
Municipal desta cidade aos Domin-
gos, às 16 horas da tarde. As entradas
serão livres.

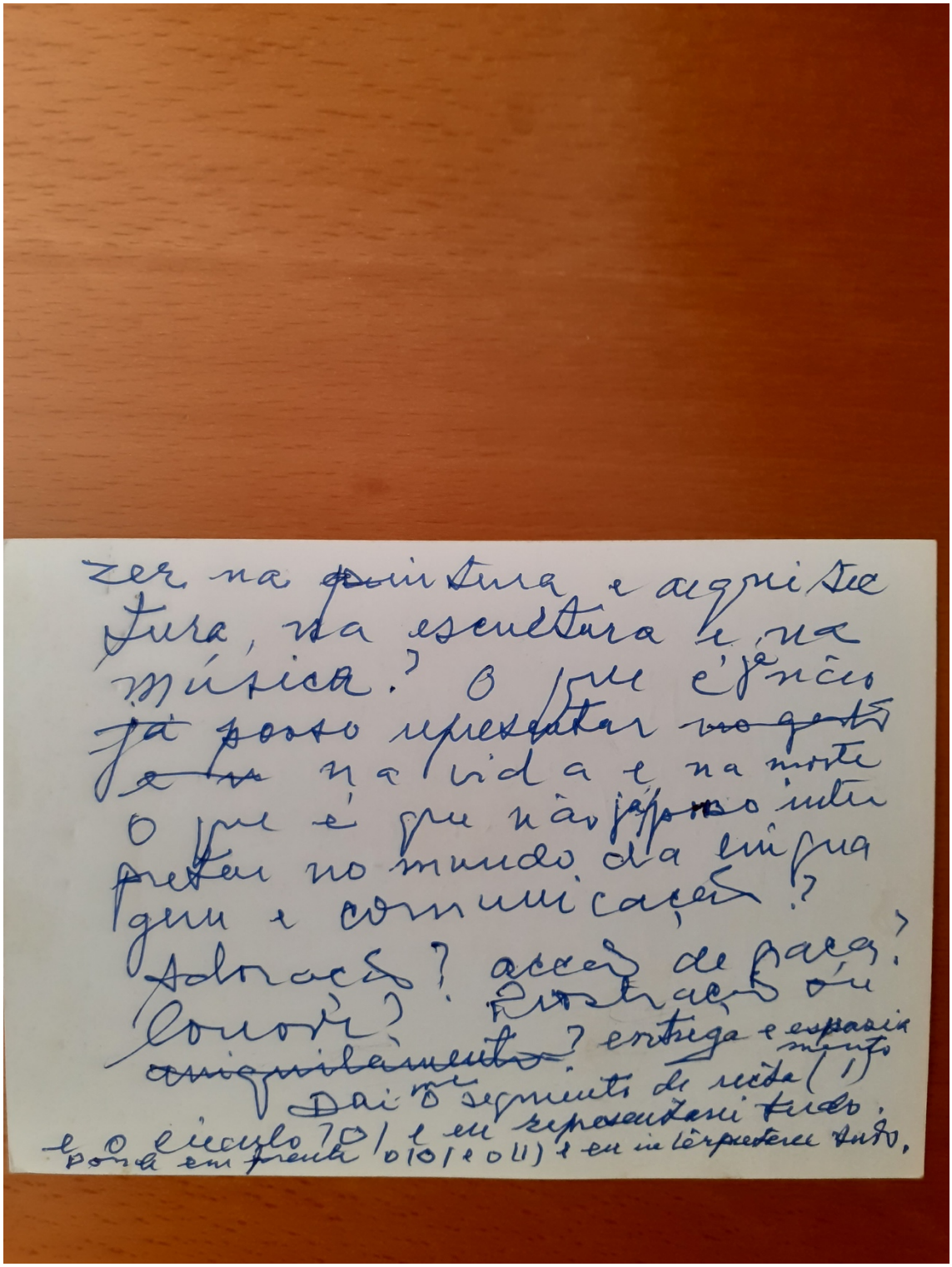
Organização. Para uma mínima
estrutura os CC-D terão a Mesa de Honra
presidida por um presidente coadjuva-
do por um vice-presidente, assistida
por um 1º vogal e 1º secretário a serem eleitos



Cursos de Iniciação
NOVA et VETERA

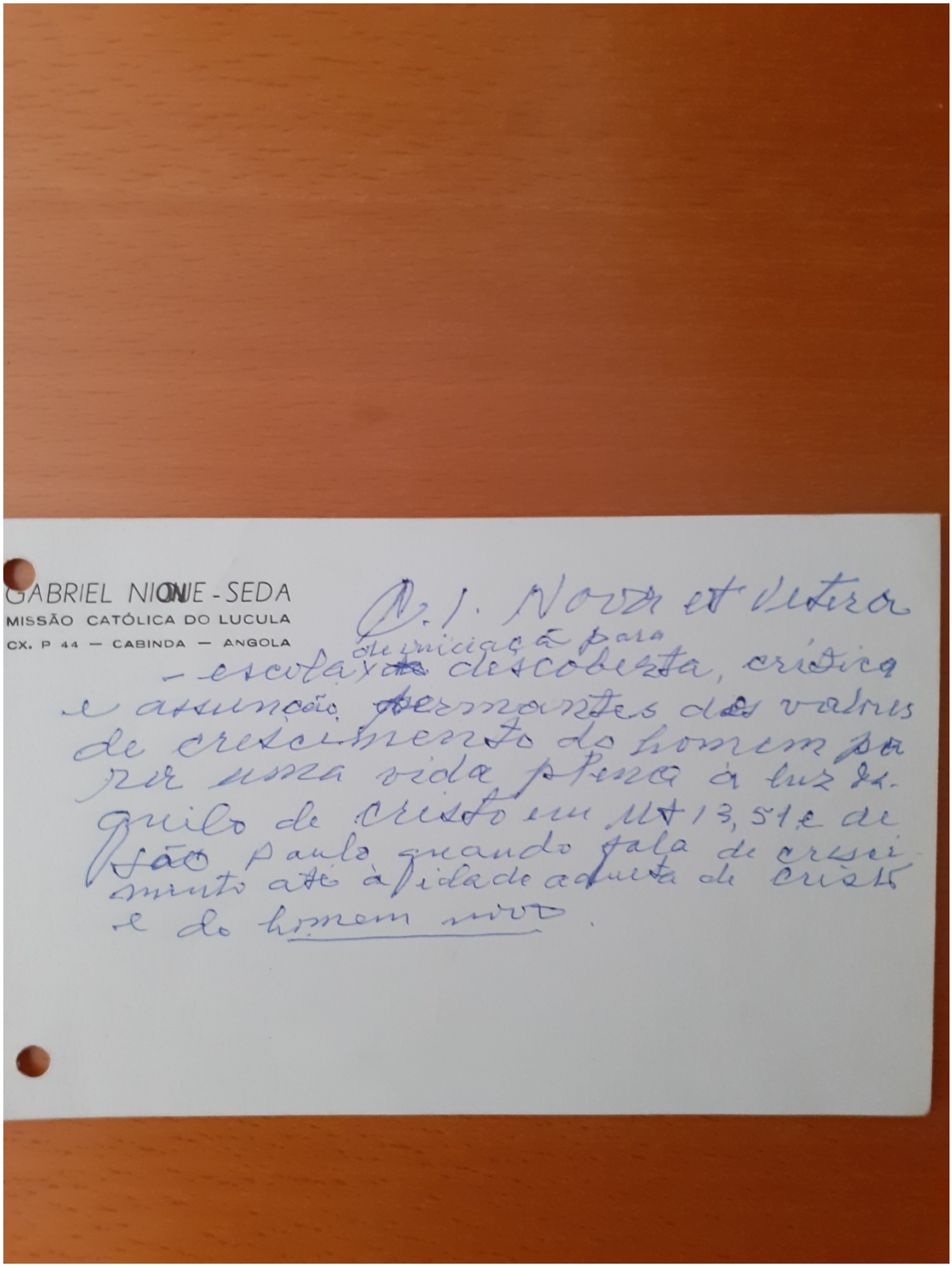
Nunca tudo se tomou
tão fácil como depois
da descoberta que
o método Luongo-Nongo
Munido do circulo/O/e
do segmento de recta (/)
o que é que não posso fa.

Paróquia - Missão do Lucula
C. P. n.º 44 - Cabinda - Angola



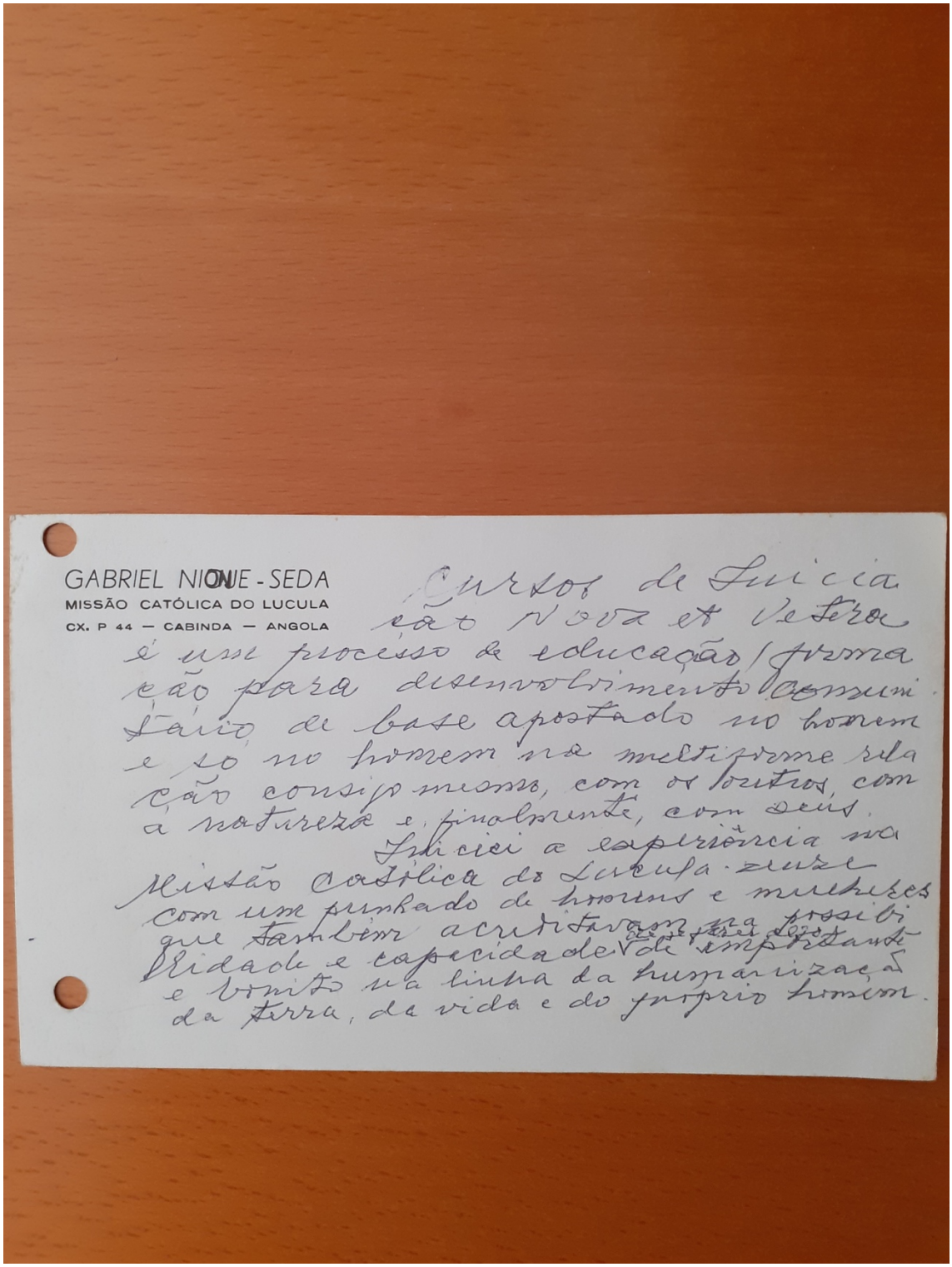
zer na pintura e arquitectura, na escultura e na música? O que é já não já posso representar ~~no gesto~~ ~~e~~ na vida e na morte O que é que não já posso interpretar no mundo da linguagem e comunicação? Adoração? acção de graça? Louvor? Prostração ou ~~aniquilamento~~? entrega e espaciamento

Dai-me o segmento de recta (|) e o círculo (O) e eu representarei tudo. Ponde em frente o (O) e o (|) e eu interpretarei tudo.



GABRIEL NIONE - SEDA
MISSÃO CATÓLICA DO LUCULA
CX. P 44 — CABINDA — ANGOLA

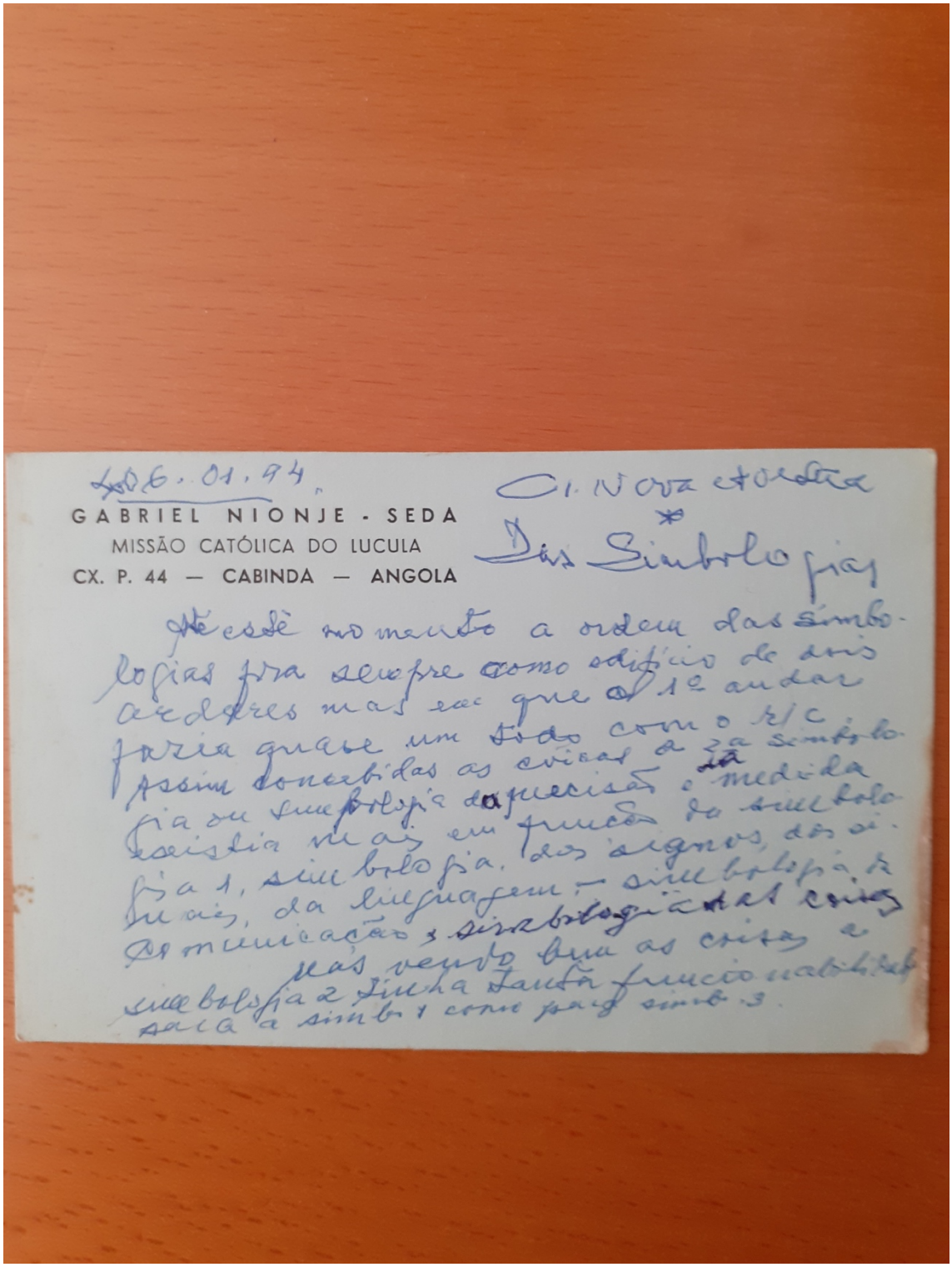
C. I. Nova et Vetera
- escola de iniciação para descoberta, crítica e assunção permanentes dos valores de crescimento do homem para uma vida plena à luz do quilo de Cristo em Mt 13,51 e de São Paulo quando fala de crescimento até à idade adulta de Cristo e do homem novo.



GABRIEL NIONE - SEDA
MISSÃO CATÓLICA DO LUCULA
CX. P 44 — CABINDA — ANGOLA

Cursos de Iniciação Nova et Vetera é um processo de educação/formação para desenvolvimento comunitário de base apostado no homem e só no homem na multiforme relação consigo mesmo, com os outros, com a natureza e, finalmente, com Deus.

Iniciei a experiência na Missão Católica do Lucula-Zeuze com um punhado de homens e mulheres que também acreditavam na possibilidade e capacidade de fazer algo de importante e bonito na linha da humanização da terra, da vida e do próprio homem.



06.01.94.

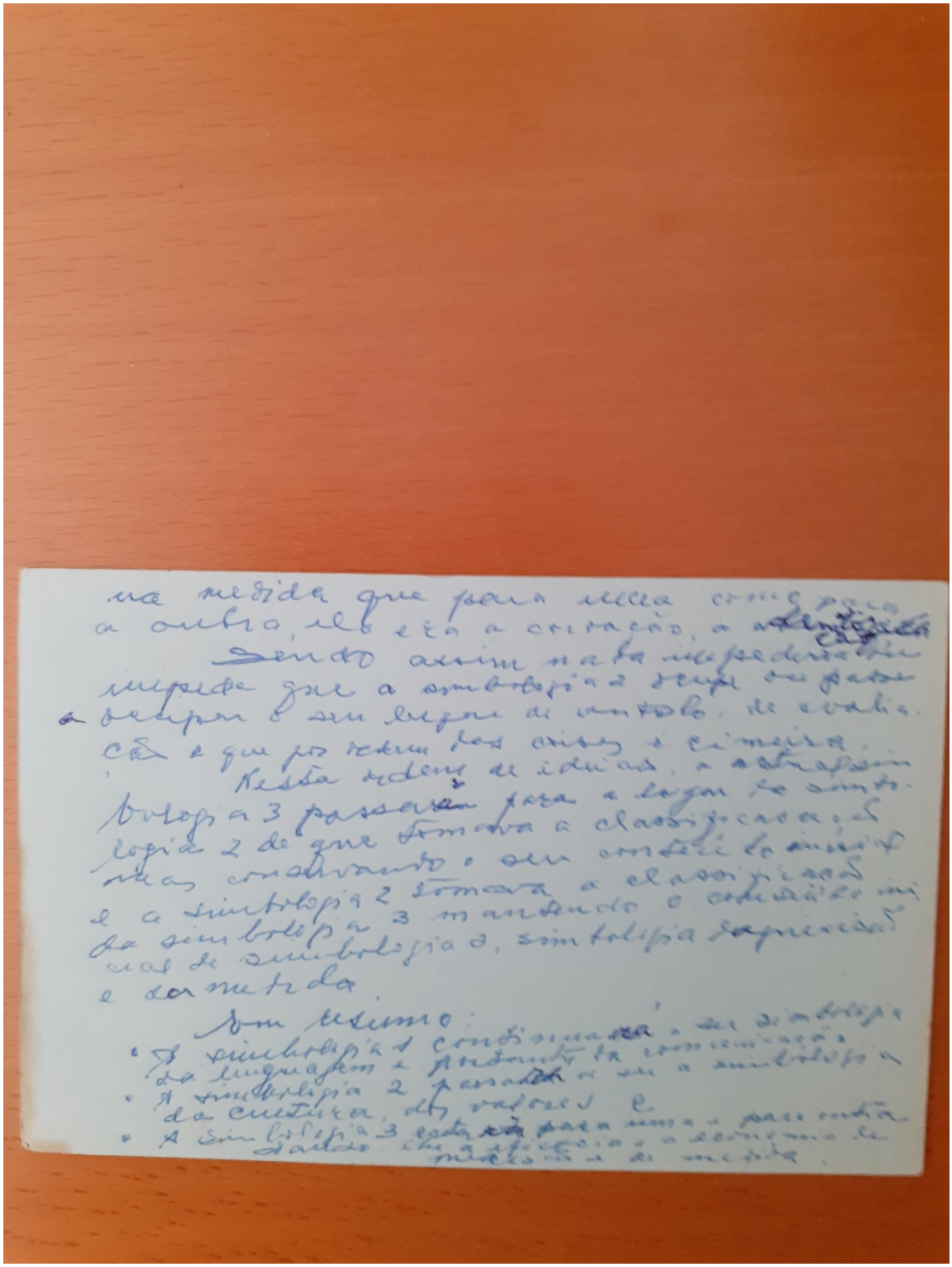
GABRIEL NIONJE - SEDA
MISSÃO CATÓLICA DO LUCULA
CX. P. 44 — CABINDA — ANGOLA

01. Nova etapa

*

Das Simbologias

Até este momento a ordem das simbologias foi sempre como edifício de dois andares mas eu que o 1º andar faria quase um todo com o r/c, assim concebidas as coisas a 2ª simbologia ou sumbologia desaparecia e a medida existia mais em função da simbologia 1, simbologia dos signos, dos símbolos, da linguagem - simbologia da comunicação - simbologia das coisas mas vendo bem as coisas a simbologia 2 tinha tanta função nobilitadora da simbologia como para simbologia 3.



na medida que para uma como para
a outra, ela era a coroação, a [illegible]

Sendo assim nada impedirá que
impede que a simbologia 2 ocupe ou passe
a ocupar o seu lugar de controlo, de avalia-
ção e que por ordem das crises é cimeira.

Nessa ordem de ideias, a actual sim-
bologia 3 passará para o lugar da simbo-
logia 2 de que tomava a classificação
mas conservando o seu conteúdo inicial
e a simbologia 2 tomava a classificação
da simbologia 3 mantendo o conteúdo ini-
cial de simbologia 3, simbologia da precisão
e da medida.

Em resumo:

- A simbologia 1 continuará a ser simbologia da linguagem e portanto da comunicação.
- A simbologia 2 passará a ser a simbologia da cultura, dos valores e
- A simbologia 3 estará para uma e para outra dando-lhe a eficácia e a economia de precisão e de medida.

Notas para a simbolo-
gia e alfabetização segundo o
Método Luongo. Nongo dos C. I.
Nova et Vetera.

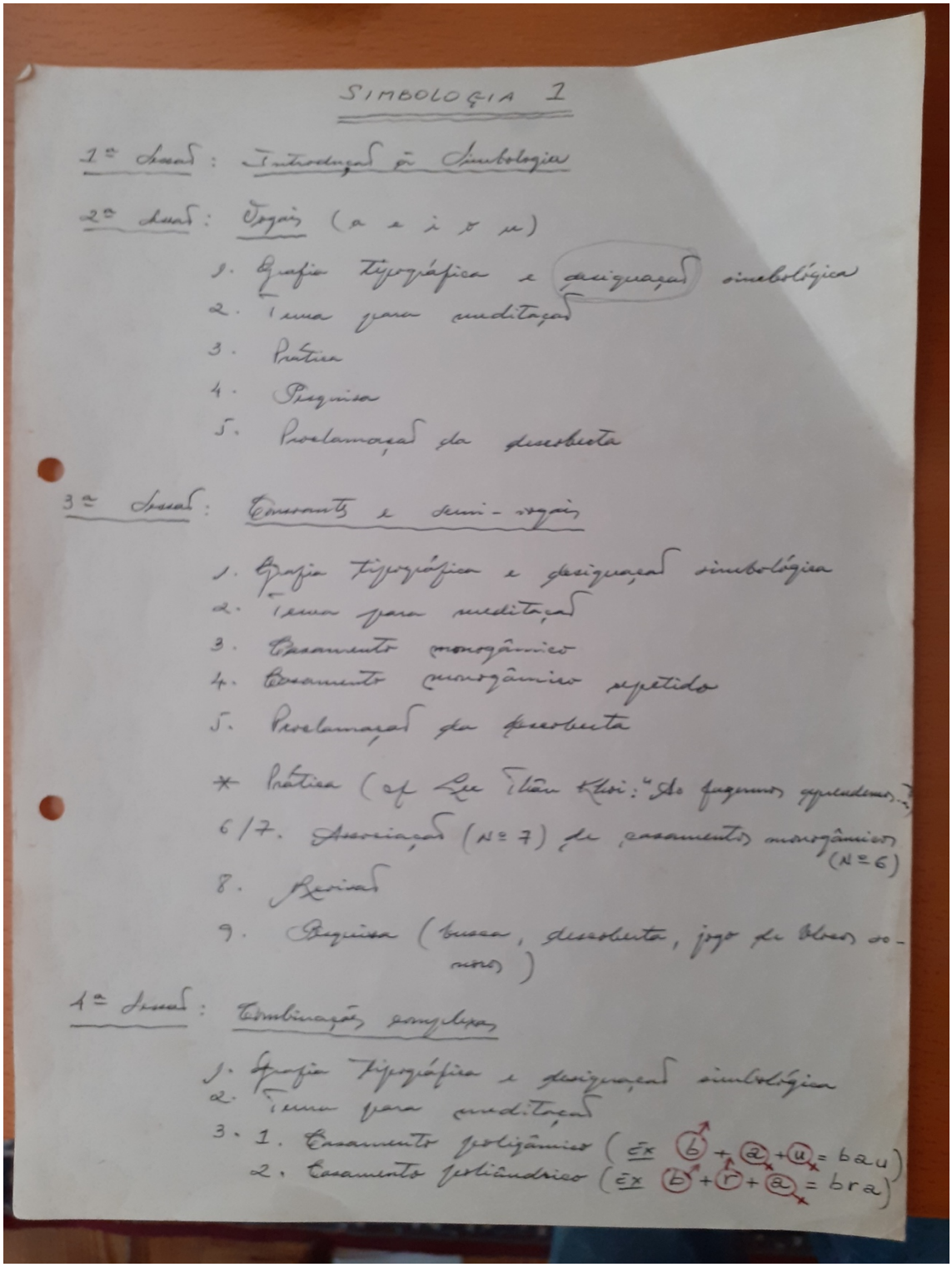
O método Luongo.

- Nongo resultou do confronto
~~[illegible]~~ dos sinais gráficos do
alfabeto fenício com os símbo-
los da cultura africana neo-
congolesa plenos de sentido, vida
e acção. Não é verdade que cada
símbolo africano é um mundo?

Sonhando com o método
sonhávamos com a eficácia
do mesmo, com a economia
do tempo e do espaço na
sua aplicação. E o mé-
todo resultou tanto no campo
da eficácia como no da economia.

Lisboa, 5.11.87

J. Nivuje Lda



SIMBOLOGIA 1

1ª Sessão: Introdução à Simbologia

2ª Sessão: Vogais (a e i o u)

1. Grafia tipográfica e designação simbológica
2. Tema para meditação
3. Prática
4. Pesquisa
5. Proclamação da descoberta

3ª Sessão: Consoantes e semi-vogais

1. Grafia tipográfica e designação simbológica
2. Tema para meditação
3. Casamento monogâmico
4. Casamento monogâmico repetido
5. Proclamação da descoberta

* Prática (cf Lee Thân Khoi: "Ao fazermos aprendemos...")

6/7. Associação (Nº 7) de casamentos monogâmicos (Nº 6)

8. Revisão
9. Pesquisa (busca, descoberta, jogo de blocos sonoros)

4ª Sessão: Combinações complexas

1. Grafia tipográfica e designação simbológica
2. Tema para meditação
3. 1. Casamento poligâmico (ex b + a + u = bau)
   2. Casamento poliândrico (ex b + r + a = bra)

3ª Sessão: Consoantes e semi-vogais

PLANO

0. Introdução

I ª Parte: Estudo do som masculino

Fase 1: Noção do som humano bilabial b

Fase 2: Convenção e fenómeno da conversão ou correspondência

II ª Parte: Trabalho de busca

Fase 1: Grafia tipográfica e designação simbológica

Fase 2: Tema para meditação

Fase 3: Prática

III ª Parte: Combinação do som masculino com os sons feminins

Fase 1: a) Combinações simples ou Casamento monogâmico / Explanação

b) Casamento monogâmico ou combinação simples / Aplicação prática
– Proclamação da descoberta / Canto

Fase 2: Casamento monogâmico repetido
– Canto (sílabas geminadas)

Fase 3: Criação de palavras

Fase 4: Prática (cf Lee Thân Khoi: "Ao fazermos aprendemos...")

a) Associação (Nº 7), de casamentos monogâmicos (Nº 6)

b) Revisão (Nº 8)

c) Pesquisa (busca, descoberta, jogo de blocos sonoros) [illegible]

4ª Lessão: Combinações complexas (Composição de blocos compostos)

PLANO

0. Introdução (cf provérbio binda: "Buala buaku buaka bukambua nfumu, bana, malau, nkuezi, migila")

Iª Parte: Casamento poligâmico (Ex b + a + u)

Fase 1: Tema para meditação

Fase 2: Prática (busca, descoberta, criação de palavras)

IIª Parte: Casamento poliândrico (Ex b + r + a)

Fase 1: Tema para meditação

Fase 2: Prática (busca, descoberta, criação de palavras)

IIIª Parte: Escravatura (l, s, m, n, r)

Fase 1: Tema para meditação

Fase 2: Prática (busca, descoberta, criação de palavras)

IVª Parte: Nasalação e Guturalização (m, n, ~)

5ª Lessão: Simbologia 2 (Da Precisão)

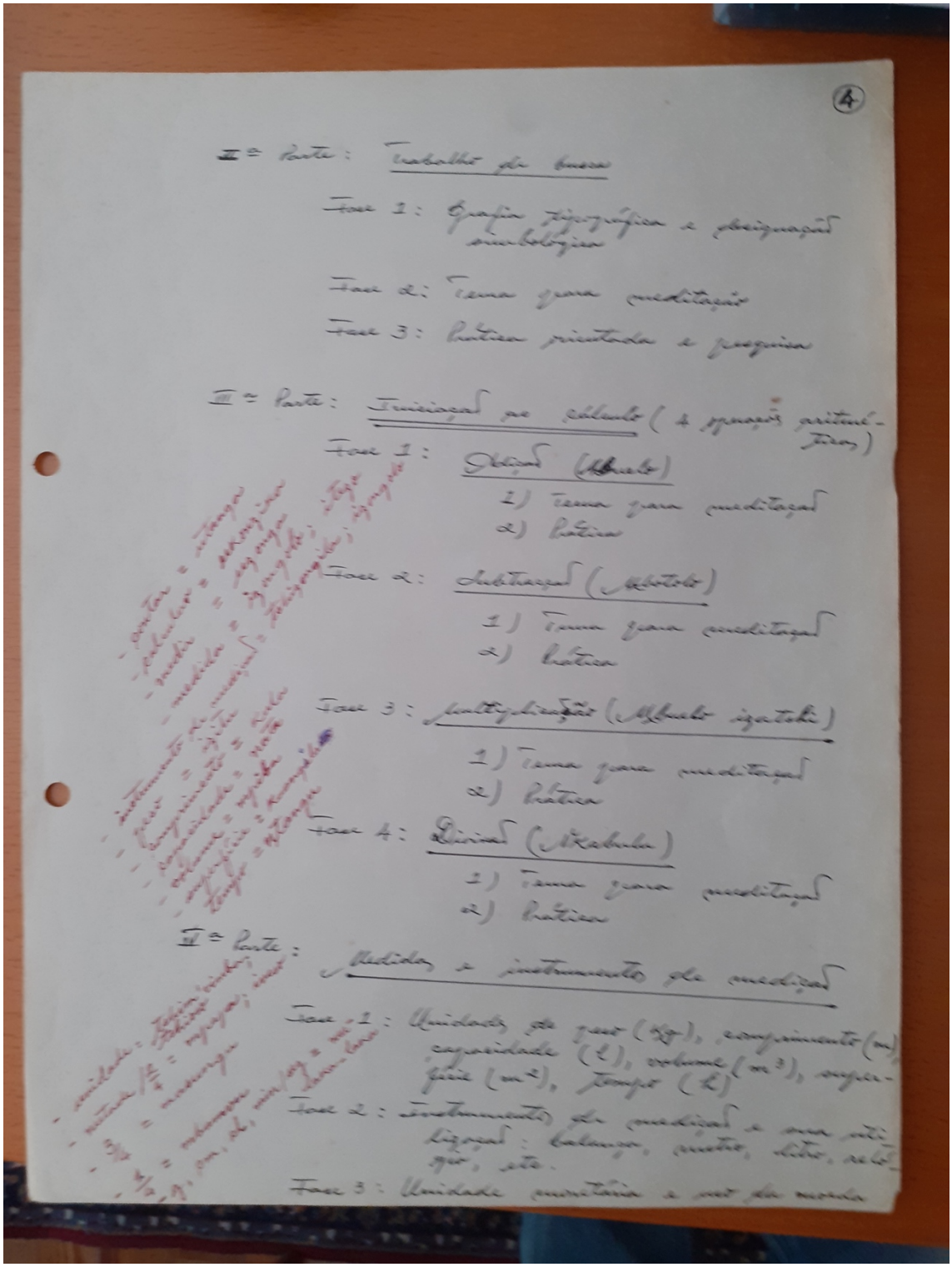
PLANO

0. Introdução

Iª Parte: Noções preliminares de contagem

Fase 1: Noção do vazio, do pleno, do singular e do plural (múltiplo)

Fase 2: Convenção e fenómeno da conversão ou correspondência



4

II ª Parte: Trabalho de busca

Fase 1: Grafia tipográfica e designação simbológica

Fase 2: Tema para meditação

Fase 3: Prática orientada e pesquisa

III ª Parte: Iniciação ao cálculo (4 operações aritméticas)

Fase 1: Adição (Abuelo)

1) Tema para meditação
2) Prática

Fase 2: Subtração (Abotolo)

1) Tema para meditação
2) Prática

Fase 3: Multiplicação (Abuelo izatshi)

1) Tema para meditação
2) Prática

Fase 4: Divisão (Akabula)

1) Tema para meditação
2) Prática

IV ª Parte: Medidas e instrumentos de medição

Fase 1: Unidades de peso (kg), comprimento (m), capacidade (l), volume (m^3), superfície (m^2), tempo (h)

Fase 2: Instrumentos de medição e sua utilização: balança, metro, litro, relógio, etc.

Fase 3: Unidade monetária e uso da moeda

DIDÁTICA

(1)

1ª Parte: Introdução à Simbologia (1, 2 e 3) (*)

= Simbologia 1 (do Diálogo)
= " 2 - Simbologia de medida e precisão dos valores
= " 3 - "

2ª Parte: Vogais (a e i o u) / Simbologia 1

Plano

I. Introdução

I ª Parte: Distinção natural entre som feminino e masculino; Noções preliminares de fonética

Fase 1: Noção do som feminino humano 2

Fase 2: Convenção e fenómeno da conversão ou correspondência

II ª Parte: Trabalho de busca

Fase 1: Grafia tipográfica e designação simbológica

Fase 2: Tema para meditação

Fase 3: Prática

Fase 4: Pesquisa

III ª Parte: Proclamação da descoberta

Fase 1: Leitura (vogais isoladas)

Fase 2: Canto (vogais geminadas)

Fase 3: Canto (" isoladas)

(*) Os Simbologias 1 e 2 banham no mar imenso da Simbologia 3 — a Simbologia dos Valores. Não admira, assim, que aquelas estejam impregnadas desta.

- Capa
- Prefácio — A. KAMBWA
- ~~Introdução — Prof. Dr. MABIALA - SEDA~~
- A palavra que faltava — G. NIONJE - SEDA

* DIDÁCTICA

- 1ª Lessão
  - Introdução à Simbologia / Conhecimento e símbolo. Iniciação
- 2ª Lessão: Vogais (a e i o u) + 0, 1, 2, 3, 4, 5
  - Designação simbológica e proclamação
  - Meditação
  - Grafia tipográfica e manual
  - Prática (cf Lee Thân Khoi: "Ao fazermos aprendemos ...")
- 3ª Lessão: Consoantes e semi-vogais
  - Designação simbológica ~~e proclamação~~
  - Meditação
  - Grafia tipográfica e manual
  - Combinações / casamento consoante - vogal (marido - esposa) e proclamação
  - Prática: aplicação, revisão e pesquisa

N.B. 1ª aula: b c d f g + 6, 7, 8, 9, 10
2ª " : h j k l m n + adição
3ª " : p q r s t + subtração
4ª " : v w x y z + multiplicação
5ª " : letras maiúsculas e divisão

N.B. Cada sessão comporta 2 tempos < simbologia / n

como o do:

- Eu
- Tu
- Transcendente

A Alfabetização - vias de acesso aos valores da cultura.

- Prática: Método de Alfabetização funcional Global que se veio concretizar no Método de Alfabetização Nongo-nongo ou método Cabindes de Alfabetização Nongo-nongo

* Em estudo o esquema da Puericultura

Lucula - Tenze, Julho de 1971
Ideário do Secretariado

Uso privativo.

O presente plano serviu de ponto de partida para todas as investigações que posteriormente se fizeram nos Cursos de Iniciação Novo e Ultra. Gabinete de Planificação, Pesquisa e Aplicação.

Método de Alfabetização
Inongo-nongo

Iniciação à leitura
compreensão
interpretação
tradução

Objectivo:
Transmissão ou comunicação da mensagem

Trabalho de recolha de textos para a Antologia do Método.

*

A alfabetização ou é funcional ou não é. A alfabetização é funcional, é ~~[illegible]~~ valor desde que é ponte, porta, janela aberta para o mundo do Homem, das coisas e dos acontecimentos.

Vista a óptica para o trabalho de recolha de textos iniciados desde a descoberta do Método na década de 70. O melhor do trabalho perdeu-se. E então vamos cruzar as mãos?... Não. O tema de meditação da letra-símbolo é encorajo-nos a continuar ou até mesmo a recomeçar.

Luanda, 9/11/73

[illegible]

da doença. Alimentação cuidada. Vida regrada. Sono. Alimentos e bebidas. Doenças contagiosas e sua profilaxia. Vacinações.
Em apêndice: A saúde e o problema económico.

V. Economia Doméstica.

— Nota Introdutória (Homo aeconomicus: O homem na existência sente-se projectado no futuro. Ao tomar consciência disso, faz-se providência. O homem e as necessidades (necessidades naturais, quase naturais e criadas pelo homem). O homem perante a necessidade (Trabalho e Aquisição; Uso e Poupança), a realidade moeda.

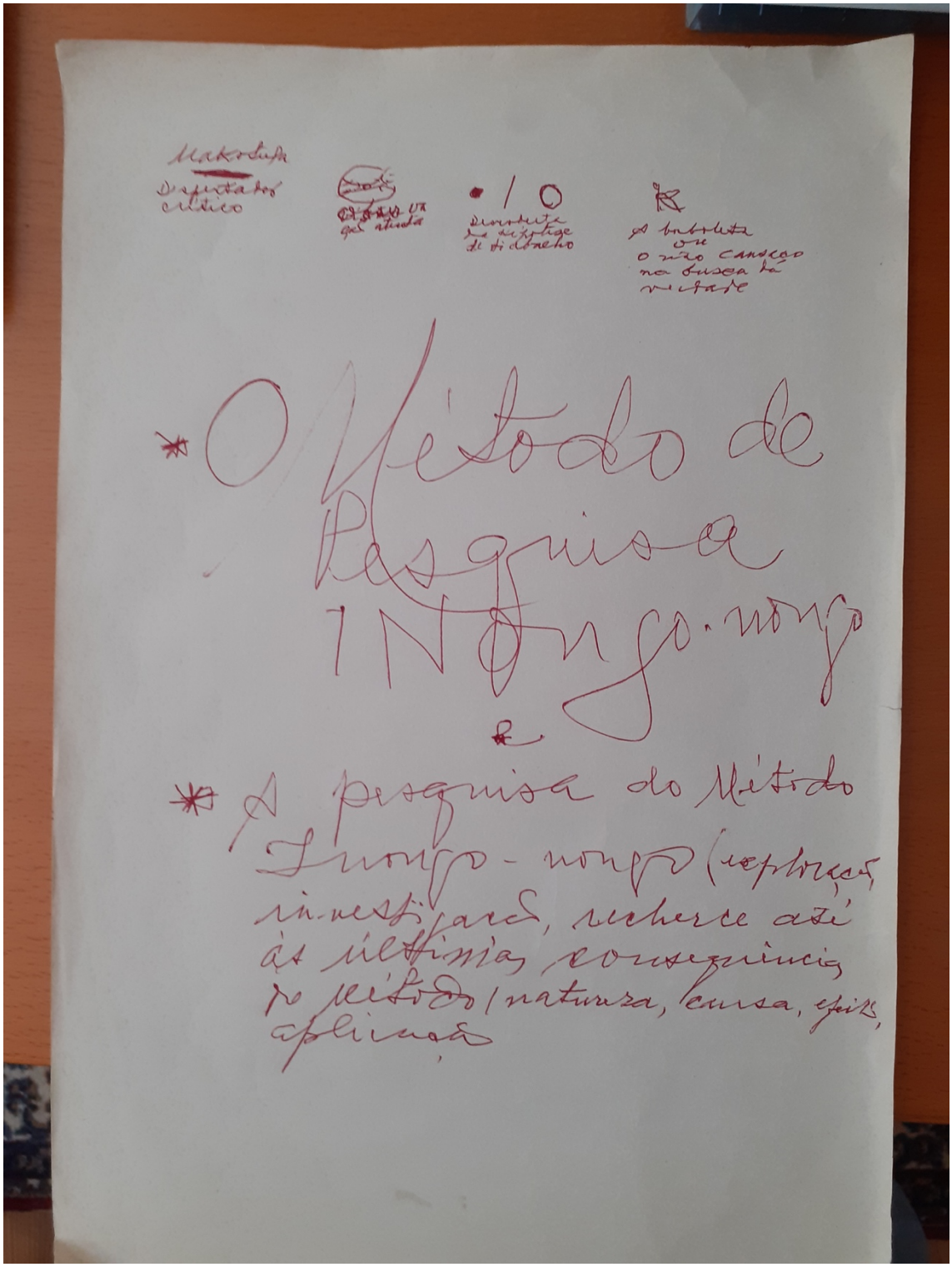
— O papel específico dos membros do lar na aquisição e conservação das posses, aquisição e conservação orientadas para o consumo e colocação no mercado.
Divisão do trabalho (Profissões).
Diversificação de culturas.
Costura, corte e confecção.

Nota-Chave: Há uma razão directa entre a Necessidade e o Progresso.

VI. Alfabetização.

— Nota Introdutória: Simbologia e Convenção (sob os iniciados penetram no mistério da simbologia. O conhecimento de sinais exige uma iniciação a que chamaremos Alfabetização)
Alfabetização — Via de diálogo que liberta. DIÁLOGO :— Consigo mesmo
— com os outros
— com a natureza

À luz desse tríplice diálogo, nascem problemas tais



Makotuda
Disputador crítico

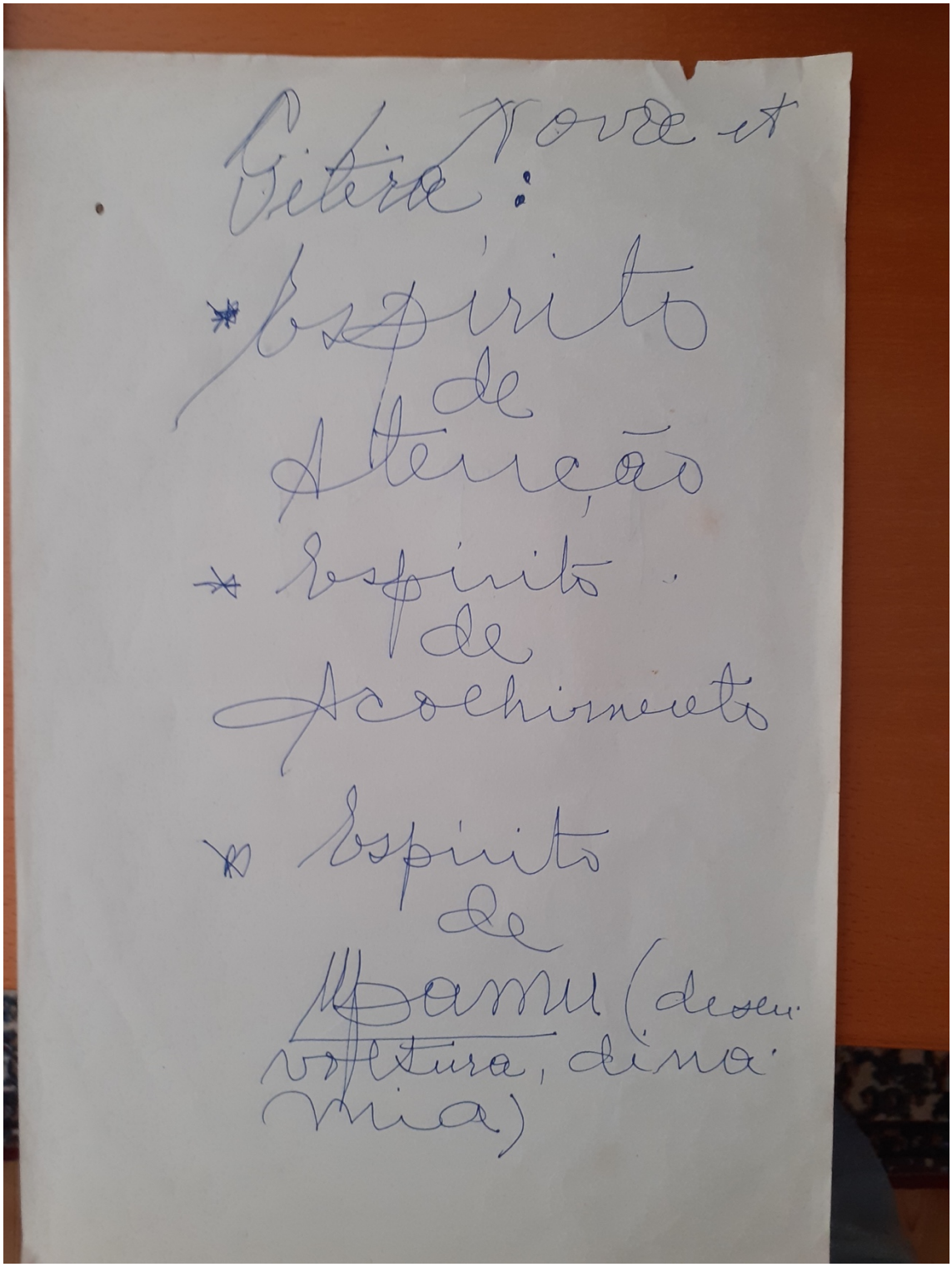
• / O
Devoluta da sipolise de Sidonelho

A borboleta ou o não cansaço na busca da verdade

* O Método de Pesquisa Inongo-nongo

e

* A pesquisa do Método Inongo-nongo (exploração, investigação, recherce até às últimas consequências do método (natureza, causa, efeito, aplicação



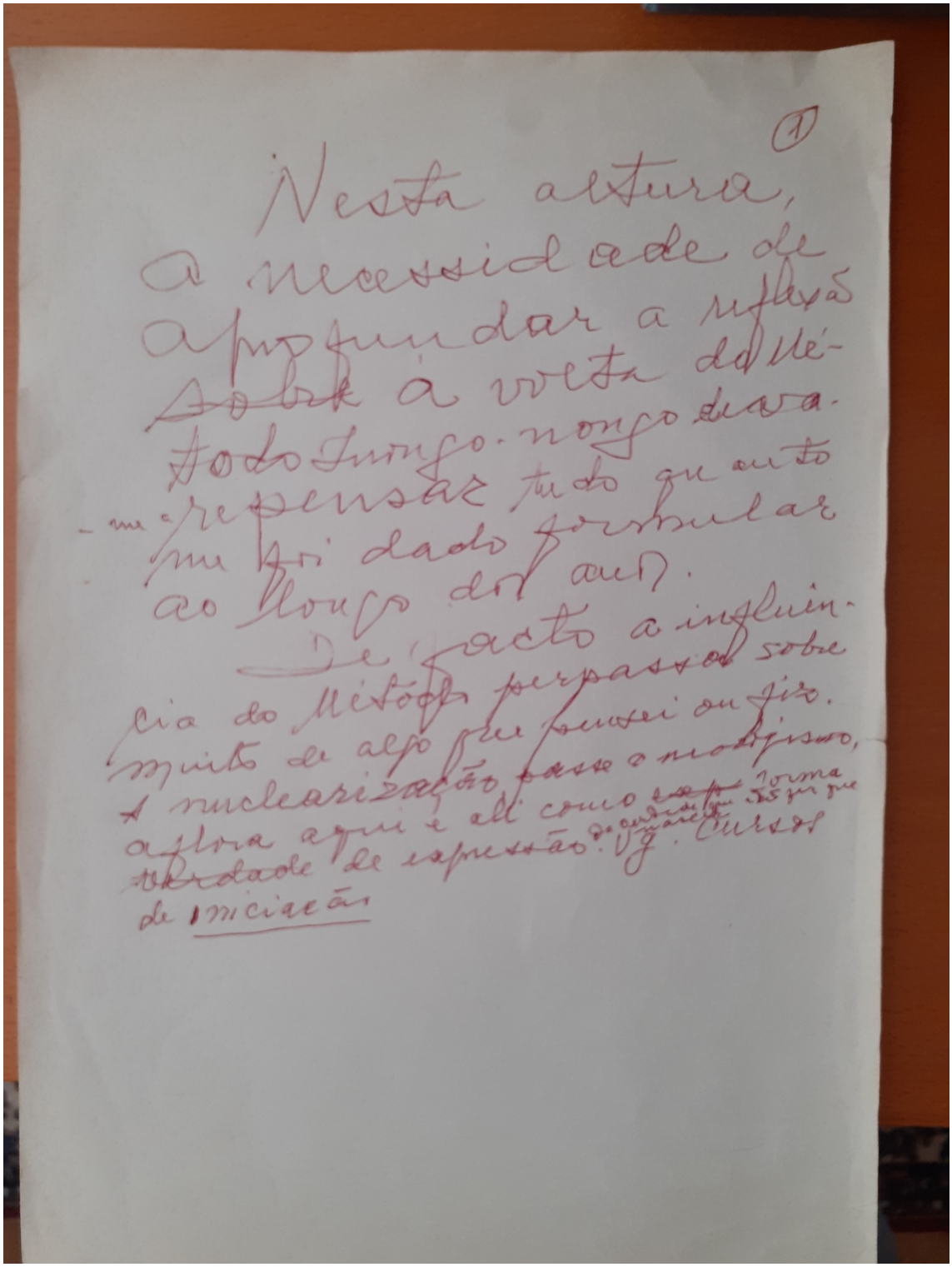
Gitira: Nova et

* Espírito de Atenção

* Espírito de Acolhimento

* Espírito de Mamu (desenvoltura, dinamia)

(1)



Nesta altura, a necessidade de aprofundar a reflexão ~~sobre~~ à volta do Método Inongo-nongo deva-me a repensar tudo quanto me foi dado formular ao longo dos anos.

De facto a influência do Método perpassa sobre muito de algo que pensei ou fiz. A nuclearização passa a morfismo, aflora aqui e ali como ~~exp~~ forma ~~verdade~~ de expressão. Vg. Cursos de iniciação

Y. Moaji Sda
(Chimpipele)

Capítulo

O Método Inongo-nongo
e a Pedagogia Africana de
Escola Aberta Participada
Participativa

de Pesquisa

Para o ser africano é um dado conseguido que todo o tempo é tempo de educação, de formação e de ensino como todo o tempo é tempo de iniciação e de aprendizagem.

O recurso a todos os espaços e modos pode facilitar a compreensão do que acabamos de afirmar.

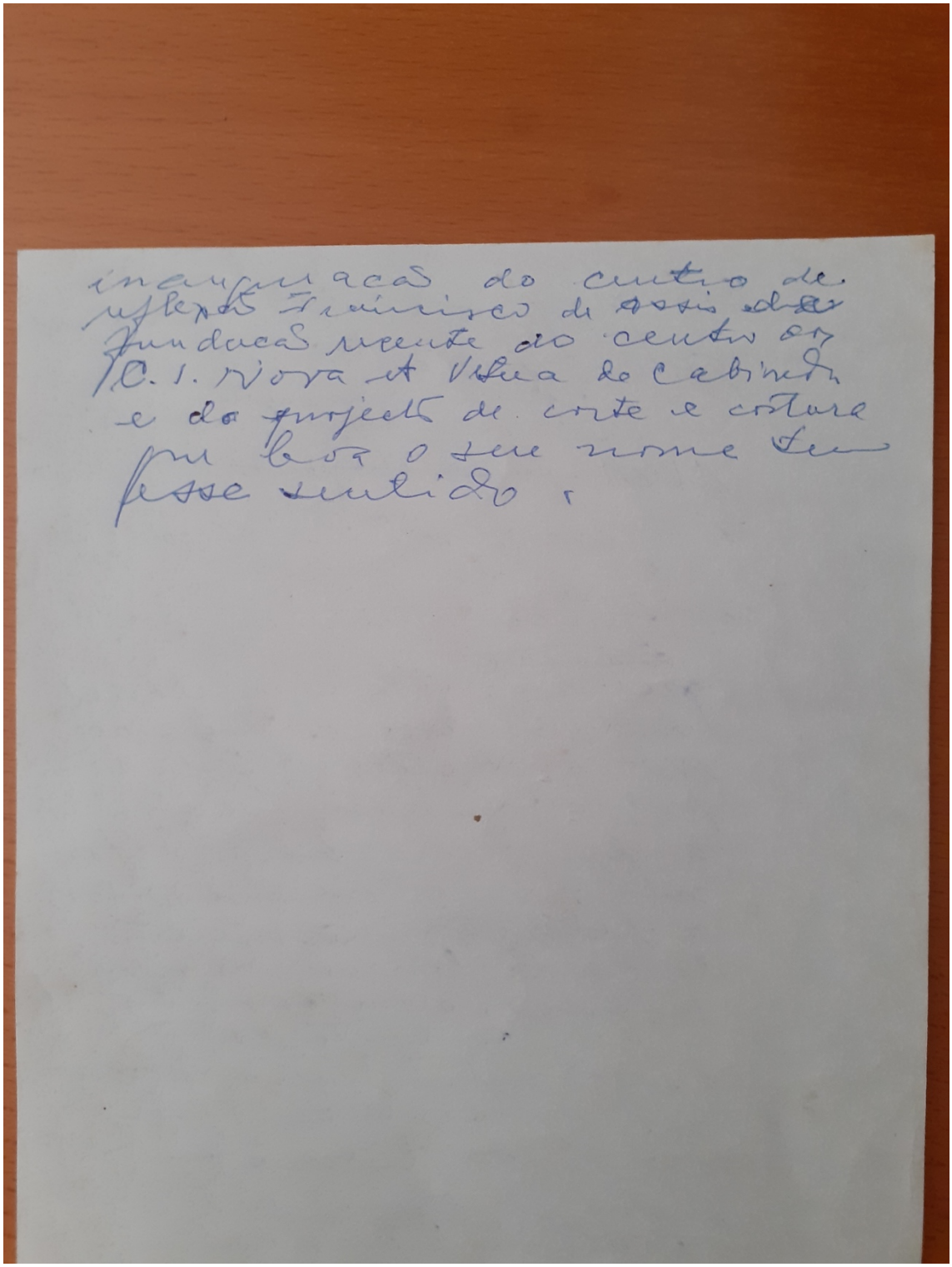
Daí que o Método Inongo-nongo é processo de descoberta permanente e de aprofund

O projecto corte e costura
Ana Maria de Oliveira
tem ~~fundamental~~ essencialmente ~~mente~~
~~com objectivos~~ magno objectivo

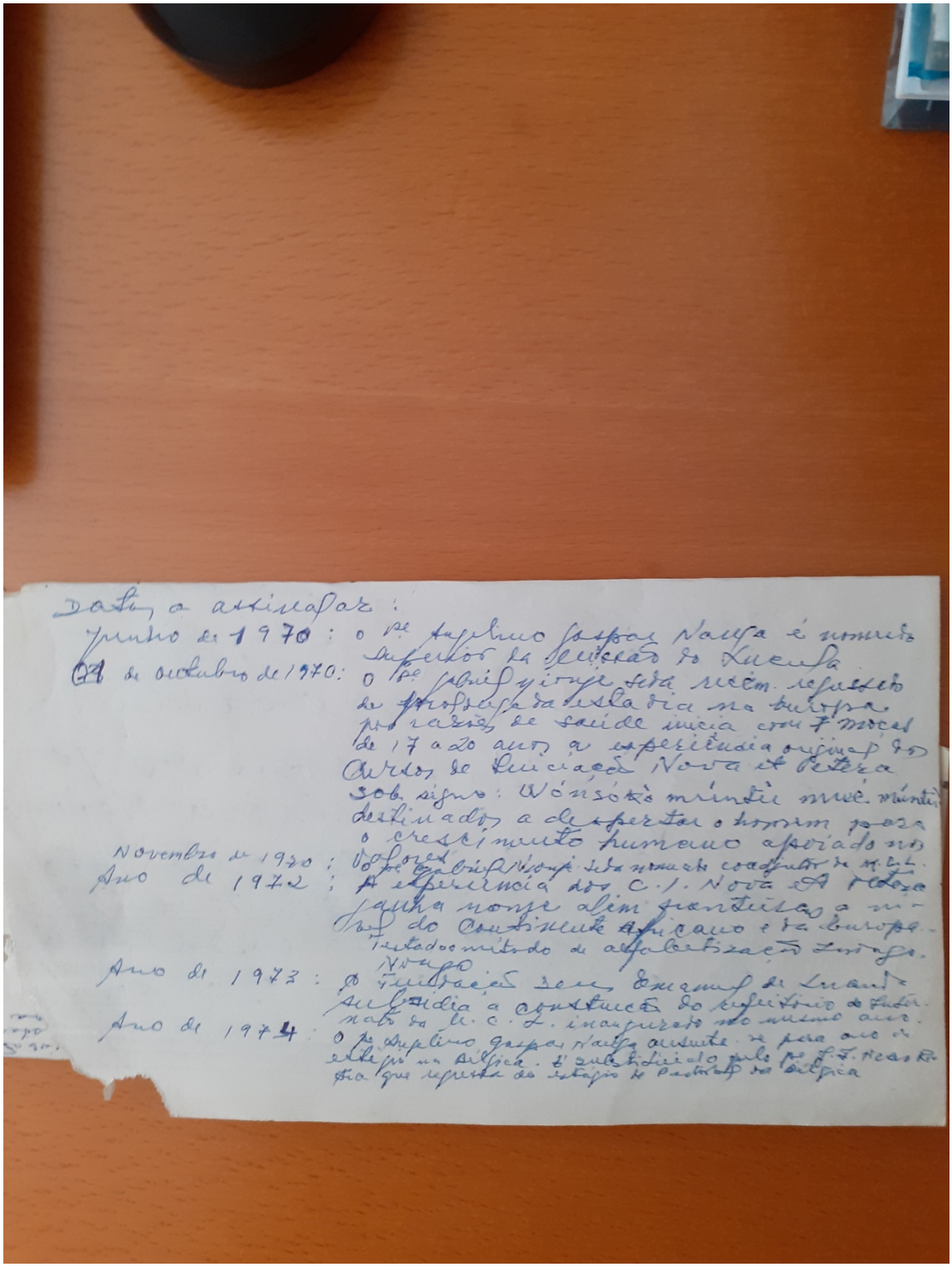
1. Formar e apoiar mulheres, educa-
doras da Paz.

~~2. Apoiar mulheres educa-~~
~~doras da~~
que são todas as mulheres
dos cursos de Iniciação
Nova et Vetera pelo com
promisso assumido desde
a primeira hora de har-
monizar ~~os individuos~~
o ~~[illegible]~~ comportamento
de cada homem consigo
mesmo, com os outros
e com as culturas

A Dª Ana Maria fica
nos cursos de Iniciação
Nova et Vetera como
protótipo dessa mulher.
Fruto da esperança, for
nou-se por sua vez semea
dora das sementes da esperan
ça. A sua presença aqui
para este singelo acto de



inauguração do centro de
reflexão Francisco de Assis da
fundação recente do centro dos
C. I. Nova A Vilua do Cabindo
e do projecto de corte e costura
que boa o seu nome tem
esse sentido.



Datas a assinalar:

Junho de 1970: o Pe Angelino Gaspar Nanga é nomeado superior da Missão do Lucula.

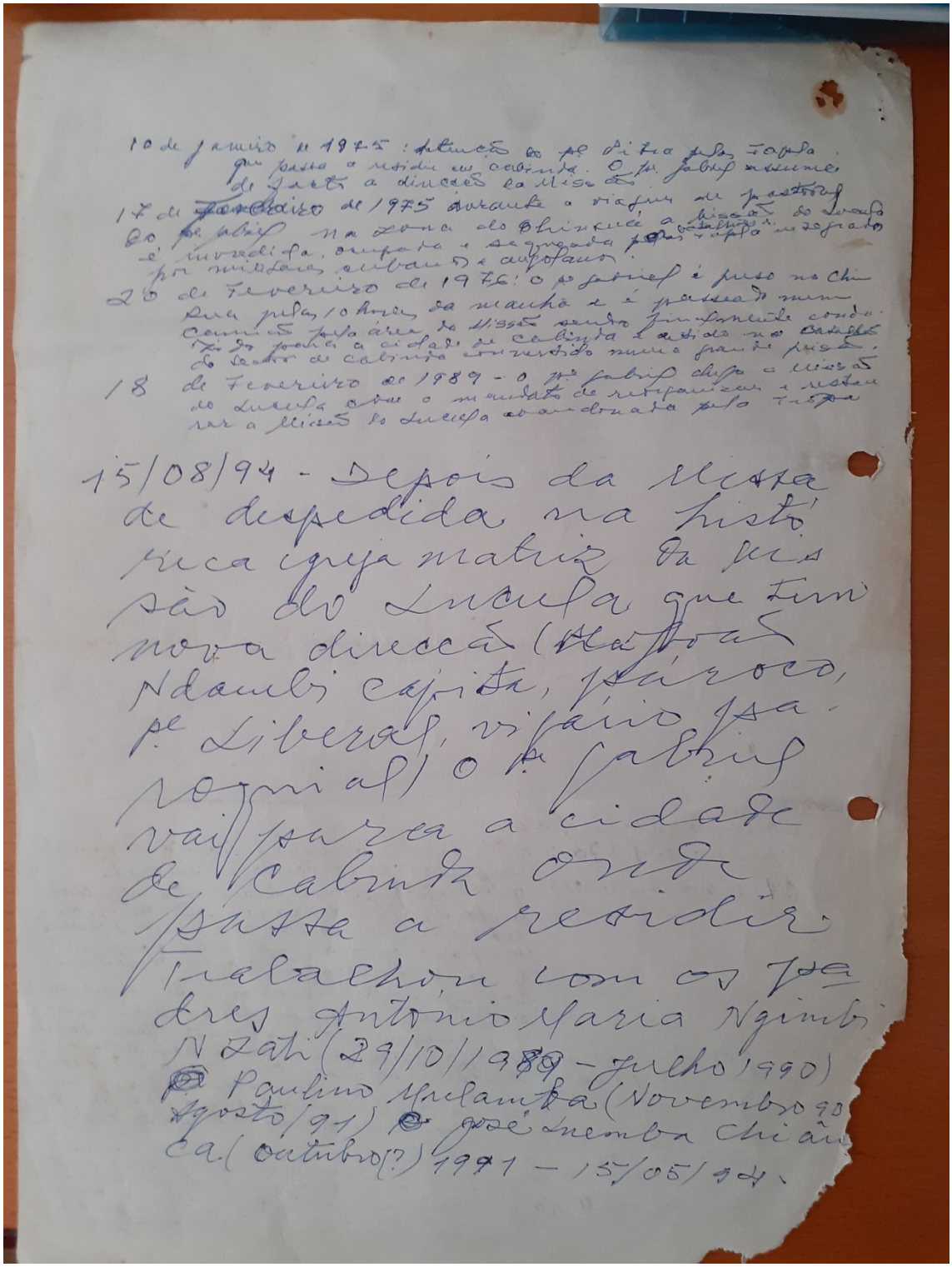
01 de outubro de 1970: o Pe Gabriel Yionje seda recém regressado de prolongada estadia na Europa por razões de saúde inicia com 7 moças de 17 a 20 anos a experiência original dos Cursos de Iniciação Nova et Petera sob signo: Wónsóko múntu muc. múntu destinados a despertar o homem para o crescimento humano apoiado nos valores.

Novembro de 1970: O Pe Gabriel Yionje seda nomeado coadjutor da M.C.L.

Ano de 1972: A experiência dos C.I. Nova et Petera ganha nome além fronteiras a nível do Continente Africano e da Europa. Testado o método de alfabetização Iwongo. Nongo

Ano de 1973: A Fundação Dom Emanuel de Luanda subsidia a construção do refeitório do Internato da M.C.L. inaugurado no mesmo ano.

Ano de 1974: O Pe Angelino Gaspar Nanga ausente de para ano de estágio na Bélgica. É substituído pelo Pe J.F. Nesso Rocha que regressa do estágio de Pastoral da Bélgica



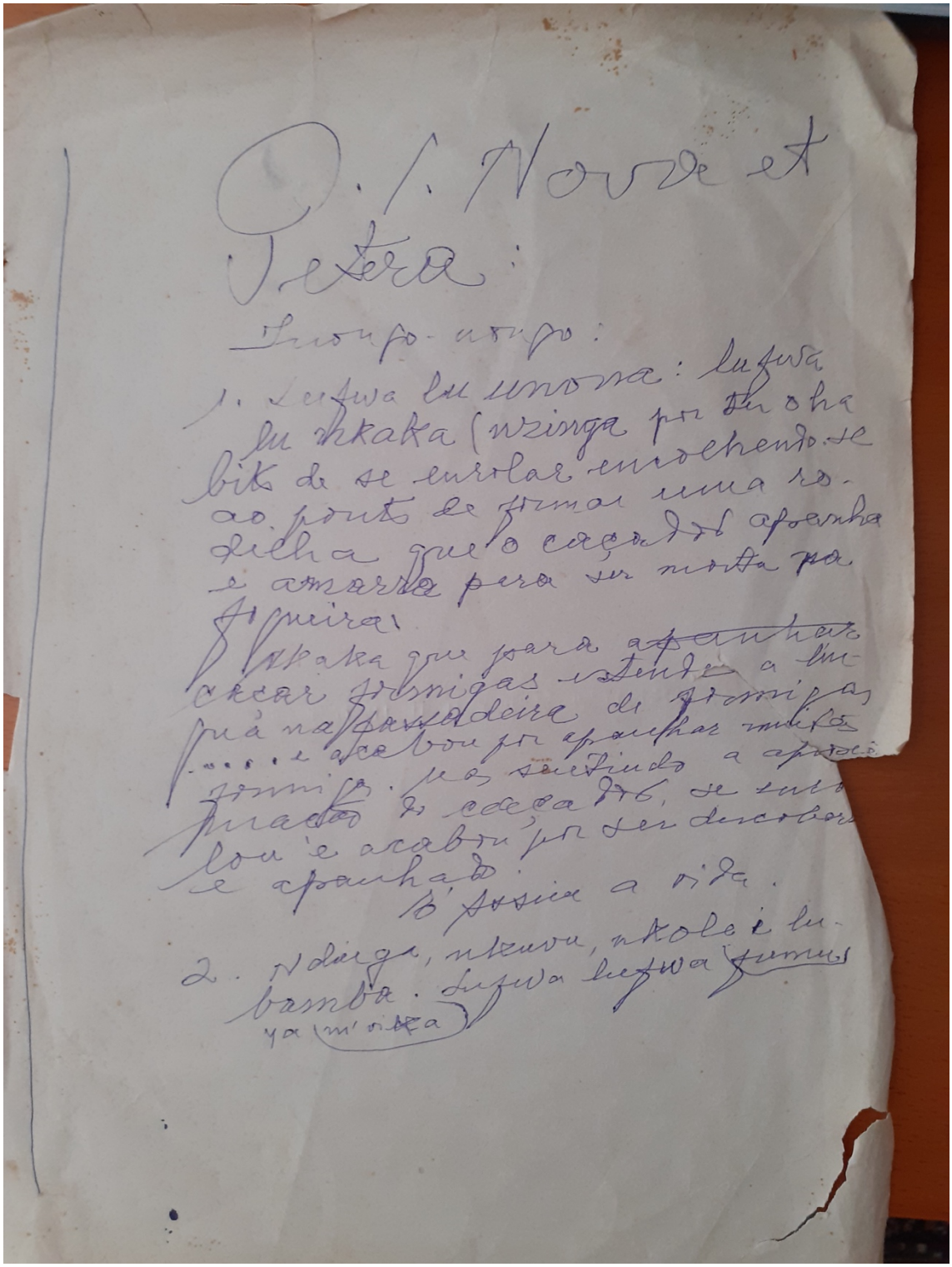
10 de Janeiro de 1975: Atenção do pe. Pitra pelas Tapla que passa a residir em Cabinda. O pe. Gabriel assume de facto a direcção da Missão.

17 de Fevereiro de 1975 durante a viagem de pastoral do pe. Gabriel na zona do Chinsuca a Missão do Lucula é invadida, ocupada e saqueada pelas Tapla integrados por militares, cubanos e angolanos.

20 de Fevereiro de 1976: o pe. Gabriel é preso no Chinsuca pelas 10 horas da manhã e é passeado nem camião pela área da Missão sendo finalmente conduzido para a cidade de Cabinda e detido no Batalhão do Sector de Cabinda convertido numa grande prisão.

18 de Fevereiro de 1989 - o pe. Gabriel chega a Missão do Lucula com o mandato de reorganizar e restaurar a Missão do Lucula abandonada pelo Tropa

15/08/94 - Depois da Missa de despedida na histórica igreja matriz da Missão do Lucula que tem nova direcção (Nazaré Ndambi capita, pároco, pe. Liberal, vigário paroquial) o pe. Gabriel vai para a cidade de Cabinda onde passa a residir. Trabalhou com os padres António Maria Ngimbi Nzati (29/10/1989 - Julho 1990) Paulino Mulamba (Novembro 90 Agosto/91) José Luemba Chiânca (Outubro(?) 1991 - 15/05/94.



O. I. Nova et Petera:

Inongo-nongo:

1. Lufwa lu unona: lufwa lu nkaka (nzinga por ter o habito de se enrolar encolhendo-se ao ponto de formar uma rodilha que o caçador apanha e amarra para ser morta na figueira.

Nkaka que para ~~apanhar~~ caçar formigas estende a lingua na passadeira de formigas ..... e acabou por apanhar muitas formigas. Mas sentindo a aproximação do caçador, se enrolou e acabou por ser descobertos e apanhado.

O fossim a vida.

2. Ndinga, nkuvu, nkole e lubamba. Lufwa lufwa fumu ya (m'vika)

PARÓQUIA DO ZENZE

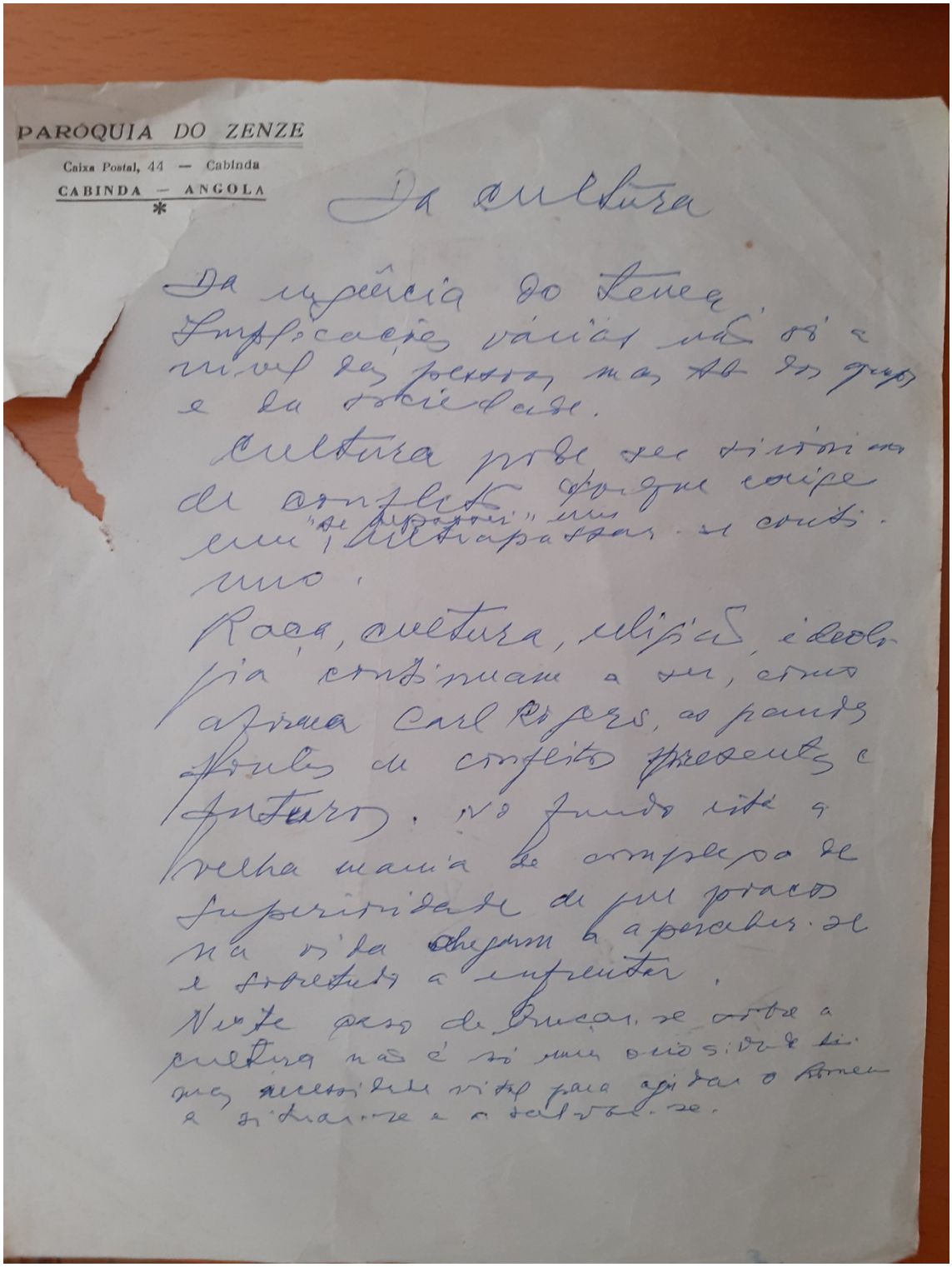
Caixa Postal, 44 — Cabinda

CABINDA — ANGOLA

*

O. I. Nova et Vetera

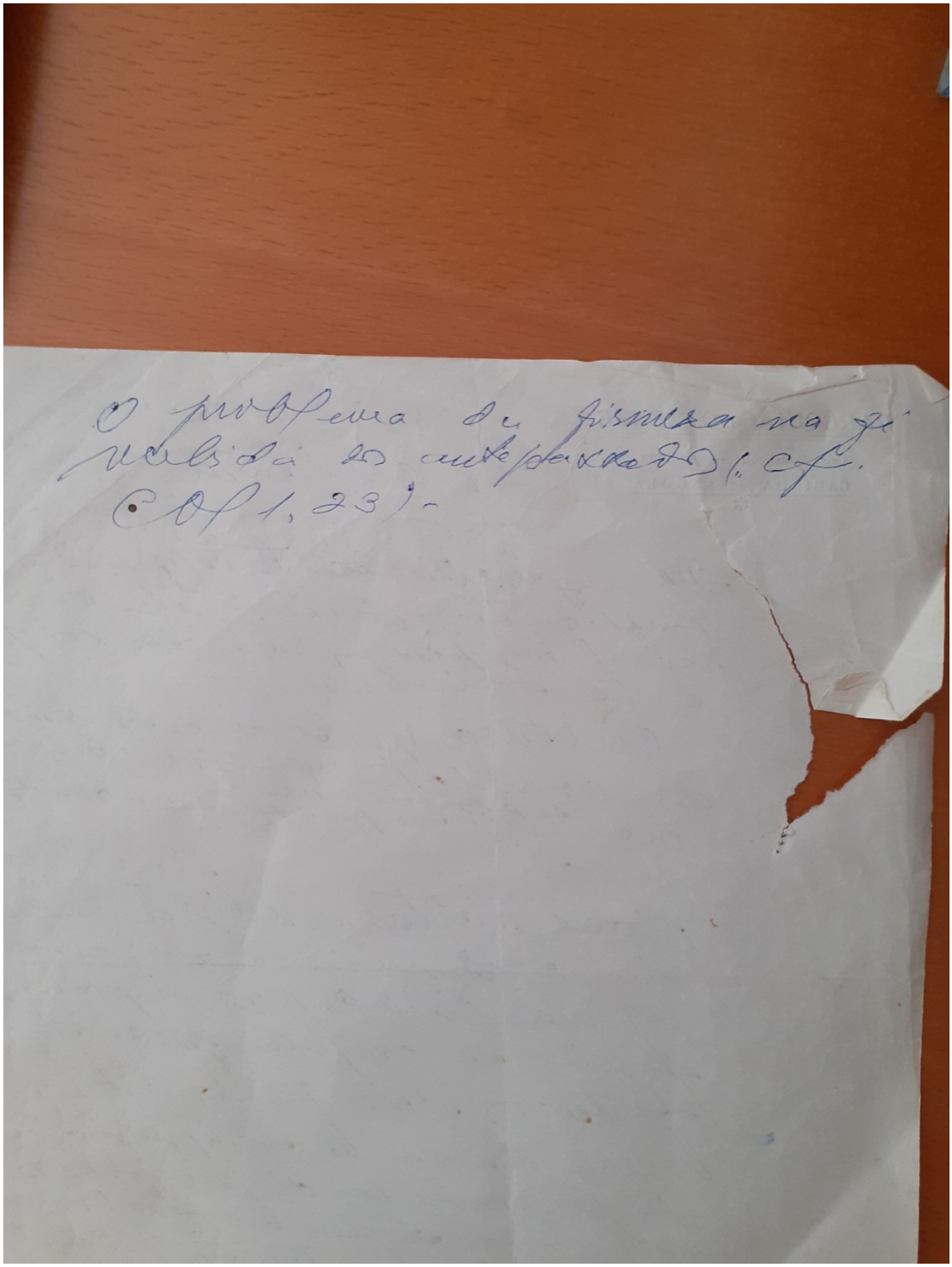
Buscar para instruir
~~instruir~~ para ~~unificar~~
uma ~~omnitotenglotarite~~
~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~
e abarca a dispersão
a ~~dispersão~~ mesma
~~a~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~
~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~
~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~



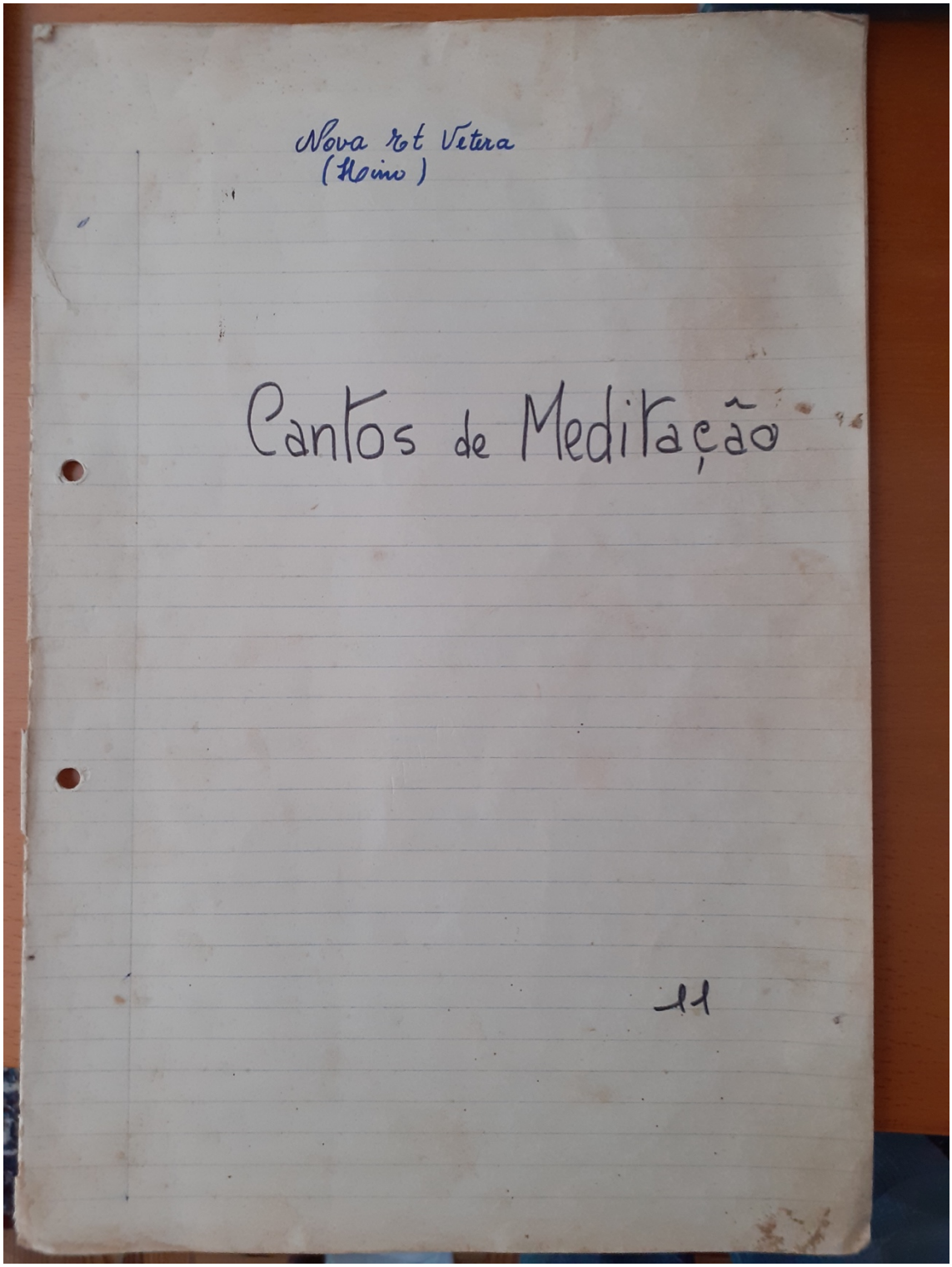
PAROQUIA DO ZENZE
Caixa Postal, 44 — Cabinda
CABINDA — ANGOLA

Da cultura

Da urgência do tema
Implicações várias não só a nível das pessoas mas tb dos grupos e da sociedade.
Cultura pode ser sinónimo de conflito porque exige um "se repassar" um ultrapassar-se contínuo.
Raça, cultura, religião, ideologia continuam a ser, como afirma Carl Rogers, as grandes fontes de conflitos presentes e futuros. No fundo está a velha mania de complexo de superioridade de que poucos na vida chegam a apercebir-se e sobretudo a enfrentar.
Neste caso de buscar-se sobre a cultura não é só uma ociosidade de mas necessidade vital para ajudar o homem a situar-se e a salvar-se.



O problema da firmeza na fé
válida do antepassado (cf.
Col 1, 23).


Nova Rot Vetera
(Hino)
Cantos de Meditação
11

I

Celebrações de Encerramento dos Cursos
Cânticos de Meditação
Ano 1 (1970/71) Signo: O Homem e o Trabalho

Onde há homem, há, por definição, progresso.
J. Ki-Zerbo

M'kunga isalu
NKunga Salu
Texto e música de Alfredo Luemba-Seda e Gabriel Nionje-Seda (1960)

Tshionso salu salizi
Moutu: Kioso salu sadidi
tshiau ivandi uala fitulua
Kiau epi uala fitulu

Tshionso salu tshiluta mpasi
Tolo: 1. Kioso salu Kiluta phasi
Tshiau ivandi tshiluta nyenze
Kiau epi Kiluta Khini

Tshionso salu tshieta salua (tshinsalungu)
2. Kioso salu Kieta salu
Kuke yave tshifumina
Kudi yave kifumina

yave utuyekulila nsi
3. yave utuyekudila Tsi
Buinji ku gisukulo
Mu diambu dikiusukula

Tshionso salu tshieta salua (tshinsalungu)
4. Kioso salu Kieta salu
Nsi Ma-Muene tshinlongisa
Tsi Ma-Muene kinbongisa

Biau mu salu sale ngolo
5. Kiau mu salu luta sia mangolo
Buinji nsi isukuka
Muingi Tsi isukuka

mu salu tshio salizi
6. Mu salu Kio sadidi
Nsi inyeva ai nje ivaku
Tsi inbonga ayi ngeyo epi

Mintshinza mitu mio
7. Minkuiza mietu mio

Mu salu tuala mitabila
Mu salu tuela mitabila

Tshimba monyo ka wela-sala
8. Kimba moyo ka uela-sala
tshionso salu unkananga
Kioso salu unkananga

Sala salu tshintanguka
9. Sala sala kintanguka
Nje mavaku utanguka
Nge mavaku utanguka

Amen. Amen

Ano 2 (1971/72) - Signo: Espirito de Serviço (Cf. Mt. 20, 20-28)

Ndubu Zinkhulu / Ndubu zinkulu
Ndubu Zimona / Ndubu zimona
Texto e música de Gabriel Nionje-Sala
Colaboração: G.P.A.-C.I.N.

Mbutu: Nova Et Vetera
Nova Et Vetera

Witanga: 1. Njeie witatimina mabote mankhulu (mankulu);
Wibue-landangana mabote mamona:
Bika bue-Keyúvulanga: Nova Et Vetera
ntshia-tshiandi!
Ka nje veka 'ke nova-et-Vetera!
— Ndulu Zinka Zi nkhulu (zinkulu), Zinka Zi mona (zimona)
Vanji ionsoko ndulu, ndubukulu muna (uzinga)
uzinga.
Nova Et Vetera!

2. Nje kambua (kambu) meso, bá matu:
Na 'ke meso abu katueme ntuala,
Nje ke mo matu toka, nlandangana:

Mabulu, usindu, mavambu masa-bue bá
maku ko
– Ndubu zinka zi nkhulu, zinka zi mona
Vanji ionsoko ndubu, ndubukulu muna uzinga

3. Muene biambu, muene Mbongo:
Mbongo ivalanga, ukunua ikunua
biambu litangukanga, nsangu andi usa-
sulua isasulua.
Mabote, mbongo: malubukulu, nsangu!
– Ndubu zinka zi nkhulu, zinka zi mona
Vanji ionsoko ndubu, ndubukulu muna uzinga

nsang'uandi

4. Ngenza lianya imenanga, uziama iziama,
Ubola ibola:
Ngenza lianya imang'uziama, imang'ubola
Iala. manina mun'usiala ia'veka,
Ikambua ni likundi lina kabuta
Muene ngenza lianya, muene muntu!
– Ndubu...

iau veka = ia 'veka
queda dou

5. Tumuene ko muntu witatika muinda
iek'kuutubikila ku nsi m'kudu voti
kuusueka ku nsi tshika: kaza ukuusiá
vana bitetikanga muinda buinji babonso
bikota bamona tshiezere tshi muinda.
Ibila va ke limvele ko lisuama limang'u-
kuiza ku kumonika, ni mabakuta mi mang'-
ukuiza kkuzabangana ai ukuamukusua.
(II, 8, 16-17).
– Ndubu...

NB:
vake
va ke
a preposição pode
ligar-se ao verbo

6. Nje butizi, nje sasuli nsangu
Ubuta kunene: muna muntu ona
ionzuele mu nzila zi muere; muna m'ti nti

ona kunizi; muna mbongo ina vatizi; muna lu-
zolo luna suili ke bali-iaku;
muna mbote ionso ina vangizi.
Butizi kamanininanga ko.
– Ndubu...

7. Umvele kasie fuana ko ubikila nsi
buna kaizakinina:
Mabote uzakana, buela maku mabote vana
mongo;
Mabi uye kubata, tshienga bu zimbikisila
mau mu mbote aku ina weki-basia vana.
Nsi kafui, ilimbu usiba.
– Ndubu...

Obi
8. O-bi weki-lila mu nzauga va nkhand'aku? ngand'aku?
Kebeze ko umueka to ubimuena mpasi;
umueka to ubi sala!
O umuena biau mpasi buinji njeie ubimuena
nyenze, luzolo kasila.
Zola ivaku bikuiza mu kue bakuninanga.
Nsazi umueka: balisi bauoka.
– Ndubu...

9. Luzolo winyemisa:
Nyemisa luau mun' ubá uvangana-uvangana
mu uali; iaku muna kunbakila ntkangu ikunkuwila,
muna kunbikila ntkangu ikabakila ivakila bubue
tonina, mun' utshitshina ufua mbabu mu
ibila tshiandi, mun' uzaba kunlemboluela,
mun' umanga uvalisa mbi andi, mun' uzaba
uvalisa toka mbote andi
Ibila luzolo, lusalusu
– Ndubu...

10. Mbongo ikununuanga mu masuela
iau ivelo luanga mu nzanga (salmu 125, 5)!
Mbongo, isalu, mbongo, nsamu, mbongo. luzingu.
– Ndubu...

11. Uyouzukanga, va meya bantu bá.
Vanji lutumu lukalila ai bantu, luzolo
lukele ti lusalusu.
Uyela, uyelila i muntu iaku.
– Ndubu...

12. Banka bilia, banka bitobuka meso!
Nsi mun'ubá nsi bantu; bivitika utobuka
meso kaba mani; bazabizi ulia ka bakambua.
Nsi inyevanga ibá nsi lusalusu, ibá
nsi'luwakunu' (luwaunu?)
– Ndubu...

13. Banka bilia, banka bitobuka meso!
Ku mbingu kua' kambua mbua, mbingu ifuili:
Nsi ina imene bitobuka meso, ibuili to.
Bituama ntuala ka bamani;
buk' kubalandangana ka bakambua.
– Ndubu...

14. Utobuka meso, utshitshina ufua mbabu;
Utobuka meso, utshitshina buinji banka
ba ziuka, utshitshina ubola buinji banka
bamena.
Utobuka meso, utshitshina ufua nzala
buinji banka balia;
Utobuka meso, uvitika umona zimpasi
buinji banka bakota mu nyenze.
– Ndubu...

15. Muene inunu, muene tshinkhupa, muene ileze-
-bakala, muene nkuluntu, muene muana-nsombe:
Nthangu ukoya imana. "Vake muisi Judeya ko
ni muisi Gresia, ni mvika ni mfumu, ni ntshiento
ni bakala, kaza benu bonso luke umueka to
mu zezu-kristu." (Gal, 3,28). - Lieso linkosa va
nganda nenga-nenga. Mu m'tu muntu likele:
Uonso ko muntu, muntu.
- Ndubu...

15b. Tshina muntu iaku katshinzikizi,
tshitshinzimizi to.
Umana tshibaga, ai muntu baisi
Umena tshimena, lieso tshikele.
- Ndubu...

16. Mam'ami i nkhomba ziami: lubabililanu
Kuna kuna ku ke bikuwa mambu ma
Nzambi i buku masalila. (Lk, 8, 21)
Mambu ma Nzambi, luzolo; luzolo, utshitshina
ufua mbabu; luzolo, uzaba ulembolwela; ulembolo
luzolo lusalusu.
Lusalusu luaku mun' ubá uvangana-uvangana
mu uali iaku, muna kunbakila ntangu
i kunkúwila, muna kunbikila ntangu ika-
bakila bu bue tonina, muna umang'uvalisa
mbi andi, muna uzaba uvalisa toka mbote andi:
Nje zola buna iek ke zolauga.
Nje zola uvanda, bika monyo.
- Ndubu...

17. Binangukanga, bau bivitilanga: baka banangu-
kanga, bavitilanga ko.
Abraamu nangukizi mu bika nzo tat'andi ai nsi:
vitili mu bá untete mu mana. Buau, kabiálila

nangukizi
unanguka
unangukanga
uaba-nanguka
uaba-nangukanga

va mongo ntoto mfumu likanda li babonso bana bitá, bitá, i bala-tá mana (cf.
Zakeu nangukizi mu bika bunene buandi;
Vitili mu mona zezu uintambula mu kunzingitila.
(cf. Lk. 19, 1-10).
Nkaula uvungila ngolo monyo, buau ka-kambulua m'tu.
— Ndubu...

18. Nje wikaba, nje wikabulua; — uikaba, uikabulua
Nje wivata, nje wivela; — uivata, uivela
Nje wibila, nje wibandula; — uibula, uibandula
Nje wibuta, nje wilonda — uibuta, uilonda
Nje wibutua nje wizinga — uibutua, uizinga
Nje wifua, nje wivulubuka — uifua, uivulubuka

19. Ilumbu tshi mvimba, zezu buna kalónja, kalónja, vana kakúlula, uyúvula:
— Lumene kumasúlikisa mamonso-omo?
Banvutuluili: — mamons'omo
— Tumene.
Ubakambizi:
— Buau bukalili ti uonsoko ulonguka uizi kubá ulongusu (mu mambu ma) lubialu lu Ilu, mene udedengana ai muntu mfumu-likanda wiziula (= wizimuna) mu tshiuka tshiandi biuma, bimona ai bikhulu. (Mt. 13, 51-52).
Tshimenanga: tshina tshi ke lieso.
Ngundu ufua:
Ngundu ke monyo.
"Ona ke i matu ma kúwila, kayúwa!" (Lk. 14, 35)
" " " malu mu kumaliatila, kamaliatila.
" " " mioko mi kumasilila, kamasalila.
— Ndubu...

Zeuze, 25 de Maio de 1972

Ano 3 (1972/73) - Signo: Responsabilidade e Competência

Texto e música de Gabriel Nionje - Seda
Colaboração de: Xavier Fiti, Eusébio Nzau e Sebastião Lubongo

Mvutu: Nova Et Vetera!
Nova Et Vetera!

Maindu: 1. Njeie ui Witatimina mabote mankulu mankhulu
Wibue - landangana mabote mamona:
Bika - bue - keyúvulanga: - Nova Et Vetera ntshia -
- tshiandi?
Ka nje veka ke nova - et - vétera!
Ndubu zinka zinkulu Dinkhulu, zinka zimona,
Vanji ionso ko ndubu, ndubukulu mun'uzinga.
Nova Et Vetera!

2. Tshiuma tshivalilanga ko mu bunkulu bunkhulu voti mu bumona. Luvalu lu tshiuma, mun'ubote buandi, muna lusalusu luandi, mun'itoko tshiandi, - muna tshielika tshiandi.

3. Buau, tshibá kuandi tshia tshiuma tshinkulu tshikhulu, tshibá kuandi ti tshimona, ti tshiau tshiuma tshibote, tshi lusalusu, tshi itoko, - tshi tshielika buna tshiuma tshivala, tshiuma tshike'muna nzila kukonzula. (Kukonzuka?)

tshike? = tshikele
Nandi ke? = Nandi kele

4. Buau kuandi ti weki ueki - sola vo uvasa, bika bue - vasilanga mu bunkulu bunkhulu vo mu bumona: vásila m'ubiva vo m'ubote.

5. Bakulu batá nongo:

–"Nje Kambua meso, bá (Keti mo) matu".
Na Ke' meso abu Katueme ntuala,
Nje Ke' mo matu tokka, nlandangana.
Mabulu, usindu, mavambu, biasa bue-bá biaku Ko.

6.
Liambu-olio mene umona ti lifuene, – ti lisonga;
Liambu o limonika va meso ma bantu ti liambu:
Nje manga Kuaku Kulitshitshinina, kulitshitshina
Nje manga Kuaku Kulilandangana,
Nje manga Kuaku Kulivalisa
Nje manga Kuaku Kulisalila mu lambana ai liau, V.S.T.F.
buna tabilila Kuaku ti, Kuntuala, Kusambua Ke
vo Kukisemba.
. Muene liambu, muene isalu, muene nzungulu.

7. Nsi Kanyeva, bantu.
– Buna uonso Ko muntu, muntu Wenyevisa nsi?
Befo tuzabini ti bantu tokka binyevisanga nsi baca bukui-
sukula mun'usalu biau, mabote mau, – tshielika tshiau.
bandangana usala, lingila mu mabote, salila Tshielika,
uba mu nKhonga bantu benyevisa Nsi.

8. Nsi ngana Nzambi!
– Tuba ti nsiaku monse nje ivaku Ke' mu nKhonga i
bantu binyevisa iau. Uyuwanga Ko mu Masonama,
ti Nzambi ngana, buna Kamon'uvanga Nsi, uije-
tshika Ke Adamu Kailunga i Kaisalila?
(Cf. Gen. Cap., vers.
Tanguini Adamu, tanguini uonso Ko muntu.

9. Isalu b'urene:
Ubiala biele.
Tshintshika mana make' mun'isalu bunji lubialu luaku
lumonika.
. Tubizi isalu, tubizi nzila.

Tshinkanda
"Tshinkhanda uyenda k'ubiala:
_Buna kasitshika mana make muna ~~ntshila~~ m'tshila."

10. Munu, meso, matu bau balubuli.
Ntangu-oio utshi i mbembo, i meso, i matu, nje manga kuaku utuba vo ukuwa, nje manga kuaku umona, buna uala-fuana kuandi bue-tata?

11. Ukubama mu mbembo, mu ~~mdindu~~ mayindu ai bali iaku, nkanu bakana lili bi ko. Vanji liviokeze: - ukubama iau mun'isalu.
. Munu, matu, meso, balubuli:
Basazi, mioko, malu.

12. Va ke' muntu ko, va ke' nsi ko, bivangua bimana.
Mun'umanua, zaba ti ai ~~mdindu~~ mayindu, ai malu ai mioko aku ivandi ntshinza bikele.

13. Isalu utonua kuandi ke muntu umueka. Vanji mu manua tshimanuanga ke muntu umueka ko.
Nje buelemeze, nje ke' mu ~~nkonga~~ nkonga bala. tangukanga? ti bau batshimanisa. tangunanga?

14. Liambu livala!
Utshitshinua litshitshinua, ntuala lituamunua, utshindulua litshindulua, - lunthata lisiulua.
Mun'utshitshina liambu, muna kulituamina ntuala, muna kulitshindila, - muna kulitatiminina - muau mu ke' kulivalisa.

15. Nje ~~wituba~~ uituba, zaba ti ai bantu li monyo buna ~~bukuleka~~ bakuleka.
Buau bakulu batela nongo ti: "~~Baka~~ Ubaka muali, tuba limueka. Ka Nzambi nkua mpaka."

16. Tshimbanji ~~Witelama~~ uitelama: Telama toka tshimbanji tshi

mána muene vo salili. Ka tshimbanji liambu ~~lilinene~~ linnene:
Ibila tshionso tshimbanji ti tshike' tshi luvelo lu monyo ko
buna tshi lufua.

17. Ukuámukusuá iamukuisu?
Zaba ti, va meso ma bantu, yúndukuízi mene. I va
ke' ukuamukusua vau va ke' ~~utuetshua~~ utuesua ntuala:
Va bá kuandi ti ntuala nzila, ntuala isalu, ntuala
m'samu vo ntuala liambu.

18. Muana i muana i m'tu andi:
Muana i muana i isosolo tshiandi tshi mambu.
Buna ufuana kuandi njeie utshitshina lionso liambu,
mu kambua teka kulisosa kani lifuene vo ~~ve~~ mve?
Liambu olio yúwizi voti muene, ~~tek abu kulikalila~~ teka kulikalila,
ubika bue-sia ti lionso ko liambu ibila litúbuizu
voti ulimuene buna liambu like' mu nzila ~~kukonzula~~ ukonzukila
mu tshibuntu.

19. "Utúbila ngolo, usómbuka libungu."
I nje sómbukuízi libungu, nje vuizizi (zinzila zi)
Tshielika.

20. Nje ~~wimang'~~ uiman utshitshinína Tshielika tshi meman'u-
kúnduka va meso maku: Keba ~~kua~~ ka sinda ai itombe
tshiaku. usinda? usindu? esindu?
Muene ulúbula umana: "Bitátimina itombe; bala-
-fua ai itombe tshiau." (cf.

21. Nje utshinuanya Tshielika: ~~Wita~~ uitá mana ti uala-lunga?
Tumuene ko, ni kúwa tuyúwizi ko umvimba unuanya
Tshielika ulunga ibila muene Tshielika, muene
buisi bu ke' ti, bua tshiá butshiele.
"Ibikila ~~nkondo~~ m'komdo:
Usuali biaku bibobo ~~wisitshia~~ uisikisa?"

M'kuni
22. Nkuni súlikízi ukuna mbongo mbote; ntkangu uvela ia' fuana, makundi mandi kizolang'uvela. Ti mamangizi ubá, buna ntoto u m'bi.
iau = ia'
Tanguini mbongo ivatuizu, tanguini liambu liyúwizu ke muntu.
Na liambu ivandi makundi mandi kizolang'ubúta.

23. Mbongo ikúnunuánga mu masuela iau ivéloluánga mu nzánga. (Cf. salmu 125,5).
Mbongo, liambu; mbongo, m'samu; mbongo, isalu; mbongo, luzingu.

24. Njeie ai na Liambu va mueka kuandi lukele.
Bika toka kulikúwa m'ukúwa; landanga kulisálila buinji libá ivandi mu njeie liambu li luvelo lu monyo.
Ibila tumuene ko nsi, muntu vo tshiuma kuandi biménina, biyónzukila mu munu i munu.
Buau Muene kalúbulila: "Bik'usia ti uonso ukunsia Muene, Muene, buna uala-kota mu lubialu lu yolu; vanji ona toka uisálila máná ma Tata." (cf. Mt. 7.21).
Túbizi lubiálu, túbizi ukónzuka, túbizi tshibuntu.
. Uválila mu m'samu, usálila uusálila.

m'tshinza
25. Ndúbukúlu ntshinza zivuizu mu nsi, ai bantu bana bakuziliatila.

26. Muntu mvele kakuíkuángua ko uvanga lina linviokelele.
– Buabobo kuandi. Vanji lek'abu ivandi lina lisónama mu Masonama: "Ti muntu mene ukúbama mu mána, va kele ko lina kalembangana." (cf. Buna ntkangu-ai ntkangu uman'ukúbama mu mana buinji tumang'ubá bantu bikatshukua mu zinzila.
bikatshikua?
ukatshika

27. Ilumbu tshimvimba, Zizu buna Kalonja, Kalonja, Kalonja, vana kakúlula, yúvuili:
– "Lumene kumasulikisa mamonso-omo?
Banvútuilili: – "Tumene."
Ubakámbizi: – "Buau bukalili ti uonsoko ulóngu-ka uízi kubá ulóngusu (mu mambu ma) Lubialu lu yilu, mene udédengana ai muntu mfumu-likanda wizulu (= wizímuna) mu tshiuka tshiandi bivala bimona ai bikhulu ("Mt. 13, 51-52).
. "Tshimenanga tshina tshike' lieso."
Ngundu Ufuá:
– Ngundu ke' Monyo!

Ona ke' i matu mu kúwila, kayúwa! (Lk. 14, 35 b).
Ona ke i malu mu kumaliatila, kamaliátila!
Ona ke i mioko mi kumasalila, kamasálila!

Leuze e Centro de Investigação e Estudos dos C. I. Nova Et Vetera, 31 de Maio de 1973

Educação para os valores

Desde o início, os cursos de Iniciação Nova et Vetera assumiram-se como caminho, ou método de educação para os valores com enfoque no sentido e na jerarquia dos valores ~~e~~ no espaço e no tempo

Num tempo e numa situação histórica em que toda a atitude dialogante a nível dos valores como das culturas era suspeita, os C.I. num esforço de abertura a tudo quanto ia ao encontro da dignidade do homem ~~sustentado pela~~ apoiada na redescoberta histórica que representa esta afirmação; - onsoto muntu muc-muntu: todo o ~~homem é um~~ ~~ser humano~~ ser humano é ser humano de pleno direito, esbatendo-se, portanto, aqui todo o tipo de discriminação ou diferença para lá daquilo que é da natureza.

Arte, ciência e cultura

1. A arte reflecte inevitavelmente as virtudes e os vícios da cultura donde provém, como refere John Vavrosa sj, professor da Universidade Gregoriana, Roma (1)

2. Se a ciência é o eixo da cultura, por sua vez a cultura é o berço da arte. E sendo assim não é difícil afirmar ~~que~~ ser tal cultura tal arte ou tal arte, tal cultura. Não se fica longe da visão do missionário etnólogo holandês João Vissers que viu a imortalidade do povo de Cabinda na imortalidade da sua arte (2)

Valores e cultura

(1) Traducção do inglês de António Julio Mariano e Luís Archer in Brotéria, 1, vol 142, jan 1996 pg 33
(2) (cf João Vissers, correspondência).

Pedagogia africana
aplicada na escola
aberta
Método
Inongo - nongo

1.

1.1. A primeira escola é a escola da natureza. (é a natureza a fonte dos 1.os conhecimentos).

1.2. A segunda escola, complementar da primeira é a escola da sociedade de que demana a cultura

2.

2 Tanto na primeira, como na segunda o método de aprendizagem: a) iniciação activa ou participativa. Os conhecido para o desconhecido.

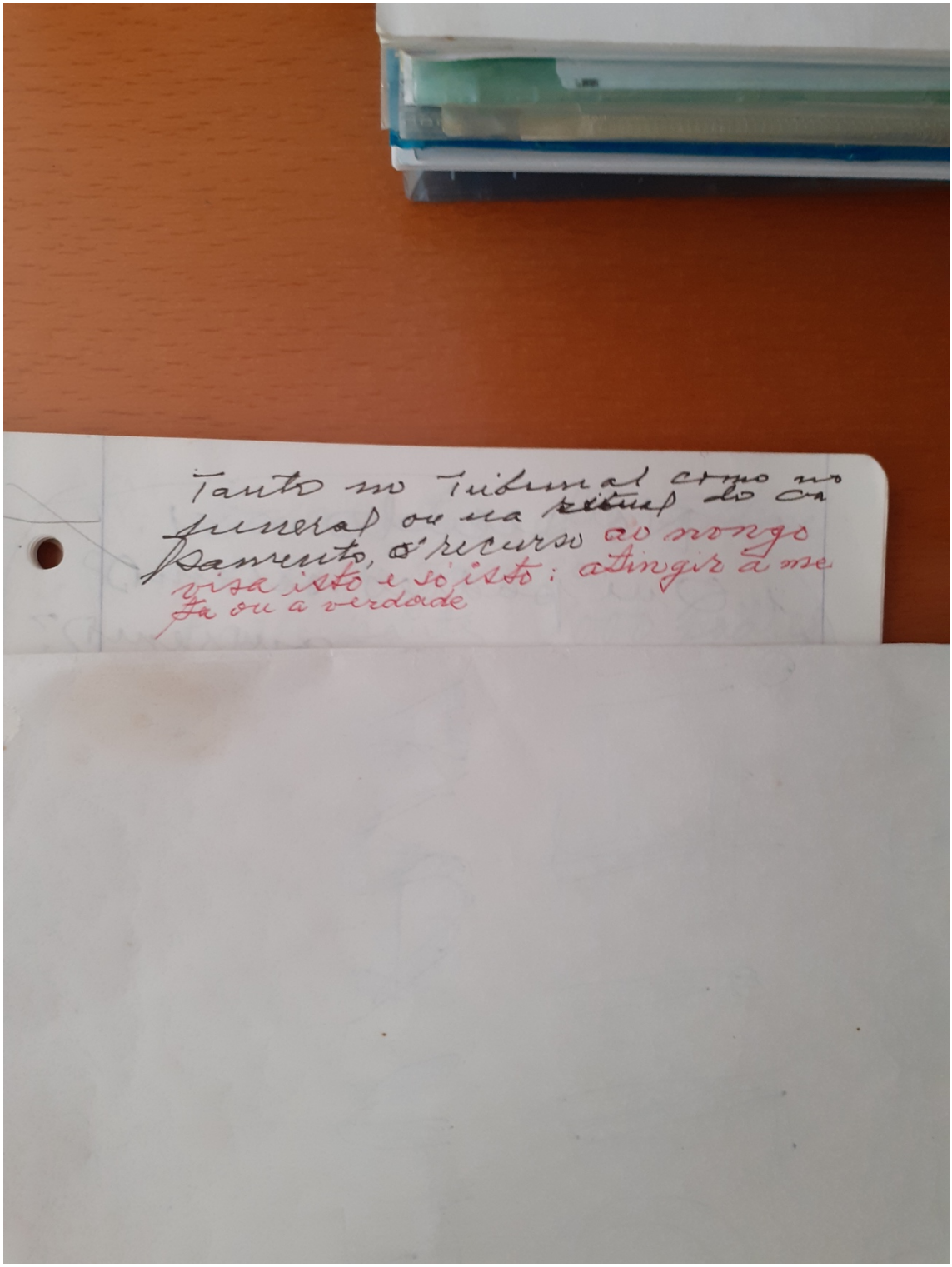
b) Formação ou educação permanente

c) Tudo é meio e objecto de ensino ou educação.

d) ensino participado ou ensino de festa

e) espaço da palavra e formas.

3. Método iconogo - nongo ou método introdutivo o assumir do participante é fundamental.


Tanto no Tribunal como no
funeral ou na [illegible] do ca
samento, o recurso ao nongo
visa isto e so isto: atingir a me
ta ou a verdade

Francês

• "Personne ne peut rester indiferent à la cause du peuple"
Texto dum quadro de parede na sala de visita / refectório da comunidade dos Padres de Cabinda. Tshela.

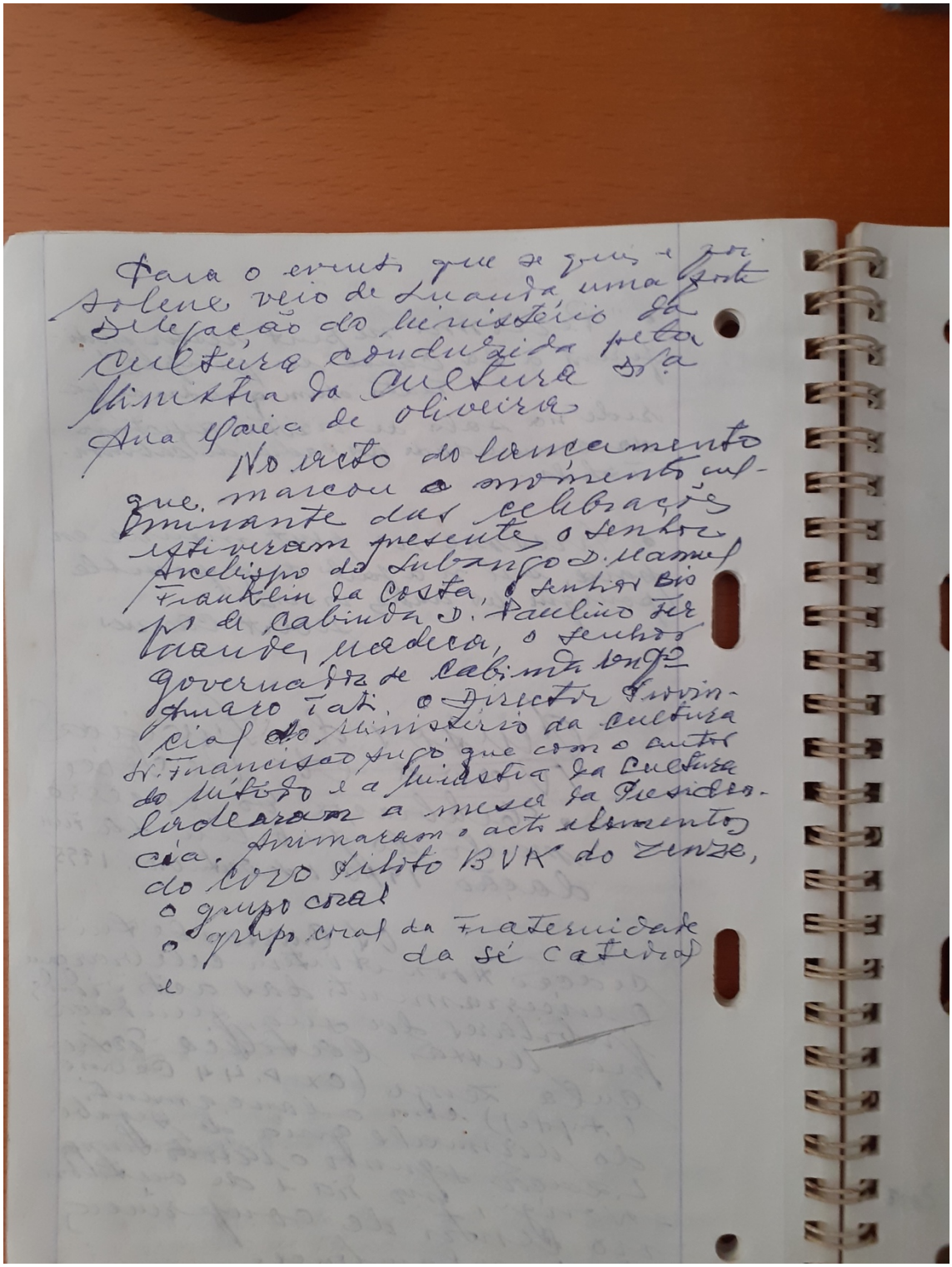
Francês

• Personne ne peut mourir en paix, s'il n'a fait tout possible pour que les autres vivent.
Albert Camus

Cursos de Iniciação Nova et Vetera

• Celebração do encerramento do Jubileu da Fundação: 1970. 1 de Outubro. 1995

Os Cursos de Iniciação Nova et Vetera celebraram o encerramento das actividades jubilares da sua fundação na Missão Católica do Lucula Zenze (Cx. P. 44 Cabinda (Angola)) com o lançamento do manual e guia de sefabetização segundo o método Sinogo-Nongo, no dia 1 de outubro no centro de conferências de Simulambuco.

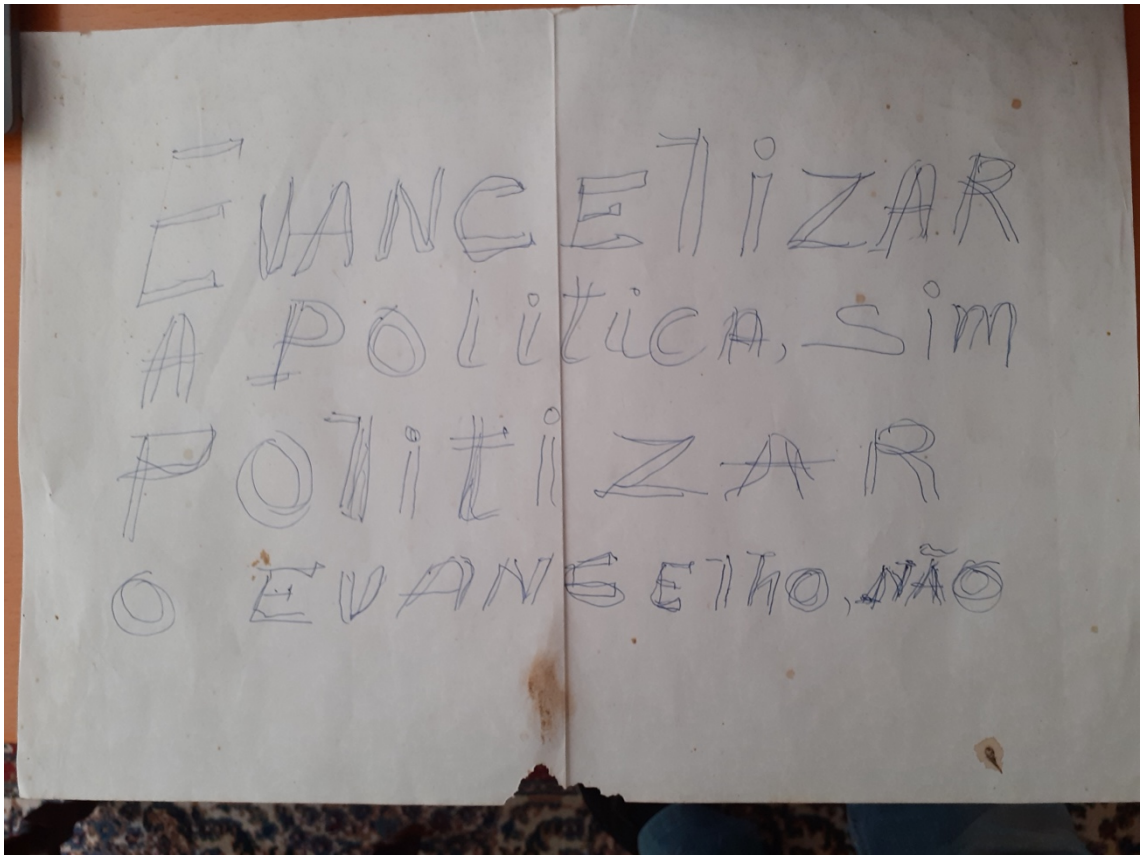


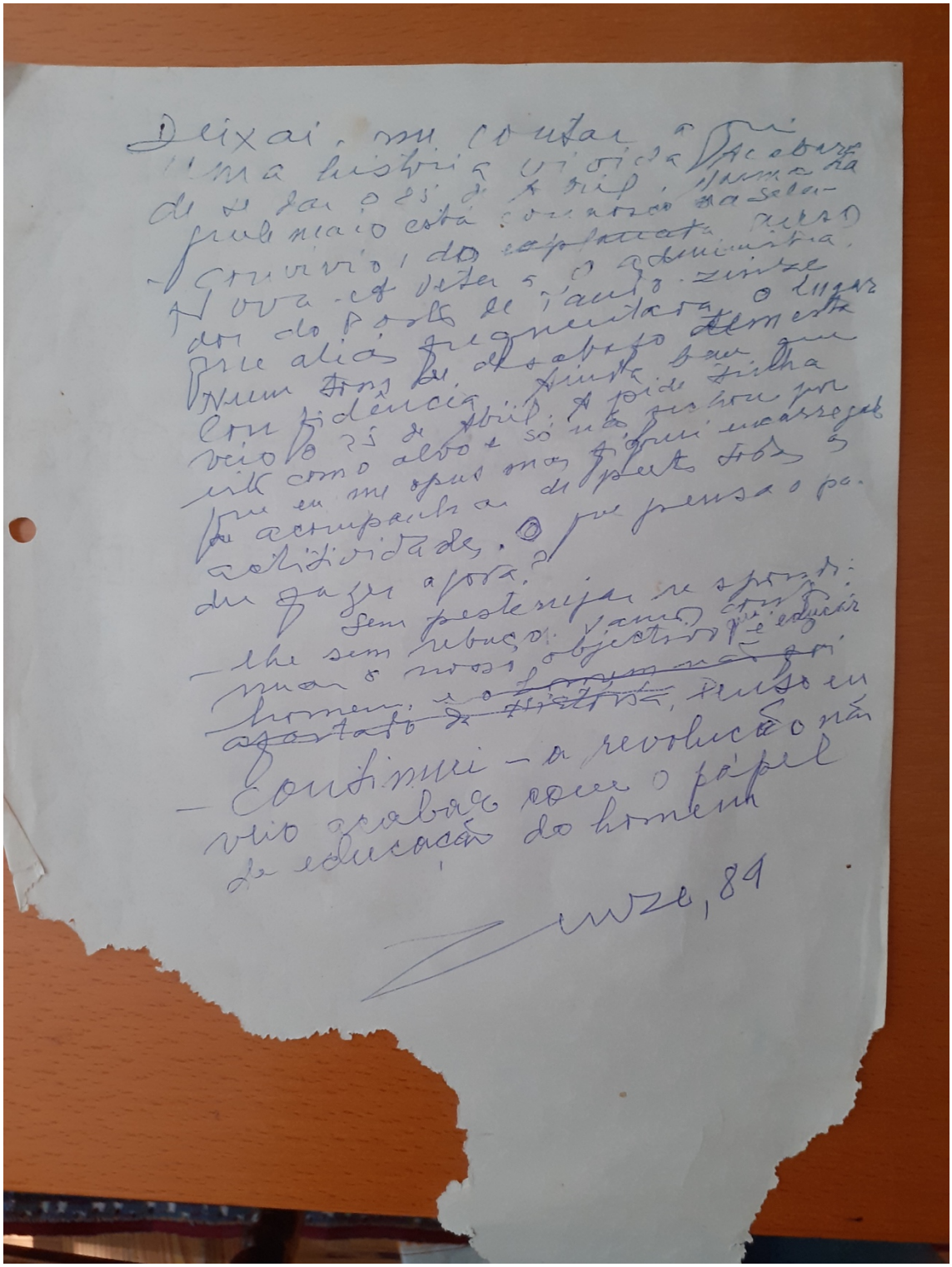
Para o evento que se quis e foi solene veio de Luanda uma forte Delegação do Ministério da Cultura conduzida pela Ministra da Cultura Dª Ana Maria de Oliveira

No acto do lançamento que marcou o momento culminante das celebrações estiveram presentes o Senhor Arcebispo do Lubango D. Manuel Franklin da Costa, o Senhor Bispo de Cabinda D. Paulino Fernandes Madeca, o Senhor Governador de Cabinda Engº Amaro Tati, o Director Provincial do Ministério da Cultura Sr. Francisco Rugo que com o autor do Mitôdo e a Ministra da Cultura ladearam a mesa da Presidência. Animaram o acto elementos do Coro Piloto BVK do Zenze, o grupo coral

o grupo coral da Fraternidade da Sé Catedral

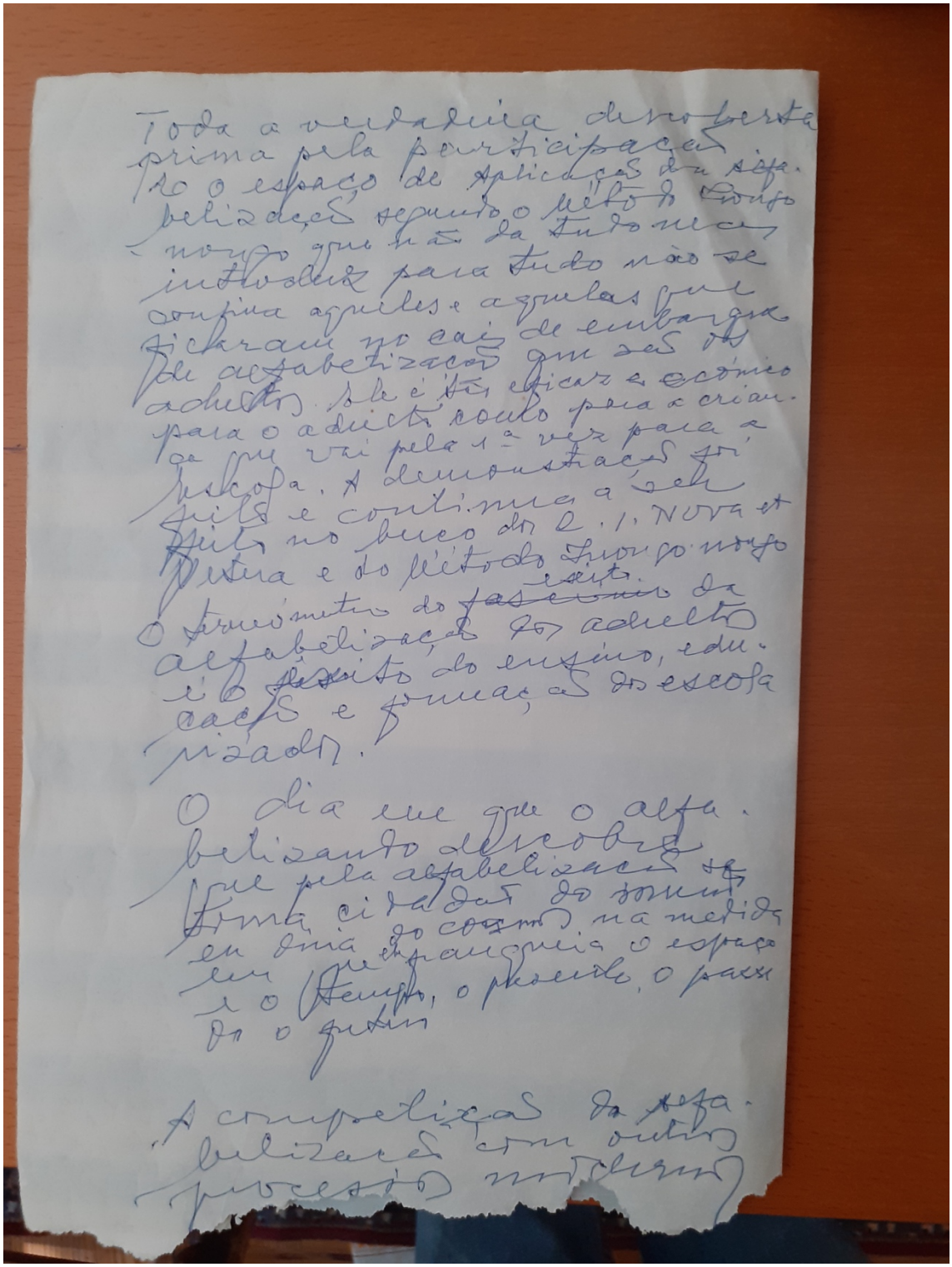
e


EVANGELIZAR
A POLITICA, SIM
POLITIZAR
O EVANGELHO, NÃO



Deixai-me contar a vi
uma história vivida. Acabara
de se dar o 25 de Abril. Norma da
Guilhermaio está connosco na sala
— Convívio, do ~~explanada~~ curso
Nova-Ad Veter. O administra-
dor do Posto de Tando-Zinze
que aliás frequentava o lugar
Nem tons de desabafo tem esta
confidência. Ainda bem que
veio o 25 de Abril. A pide tinha
isto como alvo e só não fechou por
que eu me opus mas fiquei encarregado
de acompanhar de perto todas as
actividades. O que pensa o pa-
der fazer agora?
Sem pestanejar respondi:
— lhe sem rebuço. Vamos continuar
o nosso objectivo que é educar
homem, e o ~~homem não foi~~
~~afastado da história~~, penso eu
— Continuei — a revolução não
veio acabar com o papel
de educação do homem

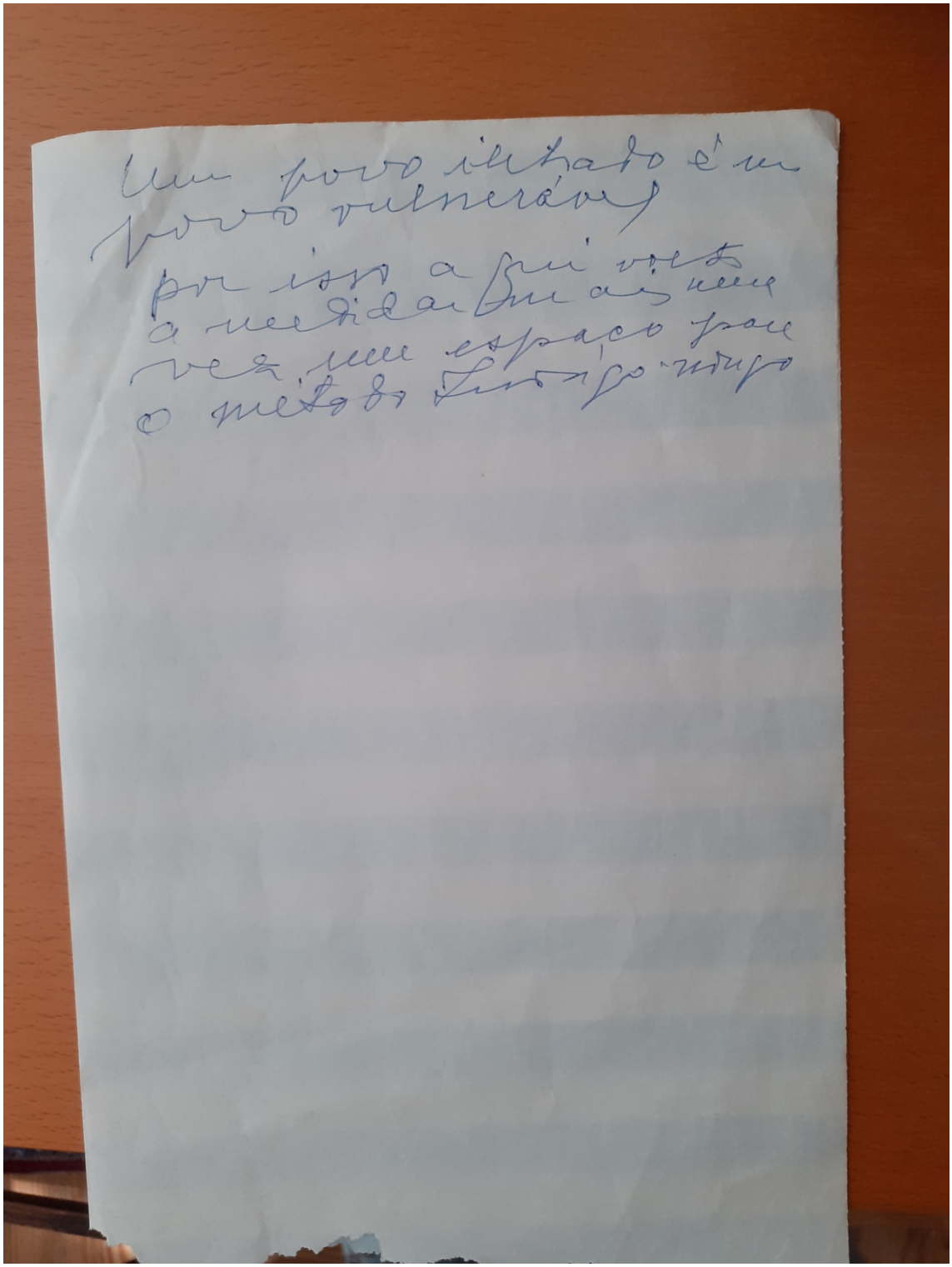
Zinze, 84



Toda a verdadeira descoberta
prima pela participação
Ao o espaço de aplicação da alfa-
betização segundo o método Frongo
-nongo que não da tudo nesse
introduz para tudo não se
confina aqueles e aquelas que
ficaram no cais de embarque
de alfabetização que são os
adultos. Ele é tão eficaz e económico
para o adulto como para a crian-
ça que vai pela 1ª vez para a
escola. A demonstração foi
feita e continua a ser
feita no berço dos L. I. Nova et
Vetera e do método Frongo-nongo
O termómetro do ~~fascínio~~ êxito da
alfabetização dos adultos
é o êxito do ensino, edu-
cação e formação dos escola-
rizados.

O dia em que o alfa-
betizando descobre
que pela alfabetização se
torna cidadão do mundo
em dinâmica do cosmos na medida
em que enfranqueia o espaço
e o tempo, o presente, o passa-
do o futuro

A competição da alfa-
betização com outros
processos modernos


Um povo iletrado é um
povo vulnerável
por isso a qui voltou
a medida que ainda uma
vez um espaço para
o método Freire-Rodrigo

1. Não é a multidão que liberta a multidão e sim a consciência colectiva encarnada em alguém ou em alguns é que liberta a multidão.

Tshela, R.D.C. 1976

G. Yionji. Leda

2. Personne ne peut pas mourir en paix s'il n'a pas fait tout possible pour que les autres vivent.

Albert Camus

3.

4. Ninguém liberta ninguém. O facto de libertação é algo assumido por cada um/a.

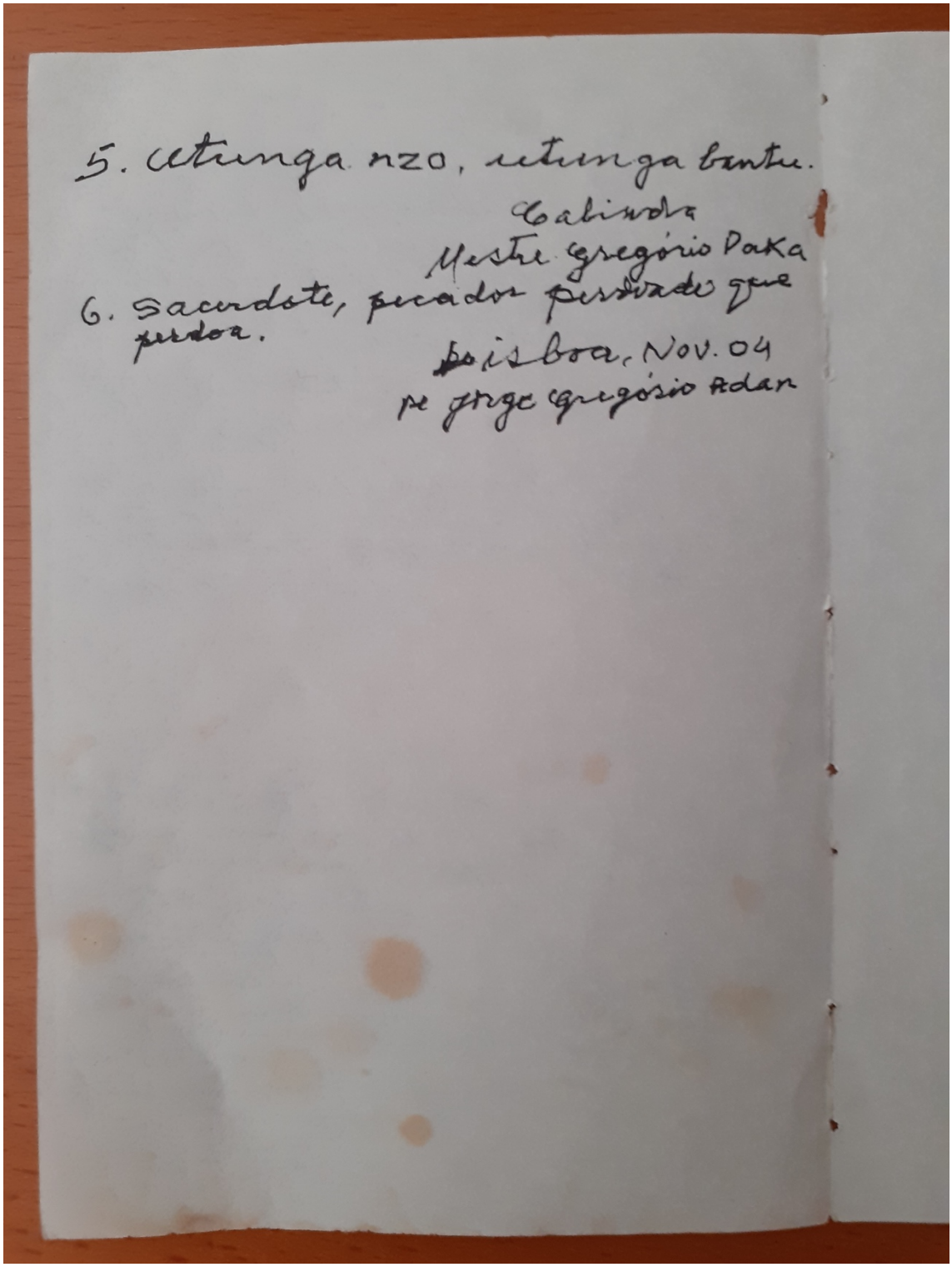
Cabinda, 1988

J. Yionji. Leda

5. Longa usembwa, uzaba utuma: aprende a ser censurado para saberes mandar.

Lisboa, 19.11.04

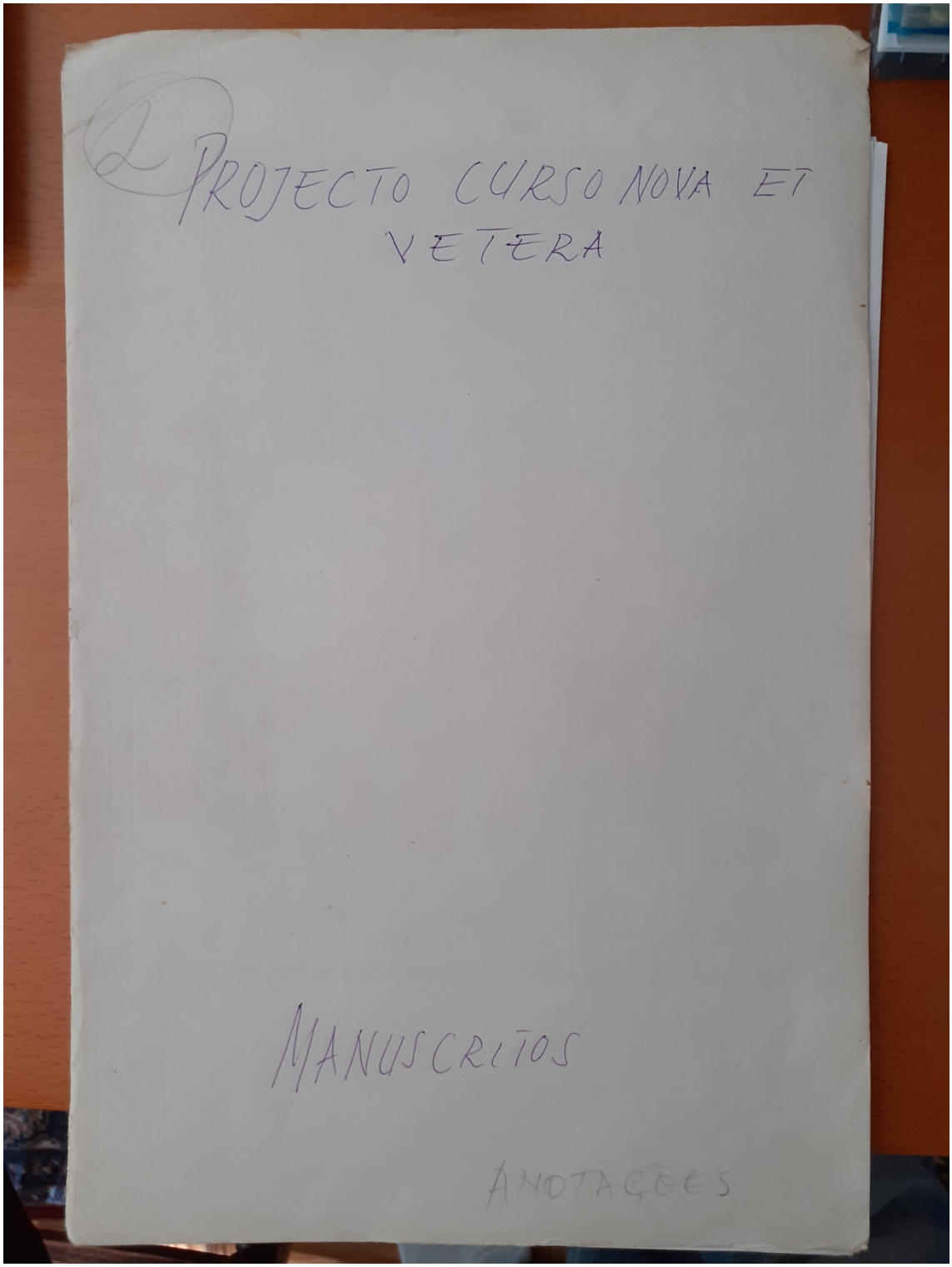
J. Yionji Leda


5. Ntunga nzo, ntunga bantu.

Cabinda
Mestre Gregório Paka

6. Sacerdote, pecador persuade que perdoa.

Lisboa, Nov. 04
de Jorge Gregório Adão


2
PROJECTO CURSO NOVA ET
VETERA
MANUSCRITOS
ANOTAÇÕES

1ª Semana

1. Introdução:

a) Que é o serviço doméstico
- O serviço que se faz em casa e para a casa.

Usalu bi nzo.

Só um amor autêntico à casa explica o serviço doméstico.

b) O que é a casa?
- Mais do que as 4 paredes, a casa é o mundo de todas as realidades que as 4 paredes encerram: pessoas, coisas, recordações...
A realidade casa, símbolo e convergência de todas as posses. Ponto das referências: ponto de partida e de chegada.

Nzo vama ti sikiminanga ai ti sitshikilanga mamonso.

Muene ukambua nzo, muene isungisi, muene iyuxila. Tuzaba-azu ti mibuvungisi mu ionzukilanga muntu ko.

c) O homem e o valor casa.
- Utungi nzo muntu, vangi usalisi muntu nzo.

d) A dupla finalidade da casa: abrigo (evengamuna) e conforto.

e) A casa criação do homem.
A odisseia do homem à busca duma casa habitável. A princípio o homem partilha a toca ou caverna com as pras e perpetuas. É a fase do homem totalmente sujeito aos caprichos da natureza. (...).
Em resumo: a casa e s/ evolução no tempo e espaço.

f) Relação entre casa e cultura.

g) Cuidado da casa e dos bens próprios (outros imóveis).

h) O ritual da casa.

NZO. Cumuenno lu O-na uionili.

2.ª Semana

Da boa organização do serviço doméstico.

Do orçamento e da sua importância. (1)

Do arranjo e asseio da casa.

Da apresentação de uma sala de jantar e do ritual da comunhão da mesa da apresentação do quarto de dormir.

Na sessão desta 2.ª Semana procuramos debruçar-nos o melhor possível sobre os temas acima apresentados. Sempre que se tocou num novo assunto a nossa primeira preocupação foi sempre a de situá-lo e criticá-lo no contexto cultural das participantes. Da hipótese do trabalho de ontem e de hoje, passava-se para a de amanhã. Do passado passava-se para o presente e do presente para o futuro.

(1) Lonso ko lubongo luna salisi (simbize) monsi si ovili utshinza lu bá mu nzila kukonzulila, buna teka kulukalilanga.

1.ª Semana

I A Economia. Definição.
B Economia Doméstica. Definição.

Economia: ciência da boa administração dos valores. É ao serviço dela que está o espírito de precisão (ilunzi tshi luelo) que a simbologia se esforça por despertar nos homens e em cada homem.

A economia toma o qualificativo de "doméstica" quando se volta para os valores da casa.

Liela li bakila, salila ai simbila tshiensso tshi vala tshi nzo voti va nzo.

Do orçamento.

a) Definição. liela li sibshikila zinzila zikolile zimbongo ai zinzila jua zia gune ubaikila

b) Da sua importância e necessidade para um real e verdadeiro crescimento humano.

c) orçamento e necessidades.

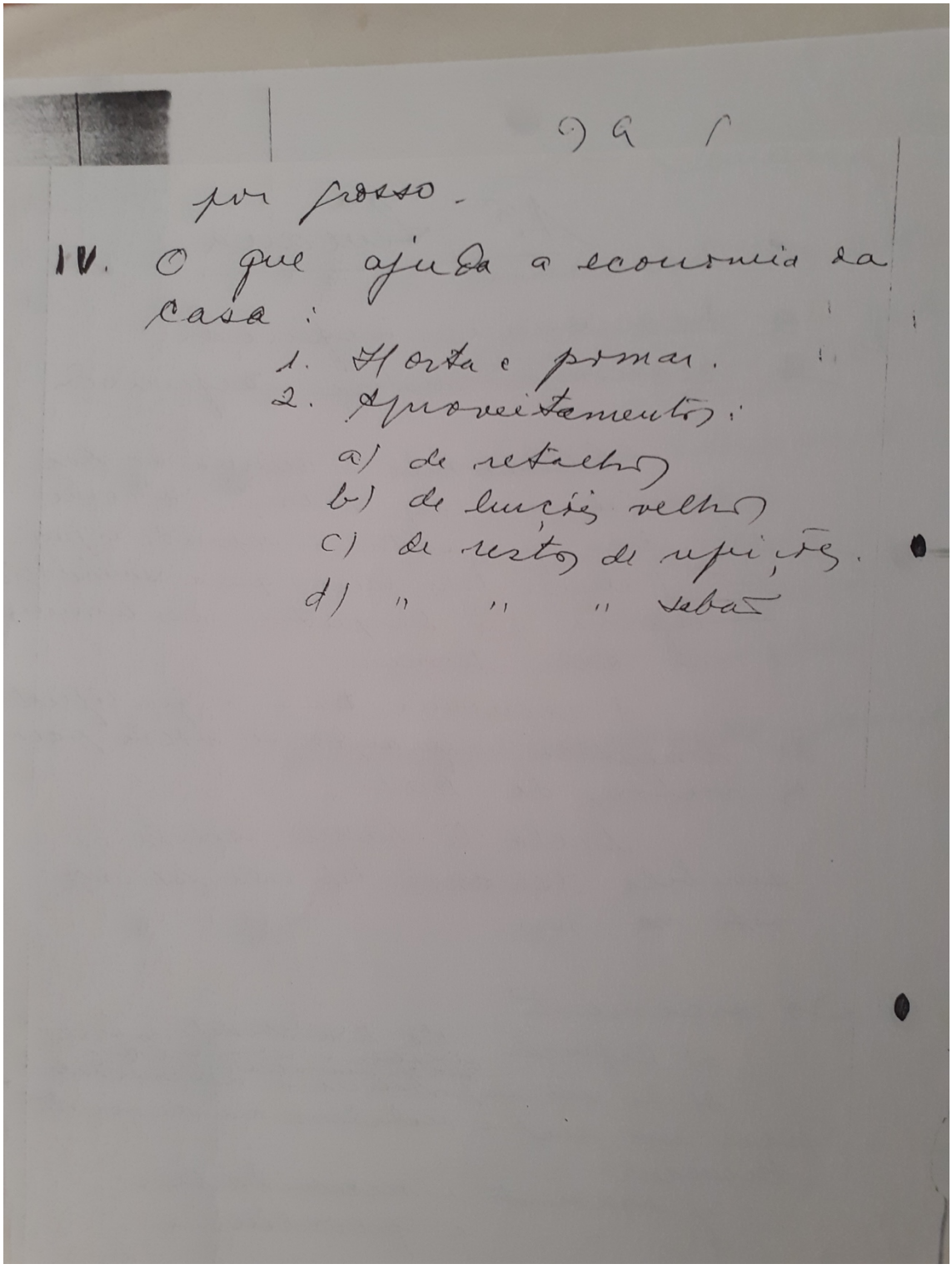
d) " e previdência.

III Das compras.

a) O que é que se compra

b) como é que se compra.

escólio: as vantagens das compras

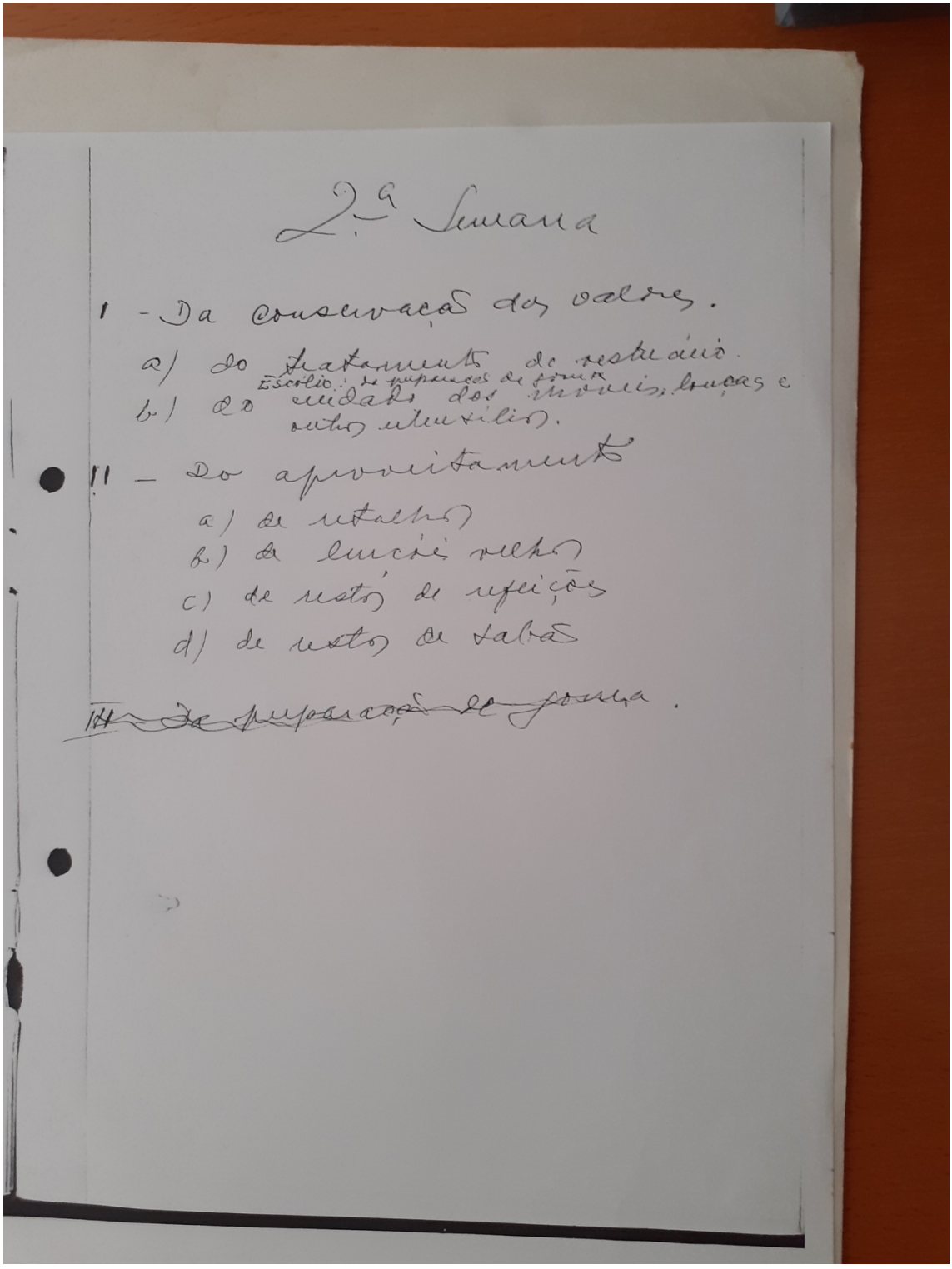


9 a 1

por grosso.

IV. O que ajuda a economia da casa:

1. Horta e pomar.
2. Aproveitamentos:
   a) de retalhos
   b) de lençóis velhos
   c) de restos de refeições.
   d) " " " sabão



2ª Semana

I - Da conservação dos valores.

a) do tratamento do vestuário.

b) do cuidado dos móveis, louças e outros utensílios.

Escólio: da preparação de gomas

II - Do aproveitamento

a) de retalhos

b) de lençóis velhos

c) de restos de refeições

d) de restos de sabão

~~III - Da preparação de gomas~~.

Economia Doméstica

9ª Semana

Sábado 16/12/72

9.00 – Do Homem e dos valores. Meditações.
Op. G. Jorge Seda

Terra: Agricultura.

1. Da origem da agricultura: A agricultura tem origem bíblica e está na linha da satisfação das necessidades sentidas pelo homem.

A agricultura impos-se como necessidade desde que a pela natureza começou a ~~[illegible]~~ ser pouca ou fraca com o aumento dos homens. ~~[illegible]~~ Surgiu para sanar o conflito originado pela lei da oferta e procura.

No fundo só contribuiu para dignificar o homem. Observar ~~[illegible]~~ que sucede com as árvores de fruta no mato e nas vias públicas.

Cada homem foi plantando aquilo de que gostou entre os frutos ~~[illegible]~~ que ia provando. Apareceram as roças, as lavras, os pomares.

2. A dupla finalidade da agricultura: subsistência e troca (comércio). A subsistência, estádio de menos ~~de menos~~ progresso.
A venda uma forma de conservação dos mesmos frutos.

3. A agricultura, uma autêntica ciência. Daí o mínimo de conhecimento de técnicas e fenómenos ligados à agricultura para uma boa produção.
Fenómenos a ter em conta: ~~[illegible]~~, chuva, tempo.
Técnicas de preparação de terrenos e de viveiros, fertilização, protecção e rega.
Elementos básicos: boa semente, bom terreno, e água.

15.00 - Puericultura Teórica

Em 17/12/72, ensinei as crianças O/c: C. M. Apoza
Sobre os cuidados se deve prestar uma criança quando nasce.
Primeiramente ver se a criança chora; a seguir fazer o corte de umbigo; mede-se o palmo depois da barriga da criança dá-se um nó deixa-se uma pequena distância faz-se outro no: no meio dos dois nós corta-se o cordão umbilical. Por fim faz-se o c. d. até curar a ferida.
Expliquei-nas os cuidados necessarios a prestar na criança. Para evitar conjuntivite na criança deita-se em cada olho uma gota de colírio de argirol, ou em falta uma gota de limão em cada olho.
Terminando assim a minha aula.
Anotei. Carlos Maria Peso

17.00. Serviço Doméstico (Secção I). Economia Doméstica (S. I)
Higiene e Educação Sanitária.
O/c Catarina Matombe

8ª Semana

~~14.00 — [illegible]~~

15.00 — Nutrição.

O/c. J. [illegible]
Assist. Xavier Fito.

Introdução à ciência da nutrição:
1. definição. 2. Sua ~~papel na~~ evolução como ciência do homem. 3. ~~o papel~~ ~~da~~ nutrição, fenómeno biológico de crescimento e conservação dos seres vivos.
Importante: para se sobreviver apenas talvez baste qualquer nutrição mas para se existir em ordem à uma vida creativa já se impõe a necessidade duma nutrição racional.

17.00 — Puericultura Prática

O/c Suzana

As participantes não compareceram a tempo para a sessão marcada para esta hora, sessão que, finalmente, acabou por ser adiada para a semana próxima.

~~Seu~~ Jeans de valor. Assim, não sobrevive o homem sem a satisfação duma necessidade conatural (comer, beber, respirar, etc) enquanto só passa mal quando não satisfaz a necessidade por exemplo de ter casa (necessidade quase conatural).

Há necessidades que já a própria natureza satisfaz sem o concurso consciente do homem (respirar etc. há outras que a natureza ajuda satisfazer com o concurso do homem (comer, beber etc.) e há ainda outras que mais conta o esforço do homem do que a ajuda da natureza para a sua satisfação (transporte rápido etc).

O trabalho e os valores. Valores de trabalho, valores de crescimento. O símbolo - dinheiro

1. O dinheiro, ~~um símbolo~~ ~~os valores~~

2. O papel do dinheiro na civilização humana: a epopeia da ~~civilização~~ humana, epopeia do dinheiro.

A inteligência inteira necessidades, as necessidades ~~...~~ levam à descoberta de valores que só o trabalho torna nossos, já concretizando-os, já levando-nos a possuí-los. Das profissões. Noção. Só n.º infinito das profissões. A profissão um duplo imperativo do progresso pela divisão do trabalho e da competência.

~~10.30 - Corte e costura. Bordado.~~

~~O/c. Cristina Upanzu~~

A meditação sobre as necessidades termina com o jogo ~~...~~ do crescimento pela satisfação das necessidades (quadro vivo). Canto em coro: "Kioso salu sadidi. Minkinza mieta mio mu salu veka tuela-mitabila". Seu sentido plenos

10.30 - Corte e costura. Bordados.
O/c. Cristina Upanzu.

8ª Semana 4/12/72

9 a 11/12/72

Sábado 9

7.30 – Educação Física

O/C Fiti

9.00 – Do Homem e dos Valores. Meditação

O/C Pe. G. Nionje-Seda

1º assist. Fiti

Das necessidades

1. O trabalho é fruto da necessidade

Noções importantes: O trabalho: qualquer actividade ou esforço para produzir algo.

A necessidade: fome sentida.

Vários tipos de necessidades e sua satisfação: necessidades connaturais (ntshiriza lubutantulu)

" quase- " (nt. mi beleznezi nt. lubutantulu).

" criadas (pelo homem)

~~A satisfação das necessidades oscila desde a connatural (respiração do ar) até a~~

Relação entre necessidade e progresso.

Segunda 4/12/72

6.30 — Agricultura e Pecuária

O/C Mestre Eduardo

8.30 — Simbologia I

O/C G. Pionje-Seda

1º assist. Xavier Fi F.

Estudo das letras p. q. r, s, t. segundo o método MIAAT.

Simbologia 3 - Valores que nos sugerem

o p - (ilumbu, bandeira): sinal, símbolo de ~~[illegible]~~ outros valores.

q - (nxawa bananga, bengala): o atitude recursiva do homem. O apoio que significa a bengala que é também como que uma companhia. Ajuda. Instrumento

r - (susi wimina-mazi) - o esforço que subsiste em todo o trabalho de aquisição.

s - (nxoka, serpente) - o mal como a serpente uma desviar-se continuado.

11.00 [illegible]

O/c. Mestre E. Mateu

Preparação de prato fino de carne com molho de maionese.

15.00 - Puericultura Teórica

O/c. Carlos M. Mpegu

Eram 3 horas de tarde quando dei a minha 8ª aula. Ensinei as meninas sobre o parto natural ou de termo. Parto natural - É aquele que se verifica depois de nove meses de gravidez, e por tanto logo que o bébé atingiu todo o seu desenvolvimento, está pronto para nascer. O parto natural tem 3 fases.

1º Rotura do saco omniótico.
2º Dilatação de 4 dedos.
3º Expulsão de feto e membranas.

Na rotura do saco omniótico, rompe-se e dá saída ao líquido, que se chama águas. Na dilatação o colo uterino deve largar-se 4 dedos para dar a passagem ao bébé. Na saída do bébé seguem a placenta e as membranas.

2-4/12/72

Sábado 2

7.30 — Educação Física
O/c Xavier Fiti

Por causa da chuva que caiu torrencialmente toda a manhã, as participantes não puderam chegar a tempo pelo que se não realizou a sessão de E.F. prevista para esta hora.

Nionje. Seda
secret.º

9.00 - Do Homem e dos Valores. Meditações.

O/c. Nionje. Seda.

Orientador-coordenador e participantes debruçaram-se sobre o tema: A Saúde, bem supremo da existência.

1. O que é.
2. Suas incidências com os outros valores da existência, a começar pela vida, passando pela economia, trabalho etc.
3. Medidas para a conservação da saúde / positivas e negativas
Nutrição, vac.
Higiene etc.
4. Medidas para a recuperação da saúde consulta médica e tratamento.

10.30 — Culinária/Nutrição

O/c Mestre Eduardo

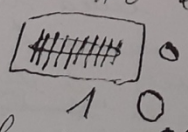
Preparação de peixe grelhado.
Acomp. batatas coradas.

14.30 — Simbologias 1 e 2

O/c G. Pionje-Seda
Assist. M. Mbumba Bazonga

Depois duma rápida recapitulação das letras-símbolos estudados na sessão da manhã, ~~a sessão desta hora~~ o responsável antes de começar a orientar as participantes na escrita dos números até 10 e na operação de soma (conta armada) meditou demoradamente com as participantes sobre o valor tempo pelo qual se devem pautar todas as actividades dum homem preocupado com o seu próprio crescimento.

1. Escrita dos n.os 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
2. Noção do n.º 10 e sua representação:



1 0

3. Noção de classe ou ~~ordem~~ e sua prática 1 0
1 1
2.ª 1.ª

8.30 — Simbologia 1

O/c J. Nronje Seda
Assist. Xavier Fiti

Com um pequeno atrazo a sessão da Simbologia 1 marcada para esta hora teve início sob a orientação do responsável. Pusaste o 1º assistente Xavier Fiti e as seis participantes.

Depois da revisão do som masculino (mbembo mbakala) j, debruçou-se demoradamente sobre os sons k, l, m, n; sua escrita e valor e seu casamento com os 5 sons femininos.

No fim do estudo de cada letra seguiu-se uma pequena pausa para a meditação sobre os valores intuídos nos símbolos.

K - A borboleta a lembrar-nos toda a inquietação e esforço da busca. A borboleta e a vantagem de ver mais, de abarcar mais e melhor.

L - a forma esguia desta letra lembra-nos altura. "Busonga". Poucas árvores, altas, relativamente poucas, poucas palmeiras que atingem a altura de "nkuati". A altura é uma raridade e um esforço na natureza. Mas não deixa de ser um valor ao n/ alcance, sobretudo, q.do se está no campo do crescimento humano.

m e n - ponte e apoios e passagem. O que ~~passa~~ atravessa precisa de passagem (ponte). Mas onde existe uma ponte sem apoios. A comunidade é uma relação de serviços. Passaste mas nunca te podes esquecer da ponte e dos apoios. E tu ponte e tu apoio, ~~chegais~~ na medida ~~do~~ em que chegada do que passou por vós.

tou-nos das feridas consoante a forma da sua apresentação. Não pude mandar fixar os nomes das feridas quanto ao instrumento que as causou. Falei das complicações que podem vir da ferida – hemorragias, fractura e infecções. Falei dos 1os socorros – exposição do local ferido, limpeza com água oxigenada ou água fervida. Falei também da ferida com pús

11.00 – Culinária e Nutrição

D/c Mestre Ed. Pato

Deixe com molho de escabeche.
Acompanhamento: arroz branco.

15.00 – Puericultura Teórica

D/c Carlos M.a Reis

Domingo 26
Foram 3 horas de tarde quando dei a 6.a aula. Falei as mezinhas como se prepara o material quando a criança está preste a nascer. 1.o Limpeza da casa onde se encontre; 2.o Esterilização do material para o corte do umbigo. 3.o A criança não deve ser colocada ou deitada em qualquer sítio; deve se deitar a criança só no berço, ou num cesto bem feito, posto cobertor ou lençol. Expliquei-lhes o que é berço.

15.30 — Economia Doméstica

O/c Catarina das Vitórias

17.00 — Puericultura Prática

O/c Suzana Bitebe

A sessão abriu à hora habitual: 17. horas em ponto. Presentes todas as participantes. Tema de demonstração: o modo de vestir o bebé (diferença no vestir do menino e da menina). O banho do bebé nunca pode ser numa lagoa ou poço ~~em que não cobre~~ água de águas paradas. Demonstração prática do banho e do vestir do bebé em casa de Josefina Vibi de Santo Eugénio. A senhora tem um bebé de 1 mês e 8 dias. A orientadora (cor) para aproveitar a ocasião para dar uma lição de puericultura à mãe.

Domingo 26

7.30 — Primeiros Socorros

O/c J. B. Maringa

A lição de hoje foi sobre as feridas e mordeduras. Depois de uma breve recapitulação da lição anterior (as fracturas) entrei no assunto da lição corrente.

25/27 Novembro 72

Sábado, 25

7.30 — Educação Física

O/C
Xavier Fiti

Não se realizou a sessão de educação física semanal em virtude de o o/c. Xavier Fiti ter faltado. Falta ~~não~~ justificada

Nionje Seda
Secret.

9.00 — Do Homem e dos Valores. Meditações

Textos a propósito

O/C
Nionje Seda

Das exigências do crescimento.

A história do grão de milho. Perícias para se converter em grãos de milho. Era só para si passa a ser pena muitos e, quem sabe?, para todos. O grão de milho aceita a condição de enterramento e de destruição. Vive a filosofia da busca, de crítica para integrar.

Cristo disse que a história do grão de milho lembra uma, outra, por ventura, mais trágica — a história do homem.

14-30 — Simbologia 1 e 2.

O/C Nionje Leda
Assist. Mateus Ubumba Bazon

Simbologia 1 - revisão do estudo de manhã

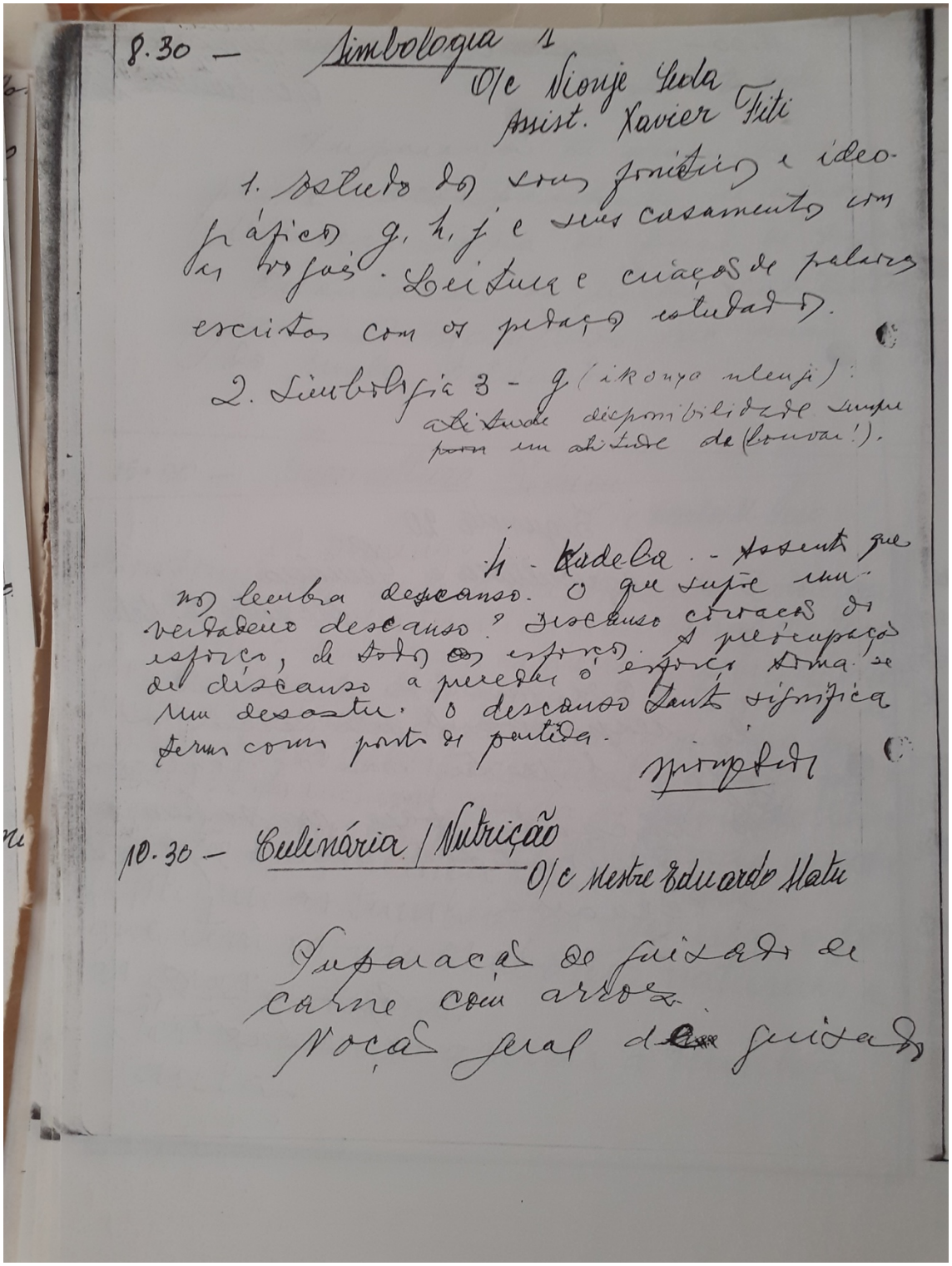
Simbologia 2 -

Introdução

- Noção de quantidade e qualidade sua relação.
- Estudo dos símbolos numéricos de 1 até 9.
- Noção da dezena.

Ditado e leitura dos números estudados (até) de 1 até 99

Estudo de dezenas simples e dezenas com unidades.



8.30 — Simbologia 1
O/c Nionje Leda
Assist. Xavier Fiti

1. Estudo dos sons fonéticos e ideográficos g, h, j e seus casamentos com as vogais. Leitura e criação de palavras escritas com os pedaços estudados.

2. Simbologia 3 - g (ikonya ulenji): atitude disponibilidade sempre ~~para~~ em atitude de (louvar!).

4 - Kadela. - Assento que nos lembra descanso. O que supõe um verdadeiro descanso? Descanso coroação do esforço, de todos os esforços. A preocupação de descanso a preceder o esforço toma-se um desastre. O descanso tanto significa termo como ponto de partida.

Nionjetede

10.30 — Culinária / Nutrição
O/c Mestre Eduardo Matu

Preparação de guisado de carne com arroz.
Noção geral de guisado

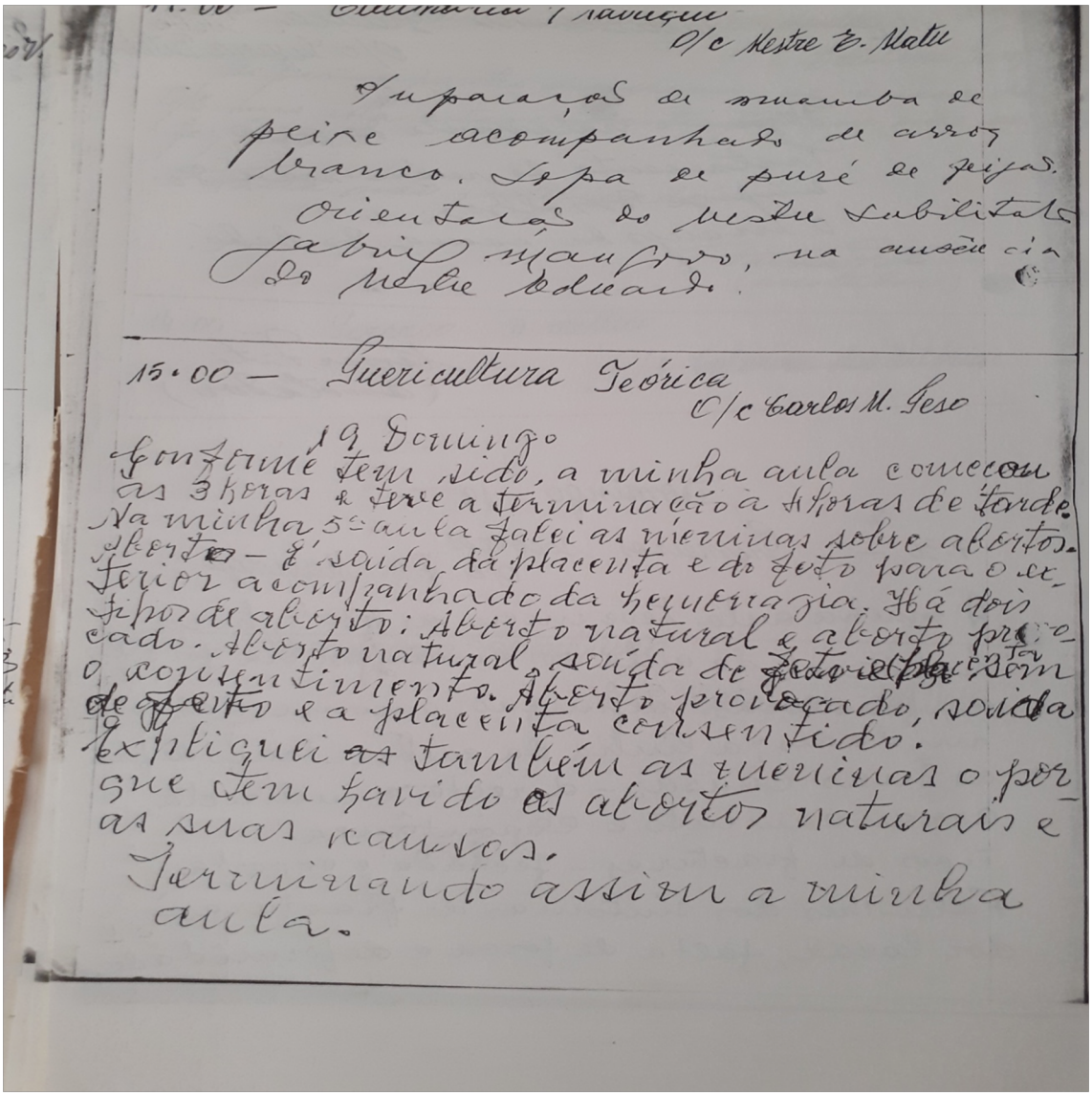
11.00 ... O/c Catarina das V.

Segunda 20

6.30 – Agricultura e Pecuária
O/c Mestre E. Matu

Por motivo da doença do responsável pela secção, o o/c. E. Matu, não se realizou o encontro para considerações e demonstração sobre a Agricultura e Pecuária.

Principal
secret.º



11.00 — Culinária Prática
O/c Mestre E. Matu

Preparação de muamba de peixe acompanhado de arroz branco. Sopa de puré de feijão.
Orientação do Mestre Subtilitate Gabriel Mangovo, na ausência do Mestre Eduardo.

15.00 — Guericultura Teórica
O/c Carlos M. Peso

19 Domingo
Conforme tem sido, a minha aula começou as 3 horas e teve a terminação à 4 horas de tarde. Na minha 5ª aula falei as meninas sobre abortos. Aborto — É saída da placenta e do feto para o exterior acompanhado da hemorragia. Há dois tipos de aborto: Aborto natural e aborto provocado. Aborto natural, saída de feto e placenta sem o consentimento. Aborto provocado, saída de feto e a placenta consentido.
Expliquei ~~as~~ também as meninas o porque tem havido os abortos naturais e as suas causas.
Terminando assim a minha aula.

O/C Suzana Bulebe

Higiene e tratamento do seio.
Tratamento do recém-nascido:
limpeza dos olhos.
O arranjo da cama do bebé.

Xavier Titi
(anotador)

Domingo 19

7.30 — Primeiros socorros
O/C J.B. Mavinga

A minha aula teve início às 7,30 h, hora habitual da aula aos domingos. Ela foi sobre as fracturas: definição; o nome das extremidades; a linha da quebra - traço de fractura as suas causas - directa e indirecta, arrancamento e espontânea.
Tipos de fracturas - fechada e exposta.
Falei-lhes dos sintomas de fracturas: dor local; falta de força e deformidade

5ª Semana

18/20 Novembro 72

Sábado, 18

7.30 — Educação Física

O/c Xavier Fiti

1º Revisão do exercício anterior.

2º Corrida e marcha, para exercitar os músculos de todas as partes do corpo, com o fim de fazer circular o sangue em cada uma delas e aumentar assim a força.

9.00 — Do Homem e dos Valores. Meditações

O/c Nionje Seda

Esta meditação voltou a incidir na investigação e estudo das situações e das resultantes dessas.

A leitura do trecho de Leão Magno sobre a dignidade do cristão (= dignidade do homem) coroou o estudo da situação 3.

Reconhecido o valor do homem e de cada homem concreto passamos a partir deste momento a investigar e a estudar os valores que vêm beneficiar esse primeiro valor.

14.30 — Simbologia 1

O/c Vionje Seda
Assit. Mateus Mbumba Bazong

A sessão da tarde consistiu no estudo dos mesmos símbolos fonéticos da manhã.

Simbologia 3. O f continuou a merecer a nossa atenção. Pedaços de lenha dispersos, unidos passam a formar uma nova realidade: o feixo de lenha (ntá suali). A sorte mudou para todos e para cada um dos pedaços. A sua sorte agora é a sorte do feixo, a não ser que deixe ~~um~~ ~~pe~~ de pertencer ao feixo.

Vionje Seda

8.30 — Simbologia 1

O/C Vionje Yeda
Assist. Xavier Fiti

Estudo participado das letras c, d, f e seu casamento com as 5 vogais (mbembo zinguli).

Criação de palavras e busca em jornais e livros dos grupos estudos.

Simbologia 3 — c. ngonda mona.
O valor luz (mueze). O grande inimigo do homem, as trevas (itombe). A luz, a vida; as trevas, a morte: mors et vita duelo ~~conflixerunt~~ mirando.
d - muana ku mbusa.

A responsabilidade da maternidade. Não é suficiente ter dado à luz. O mais importante é criar e criar é sempre na dor e no esforço. O peso da nossa mãe e os nossos pesos: pesos para o crescimento, para a vida.
f - iko tshi nsinga - o papel do laço: unir (ukuibika, usimbilila). Ver no laço o amor.

10.30 — Culinária / Nutrição
O/C M. E. Matu

Preparação de guisado de carne c/ batatas.
Preparação de bifes.

11.00 — [illegible]

O/C Mestre E. Mateu

Preparação de caldeirada de cabrito e de carne estufada com batatas coradas

---

15.00 Puericultura Teórica

O/C Carlos M. Geso

Em 12 de Novembro, dei a minha 11ª aula. Falei as meninas sôbre hegiene da gravidez: deves ser sanitária, alimentar, corporal, vestuário, calçado, e casa. Expliquei-nas tudo conforme está escrito a cima. Mulher grávida só poderá tomar remédio receitado pelo médico; comerá comida que lhe agradar: evitará fazer os trabalhos pesados; evitará tomar os banhos de emersão. Fará os possíveis de andar com a roupa ou calçado não apertado. Terminando assim a minha aula.

17.00 – Puericultura Prática
O/c Luzana Bitebe

As circunstâncias que precedem, acompanham e seguem o acto do nascimento. No final da explicação as participantes tomaram parte no acto de dar banho ao bebé recém-nascido de josefina Nhumba. Técnica do banho, do vestir e do tratamento do umbigo da criança. Falou-se também na técnica de o cortar.

Domingo 12

7.30 – Primeiros socorros
O/c J.B. Mavinga

A lição de hoje foi sobre os Envenenamentos. Dei-lhes a difinição que é a alteração do estado de saúde. Falei-lhes dos produtores de veneno - folhas de algumas plantas, coguvelo e substâncias químicas. Disse como deve agir o socorrista. Expliquei a maneira como deve proceder para impedir a acção do veneno - provocar vómitos, beber água com sal ou sabão.

14.30 – Simbologias 1 e 2.

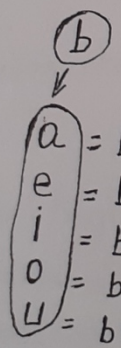
O/c. Vionje Leda
Assist. Maturo Bazonga

1.º) Valores culturais dos símbolos – imagens: – a (utshila) – e (iveso) – i (badnika: o peso do homem), – o (luagongolo, a descoberta da roda e o progresso – u (bulu: imperfeições do homem e da natureza) – b (buemba: o valor maternidade).

diferenças e semelhanças do homem c/os animais — destruição

2.º) Estudo participado:

Fases



I.ª	II.ª	III.ª
a	b	
e	a = ba	ba + ba = baba
i	e = be	be + be = bebe
o	i = bi	bi + bi = bibi
u	o = bo	bo + bo = bobo
	u = bu	bu + bu = bubu

Importante: Em cada uma destas fases, fez-se cópia e ditados seguidos.

Segunda-feira 6
8.30

Simbologia 1

Comunicação do Pe Vionje-Seda
Assist. Xavier Fiti

Conhecimento de sons livres (mbembo zinguli: o zimang'ukakamanga; a e i o u (mulheres).

Sua grafia cópia-ditado.

– Quem é o 1º habitante de uma casa entre o homem e a mulher que se vão casar? Em geral é o homem.

Então, vamos fazer casamentos de

b
a
e
i
o
u

= b + a = ba
= b + e = be
= b + i = bi
= b + o = bo
= b + u = bu

– Leitura global e individual dos sons formados e sua proclamação musical. Vários ditados no chão. — Intervalo: 10m.

Recapitulação: Interrompeu-se a aula por causa do enterro de uma mulher (Sra. Coleta Futi) que faleceu na Zona.

10.30 – Culinária e Nutrição
O/c. Mestre E. Mata.

Preparação de guisado de bacalhau com batatas

(Domingo 5. O/C Bilavinga

Primeiros socorros

1.30 Esta lição, foi apenas um complemento da lição anterior. Foi sobre as Hemorragias e os primeiros socorros a prestar.
Tratamento geral e local - doente deitado, com a cabeça mais baixa, desaperto da roupa, aquecimento do doente e dar estimulante (café quente)

11.00 Culinária e Nutrição

Preparação de carne (galinha) estufada com batatas coradas.

15.00 Puericultura Teórica O. C. Carlos Mª Fe

Na minha 3ª aula ensinei as meninas sôbre os principais sinais da gravidez. Nós observamos que uma mulher está grávida,
1º Quando lha desaparece a menstruação,
2º Fraquesas e tonturas da cabeça.
3º Escolha das comidas.
4º Vómitos. Falei-vas também sôbre o desenvolvimento de fecto. Formação do fecto. Terminando assim a minha aula.
5 de Novembro de 1972.

15.00

16.00 Economia doméstica

17.00 Puericultura prática. — Dr Suzana Britto

Com a presença das 7 participantes, realizou-se o encontro de P.P. subordinado ao problemas da consulta médica a quando da gravidez, sobretudo se se nota algo de anormal no estado da futura mãe. Insistiu-se no asseio externo e interno da consulente.

10.30 - Culinária. Nutrição

Dos alimentos e seu valor nutritivo

Preparação de pastéis de ~~peixe~~ (bacalhau) e arroz temperado.

11.00 - Corte e costura. Bordado.

O/c. Cristina Panzo.

Apenas hoje iniciaram as actividades desta secção. Presentes todos os participantes do 6.º curso.

A O/c. Cristina Panzo começou por introduzi-las no mundo da sua especialidade. A seguir às palavras introdutórias, aprenderam a alinhavar.

Não se ensinou mais em virtude de os participantes terem chegado atrazados ao encontro.

Em 29 de Outubro de 1972 as 2 horas

2ª Semana
4/6 Novembro 72

Sábado, 4:

4.30 — Educação Física — O/c. Xavier Fitz
Breve revisão da lição anterior.
O porquê da Educação Física ser um valor. — Execução do movimento de grande flexão de tronco — 4 tempos. A lição só foi assistida pelas mesmas três participantes que assistiram à da semana anterior. As participantes todas do Cunda chegaram tarde.
Às 8.00 terminou a aula.

O/c Xavier Fitz

9.00 — Do Homem e dos Valores. Meditações
O/c. Jorge Seda.

III Meditação: Zaqueu, modelo de busca

Local do encontro para a nossa reflexão: O telheiro do "mercado C. I. Nova et Veteri"
Antes de chamar a atenção dos participantes para os pontos da meditação do dia fiz uma recapitulação rápida dos pontos-chave da 1ª meditação: "Homem, ser de busca" e da 2ª meditação: "A busca".
Para a III meditação, ~~digo~~ a meditação chamei a atenção para o exemplo de Zaqueu na linha de busca: é atormentado pela fome (reconhece se ainda pobre); parte aceitando a condição da partida que é deixar; procura e encontra; encontra e critica, criticando-se (diálogo c/ Cristo) para uma verdadeira integração dos valores

1- Linguagem falada e linguagem escrita (grafada)

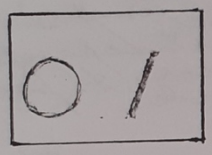
2- Linguagem falada e convenção

3- Convenção para fixação da escrita.

4- Convenção fenícia e esta

Hipótese de trabalho:

O /



Estudo de sons primários grafados:

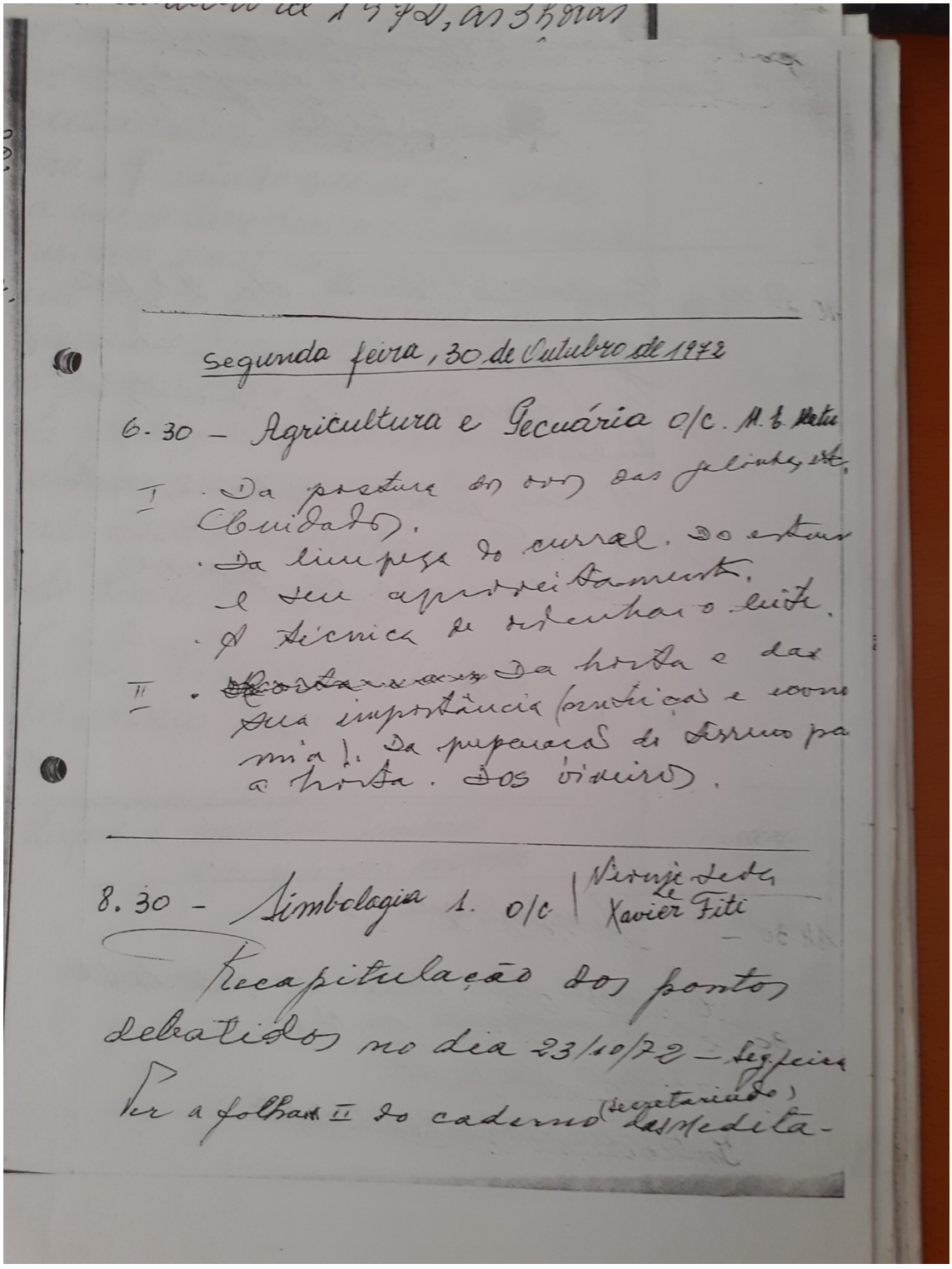
a e i o u.

A aula terminou com a entrega de exercícios de estudo dos sons primários, pedindo descobrir-los nos livros, mensagens e jornais.

O/C Vivanji. Seda

Mateus Mbumba Bazonga

... de 1972, às 3 horas



Segunda feira, 30 de Outubro de 1972

6.30 – Agricultura e Pecuária o/c. M. E. Matu

I . Da postura dos ovos das galinhas, etc. Cuidados.
. Da limpeza do curral. Do esterco e seu aproveitamento.
. A técnica de ordenhar o leite.

II . ~~[illegible]~~ Da horta e das sua importância (nutrição e economia). Da preparação do terreno para a horta. Dos viveiros.

8.30 – Simbologia 1. o/c | Vicente Seda e Xavier Fiti

Recapitulação dos pontos debatidos no dia 23/10/72 – Seg. feira

Ver a folha II do caderno (secretariado) das Medita-

Em 29 de Outubro de 1972, as 3 horas de tarde dei as meninas a minha 2ª aula: Sôbre – Puericultura, definição, sua necessidade no casamento.

Puericultura – É estudo que se faz sôbre assistência que se deve dar a mulher grávida, desde do primeiro sinal de gravidez. – Evitando assim que o bébé ou a mãe apanhe doenças durante o tempo de gravidez, e depois do nascimento da criança.

Igualmente expliquei-nas a necessidade da Puericultura no casamento.

Terminando assim a minha 2ª aula.

Missão do Lucula-Jenze

C. I. V. Et. Vetera, 29/10/72

Carlos Maria Peso

~~Segunda feira, 30~~

17.00 — Higiene e Educação Sanitária

O/c. Catarina Matombe

[illegible] sangue
arterial e venoso e a sua distinção.
Ainda sobre as hemorragias - falei de
Equimose que é uma hemorragia superficial
Hematoma que é acomulação de sangue
no local da pancada;
Hemoptise que é hemorragia vinda dos pulmo
O tratamento aplicar nas hemorragias
só será explicado na próxima aula.
Para terminar com a aula, fiz uma revisão
da lição anterior.

O/C.
João Baptista Mavinga

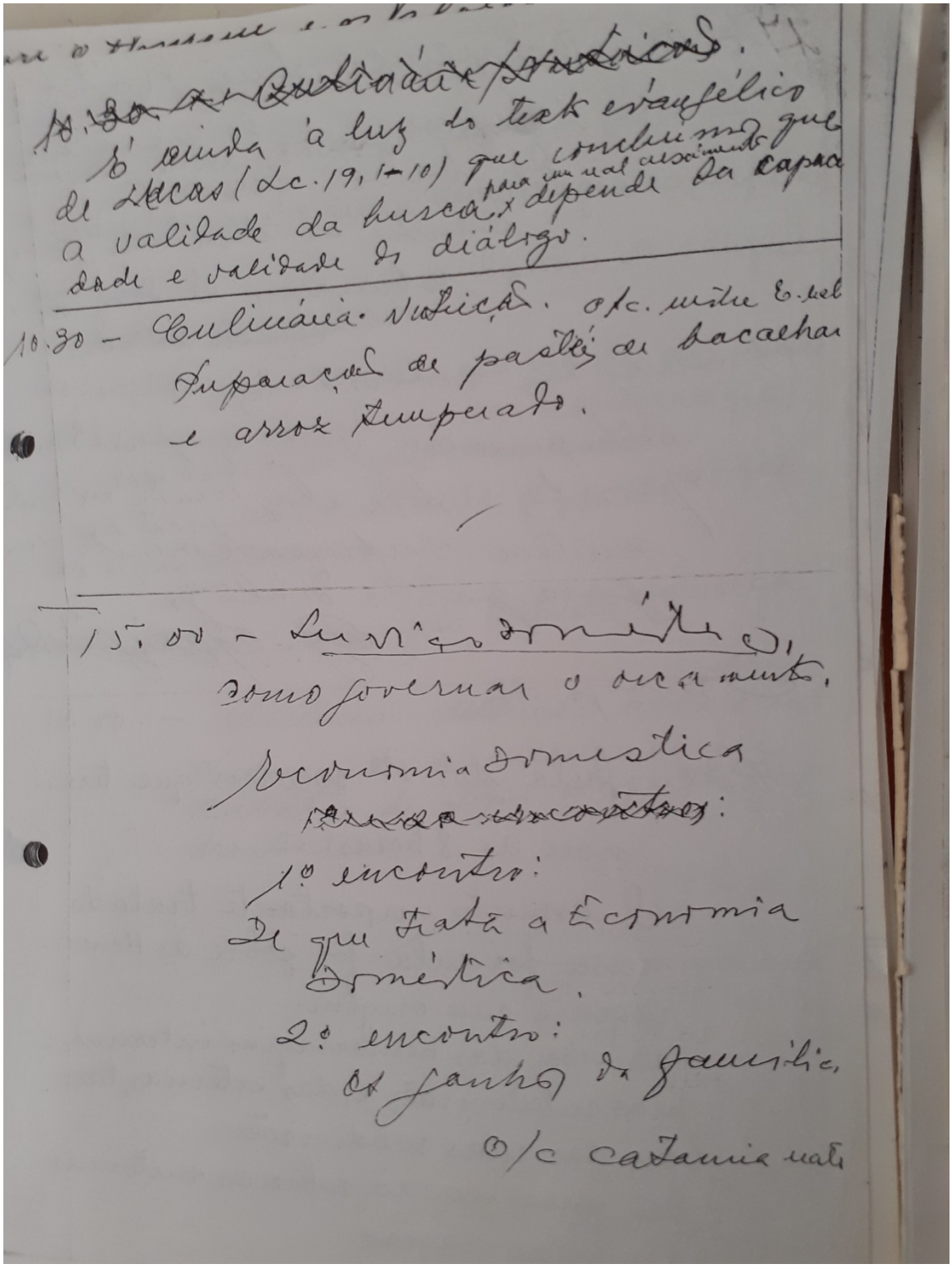
11.00 — Culinária. Nutrição. O/C. M. E. net
Preparação de caldeirada de
cabrito e de sopa de feijão c/
hortaliça

17.00 - Puericultura Prática
Preparação do nascimento do bébé: Enxoval.
Banho ao bébé de Josefina Ubumba. 8 dias de idade.
O/c Susana Bitebe

18. Termo das actividades
Impressões sobre as participantes: todas elas ainda se não sentem suficientemente seguras para o diálogo
~~[illegible]~~

Domingo, 29.

7.30 - Aula dos 1os socorros que terminou às 8 horas.
O assunto importante tratado nessa ~~foi~~ aula foi sobre as Hemorragias e sua origem.
Falei-lhes das hemorragias internas e suas subdivisões e, das externas, também das suas subdivisões.
Dei uma noção sobre as sintomas das hemorragias



~~10.30 – Culinária/Nutrição~~.

É ainda à luz do texto evangélico de Lucas (Lc. 19, 1-10) que concluímos que a validade da busca para um real crescimento depende da capacidade e validade do diálogo.

10.30 – Culinária. Nutrição. O/c. mistre E. Nel

Preparação de pastéis de bacalhau e arroz temperado.

15.00 – Serviço doméstico.

Como governar o orçamento.

Economia Doméstica

~~[illegible]~~:

1º encontro:

De que trata a Economia Doméstica.

2º encontro:

Os ganhos da família.

O/c catarina nati

2ª Semana

Sábado, 28

7.30 - Educação Física

Breve comentário sobre exercícios de movimento rápido: correr, saltar, cair, etc. - O homem, na fase do crescimento, deve fazer exercícios físicos para fortalecer os músculos; deve se aprumar estando de pé, endireitar-se quando se sentar na cadeira, porque a elasticidade do corpo, quer andando, quer sentando-se ou de pé, implica elasticidade de espírito, que é o que todos devem possuir.

— Segue-se exercícios da posição de sentido e de pequena flexão do tronco com as mãos aos quadris. — Fim às 8h.

O c/c Xavier Pitis

9.00 — Do Homem e dos Valores.

Meditações.

c/c Nionji Seda.

~~Meditação~~

Zaqueu, modelo de busca.

A busca ~~[illegible]~~ ser válida há de ser amorosamente atenta. O homem da busca há de ser homem da abertura e disponibilidade, homem apaixonado pelo ~~crescimento~~ mais tanto na ordem do ser como do ser. O homem da busca é o homem atormentado pelas suas fomes. Homem com suficiente capacidade de renúncia em ordem ao ser mais. Tal é o Zaqueu do Evangelho

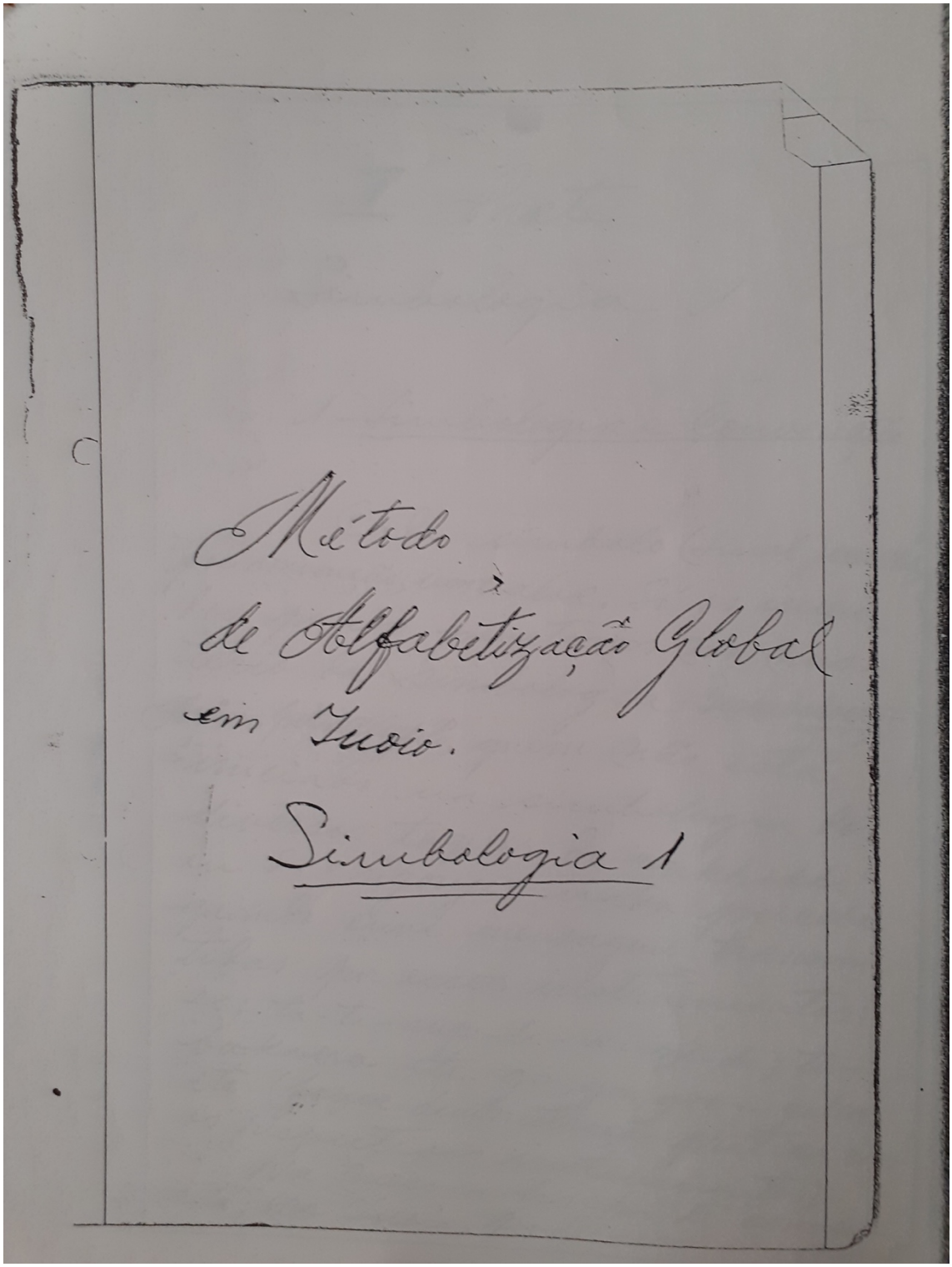
Semana de apresentação
14/16 de outubro 72

Às 8h do dia 14 de Outubro de 1972
apareceram as meninas
Paulina Chimambu
Adelina Nzanga
Teresa Isungu

todas do Cunda; e
Ana Lubuoto ~~Bern~~
Bernardina Mbenza Sambu, do Chiobo
para a apresentação.
Foram recebidas ~~x~~ pelos membros do Secretarido Pe G. Nionje-Seda e Xavier Fiti que passearam com elas ~~xxxxx~~ apresentando-lhes o Secretariado provisório e local da futura sede, os serviços já feitos na praça dos C.I.
Assistiram à preparação do almoço feita pelo O/C Mestre Eduardo.

Domingo 15:

Após o pequeno-almoço, as candidatas assistiram à preparação do almoço ~~xxxxxxx~~ e tomaram parte ~~no~~ almoço-convívio desse dia com os O/C Nionje-Seda que lhes falou do homem e a alimentação (introdução ao ritual da Comunhão da mesa), Pe A. G. Nang Eusébio Maria e Xavier Fiti.
Depois do almoço, às 16h os O/C todos reuniram-se no Secretariado provisório para discutirem o programa dos Cursos e a admissão das ~~acti~~


Método
de Alfabetização Global
em Tuoio.
Simbologia 1

II Parte

Simbologia 1

1 - Simbologia e Convenção

Cada símbolo (sinal) encerra, por convenção, um valor. Só os iniciados porém penetram no mistério da simbologia. Desenvolver... Assim, por exemplo, quem não está iniciado na simbologia dos diversos toques do "nkhokho" ou do "ngonje" nada percebe quando ouve mensagens transmitidas por esses instrumentos: ex: ta-ta-mpe-lo-wi-zi-di; tu-bakana etc. gon, gon, gon... golin. etc. (fazer demonstração prática com os respectivos instrumentos).

Na mesma linha de convenção, no Tuoio, pode usar-se, para

o efeito, os testos de panela "Mabaia ma uzungu": ex: Makuku matatu matelikila uzungu etc. ——

2 - Interpretação da Simbologia do alfabeto (lufabeto).

A escrita obedece a uma convenção multissecular internacional conhecida por alfabeto (lufabeto). O conhecimento da simbologia alfabética exige uma iniciação. Ei-la:

Esquema 1

Cada sinal do alfabeto (letra = isona) é símbolo dum som. Com efeito cada imagem-símbolo, para lá do som, sugere-nos uma ou mais realidades da vida. Assim:

a, imagem-símbolo do som "a", sugere-nos existencialmente,

pela sua configuração terminal, a cauda (ntshila) dos animais.

Os sons e as suas respectivas imagens-símbolos agrupam-se em duas classes (gêneros):

a) ~~femininos~~ (vogais) - a, e, i, o, u.

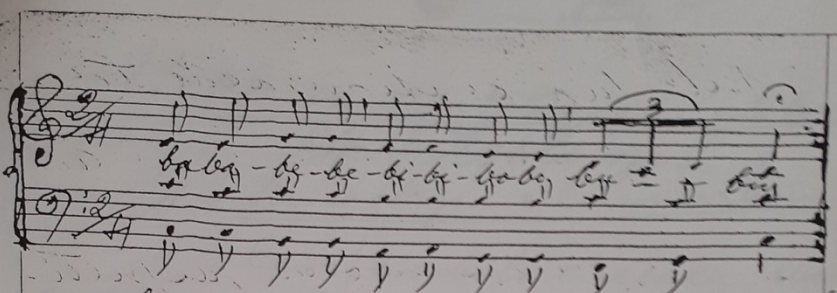
a - ntshila (cauda)
e - ivesu (metade)
i - badnika (pinteado)
o - litshio (ovo)
u - bulu (cova)

Mnémica ...

b) e masculinos (consoantes) que só existem quando casados com os femininos: b(a)...

Fases do casamento:

I Fase	II Fase	III Fase
a a →	ba	ba + ba = baba (estúpido)
e e →	be	be + be = bebe (bebê)
i i →	bi	bi + bi = bibi (isto)
o o →	bo	bo + bo = bobo (em vão)
u u →	bu	bu + bu = bubu (hoje)



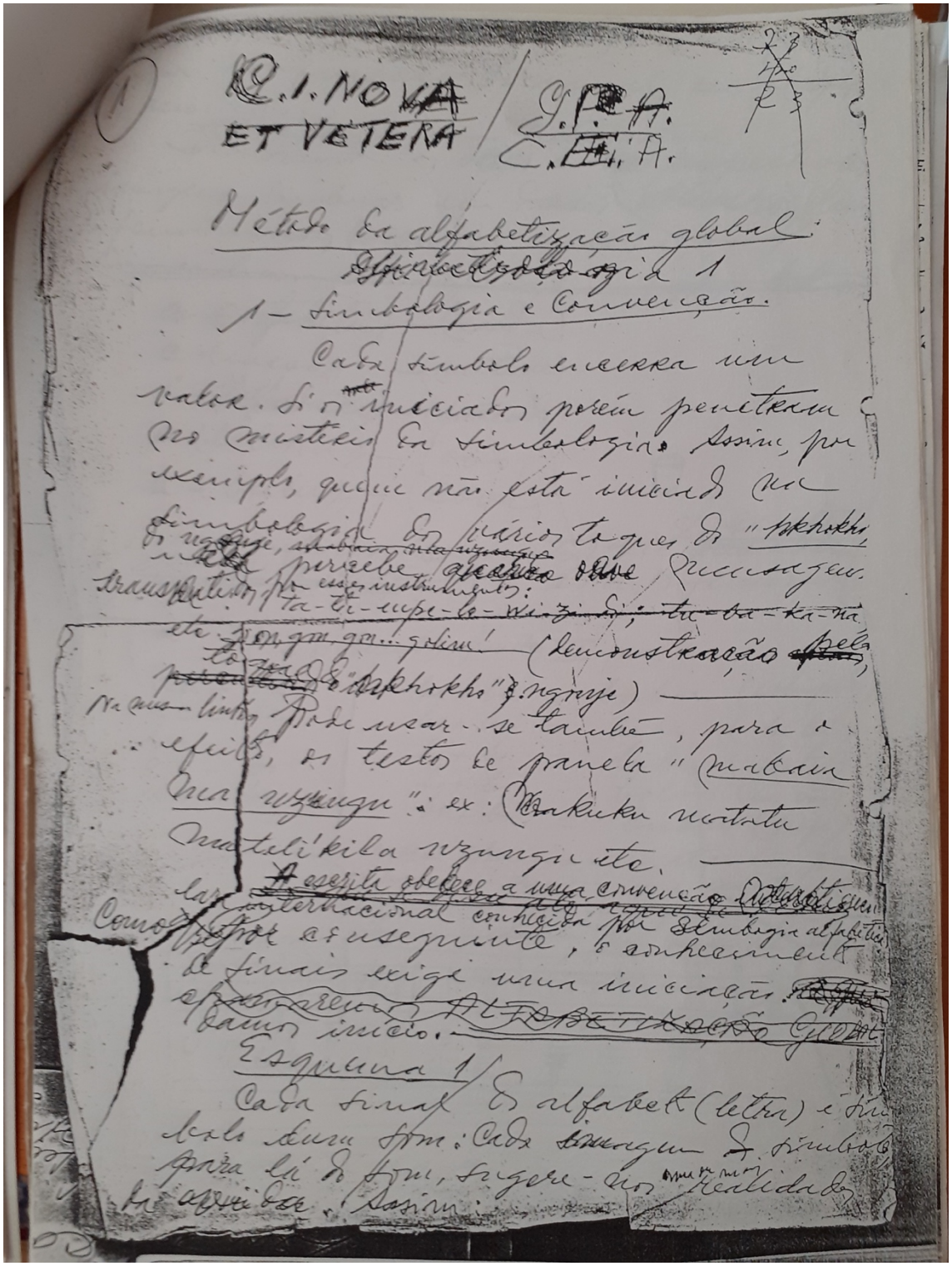
baba – bebe – bibi – bobo – bubu

NB. – Chamar a atenção para as palavras criadas nessas combinações, que existem não existem na língua em que se alfabetiza. Riscar as que não existem.

XV fase

a) bu bi be
ba bo

b) ba + bu = babu
bu + ba = bu ba
bo + ba = bo ba
be + bo = be bo
bi + be = bi be



(1)

C. I. NOVA ET VETERA / G. P. A. / C. E. A.

23
40
23

Método da alfabetização global:

~~Simbologia~~ 1

1 – Simbologia e Convenção.

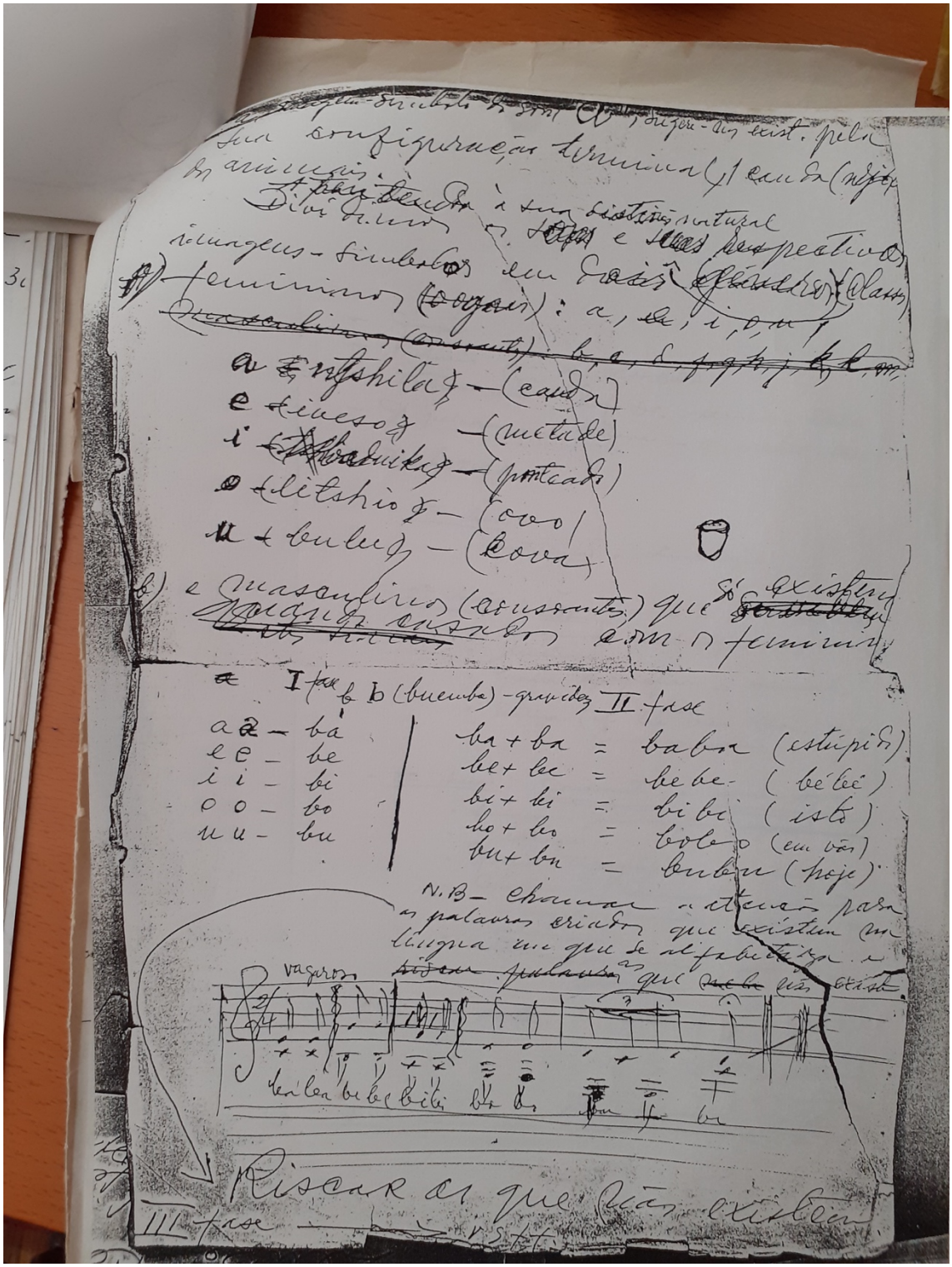
Cada símbolo encerra um valor. Só os iniciados porém penetram no mistério da simbologia. Assim, por exemplo, quem não está iniciado na simbologia dos vários toques do "hkhokho" do ngonje, ~~mabaia ma uzungu~~ não percebe ~~quanto~~ ouve mensagens transmitidas por esses instrumentos: ta-ta-mpe-le-wi-zi-di; tu-ba-ka-na etc. gon, gon, gon... golim! (demonstração ~~pela~~ ~~[illegible]~~ do "hkhokho" do ngonje) —

Na mesma linha pode usar-se também, para o efeito, os testos de panela "mabaia ma uzungu": ex: Makuku matatu matelikila uzungu etc. —

~~A escrita obedece a uma convenção [illegible]~~ Como [illegible] internacional conhecida por simbologia alfabética, por conseguinte, o conhecimento de finais exige uma iniciação. ~~[illegible] ALFABETIZAÇÃO GLOBAL~~ damos início.

Esquema 1/

Cada sinal do alfabeto (letra) é símbolo dum som: Cada imagem do símbolo para lá do som, sugere-nos uma ou mais realidades da ~~[illegible]~~. Assim:



...imagem-símbolo do som "a", sugere-nos exist. pela sua configuração terminal (1 cauda (nijo) dos animais.

A fim tendo à sua distinção natural

Dividimos os sons e suas respectivas imagens-símbolos em dois (géneros) (classes)

a) femininos (vogais): a, e, i, o, u

~~masculinos (consoantes): b, c, d, f, g, h, j, k, l, m~~

a (utshila) — (cauda)
e (iveso) — (metade)
i (baduika) — (ponteado)
o (litshio) — (ovo)
u (bubu) — (cova)

b) e masculinos (consoantes) que só existem ~~quando casados~~ com os femininos

I fase b b (buemba) - gravidez II fase

a a — ba	ba + ba = baba (estúpido)
e e — be	be + be = bebe (bébé)
i i — bi	bi + bi = bibi (isto)
o o — bo	bo + bo = bobo (em vão)
u u — bu	bu + bu = bubu (hoje)

N.B. — Chamar a atenção para as palavras criadas que existem na língua em que se alfabetiza e ~~riscar palavras~~ as que ~~nela~~ não existe.

vagaros

baba bebe bibi bo bo bu bu bu

Riscar as que não existem

III fase — rsff

4ª Semana

11/13 de Novembro de 1972

Sábado, 11:

7.30 - Educação Física

O/c Xavier Fiti

Exercícios feitos:

1º Respiração profunda, para a melhor fortaleza dos pulmões.

2º Flexões do corpo para o funcionamento regular dos intestinos.

N.B. Estes movimentos acompanharam uma prévia explicação antes da sua execução.

A aula só foi assistida pelas participantes Bernardina Buka Nguhu, Ana e Bernardina Mbenza Sambu. As do Cunda tornaram a faltar.

9.00 - Do Homem e dos Valores. Meditações

O/c Nionje Leda

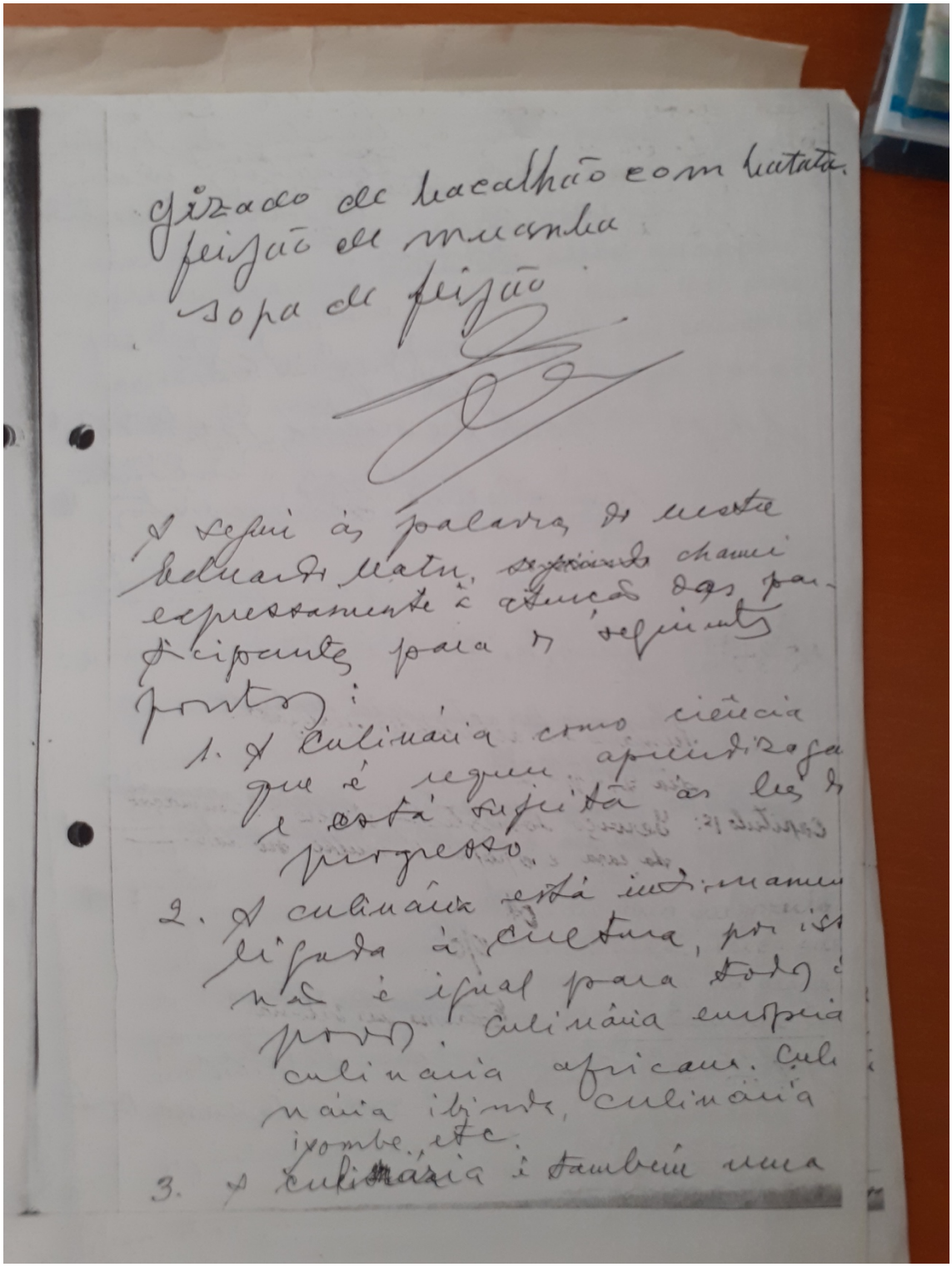
Assist. Xavier Fiti

Depois de ter chamado atenção para os pontos principais das meditações passadas, entrei no tema da meditação do dia:

Das Situações.

Defini o que é uma situação:

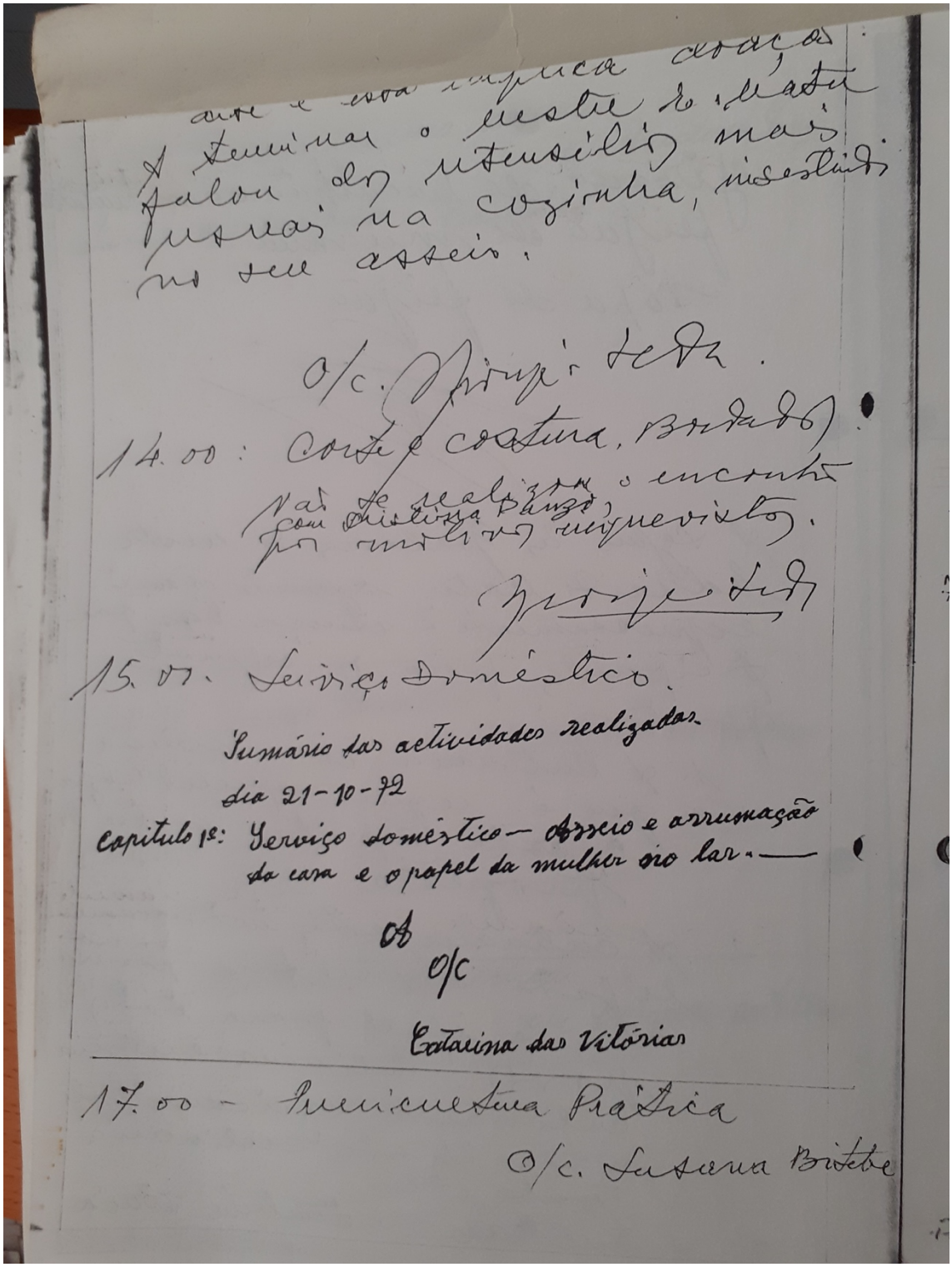
- mais que uma forma de estar é uma modo de ser e que condiciona o comportamento. Passei depois a exposição das situações 1, 2 e 3



gizado de bacalhão com batata.
feijão de muamba
sopa de feijão

A seguir às palavras do mestre Eduardo Matu, ~~seguindo~~ chamei expressamente à atenção dos participantes para os seguintes pontos:

1. A culinária como ciência que é requer aprendizagem e está sujeita às leis do progresso.
2. A culinária está intimamente ligada à cultura, por isso não é igual para todos os povos. Culinária europeia, culinária africana. Culinária ibinda, culinária ixombe, etc.
3. A culinária é também uma



[illegible] e essa implica doação.
A terminar o mestre de matu-
falou dos utensílios mais
usuais na cozinha, insistindo
no seu asseio.

O/c. [illegible]

14.00: Corte e costura, Bordados.
Não se realizou o encontro
com Cristina Panzo,
por motivos imprevistos.

[illegible]

15.00. Serviço Doméstico.

Sumário das actividades realizadas.

dia 21-10-72

Capítulo 1º: Serviço doméstico — Asseio e arrumação da casa e o papel da mulher no lar. —

A
O/c

Catarina das Vitórias

17.00 - Puericultura Prática

O/c. Susana Bitebe

às 17h [illegible] com a minha aula de puericultura prática. Como sendo primeiro dia, apenas uma introdução.
Apresentaram-se para essa aula as raparigas dos cursos. Para terminar disse-lhes para aceitarem de boa vontade aquilo que iam aprender porque só mais tarde isso ia trazer para os povos o progresso e seu bem estar.

21/10/72

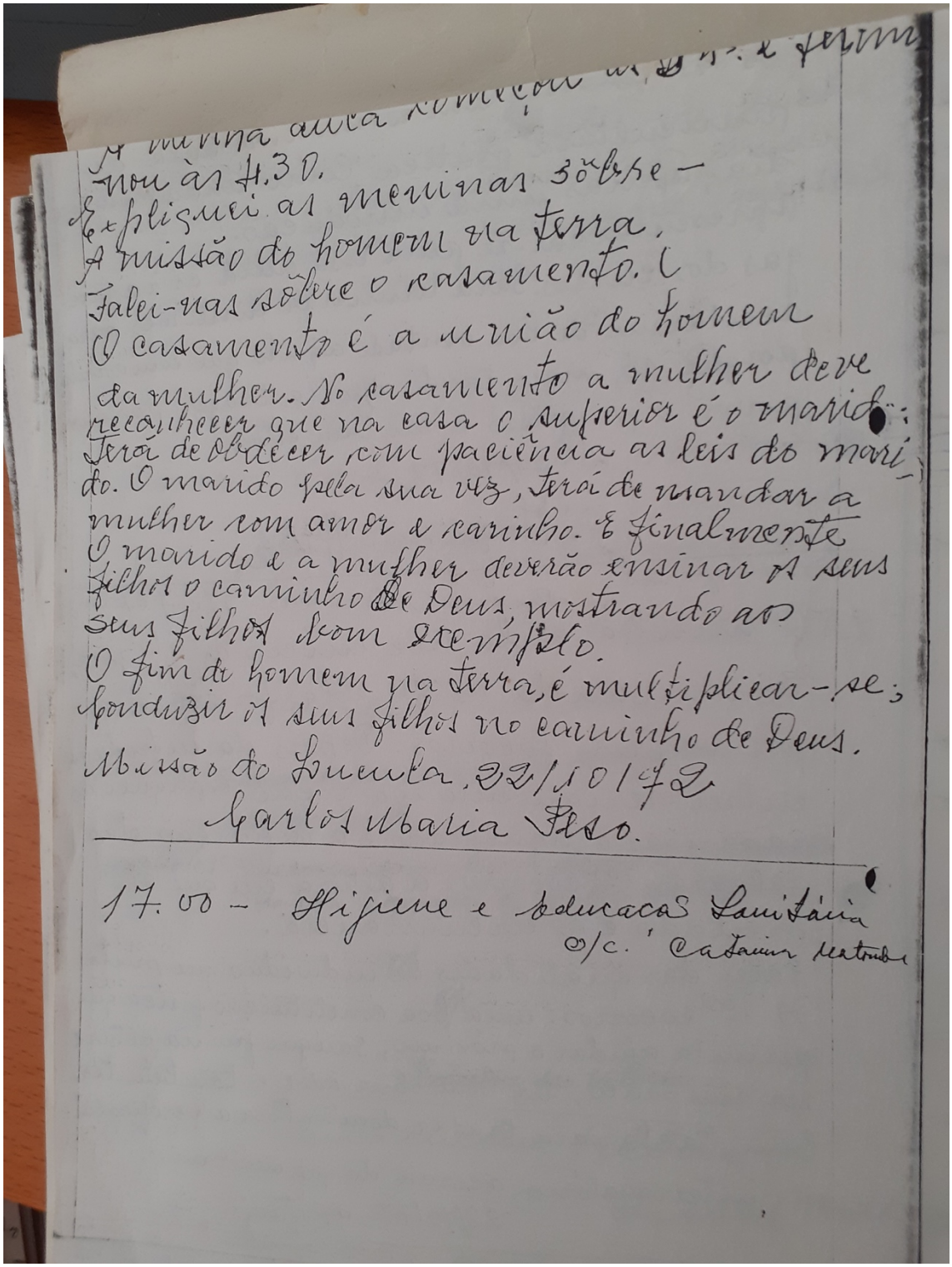
Susana Bitepe

Domingo, 22. Primeiros Socorros - O/c. J. B. Maving

7.30 A minha aula teve início às 7h 30m, terminando às 8h. Ela foi sobre os primeiros socorros. Depois da introdução entrei sèriamente na lição. Expliquei às raparigas o significado e a difinição das palavras 1os socorros, a altura em que são prestados e a circunstância.
Falei das qualidades do indivíduo que presta os 1os socorros: uma boa constituição física que permita ajudar o próximo; sangue frio na altura ser simpático; ser bom observador e também ter bom tacto para tratar doente. Para a verificação fiz interrogatório acerca do que ouviram.

22/10/72 J Belavinga

11.00 Culinária e Nutrição - O/c. [illegible]
Preparação de cozido à portuguesa e de canja de palinha.



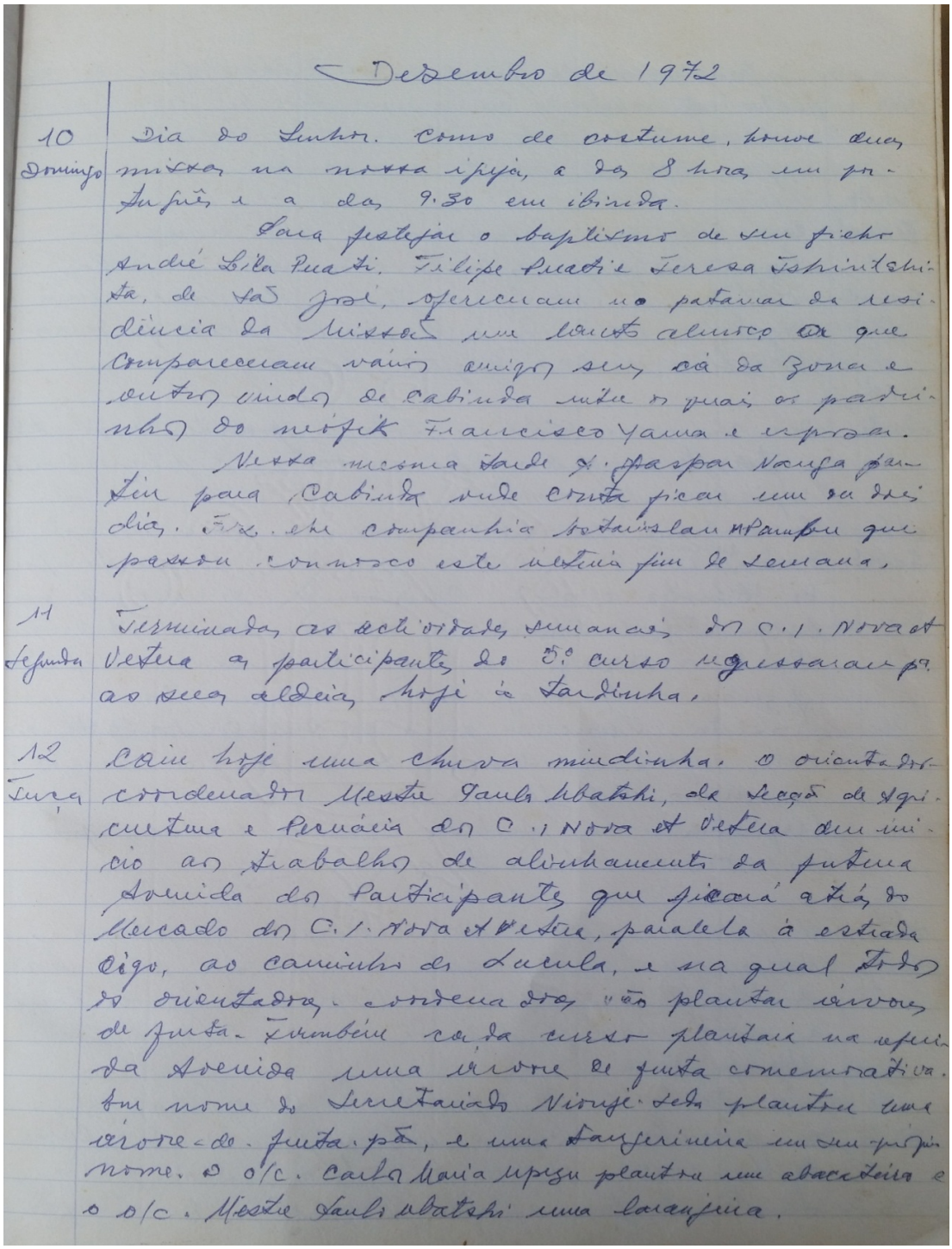
A minha aula começou às [illegible] e termi-
nou às 4.30.
Expliquei as meninas sôbre —
A missão do homem na terra.
Falei-nas sôbre o casamento. (
O casamento é a união do homem
da mulher. No casamento a mulher deve
reconhecer que na casa o superior é o marido:
Terá de obdecer com paciência as leis do mari-
do. O marido pela sua vez, terá de mandar a
mulher com amor e carinho. E finalmente
O marido e a mulher deverão ensinar os seus
filhos o caminho de Deus, mostrando aos
seus filhos bom exemplo.
O fim do homem na terra, é multiplicar-se;
Conduzir os seus filhos no caminho de Deus.
Missão do Lucula, 22/10/72
Carlos Maria Peso.

17.00 — Higiene e Educação Sanitária
O/c. Catarina Matonbe

ANEXO 16

DIÁRIO MANUSCRITO DA MISSÃO DO LUCULA ZENZE (1972-1974)

Os manuscritos que a seguir se apresentam fazem parte daquele reduzido conjunto de textos particularizados, que se constituíram como autênticos *leitmotive*, em que se foi firmando e consubstanciando o propósito de um mais aprofundado esforço de reflexão e que conduziu ao presente desfecho de trabalho académico.



Dezembro de 1972

10 Domingo — Dia do Senhor. Como de costume, houve duas missas na nossa igreja, a das 8 horas em português e a das 9.30 em ibinda.

Para festejar o baptismo de seu filho André Lila Puati, Filipe Puati e Teresa Tshintshita, de São José, ofereceram no patamar da residência da Missão um lauto almoço a que compareceram vários amigos seus cá da Zona e outros vindos de Cabinda entre os quais os padrinhos do neófito Francisco Yama e esposa.

Nessa mesma tarde A. Gaspar Nanga partiu para Cabinda onde conta ficar um ou dois dias. Fez-lhe companhia Estanislau Mpambu que passou connosco este último fim de semana.

11 Segunda — Terminadas as actividades semanais dos C. I. Nova et Vetera os participantes do 5º curso regressaram pa. as suas aldeias hoje à tardinha.

12 Terça — Caiu hoje uma chuva miudinha. O orientador-coordenador Mestre Paulo Ubatshi, da Secção de Agricultura e Pecuária dos C. I. Nova et Vetera deu início aos trabalhos de alinhamento da futura Avenida dos Participantes que ficará atrás do Mercado dos C. I. Nova et Vetera, paralela à estrada Cigo, ao caminho do Lucula, e na qual todos os orientadores-coordenadores vão plantar árvores de fruta. Também cada curso plantará na referida Avenida uma árvore de fruta comemorativa. Em nome do Secretariado Nionje-Seda plantou uma árvore-de-fruta-pão, e uma tangerineira em seu próprio nome. O o/c. Carlos Maria Upezu plantou um abacateiro e o o/c. Mestre Paulo Ubatshi uma laranjeira.

Gaspar Vanga que devia regressar hoje de Cabinda não chegou a vir porque teve de levar para a Missão do Maiombe o Paulino Madeca, cujo carro sofreu hoje um acidente em Cabinda.

13 Quarta Um dia sem acontecimento digno de registo.

14 Quinta Reunião dos professores da Escola da Missão com os Pais. Chegou à noitinha Gaspar Vanga da sua viagem a Cabinda e Maiombe aonde foi deixar o Paulino Madeca daquela Missão.

15 Sexta Dia chuvoso. Choveu toda a parte, digo, toda a tarde e parte da noite. O pluviómetro registou 180 mm.

16 Sábado Por motivos ignorados só vieram para as actividades semanais dos C. I. Nova et Vetera as participantes do Chiobo e a do Chindende. As antigas participantes do Chindende dos C. I. Nova et Vetera Paulina Nzuzi Mandinji e Susana Malonda fizeram-nos a agradável surpresa da sua visita. Trouxeram para os cursos batata-doce, ovos, peixe e mandioca. Um gesto que sendo o primeiro no género não deixamos de aqui registar. Um "ifulusu" (dom, dádiva) para os C. I. Nova et Vetera.

17 Domingo A primeira missa foi celebrada por Gaspar Vanga que ainda neste dia partiu para uma visita de ministério ao Nyobo, donde voltou à noitinha. A segunda missa celebrou-a Vionje-seda.

À tardinha a orquestra e coro "Bapeple mu Ukembo" com alguns responsáveis dos Cursos de Iniciação Nova et Vetera saiu para Santo Eugénio para a recolha de feijão

que vem fazendo há quatro domingos atrás, recolha que hoje chega ao termo depois de percorridas de casa em casa as 4 aldeias dos arredores da Missão: S. Miguel, S. José, S. João e Santo Eugénio. O feijão recolhido, cerca de cem quilos, destina-se metade para o Internato da Missão, a outra metade para a secção da culinária dos C. I. Nova et Vetera.

É uma iniciativa dos C. I. Nova et Vetera, começada há um ano e que vem sendo bem acolhida pelo povo que nesta altura fez já a sua colheita de feijão.

18 Segunda — Choveu à tarde.
Nionje seda perroita hoje no Chiobo para as confissões da quadra do Natal.

19 Terça — O carro do camionista Oliveira que era esperado hoje aqui na Missão para o carregamento dos produtos não chegou a vir.
À tardinha Gaspar Nanga foi buscar Nionje seda ao Chiobo.

20 Quarta — As chuvas são quase diárias e locais: chove aqui e acolá, tudo seco. As galinhelas da Missão, vão se multiplicando aos poucos. A fêmea já tem 25 ovos, dos quais alguns já a chocam, pelo menos quinze. Destes já temos sete pintos! Oxalá!.. Hoje, veio o Sr. Oliveira buscar os produtos da Missão: 30 sacos de coconote (2.000$00 só!..) e seis tambores. Veja lá como vai a vida! Tão cara. Neste mesmo dia partiu para Cabinda A. Nanga para buscar a respectiva quantia e neste mesmo dia regressou com algumas compras para o Natal. O Sr. Oliveira trouxe 38 sacos de cimento para a Igreja. E é tudo deste dia!

21 Quinta — Neste dia faz anos o Sr. D. Manuel Nunes Gabriel. Mais umas borrascas molharam o solo. O Regulamento não variou em nada. Todos os missionários, preocupados com as confissões do Natal.

22 Sexta — A. Nanga foi com o carro da Missão preparar os povos do Tubo e Chi

quinguili; onde deve ficar até amanhã e com o seguinte programa: missa e confissões nos mesmos povos, pelo que teve que de madrugada, casamento no chinguinguili.

28 Sábado. A-Nanga, regressou às quinze horas. Na missão, houve a preparação do presépio e da Igreja. Vieram as mulheres dos povos vizinhos capinar em frente da Igreja. Tudo se reverte de galos para o Natal.

24 Domingo. Dia do Senhor e duplamente. Primeiro, porque é um Domingo e em segundo lugar porque é véspera do Natal. Tudo é alegria, tudo é festa. Celebrou a primeira missa Nionje-Seda e a segunda, A-Nanga. Depois, este último foi levar uma mulher vinda do hospital do Cango e com tanto azar que ficou apanhado pela chuva, pelos lados do Chinsua e foi um caso sério, toda a tarde! Horrível!.. A missão matou um cabrito para a consoada que teve lugar na varanda e de que tomaram parte os padres, dois catequistas e os internos. Todos comemos à mesma mesa, a mesma comida e - vamos, lá, também a mesma bebida. No fim da consoada, árvore do Natal. Pode dizer-se que tudo ficou a contente de todos. Também, neste dia, fez a inauguração da casa do Sr. Luiz André, Chefe Geral da Área. Lá estiveram os dois missionários. A meia noite, a missa de costume. Concelebrada, digo, cantou-a A-Nanga e com palavras repassadas de fé, amor e confiança pregou, em fiote e portuguez, o Rev. do Sr. Gabriel Nionje-Seda. Muita comunhão. Receou-se a chuva que inundou tudo à tarde, esta só recomeçou muito depois da missa.

25 Segunda-feira. Dia do Natal. Acabou a era da esperança: desde agora o tempo é da Presença. Deus fez-se um de nós, um da nossa raça. A Verbum caro factum est. Acabou a réplice escravidão da ignorância, do medo e da solidão: passamos a ser ensinados pelo próprio Deus, e formamos uma comunidade, uma família nós e Deus.
Gaspar Nanga e Nionje-Seda concelebra-

ram tanto na missa das 8 horas como na
das 9.30. À tardinha o carro da missão
foi deixar Gaspar Nanga no Chinguinguili onde
pernoitou e donde partiu no dia se-
guinte para Cabinda. Nionje-Seda foi até
ao Chinguinguili no mesmo carro tendo voltado
à noitinha.

26 Terça — Dia sem nada de extraordinário. O sol voltou
a ser abrasador. Sinal de mais chuva?

27 Quarta — Na companhia do Bakambana Nionje-Seda deslo-
cou-se em serviço dos cursos e da missão
a Lândana e Cabinda. Conduziu o carro o
monitor-escola Lourenço Bazaba. Uma viagem
um tanto acidentado: um furo no pneu, junto
da aldeia de Chimuanda e ao entrar na
cidade de Cabinda a uma hora da tarde,
o acabamento do gasóleo no depósito, o que
originou muita massada e uma ~~[illegible]~~
considerável perda de tempo.
Nesse dia Gaspar Nanga regressou
de Cabinda na carreira do Garcia. Nionje-
Seda e os seus companheiros de viagem só
chegaram à missão às 23 horas da noite; to-
dos vinham mais que cansados.

28 Quinta — Dia sem novidade.

29 Sexta-feira — Gaspar Nanga e Nionje-Seda partiram lo-
go de manhã aquele para o Chinguinguili e este
para o Cacatá, ambos em serviço nos re-
freidos sub-postos. Nionje-Seda regressou
à tardinha, terminado que foi o serviço de
baptismos. Gaspar Nanga só regressa aman

Sábado depois de oficiar um casamento no referido Sub-posto de Chinguinguili.

30 Sábado As 2 horas da madrugada de hoje chegaram a esta Missão, vindos de Cabinda a fim de assistirem ao casamento de hoje no Chinguinguili os Reverendos Cónego Próspero Puati, do Seminário Maior de Luanda e Nzau-Pitia, da Missão do Maiombe. Tomaram aqui o pequeno almoço e só partiram por volta das 11 horas, depois de terem visitado o mercado dos C. I. Nova et Vetera e percorrido parte da "Avenida dos Participantes dos C. I. Nova et Vetera", atrás do mencionado mercado. O Rev. Cónego Próspero Puati, seguindo o exemplo doutros participantes plantou na referida Avenida a sua tangerineira-símbolo.

Terminaram as actividades extraordinárias e educativas dos C. I. Nova et Vetera que desde a última terça feira, 26, vêm sendo orientadas e coordenadas pela O/C. extraordinária Madalena Makaka Nzau, estudante, de Santo Eugénio. As actividades incidiram nas secções de Serviço Doméstico, Economia Doméstica e Higiene e Educação Sanitária.

No maximbombo deste dia chegou de Cabinda o casal Dembi e filhos para passar este fim de semana connosco. Também vindos de Cabinda pernoitaram aqui na Missão o Maxamba, de Lândana e o antigo seminarista Marcelino Luemba-Tubi.

31 Domingo Logo depois do matabicho partiu para Lândana o Maxamba que ainda ficou algumas horas no Chinguinguili para presidir aí à celebração Dominical

da Eucaristia. Aqui na Missão houve duas missas como de costume. Choveu à tarde. À noite a algazarra de costume para saudar o novo ano.

Janeiro/73

1 Segunda — Primeiro Dia do Ano. Apesar das manifestações da alegria que se prolongaram pela noite fora ~~[illegible]~~, ainda houve muito povo na segunda missa que foi celebrada por Nionjeseda sendo Gaspar Nanga concelebrante. Um incidente grave a lastimar: o chefe Luís André de Santo Eugénio quis reunir numa mesma mesa os dois irmãos do Nângulo que há bastante tempo andam desavindos o Joaquim Capita e o Rafael Muyanya. Todavia, o Joaquim Capita negou os bons ofícios do Luís André. Mais ainda: a sua recusa provocou animosidade nos filhos do outro irmão que acabaram por se envolver numa estúpida luta que ia custando a vida ao nosso amigo Xavier Fiti, monitor escolar, primo direito ~~[illegible]~~ dos assaltados entrados e leitor "oficial" da nossa igreja.

2 Terça — O maximbombo foi hoje cheio para Cabinda: levava os estudantes da zona que regressam para a escola. Foi também o nosso amigo Pascoal Bakambana, 3.º anotador do C. I. Nova et Vetera. O mesmo maximbombo levou de regresso a família Dembi que passou connosco este último fim de semana.

Regressou das férias o 2.º grupo dos internos da Missão.

3 Quarta — Gaspar Vanga partiu esta manhã para a zona do Chinsuá em viagem de ministério. Passou por cá o administrador do Concelho de Cabinda para falar com o responsável da Missão sobre a escolha do lugar para o futuro balneário público. Ficou assente que o balneário será construído na zona que fica entre a escola da Missão e o destacamento da Tropa (antigo Posto Sanitário).

4 Quinta — Dia de calor sufocante. Início, na escola da Missão, das aulas do 2º período. O rebolição das crianças volta a reinar em toda a parte. Apresentaram-se todos os professores para as aulas do dia.

5 Sexta — Dia sem novidade. Ameaçou chuva que acabou por não cair. O calor já não foi tão abafiento como ontem.

Uma Comissão do Movimento Nacional Feminino passou hoje pela Missão e deixou um envelope com 1.500$00 a título de Boas Festas para a Instituição.

6 Sábado — A epidemia "Apollo XI", um tipo de doença dos olhos que já grassa por Cabinda fora, vinda dos lados da República Popular do Congo, já tem suas vítimas entre os internos da Missão. A doença causa inflamação da vista acompanhada de fortes dores. Os que sofrem da doença mal conseguem abrir os olhos para fixar a luz. Parece não ter tratamento apropriado.

7 Domingo — Festa da Epifania. Na ausência de Gaspar Vanga que continua na zona do Macanga em viagem de ministério. Vionje. Seda cele-

8 Segunda-feira

Fe-f

bou tanto a primeira missa como a segunda. Por um bilhete de Gaspar Nanga escrito de São Pedro-Cotá ficamos a saber que a peste dos olhos também grassa por lá, estando o próprio muito atacado.

8 Segunda-feira

O dia amanheceu sombrio. Por volta das oito horas o céu cobriu-se de espessas nuvens e não tardou a cair a chuva que se prolongou quase por toda a manhã.

O Conselho de Educação dos C. I. Nova et Vetera reuniu-se esta manhã para a avaliação do aproveitamento das participantes do 5º curso nas matérias que foram professadas durante os três meses que durou o referido curso e que agora termina. Depois desta avaliação teórica, começa para cada participante o período de estágio de uma semana na Sede.

Vionje Leda está hoje de cama por causa duma infecção no pé.

9 Terça-feira

Voltou a chover esta madrugada. Terminada a viagem de ministério na zona dois (Chinsuá) chegou esta manhã a pé, vindo do Cunda Gaspar Nanga. Vem ainda muito atacado pela epidemia dos olhos "spollox," que também lhe causa febres. Está abatido. Votos de melhoras. Fez-se acompanhar por cinco meninas que lhe trouxeram a bagagem.

Vionje Leda continuou hoje de cama. O pé apresenta já sinais de melhoras. No entanto, não celebrou hoje. Levou-lhe a Eucaristia o ministro extraordinário Sebastião Ubamb

10 Quarta — Nionje Seda foi consultar o enfermeiro Teodoro, no Chiobo por causa do calo-ferida. Lá torna amanhã e bem para se prevenir completamente. A ferida nasce, à maneira de raiz, pelo que se tem cortado. O parecer do enfermeiro Teodoro foi contra o cortar sempre. Antes queimá-la com o afamado cigarro que se punha nas feridas intermitentes. O dia com o mesmo ambiente: o de doenças e calor. A. Nanga começou a receber do Sr. Carlos um novo tratamento: gotas de estrophomicina por sinal. Talvez seja o melhor, pois sente-se melhor

11 Quinta — Nionje Seda assistiu à missa, de manhã. Por volta das 9h30, partiu para o tratamento, no Chiobo: tratamento impressionante, onde o possível medo nos assistentes sem coragem: depois da anestesia, queimar a ferida com catana-cor do próprio fogo. É impressionante e invulgar. A cerveja continua a ser ouro, pelo que os vendedores aumentaram dois escudos a mais: 1 garrafa, a 12$00. Também, ontem, Calabube está num Jervet opus tremendo. Começou-se pela casa do Chefe Geral, Sr. Luis André, perto da escola está já o material para o balneário. Igualmente, ontem a Junta Autónoma das Estradas começou a reparar a estrada-picada: Zenze-Cabinda. Já estão no ntando Mbambi. Vá lá. Pelo menos, antes que venha um novo dilúvio, a malta vai poupar os carros e o cansaço!

12 Sexta — A. Nanga saiu com o carro da missão para procurar, umas gramas de cebola e alguns kilos de batata, para o Sr. D. Muaca. É que, devido à crise de Cabinda, não há cebolas, nem batata. Graças ao Sr. David Mbienga e mulher, conseguiu-se alguma coisa para a estadia de sua Excelência Rev.ma.

13 Sábado — Chegada do Sr. D. Muaca, acompanhado pela irmã Irene e pelo jove capuchinho, D. Pedro, ordenado em Junho de 1972. Tudo revestiu-se de gala. Povo e mais povo, a saudar o Prelado que, fugazmente, chegou até nós. Tratou-se o assunto da Fundação em prol da missão do Lucula: Construir um

novo refeitório para os alunos e melhorar a alimentação dos mesmos com carne e peixe, duas vezes, por semana. Fez-se o orçamento do material e pessoal. Creio serem, ao todo, 50.000$00 (cincoenta mil escudos)!.. Que Deus abençoe, tão grande boa vontade!.. Neste mesmo dia, apareceram os familiares do R. D. Muaca. O motorista, Inácio, foi a Cabinda, devendo regressar amanhã. Também, presente o Rev. Dr. Pitra com o seu novo e solene prefácio. À noite, depois do jantar, os escutinos, alegraram o ambiente com os seus cânticos! Apagou-se o motor de luz, às 21h, 30!

14 Domingo — Dia do Senhor. Duas missas: a primeira pelos Padres, Pedro e A. Manga. A segunda, por todos nós. Missa concelebrada e em que se ouviu, o supramencionado Prefácio de autoria do Rev. Dr. Pitra. Lindo. Cantá-lo, digo, entoá-lo com cautela, porque atinge o sol, quase uma oitava e meio!.. Depois da missa, saudação do Prelado. Almoçou-se na varanda. Duas mesas, todas em ambiente familiar. Depois do almoço, por volta das quinze e trinta, Sua Ecia partiu para Cabinda, levando consigo Dr. Gabriel. Pitra e A. Manga partiram depois. Todos para Cabinda, por causa da Reunião do Clero, amanhã.

15 Segunda — Na missão, tudo normal. Não houve missa. R. O., na ausência dos missionários. Devia vir hoje o Dr. Gabriel e não veio.

16 Terça — Ainda, sem missa. Os dois missionários apareceram hoje à noitinha. Trouxeram alguma comida, como sejam feijão, peixe. Esta-se, realmente numa crise e desgraçadas as missões com internatos numerosos! Desgraçados nós, outros! - 40 alunos! Dr. Gabriel no Cunda, onde foi rezar a missa da Padroeira.

17 Quarta — Em tempo. O Rev. Dr. Gabriel, só foi hoje, de manhã. Por aqueles lados choveu um pouco. À tarde, A. Manga foi buscar o mesmo Rev.do Que caminho! Buracos e suor do motorista.

18 Quinta — Logo, de manhã, chegou o Sr. Oliveira com 70 sacos de cimento, 3 Kl de arame e 200 Kl. de ferro, tudo no valor de esc. 5.212$50 (duzentos, digo, cinco mil ~~escudos~~ duzentos e doze escudos e cincoenta centavos), material levantado no Daniel d'Oliveira. Acresce ainda a dizer que o Sr. mão Bartolomeu ficou com 1500$00 (mil e quinhentos escudos), para a carne e peixe. Os trabalhos do Calabube (balneários, perto da escola e a casa para o chefe geral, por ora o Sr. Luiz André), tudo á pressão: Sol escaldante que acabou por um chirvisco!

19 Sexta — O mesmo sol escaldante. À tarde os dois missionários foram ao Chindende e depois Chiobo. Por volta das 24h regressaram e afinal foi o começo duma tristíssima odisseia de duas crianças: o pequenito Lourenço, do professor Xavier e Francisco, do Sr. Juliano. Às vinte e duas horas A. Nanga levou o primeiro para o Enfermeiro Teodoro, no Chiobo, onde ficaram até quase zero hora. Regressados, encontra-se a segunda criança em iguais circunstâncias e foi suficiente para não se pregar olho toda a noite. Despacha-se o primeiro para o Congo e o segundo para o Sr. Enfermeiro Carlos Nyezu. Não tardou ouvir-se o choro dos que foram. Eram 4h. de madrugada. Apenas chegou o pequenito inocente deixava o mundo que o conheceu, mas que ele mesmo não conheceu. A. Nanga parte para o Uangulo avisar a família, de regresso encontra a outra criança morta, coisa nunca vista. Duas crianças mortas e do mesmo sangue. Horrível. De facto, há coisas que o homem não pode compreender!..

20 Sábado — Dia de tristeza geral no Lucula-Nzenze. Dia de lágrimas e de luto, embora a liturgia deste dia se revista de alegria. Nionjeleda, celebrou a missa logo de manhã e A. Nanga, a de enterro, as 17h,30! Muito pouca gente, infelizmente. O mundo é assim, infelizmente!.. Fecha-se o coração, muitas vezes, ao velho ditado latino: "Hodie mihi, Cras tibi". No fim da missa, a cerimónia do enterro. Um espectáculo insólito. Dois caixões no

mesmo dia! Meu Deus, quão insondáveis os vossos designios!..

21 Domingo — Tudo como de costume. Duas missas, a primeira por A. Nanga e a segunda concelebrada, sendo o ministro principal, Dr. Gabriel. O mesmo ambiente de sol. Hoje, começou-se com um novo programa na ementa dos alunos: duas vezes carne e peixe. Foi hoje o primeiro dia do programa: carne, ao almoço e peixe á noite. Ficaram todos contentes. Á tarde, Dr. Gabriel foi dizer missa no Mabiala.

22 Segunda — Sol e suor. O carro do Calabube trouxe sete carradas de burgau para o novo refeitório dos alunos e uma para a nova et Vetera. A. Nanga foi ao Chiobo levar a filha do monitor Lourenço, filha gravemente doente: 45° !.. Sorte. A tarde, ameaçou chover.

23 Terça — Mais um dia. Á madrugada, o Dr. Gabriel partiu para Cabinda com o Sr. Sebastião. Finalidade: consertar o carro (o apoio do amortecedor) e fazer algumas compras. Na missão, tudo normal. O Rev. Niorip-Seba regressou á noite.

24 Quarta — Logo de manhã, chegou-nos a triste notícia da morte do Sr. Joaquim Cardoso, comerciante, pai de 11 filhos. Ah, se deixou dívidas!.. Qual será a sorte dos filhos? Certamente, as autoridades ou o Tribunal dos menores tomarão conta do caso.

25 Quinta — A série negra dos doentes gripados, continua. Uma afluência admirável, no Chiobo! Isto vai mal! A. Nanga foi carregar tijolos no Tubo. O mesmo sol e o mesmo calor.

26 Sexta — A. Nanga levou Dr. Gabriel ao Cácata, onde rezou missa, p[illegible] volta das 9h. Á tarde foi buscá-lo o motorista da missão, [illegible] Sebastião, com o Rand Lover Pequeno. Mais uma dor de Ca[illegible]beça: a bomba d'água não puxa água. Talvez seja um[illegible] questão de amianto grosso que não existe em Cabinda. E [illegible] sim, de novo com garrafões às costas para o fornecimento d[illegible] água em toda a parte, sobretudo na cozinha, quartos etc etc!..

mesmo dia! Meu Deus, quão insondáveis os vossos designios!..

21 Domingo — Tudo como de costume. Duas missas, a primeira por A. Nanga e a segunda concelebrada, sendo o ministro principal, Dr. Gabriel. O mesmo ambiente de sol. Hoje, começou-se com um novo programa na ementa dos alunos: duas vezes carne e peixe. Foi hoje o primeiro dia do programa: carne, ao almoço e peixe á noite. Ficaram todos contentes. Á tarde, Dr. Gabriel foi dizer missa no Mabiala.

22 Segunda — Sol e suor. O carro do Calabube trouxe sete carradas de burgau para o novo refeitório dos alunos e uma para a nova et Vetera. A. Nanga foi ao Chiobo levar a filha do monitor Lourenço, filha gravemente doente: 45° !.. Sorte. A tarde, ameaçou chover.

23 Terça — Mais um dia. Á madrugada, o Dr. Gabriel partiu para Cabinda com o Sr. Sebastião. Finalidade: consertar o carro (o apoio do amortecedor) e fazer algumas compras. Na missão, tudo normal. O Rev. Niorip-Seda regressou á noite.

24 Quarta — Logo de manhã, chegou-nos a triste notícia da morte do Sr. Joaquim Cardoso, comerciante, pai de 11 filhos. Ah, se deixou dívidas!.. Qual será a sorte dos filhos? Certamente, as autoridades ou o Tribunal dos menores tomarão conta do caso.

25 Quinta — A série negra dos doentes gripados, continua. Uma afluência admirável, no Chiobo! Isto vai mal! A. Nanga foi carregar tijolos no Turbo. O mesmo sol e o mesmo calor.

26 Sexta — A. Nanga levou Dr. Gabriel ao Cácata, onde rezou missa, por volta das 9h. Á tarde foi buscá-lo, o motorista da missão, Sr. Sebastião, com o Rand Lover Pequeno. Mais uma dor de cabeça: a bomba d'água não puxa água. Talvez seja uma questão de amianto grosso que não existe em Cabinda. E assim, de novo com garrafões às costas para o fornecimento de água em toda a parte, sobretudo na cozinha, quartos etc etc!..

27 Sábado Novo grupo dos Cursos Nova et Vetera. Começaram as aulas. Ainda. Sol e calor. De novo, o caminho do Chiusua estragado. Tudo a pé. Paciência. Antes prevenir. Nada de extraordinário na missão.

28 Domingo Tudo como de costume. A Manga ficou com a segunda missa. Começou com uma duzia de jessoas, pelo que a pregação ficou para o fim. Falou-se das mentiras e calúnias contra o próximo. "Nós é que temos proibido, na igreja, vender animais aos soldados". É tão mentira que carece de fundamentos, testemunhas. Mais duma vez nós vendemo-los a eles.

29 Segunda A Manga foi ao Tubo buscar guelhas do Carlos Mabobo. Pelo caminho, quero dizer no Chiobo, confessou o antigo lavadeiro da missão, Avelino, agora muito embaixo. Lá tornou para sacramentá-lo.

30 Terça Principiou a obra do refeitório: 4 pedreiros e 3 serventes. Hoje alinhamento. O mesmo sol de ontem. Choveu, no ntando Mbambi e aqui, nada. Nesta noite. A Manga foi ao Chiobo buscar o docente. A madrugada, confusões com os soldados, que abusaram no Quintal, em plena 1h. Em tempo, trata-se de um soldado branco, o Lourenço do Chikanzama e o pedreiro do Calabube. Sono perdido. Barulho e mais barulho. É assim, para uma lição eficaz.

31 Quarta Gaspar Vanga seguiu para Cabinda na camioneta do Camionista Oliveira que veio carregar os produtos da missão. A partida foi logo a seguir à missa da manhã.

Às 10 horas desta manhã Vionje-Seda foi com o mestre Sebastião na carrinha da missão à Cerâmica do Tubo para trazer duas centenas de guelhas para a camarata dos meninos. A ida foi também aproveitada para ~~[illegible]~~ se arrumar o assunto da com-

pra de tijolos que vão ser empregados na construção do novo refeitório dos meninos que a Fundação "Deus Emmanuel", de Luanda está a custear.

Os pedreiros acabaram de cavar os caboucos que ainda hoje puderam começar a ser enchidos.

Fevereiro

1 Quinta — Um dia de calor sufocante. Continuaram os trabalhos do novo refeitório dos meninos. O trabalho dos alicerces já vai quase em meio.

Não houve aulas por ser dia feriado para Cabinda. É efectivamente o dia comemorativo do Tratado de Simulambuco (1 de Fevereiro de 1885).

2 Sexta — Chegou de Cabinda no maximbombo o Gaspar Nanga. O referido maximbombo ia virando na subida do Bândama por incúria do condutor. Ficou no local do acidente até altas horas da noite. Os passageiros tiveram de se arranjar com a boleia do carro da Tropa.

Faleceu às 23 horas o Avelino, digo, o André Avelino Mbonga, de Santo Eugénio. Há tempos que vinha sofrendo dum tumor maligno no ventre.

3 Sábado — Às 16 horas da tarde houve o enterro do falecido André Avelino Mbonga, com uma missa de corpo presente.

A seguir à missa e enterro, Gaspar Nanga levou a Chindende onde pernoitou para celebrar a

no dia seguinte, domingo, o Nionje-Seda que se fez acompanhar dos catequistas Eusébio Maria Nzau, catequista enviado da zona 2 e Paulo Maria Mbatshi, também catequista enviado da zona 1.

4 Domingo. Dia do Senhor. Na missão Gaspar Nanga Nanga celebrou as duas missas do dia. No Chindende Nionje-Seda presidiu à celebração Dominical da Eucaristia na capela da aldeia repleta de povo. No decorrer do mesmo acto litúrgico a Senhora Dona Hortensia Binda fez a sua promessa de membro responsável da comunidade cristã local, vulgarmente designado pelo nome ibinda "Bundu".

À tardinha Gaspar Nanga foi buscar a Chindende Nionje-Seda e seus companheiros da missão.

5 Segunda-feira. Às 6.30 da manhã de hoje foi celebrada uma missa cantada de Requiem pelo eterno descanso do falecido Avelino. À tardinha o carro da missão deslocou-se até ao Chiobo para lá deixar o chefe dos catequistas João Maria Ubambi, do Macanga. Foi motorista Gaspar Nanga. Nionje-Seda aproveitou a viagem para ir fazer o tratamento do seu pé no Dispensário do Enfermeiro Teodoro, ultimamente instalado no Chiobo

6 Terça. Esta manhã Gaspar Nanga levou de carro ao Chiobo Nionje-Seda para o tratamento do pé. Saiu a ordem de expulsão do enfermeiro Teodoro, motivo aduzido: exercício ilegal de medecina. Diga-se de passagem que o enfermeiro Teodoro durante a sua

curta estadia do Chiobo pôde tratar e tratou largas centenas de doentes vindos de toda a parte do distrito inclusive da cidade de Cabinda.
É incontestàvelmente um enfermeiro com garra. E é pena não poder estar munido dos documentos necessários para poder continuar no Chiobo. Deve voltar dentro destes próximos dias para a sua terra (República do Zaïre).

7 Quarta — Gaspar Nanga saiu para o sub-posto do Chinguinguili em serviço de ministério. Ficou Nionji sede a tomar conta da Missão e da obra do refeitório em curso.

Pela primeira vez depois de quase um mês e meio de calor sufocante voltou a cair uma bonita chuva que começou por volta das 18.30 e terminou às 21 horas. O pluviómetro marcou: 115 mm.

8 Quinta — O carro do plano CALABUBE esteve hoje todo o dia à disposição da Missão para o serviço da construção do refeitório.

Logo de manhã trouxe do Tubo uma carrada de tijolos para a futura sede dos C. I. Nova et Vetera. Voltou ainda ao Tubo para trazer o resto dos tijolos. A atinda carregou no Chiobo mais 560 tijolos do Catequista Eusébio emprestados à Missão (obra do refeitório). A seguir, depois do almoço o carro fez o transporte de 20 tambores de água. Ficou de ir amanhã para o carregamento de areia.

Os trabalhos dos alicerces estão já a terminar. Voltou a chover ao cair da noite.

9 Sexta | Vionje-Seda saiu de manhã cedo para o Ndungu-Buba (Sub-Posto do Cácatá) donde foi presidir às cerimónias do ofertório das primícias da colheita do ano. A cerimónia religiosa consistiu no ofertório solene das primícias da colheita feito na altura do ofertório da missa.

Constituiu espectáculo impressionante a procissão do ofertório. As ofertantes foram avançando em duas filas em direcção ao altar junto do qual depunham a sua oferta à medida em que chegavam. As ofertas constaram de milho e jinguba frescos. Houve quem também apresentasse ovos, bananas e óleo de palma.

O ofertório foi feito pelas mulheres. É que são elas as donas das colheitas desta altura do ano: milho e jinguba.

Nestes últimos tempos entre nós parece ser a primeira cerimónia no género.

O carro da Missão que trouxe Vionje-Seda de regresso veio literalmente cheio dos géneros do ofertório da comunidade cristã do Ndungu-Buba. Parabéns ao catequista e ao "Fumu Libundu" e aos fiéis do Ndungu-Buba.

Gerpa Vanja que trouxe Vionje-Seda e carregou até à Missão os géneros do ofertório regressou ainda ao Chinguingueli onde se encontra em viagem de ministério.

10 Sábado | Choveu toda a manhã de tal forma que os operários da obra do refeitório não puderam trabalhar hoje. O pluvio metro marcou: 200 ml.

Para passar este fim de semana connosco, chegou à tardinha o nosso amigo alf. Marcelino Tubi, do Chinsuá. Chegou também vindo do Chinguinguili onde esteve em viagem de serviço o Gaspar Vanga.

11 Domingo — A primeira missa foi celebrada por Nionje Seda e a missa da comunidade Paroquial, a dez 9.30 por Gaspar Vanga. A seguir ao almoço o alf. Marcelino Tubi foi ao Chinsuá para visitar a família; Gaspar Vanga seguiu no mesmo carro e para o mesmo destino (Chinsuá) onde conta ficar esta semana em viagem de ministério na zona do Sub-Porto.

12 Segunda — Nas primeiras horas da manhã chegou-nos a notícia do desaparecimento de sua casa no Chiobo do nosso catequista - enviado para a zona 2 Eusébio Maria Nzau, pai do aluno da 4ª classe desta Missão José Maria Nzau.

A propósito da ordem de expulsão do enfermeiro Teodoro de que demos notícia no dia 6 deste mês, o povo, precisando a expressão, alguns malvados envolveram o nome do catequista no caso, como sendo um dos motivadores da repoida expulsão que até por ironia das coisas e da História ainda hoje se não efectuou.

Para onde se teria dirigido o catequista que saiu da casa nas primeiras horas da madrugada de hoje? As hipóteses chovem. O que é certo é que o caso é triste. Esperamos que nada de pior tenha sucedido ao grande amigo desta Missão e da Igreja Eusébio Maria Nzau.

Nionje Seda ainda quis ir esta tarde ao Chiobo para se enteirar bem das coisas mas por falta de gasóleo nos carros e em

casa não pode sair.
A partir das 19 horas choveu torrencialmente. A chuva só cessou às 21 horas. O pluviómetro marcou: 270 ml.

13 Terça — Continua-se a não saber do paradeiro do catequista - enviado Eusébio Maria Nzau que desapareceu ontem de sua casa no Chiobo.
Os pedreiros da obra do refeitório dos alunos iniciaram hoje o trabalho do levamento das paredes. O edifício vai já ganhando forma.
Esteve um lindo dia de sol.

14 Quarta — Começou o dia com um lindo sol. A tarde, ameaçou chuva que não chegou a cair.
Depois da interrupção de cerca de três semanas ~~[illegible]~~ recomeçou a vir de cabinda a carne e o peixe frescos para os alunos do n/ Internato.
Já todos nos tinhamos deitado quando chegou vindo do Chiobo o irmão do malogrado Catequista. Manuel Zau com esta triste notícia: o Eusébio estava vivo, mas enlouquecera e desde o dia em que desapareceu tinha andado perdido na mata. As pessoas com que se encontrou esta tarde voltaram a perdê-lo de vista.
A motorizada de que o Manuel se serviu para nos vir comunicar a infausta notícia avariou, uma vez que devia regressar imediatamente para se juntar com os outros membros da família e amigos que já estavam na mata à procura do catequista, pensou-se em mandar o Mestre Sebastião Mbambi para o levar ao destino.

nas oh ironia das coisas! O carro não chegou a deslocar. Se dois passos da Missão, estacou bruscamente: tinha acabado o gasóleo. E na Missão não havia um litro se quer de gasóleo. Com efeito, há quase uma semana que, aqui na Missão, tudo o que depende de gasóleo está parado por falta do precioso líquido: motor de água e na fita, motor de luz e carros.

Felizmente estava em casa o João Baptista Mavinga que se prontificou a levar o Manuel no seu carro.

15 Quinta — A celebração da Eucaristia desta manhã foi pela intenção da recuperação do nosso catequista e amigo Eusébio Maria Nzau.

16 Sexta — Missa cantada de "Requiem" pelos fiéis defuntos. Como ontem a intenção desta missa foi pela saúde do catequista Eusébio que continua perdido no mato do Chiobo. Nela participaram os alunos internos e algum povo.

Todo o dia, no Chiobo o povo andou pelas matas à procura do catequista. Nenhum sinal, nenhum vestígio.

17 Sábado — 3.º dia de oração e meditação de toda uma comunidade cristã que pede, de joelhos, um dom. Missa cantada tocada pela orquestra "Bapeple mu nkembo" em honra do Coração Imaculado de Maria, ou melhor, em honra de Nossa Senhora das Vitórias, padroeira desta missão. Texto da missa: o texto da missa do Imaculado Coração de Maria.

Todo o dia o povo do Chiobo, familiares e amigos do desaparecido vindos de todas as partes continuaram com o esforço dos dias anteriores. O sol de hoje acabou-se-lhes no corpo. Mas do catequista

nem os vestígios.

À tardinha chegou-nos a notícia do passamento do antigo regedor do Cácata Rafael Chimpolo de Moraes. O falecido morreu na Mexka-Kose na manhã de hoje. Tinha-se para lá deslocado em tratamento junto do enfermeiro Teodoro, há dias, expulso do Chiobo. A infausta notícia deixou-nos a todos consternados. Morreu um homem que serviu como pode o seu povo, o nosso povo. Que o Senhor o receba no Reino do definitivo.

Já estamos a jantar quando soubemos do aparecimento do Eusébio verificado às seis horas desta tarde. E não só tivemos a notícia como podemos abraçar e abraçámos o catequista que os familiares trouxeram imediatamente para aqui no maximbombo a fim de lhe prestarmos os primeiros socorros. Vinha abatilíssimo no físico e no psíquico de tal sorte que nem reconhecia as pessoas. Fizemos tudo quanto estava à nossa mão pelo infeliz Eusébio. O Carlos Teso, enfermeiro-catequista desta Missão, foi incansável no serviço e dedicação.

O Senhor tinha-se compadecido de nós dando uma resposta que nos assombrou e assombra. Um dom a agradecer, sim, e porque não um milagre da providência de Deus? Mais um dia no mato, e o catequista Eusébio era um caso perdido.

Pela primeira se pode dormir sem pesadelos há quase uma semana.

18 Domingo Dia do Senhor. Dia de acção de graças ao Senhor pelo aparecimento do catequista Eusébio. A Celebração da Eucaristia das 9.30 foi mais que festiva, solene. A Comunidade da Missão ajoelhou-se para dizer "matondo". Obrigado! a

Seu.

Depois do almoço monje sida que presidiu tanto à primeira como à segunda celebração da Eucaristia de hoje na nossa igreja, deslocou-se até ao Cácata com a orquestra e coro "Bapeple mu nkembo" para presidir ao funeral do ~~[illegible]~~ falecido Rafael Chimpolo. Com bastante atrazo, a missa cantada de corpo presente teve início às 4 horas da tarde. Depois da missa em que participou muito povo o cadáver foi transportado para o cemitério do Cácata pequeno e sepultado junto do túmulo de Estanislau Chimpolo, antigo sobá do cacongo e tio do falecido.

João Maxamba que também viera ao funeral do 4 tio Rafael Chimpolo deu uma saltada até cá à noite antes de regressar para Lândana. Na aldeia sempre alegre do Cácata, um dia de tristeza, mas envolta na aura da esperança. "Lukamenu mu vuvu"!

19 Sep. Dia de chuva. O sol quando apareceu só o fez para nos saudar. Com efeito choveu da parte da manhã e da parte da tarde. 210 ml.

O catequista Eusébio começa a recuperar.

Gaspar Vanga regressou da sua viagem de ministério na zona 3 a pé. Foi o carro até ao cruzamento do Mabiala onde o encontrou. Como estava a chover, o carro foi até ao Cunda buscar as coisas deixadas por A. Vanga. De regresso, acabou o gasoil e daí resultou a chegada de A. Vanga, até à Missão a pé. O carro grande veio rebocado pelo pequeno. Dia chuvoso.

20 Terça. O dia começou mal. À às três de Madrugada, A. Vanga chamado para sacramentar um doente. Infeliz coincidência!.. Carro sem gasoil, o mesmo Ser. doente, portanto, a pedes, seguro, ir de bicicleta ou a pé. Horas depois o doente veio no carro da Polícia, indo logo para a Companhia. Dia

de calor intenso. À tardinha, esteve cá a polícia do Tubo e na carreira, o gasoil que tanta falta nos faz. Nova doença na Cavia.

21 Quarta — Ontem, passou-se o dia a sangrar o carro grande que ao fim e ao cabo, tinha a diafragma furado. Caio gasoil que é uma dor de alma. Solução, uma bomba nova. Foi encomendada já hoje. Tarde e noite quentes.

22 Quinta — A peça não veio, como se esperava. Solução mandar o carro a Cabinda. Ainda carregou-se o tijolo, umas duas viagens de Uângulo. O mesmo ambiente de calor, fruto do sol escaldante.

23 Sexta — Dr. Gabriel partiu para Cabinda com o Sr. Sebastião. Mas, não conseguiram a bomba. Veio com as válvulas e diafragma novas para se remediar. Chegou o remédio requisitado. Até que enfim. Levou uma eternidade inteira.

24 Sábado — A obra encontra-se parada por nos faltar o tijolo. Só para a semana é que recomeça o trabalho. É mais uma semana que acaba.

25 Domingo — Dia do Senhor. Tudo como de costume. O catequista Eusébio vai melhorando cada vez mais. Na missão, nada de extraordinário

26 Segunda — A obra continua parada. Começou-se com a armação da nova cruz em cimento. Assim, já não há mais receios. Ela virá a desafiar os mais terríveis vendavais do futuro. Deu-se um tremendo choque na curva da missão entre o paradeiro, Lenin e a Unimoque da tropa. Felizmente não houve mortos

27 Terça — A cruz acabou. Ficou um mimo. O pior vai ser levantá-la. A. Nanga foi ao Chinguingrili, buscar uma carrada de milho e jinguba. O carro veio cheio.

28 → Quarta: — Fim do mês de Fevereiro. É o ano que anda veloz

As obras continuam paradas por falta de madeira. O ambiente continua o mesmo: calor e sol escaldante. Dentro de dias, temos as férias de Março

— Março 73 —

1 Quinta — Neste primeiro dia de Março houve pouca coisa a registar. Este mesmo dia continuou o ambiente de calor intenso que nos dá que fazer dia e noite. A agricultura da missão continua e dão-nos dores de cabeça: falta de dentes, falta de banana etc etc. pelo que não se conseguiu uma carrada para Cabinda.

2 Sexta — Nada de extraordinário na missão. O machimbombo falhou no Chiobo e voltou só à custa chegaram cá. Veio a carne para os alunos.

3 Sábado — Começa a debanda para as férias. Nomes barulho em casa. Os internos da missão só vão amanhã.

4 Domingo — Dia do Senhor. A. Nanga rezou a primeira missa e tem a voz rouca. Depois da missa, partiu para as férias o primeiro grupo dos internos da Missão. Calor e sua até à noite.

5 Segunda — Por volta das 11h chegou o Sr. Santos e mulher, construtor civil veio de Luanda onde se encontrou com o Sr. D. Manuel. Combinaram lá o necessário para a pintura da igreja e acabamento da igreja do Chinguinguili. Bela ideia. Mas o dinheiro? É certo que o Sr. Arcebispo vai ajudar-nos. Mas, ainda assim. Por causa disto, A. Nanga acompanhou-os até ao Chinguinguili, onde o Sr. Santos tirou as medidas e desenhou a igreja fez, já disse, o projecto a enviar para Luanda.

6 Terça — Tudo como de costume. Já começam aparecer umas nuvens negras a anunciarem chuva. Oxalá. À tarde A. Nanga partiu para o Chinguinguili, onde vai realizar amanhã as cerimónias dos Cimgas. Os seminaristas de Luanda estão chegando, devem passar alguns dias junto dos seus familiares. Que Deus os ajude!

7 Quarta — Quarta-feira de cinzas - principio da Quaresma. Ficou na missão Dr. Gabriel Nionje. Leda que depois foi, á tarde, á Mabiala. Neste mesmo dia chuveu um pouco, o que refrescou a terra ressequida.

8 Quinta — Sol e calor. Esteve cá o Sr. Oliveira que trouxe os dois tubos para o poço. Foi carregar no Hângulo. Esteve cá igualmente o Sr. Administrador do Concelho. Concedeu a autorização de um tafaris dentro da missão, tudo dentro do Plano Calabube 1972.

9 Sexta — Continua a falta d'água, por causa do Amianto. Na missão tudo normal. Começa uma certa frescura na atmosfera, sinal de mais chuvas, talvez. Dr. Gabriel foi ao Cácata e A. Nanga foi a S. Pedro Côte interrar uma criança, sobrinha do Sr. Carlos Impezu.

10 Sabado — Logo de manhã, ar de chuva que não caiu. A limpesa da roça vai avante. O que é que este ano há menos cafe. É pena.

11 Domingo — Chegou-nos, de repente, o Dr. Pitra. Foi uma consolação e alegria para todos. Neste mesmo dia recebemos outras visitas. As meninas do Curso tiveram que almoçar depois.

12 Segunda — Logo de manhã, calor. A tardinha tremendo vendaval fustigou a natureza, tendo havido casas que sossobraram, sobretudo no Hângulo. Nesta mesma hora partimos todos para o chindende onde houve uma missa Concelebrada. Houve muita gente.

13 Terça — Ainda entre nós o Rev. Dr. Pitra. A. Nanga foi ao Chinona buscar uma carrada de Jinguba e milho. O carro veio cheio, graças a Deus. Os Revdos. Pitra e Gabriel foram cantar uma missa no Cácata, tendo regressado á tardinha.

14 Quarta — O Rev. Dr. Pitra partiu para Cabinda, devendo seguir amanhã para o seu posto de acção - Maiombe. Dr. Gabriel está febril e de cama. O dia terminou sem novidades a registar.

15 Quinta — Pe. Gabriel continua de cama, por causa da Gripe e outras complicações físicas, como sejam o fígado, a barriga. Escapou de chover. A tarde. A. Nanga foi ao Chinsua, onde deve realizar um casamento amanhã. Sexta.

16 Sexta — Ainda de cama o Pe. Gabriel. Choveu um pouco à noite. Até aqui, a missão continua a ter água por causa do amianto que ainda não veio de Ruanda. Paciência. Ainda não começou a sério a limpeza por motivos económicos.

17 Sábado — Todo o dia, calor e suor. O Pe. Gabriel, vai ficando, digo, vai se estabelecendo um pouco, apesar da fraqueza que lhe dá que fazer. Movimento desacostumado na missão. É que hoje toca em Santo Eugénio a orquestra Bela Negra. Barulho e mais barulho. Coitado do Pe. Gabriel com este barulho todo.

18 Domingo — Dia do Senhor. O Pe. Gabriel conseguiu de comungar na primeira missa. A segunda missa foi igualmente rezada por A. Nanga. Quase antes das 13h, chegaram de Cabinda o irmão Bartolomeu, e os professores Alberto e Lourenço. A presença do Sr. irmão Bartolomeu veio beneficiar-nos muito. Vai tratar-nos vários assuntos em Cabinda. A tardinha, A. Nanga foi ao Cunda buscar Jinguba e Milho, fruto de "Nsola Libundu".

19 Segunda — Festa de S. José, Padroeiro da Igreja Universal. Devia haver festa em S. José do Lucula. O povo foi de opinião que a mesma seja só no dia 1 de Maio. Festa de S. José Operário. A. Nanga foi ao Cunda interrar uma jovem dos seus dez anos. Sol ardente, durante todo o dia. O Pe. Gabriel, cada vez melhor. Sómente, a fraqueza é que lhe dá que fazer.

20 Terça — Houve, se manhã, uma missa cantada com procissão, pela alma de Cosme Ruemba, mandada pelo filho dele Lourenço Ruemba. A saúde do Pe. Gabriel, cada vez melhor. Roubou-se mais um carro, em Cabinda. Por cá, polícia e mais polícia à procura do carro. Ouve-se dizer que atravessou por Mbaka Kosa.

Começou chover. O caminho para o Chiusa, está ficando um mimo, graças à junta autónoma das estradas.

21 Quarta — Missa cantada pela alma de Alberto Sita, mandada pelos seus filhos que vivem em Kinshasa. De madrugada, o Sr. Sebastião Mbambi foi com o carro a Cabinda, afim de ser lubrificado e parafinado e também mudar o óleo do motor e as valvulinas das caixas. Dia de sol ardente como sempre. Pela tardinha, o céu cobriu-se de nuvens que iam, digo, que iriam desfazer-se em aguaceiro. Mas, nada. Apenas, respiramos ar fresco toda a noite, graças a Deus.

22 Quinta — Até que enfim, à noite caiu chuva. O Pe. Gabriel saiu fora e foi com A. Nanga ao Nângulo, onde almoçou. Sol quente. O cartório está a dar-nos que fazer. Há devoluções de certidões em massa. Razões prováveis duas. Primeira (e com fundamento "in re"), há indivíduos que astutamente rasuram as certidões emendando ou datas de nascimento ou até mesmo nomes. Em segundo lugar, a ignorância dos copistas é que causa essa devolução. Solução? O Padre sacrificar-se ou a reler antes de assinar ou também escrevendo-as ele mesmo. Em todo o caso, há que acautelar os Padres de Cabinda, sobre o assunto. Porque eles é que tiram novas certidões copiando as rasuradas. Onde terão a certeza moral? É só no cartório da missão, nesse caso, da Missão do Lucula-Uzenze. É lamentável. À tarde chegou Sr. Oliveira com o seu filho Joaquim. Jantaram e dormiram cá na Missão. E nessa mesma tarde A. Nanga foi ao Mabiala levar 10 (dez) sacos de cimento para a residência do missionário. E é tudo para este dia.

23 Sexta — Tudo como de costume. Sol, calor. Está-se ainda a fazer-se um esforço para nos chegar água. As cursistas novas e antigas vão chegando para a festa do Domingo. À noite chegaram o Pe. Brito e o diácono Sinto. Dormiram cá. É sempre uma consolação uma visita dessas.

24 Sabado — Houve, logo de manhã, missa concelebrada. Por volta das 11h, A. Nanga levou os visitantes ao Chiloango. Tendo voltado à noite. Na missão um movimento desacostumado. É a festa de amanhã

25 Domingo — Dia do Senhor! Dia do primeiro casamento duma menina de Nova et Vetera. A cerimónia em si revestiu-se duma solenidade extraordinária. Presentes todas as participantes dos Cursos Nova et Vetera, desde o início. Cada qual trouxe a sua oferta. A missa foi precedida de procissão que partiu do patamar até à Igreja. Missa solene. Rezou-a digo, presidiu-a A. Nanga e o casamento foi realizado pelo Pe. Gabriel. O ofertório foi solene, portanto, todos num devoto cortejo, abeirar-se do altar do Senhor, depuseram as suas ofertas, recebidas que foram, agradeceram tipicamente. À Bemilia, o Pe. Gabriel teve palavras oportunas, tanto para os nubentes, como para os assistentes. No fim da missa, foi sem procissão até à praça onde os cursos ofereram aos nubentes um lauto copo de água de que tomaram parte numerosos convidados. Depois de tudo isto, seguiu-se para o Nângulo, onde teve lugar o almoço. Muitos convidados. Comeu-se, bebeu-se. Nada houve de confusões. Estiveram presentes todas as meninas dos Cursos Nova et Vetera. De facto, foi um dia de festa, dia de saudades, dia de confraternização para a família Nova et Vetera!

26 Segunda — Dia de Cansaço. Ainda assim, os Cursos funcionaram. À tardinha, choveu bastante, chuva essa que continuou pela noite dentro. Esta mesma noite, quase por volta das vinte e duas horas, o carro do Sr. Rui, virou-se quase em frente da casa do Sr. João Baptista, em Sant Eugénio. Foi socorrido pelo carro da missão que lhe levou a carga até ao Nzenze

27 Terça — Agora sim, ambiente de chuvas. Quase todos os dias, ameaça chuva.

28 Quarta — Nioupi seda ausentou-se de manhã cedo para o Cácata em serviço donde regressou no maximbombo do dia, à noitinha.

Chegaram por volta das 23 horas da noite

os membros da Comissão Preparatória da 1 Semana dos Catequistas de Cabinda a efectuar-se em Junho próximo. Vieram juntar-se ao outro membro da Comissão Vionje-Seda para uma reunião de estudo e são eles: os Padres Madeca, do Maiombe, Mayamba, de Lândana e o Diácono Pinto, Tambuée de Lândana.

29 Quinta-feira Reunião na Missão dos membros da Comissão Preparatória da 1ª Semana dos Catequistas de Cabinda, da parte da manhã. Da parte da tarde, os mesmos deslocaram-se até ao Bonde em visita às instalações da máquina de descasque do café da área, instalações patrocinadas pelo plano CAIA BUBE.

30 Sexta Os membros da Comissão voltaram a reunir-se da parte da manhã para ultimar os trabalhos. Depois do almoço regressaram para Cabinda via Bume-Lambutu. Gaspar Nanga e Vionje-Seda acompanharam-nos até esta povoação onde os quatro presbíteros presentes e o Diácono Pinto concelebraram ao cair da noite. Gaspar Nanga e Vionje-Seda regressaram para Missão; os outros seguiram o seu destino.

31 Sábado Os participantes dos C. I. Nova e Vetua vieram para a 10.ª Semana. Gaspar Nanga que se deslocou até ao Limano em serviço, ontem, regressou hoje à tarde. Vionje-Seda partiu à tardinha para o Cacata para preparar o Dia de Acção de Graças da Comunidade cristã do Sub-Posto marcado para amanhã.

Acompanhou-o o catequista Paulo Mbatshi, de Santo Eugénio. Nas primeiras horas da noite caiu em toda a área do Zenze um forte aguacino acompanhado de vento e trovoada.

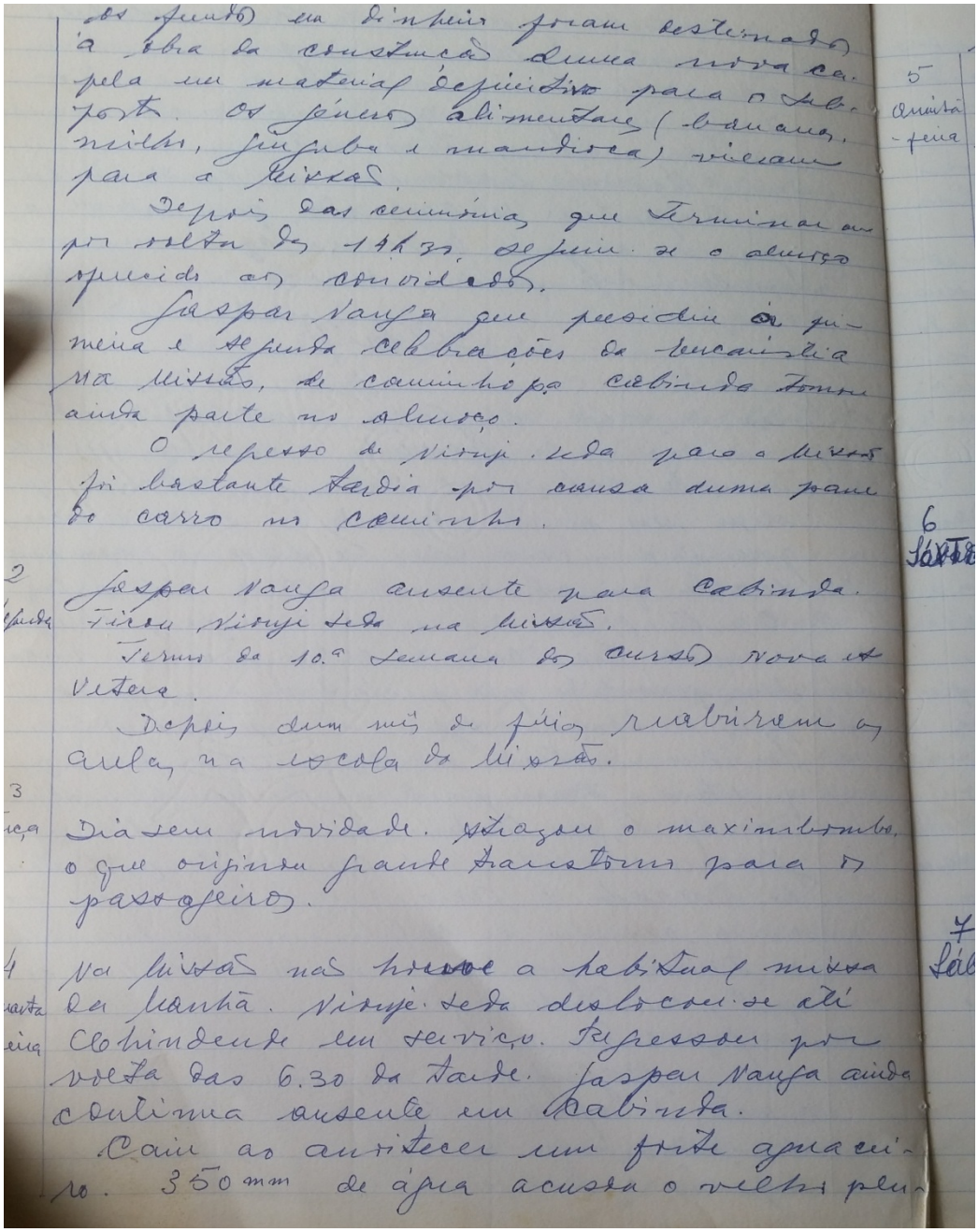
O Pascoal Bakambana, da Escola do Magistério de Cabinda, que esteve a passar as férias de Março aqui connosco, voltou hoje para a Escola.

Abril

1 Domingo Dia de Acção de Graças no Sub-posto missionário do Cácata. Um dia marcadamente solene. O Povo do Cácata quis dizer um "muito obrigado!" ao seu Deus que é o nosso Deus, e disse-o ~~com~~ numa doação que ~~até~~ comoveu até às lágrimas.

O ritual do Dia de Acção de Graças começou ao meio-dia com a celebração da Eucaristia presidida pelo presbítero Mongi-Seda. Após a homilia seguiu-se o ofertório solene, tendo-se mostrado muito generoso todo o povo que estava a tomar parte na Eucaristia. Além das ofertas em dinheiro, houve-as também em géneros alimentares. A comunidade protestante do Cácata e Caio-Congo com o seu diácono assistiu à celebração da Eucaristia e tomou parte no ofertório solene com ofertas em dinheiro que ascenderam a mais de mil escudos.

Magnífico e impressionante a procissão do ofertório das duas comunidades abraçadas num autêntico espírito de participação e solidariedade.



os fundos em dinheiro foram destinados à obra da construção duma nova capela em material definitivo para o Sub-posto. Os géneros alimentares (bananas, milho, ginguba e mandioca) vieram para a Missão.

Depois das cerimónias que terminaram por volta das 14h30, seguiu-se o almoço oferecido aos convidados.

Gaspar Vanga que presidiu à primeira e segunda celebrações da Eucaristia na Missão, de caminho pa Cabinda tomou ainda parte no almoço.

O regresso de Vionje Seda para a Missão foi bastante tardia por causa duma pane do carro no caminho.

5 Quinta-feira

6 Sáb

2 Segunda

Gaspar Vanga ausente para Cabinda. Ficou Vionje Seda na Missão.

Termo da 10.ª semana dos cursos Nova et Vetera.

Depois dum mês de férias reabriram as aulas na escola da Missão.

3 Terça

Dia sem novidade. Atrazou o maximbombo, o que originou grande transtorno para os passageiros.

4 Quarta-feira

Na Missão não houve a habitual missa da manhã. Vionje Seda deslocou-se até Chindende em serviço. Regressou por volta das 6.30 da tarde. Gaspar Vanga ainda continua ausente em Cabinda.

Caiu ao anoitecer um forte aguaceiro. 350 mm de água acusou o velho plu-

7 Sáb

viómetro.

5 Quinta-feira Esteve hoje um lindo dia de sol. O maximbombo não voltou esta manhã a Cabinda devido a uma pane.
À noite chegou Gaspar Nanga num outro maximbombo de Cabinda. Viajar agora de maximbombo está a constituir um risco para quem tem tempo a contar. Dizem que a empresa dos maximbombos anda com a falta de bons mecânicos na medida em que estes se despediram todos por falta de condições de trabalho. Ninguém aceita ser enganado por toda a vida.

6 Sexta Dia de frescura e dia de chuva. Logo de manhã, o céu mostrou-se chuvoso e de facto, caiu mesmo, por volta das 11h30 e a chuva ocupou o dia (dia) inteiro, tendo terminado, por volta das 20h. Hoje, de madrugada, o R. Sebastião foi com o carro para Cabinda - conserto. Chegou à noite e de facto o carro veio bom. Levou novo terminal da direcção, casquilhos das molas, novo conjuntos disjuntos etc etc. Neste meio dia, uma jiboia fez um estrago na capoeira da Nova et Vetera: Comeu quase uma dezena de frangos. De lá, já não saiu senão morta com 2 tiros da G.3 do alferes do destacamento local. Foi uma perda lamentável. Lá esteve o Rev. Dr. Gabriel, no meio da chuva a orientar uma nova forma de vedação da capoeira. O Xalá, não haja nada mais.

7 Sábado Início da 11.ª semana dos C.I. Nova et Vetera. Dia de calor sufocante. A ameaça da chuva não se concretizou. À tardinha chegou de Cabinda o antigo seminarista alf. Marcelino Luemba, do Chinsuá que pernoitou na Missão. Fez-se acompanhar por um amigo.

8 Domingo Depois de presidir à missa das 8.00 partiu em serviço de confissões para o Sub-posto do Chinsuá o Gaspar Vanga.

Cerca das 14.00 caiu uma chuva torrencial que não deixou de consolar a natureza.

A Assembleia geral dos cursos "Nova et Vetera" reuniu para tratar de vários assuntos candentes, como o regulamento do mercado "Nova et Vetera", etc. e, sobretudo, das próximas celebrações do encerramento das actividades educativas dos cursos para o ano 3, previstas para 16 e 17 de Junho.

9 Segunda Até que enfim recomeçaram os trabalhos do refeitório dos miúdos em construção.

Ausente o Gaspar Vanga em serviço na Zona 3, Sub-posto do Chinsuá. Na Missão o Vionji. Seda que, à tardinha, se deslocou até Cunda em serviço de confissões da Páscoa. No final das confissões ainda presidiu à celebração da Eucaristia na referida Catequese. Nela tomou parte toda a ~~p~~ comunidade cristã que na maioria se abeirou da mesa da Eucaristia. Regressou para a Missão às 11 horas da noite no Land Rover pequeno. O grande que levou Gaspar Vanga no domingo, foi buscá-lo esta tarde o Mestre Sebastião.

a Visitaram a Escola da Missão esta manhã o Sr. Administrador do Concelho de Cabinda e o Professor da Educação Física das Escolas Primárias do Concelho de Cabinda

11 Quarta Nionje Leda ~~[illegible]~~ veio esta tarde ~~para~~ do Mabiala onde permaneceu em serviço de confissões e baptismos. O carpinteiro Rafael Capita e o mestre Henrique Bitebe com os dois ajudantes Eugénio Umba e João Mandinji continuaram a preparar a armação para o rego das águas do tecto.

Voltou Nionje Leda a sair, desta vez, para o Chiobo em missão idêntica à do Mabiala. Gaspar Vanga continuou ausente em idêntico serviço na zona do Chinsuá. Está às portas a Páscoa, a festa da reconciliação e da libertação.

12 Quinta Não houve missa na missão.

Gaspar Vanga e Nionje Leda regressaram das viagens de ministério na tarde deste dia, aquele veio da zona do Chinsuá e este da aldeia do Chiobo. O povo prepara-se para viver mais uma vez o grande mistério da morte e ressurreição de Cristo, símbolo e penhor da nossa ressurreição.

13 Sexta Gaspar Vanga voltou a sair em serviço desta vez para o povo de Vankhamala.

Faleceu em Cabinda o pai do nosso amigo e companheiro Padre Paulino Madeca, da Missão do Maiombe. O falecido, que em vida se chamava António Madeca, adormeceu no Senhor com a idade de 103 anos de idade.

14 Sáb. Nas primeiras horas da madrugada Mayo [illegible] de Cabinda com o catequista [illegible]

meiro do Maiombe Januário Ndilu com a Missão de vir buscar os dois missionários desta zona para o enterro do pai do P. Paulino Madeca em Cabinda.
Vionje-Seda seguiu no carro do Maxamba. Gaspar Nanga que pernoitou no Man-Khama-Nzila acompanhou-os. O enterro no cemitério do Chimbolo, Povo Grande, realizou-se por volta das 9.30 precedido da concelebração da Eucaristia em que participaram os Padres Paulino Madeca e Nzau Pitra, do Maiombe, Brito Maxamba, de Lândana, Alberto Cambra, e Pedro Candjimbu, de Cabinda e Gaspar Nanga e Vionje-Seda, do Lucule. Esteve também presente o P. Manuelino de Oliveira, do Seminário de Cabinda.
Gaspar Nanga e Vionje-Seda regressaram à noitinha.
Chegou-nos a infausta notícia do passamento do velho Jorge Mosse, do Chinsuá. Foi durante muitos anos catequista desta Missão e era um dos ~~[illegible]~~ velhos mais estimados da zona. Profundamente religioso, nunca passou um festa mesmo já com a sua idade avançada, sem vir assistir à Missa. Vinha do Chinsuá, a pé. Morreu afogado no rio Fubo. Paz à sua alma.

Gaspar Nanga presidiu à primeira e à segunda Celebração da Eucaristia na Missão. Vionje-Seda que saiu logo de manhã da Missão, presidiu à Celebração da Eucaris-

Dia no Sub-posto do Cácata onde ofi-
ciou ainda um casamento.
Gaspar Nanga seguiu à tardinha ao
Chinguinguili para a celebração espertina
da Eucaristia naquele Sub-posto. Pernoi-
tou depois no Mankhama-Nzila para
as Confissões da Páscoa.

16 Segunda-feira Com a avaliação do aproveitamento das
participantes terminou hoje o 6º curso dos
C. I. Nova. A Vetura. Para a maioria os
resultados foram satisfatórios. Vai segui-
-se agora o período de estágio que se prolonga-
rá até às celebrações previstas para os
meados de Junho 73.
Chegou do Mankhama-Nzila onde
pernoitou o Gaspar Nanga.

17 Terça Dia de descanso. A. Nanga foi a Macanga levar uma mulher doente.
As confissões vão aparecendo aos poucos. A obra vai avante, estando
já pronta a viga da trás. A bomba d'água continua parada. Os
trabalhos da limpeza da roça continuam. À noite caiu uma
tremenda chuva.

18 Quarta Os trabalhos da semana Santa vão, em breve, começar. Mais cris-
tãos que se confessam para a Páscoa. A. Nanga, foi ao Chinguin-
guili, confessar os cristãos, devendo rezar lá a missa da Quinta
feira Santa, de manhã. Choveu um pouco, na missão

19 Quinta Quinta feira Santa. Dia de mistérios, dia do sacerdócio católico, dia
de Amor. O Rev. Nionje Seda, passou a manhã no confessionário.
Depois do almoço A. Nanga regressou do Chinguinguili. As cerimó-
nias começaram às cinco horas. No princípio, pouca gente,
mas depois a igreja ficou composta. Foi celebrante
principal, D. Gabriel Nionje Seda. Novas cerimónias e mais

breves um pouco. A partir de hoje a igreja está de luto, pela Paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

20 Sexta — Aos poucos, vai aparecendo gente para a confissão da Páscoa. As cerimónias começaram, quase às 18h, igualmente com pouca gente. Presidiu as cerimónias A. Nanga. Em tempo, ontem depois da cerimónia, houve adoração até meia noite. Vieram todos os povos, menos S. João.

21 Sábado — Sábado Santo. Tudo um "Fervet opus" que dominou todo o dia em prol deste dia: algumas confissões, limpeza da igreja e da missão, arranjo da comida etc. Matou-se um borrego para amanhã. As novas cerimónias pareceram-nos mais curtas (e é verdade), o certo é que se terminou tarde: á meia noite. Como sempre, a cerimónia começou hora depois, às 21-30 e terminou, como se disse acima, á meia noite. Nesta noite Santa, houve muita gente. A igreja retomou a sua face alegre com a ressurreição do Senhor. Cristo ressuscitou. Alleluia! Alleluia! Alleluia.

22 Domingo — Domingo da Ressurreição do Senhor. Um facto histórico e de há quase vinte séculos! Um facto sempre novo e sempre actual, porque ainda vivifica, o mundo dinamizando-o para um novo esforço, pessoal e colectivo. É que a Páscoa é sempre um convite para uma vida nova de maneira a fazermos nosso o que nos legou o passado": recedant vetera, sint omnia", o velho homem com o que é seu, deve deixar lugar ao novo homem. os maus hábitos... aos bons, o pecado á virtude, o demónio deve deixar lugar ao briado do céu e da terra!.. Tal é ou pelo menos deve ser o sentido da Páscoa que é uma passagem para uma vida nova!... Cantou a missa o Pe. Gabriel. Depois do almoço, realizou-se o compasso, a visita Pascal através dos povos vizinhos: S. Miguel, S. José, S. João, Fátima e S.to Eugénio. Fê-la A. Nanga com alguns mabundos, tendo isto terminado por volta das 22h,30. A tarde Pe. Gabriel foi ao Chindende, onde pernoitou, depois de ter rezado uma missa.

23 Segunda — Dia de cansaço. Sim, depois da semana Santa, e Páscoa, o corpo sente-se alquebrado. E é o caso presente dos Padres da Mis-

são. Mas apesar, disso, mais um caso urgente levou A. Nanga ao Limano. De regresso, passou pelo Chindende lendo trazido P. Gabriel.

24 Terça — Dia de Sol ardente. A natureza já cheira a cacimbo. Dia de certidões. Este problema do cartório vai dando que fazer. Falta um cartorista consciente. E então, é o próprio que faz o trabalho, quando há tanto que fazer!.. O refeitório dos alunos vai andando e em vias de acabar, pelo menos, no que diz respeito aos pedreiros. Também, já não é sem tempo, diga-se de passagem!..

25 Quarta — O Rev. P. Gabriel Nionje-Seda foi a Cabinda com Sebastião Lubambi, a fim de levantar o material para os acabamentos da Obra do Refeitório dos rapazes. Na Missão, sol, trabalho e cansaço.

26 Quinta — Dia sem novidade. À noitinha caiu chuva.

27 Sexta — Dia sem nada digno de nota. Como é já habitual nestes últimos dias voltou a chover à noitinha.

28 Sábado — Nionje-Seda foi celebrar ao Ndunju-Buba onde oficiou um casamento e baptizou quatro neófitos. À tardinha Gaspar Nanga seguiu para o Chinguinguili onde pernoitou. Voltou a chover torrencialmente, à noite.

29 Domingo — Nionje-Seda que ficou na Missão celebrou a primeira e a segunda missas. Por volta das 11 horas chegou de Cabinda Nzau Pitra que se veio despedir. Parte no próximo dia cinco de Maio para Portugal em férias. A Missão do Maiombe fica sem um servidor incansável. Mas a necessidade de um repouso impos-se e tem de partir. Passou o resto

do dia connosco, tendo-nos deixado só à noitinha, de regresso para Cabinda.
Caiu chuva nas primeiras horas da noite: uma chuva torrencial com trovoada.

30 Segunda — Na obra do refeitório começaram os trabalhos da colocação da sombra.

Maio

1 Terça — Festa de S. José, operário. Festa do trabalho. Participaram na Eucaristia presidida esta manhã por Monje. Se da bastantes fiéis dos arredores da Missão.

2 Quarta — Os carpinteiros concluiram o trabalho da colocação da sombra do refeitório dos meninos.
No recinto do mercado "Nova et Vetera" iniciaram-se as obras do depósito de géneros dos C.I. Nova et Vetera.
O tempo parece começar a ser o do cacimbo: denso nevoeiro nas primeiras horas da manhã. No entanto, os mosquitos ainda continuam a infestar toda a zona.

3 Quinta — Gaspar Vanga chegou esta manhã de Cabinda para onde se ausentou desde a tarde do domingo para tratar de vários assuntos relacionados com a vida da Missão. As chuvas que se estão a despedir ainda vão regando a terra e as plantas. Caiu nas primeiras horas de hoje um forte aguaceiro.

4 Sexta — Tudo como de costume. As laranjas já começam a dar que fazer. É horrível. Não há respeito pelo que é alheio.

5 Sábado — Ainda o mesmo ambiente chuvoso, ambiente de calor. A limpeza da roça começou, apesar de haver muito pouco café, neste ano. A obra do refeitório dos alunos vai andando, embora a passo lento, por falta do material.

6 Domingo — A. Nanga rezou a primeira missa para seguir depois para o Cácata, onde deveria fazer a visita Pascal. Mas, de balde. Chegou uma carta do Cácata a dizer, ou melhor, a adiar essa visita para mais tarde. Paciência!.. Passou-se assim, um domingo fora do programa.

7 Segunda — O Padre Gabriel, foi ao Cunda, onde dorme em ministério. Na missão, tudo como de costume, as mesmas obras: o refeitório e as novas instalações dos Cursos Nova et Vetera. Esteve o Sr. Governador de visita rápida

8 Terça — Ainda o Padre Gabriel em viagem, hoje dorme no Chindende. Vão começar, dentro de dias, as propostas para os exames. É tempo de lágrimas tardias para muitos que não estudaram até aqui.

9 Quarta — Dia de Certidões na missão. É pena. Antes que resolva o problema do cartório, há sempre uma atrapalhada para os Padres que devem fazer tudo. Nesta mesma tarde, A. Nanga, partiu para o Chinsua, onde permanece 4 dias, em visita da área. Nesta mesma noite regressou da viagem o Padre Gabriel.

10 Quinta — Dia sem novidades na missão. As obras dos Cursos vão avante; as do refeitório, pararam por falta de madeira. É pena.

11 Sexta — Os pedreiros aprontaram os alicerces da futura sede dos C. i Nova et vetera. Dia de sol ardente. Ameaçou chuva que entretanto não chegou a cair.

12 Sábado — Por volta das 6h de manhã, a chuva que se vai despedindo, caiu com certa intensidade. O pluviómetro, acusou 30mm. Um dia sombrio. A natureza vai-se revestindo de nova beleza.

13 Domingo — Domingo do Senhor. Na missão, só o Padre Gabriel, por estar no

área do Chiusua. Um grupo de servos da igreja (mabundu) seguiu para o Chiusua para fazer a visita Pascal da zona. A. Nanga, trouxe, à tardinha, os mesmos mabundus, tendo voltado depois para o Chiusua, onde canta amanhã a missa pela alma dum dos velhos cristãos desta Área, o falecido Jorge Mosse, cristão convicto.

14 Segunda — Dia sem novidade. Os operários trabalharam no remate das paredes da Obra do refeitório dos alunos. À noite, chegou A. Nanga.

15 Terça — Primeiro dia de Cacimbo. Já, de madrugada, fez-se sentir uma frescura diferente, ao passo que o nevoeiro cobriu a natureza, até por volta das 9h de manhã. Chegou, de facto, o cacimbo. O Padre Gabriel já foi ao Cunda para missa combinada, pelo que A. Nanga, foi para lá, avisar o povo, sobre o contra tempo!..

16 Quarta — Ambiente de cacimbo: frescura e nevoeiro. O mesmo trabalho. À noite o P. Gabriel foi ao Nangulo com alguns mabundos e nesta mesma noite chegou-nos de surpresa, o Rev. H. Brito Mayamba.

17 Quinta — À madrugada, o P. Gabriel foi com o Professor Baptista para Cabinda, onde vai tratar assuntos de interesse. O dia

18 Sexta — Nionje-Seda regressou de Cabinda no maximbombo da tarde, aliás o único do dia.

19 Sábado — Casamento da Amélia Matombe com Calixto Passi, ambos de Santo Inferior. A noiva é participante dos C. 1. Nova et Vetera; participou no 2º curso. Os cursos de Iniciação Nova et Vetera quiseram celebrar e celebraram com a solenidade de sempre este dia duma das suas participantes. O casamento realizou-se dentro da missa das 10 horas da manhã cantada pela orquesta

e coro "Bana ba Vuvu Kietu", antiga orquestra e coro "Bapeuple mu Nkembo". Presidiu à concelebração solene da Eucaristia o Rev. Gaspar Nanga, que oficiou o acto. A direcção da orquestra esteve a cargo de Nionji Seda. Terminado o acto religioso, os C. I. Nova et Vetera ofereceram aos melentes e familiares um lauto copo de água no Mercado Nova et Vetera, findo o qual seguiu para Santo Eugénio o cortejo do casamento. Na sua beleza, um dia diferente dos outros dias.

20 Dom. Dia do Senhor. Nionji Seda celebrou a 1.ª missa; a 2.ª celebrou-a Gaspar Nanga que à homilia desenvolveu com interesse o tema da fé. Muitos dos nossos fracassos só se explicam pela falta da nossa fé.

21 Seg. Nionji Seda saiu logo de manhã cedo para o Nângulo onde passou o dia em serviço de ministério.

22 Terça Gaspar Nanga partiu para Belize via Cabinda a fim de se avistar com o Paulino Madeca, actualmente o único sacerdote daquela missão. Ficou na missão Nionji Seda

23 Quarta Um dia excepcionalmente sufocante de calor com a ameaça de chuva, apesar de estarmos já em pleno cacimbo que começou oficialmente no dia 15 deste mês.

24 Quinta Sempre é o cacimbo. Um sol baço e céu muito baixo. Vindo do Maiombe chegou esta madrugada o Gaspar Nanga. Trouxe-nos

o abraço do Madeca, do Maiombe e Maxamba de Lândana.

25 Sexta — Vionje-Seda saiu de manhã cedo para o Chiobo onde passou o dia em serviço de ministério. Regressou à Sardinha.

Faleceu, vítima da epidemia do sarampo a criança do monitor escolar da Escola da Missão, Henrique Pércutã.

O povo fez como é de costume a velada do cadáver durante toda a noite.

26 Sábado — A criança falecida ontem foi levada a enterrar esta manhã. Assistiu às exéquias e à missa do corpo presente muito povo que viveu a dor do jovem casal Pércutã.

27 Domingo — Visitou-nos o catequista enviado da Zona 3, Sebastião Lubongo, do Chinsuá. Também tivemos a visita do irmão Bartolomeu, do Seminário de Cabinda que vinha acompanhar a irmã que se encontra bastante doente, e que se deslocou até cá para um tratamento adequado. O irmão regressou para Cabinda no carro do professor de posto Alberto Mulato, do Fritelo, depois do almoço. Entretanto a irmã ficou hospedada na casa do enfermeiro-catequista Carlos Paso, em Santo Eugénio.

28 Sexta — O madereiro Celestino, de Cabinda passou pela Missão onde almoçou. Uma visita sobremaneira agradável! na medida em que era dum velho amigo da Missão e dos Padres.

Também passou por cá em passeio

o pároco da igreja da cidade de Cabinda P.e Argemiro Geraldes.

29 Terça — O Cacimbo começa a apertar. Já o dia de hoje foi de facto um dia de cacimbo: céu baço e uma certa queda na temperatura.
Faleceu em São João mais uma criança por volta das 22 horas (da noite).

30 Quarta — As mulheres das quatro aldeias dos arredores da Missão — S. Miguel, S. José, S. João e Santo Eugénio — vieram campinar o cemitério e o largo da igreja. De facto já não era sem tempo; o capim estava já a metter medo à gente.

31 Quinta — O Gaspar Nanga partiu hoje em missão de serviço para o sub-posto do Chinguinguili onde conta permanecer até ao domingo.
Ficou na Missão Vinuji-Seda

— Junho —

1 Sexta — Vinuji-Seda passou o dia na pequena povoação do Tshibula-Nguinga (Chiobo) em serviço de ministério. Regressou à noitinha na carreira. O Mestre Henrique Bitebe com o seu pessoal continuou com os trabalhos do futuro mini-refeitório dos C. I. Nova et Vetera no mercado a ser inaugurado nas próximas celebrações do Encerramento dos mesmos cursos.

2 Sábado — Vinuji-Seda deslocou-se hoje até ao Chinde de onde celebrou à tardinha missa de corpo presente da prima do seu pai, Madalena Ngombo que faleceu ontem.

Antes da partida hoje de manhã Vionje Seda foi objecto de vergonhoso descacato da parte do "chefe" Luís André Muanda, de Santo Eugénio que se julga ofendido na pessoa de sua mulher Maria Landu chamada há dias à pedra pelo Rev. Vionje Seda por ter sido a fomentadora duma gravíssima calúnia contra o catequista Paulo Ubatshi que, segundo andou a espalhar aos quatro ventos, teria sido apanhado em plena noite a proceder a actos de "feiticaria" na planície. Interrogada sobre a veracidade do que tinha afirmado não foi capaz de aduzir uma única prova. Vionje Seda julgou-se na obrigação de recordar a doutrina do 8.º mandamento, chamando a atenção da Maria Landu para o dever de reparar publicamente a fama do outro lesada. O Luís André entendeu que Vionje Seda não tinha direito de o fazer e então meu enxovalhá-lo com todos os disparates possíveis diante dos alunos da Missão. Felizmente Vionje Seda não embarcou na provocação...

As duas missas foram celebradas por Vionje Seda. Gaspar Nanga só chegou da sua viagem de ministério à noitinha. Visitaram-nos o irmão Bartolomeu, do Seminário de Cabinda e as famílias Dembi e Dilu-Kumbu, também de Cabinda.

Continuaram as obras do futuro mini-refeitório no mercado. Gaspar Nanga tornou a sair para o ministério desta vez na zona

do Sub-Posto do Chinsuá.

5 Terça um dia de cacimbo. O sol só abriu quando o dia já ia alto. A tardinha Nionji-Seda desceu até à povoação de S. José para fazer a sua visita habitual ao catequista e amigo Eusebio Ozan vindo há dias do hospital onde sofreu uma intervenção cirúrgica por causa dum hérnia que já o vinha minando. Felizmente tem recuperado e muito bem.

6 Quarta O cacimbo deste ano confunde-nos na medida em que mistura o pouco frio com um calor quase ainda de chuva. Será que ainda voltará a chover?

O Luis Sudi, que se vê muito comprometido com a atitude irreflectida que tomou no sábado passado, vai tentando aproximar-se à sua moda uma vez que já não engana ninguém com a sua vida marcadamente dupla. É possível que sofra dalguma tara...

7 Quinta. Nionji-Seda partiu partiu esta tarde com o M. Sebastião Ubambi que o levou a Lândana donde seguirá para Cabinda a fim de tratar de assuntos relacionados com as próximas celebrações dos C. I. Nova et Vetera

8 Sexta A Missão ficou hoje sem os dois missionários: o Gaspar Vanga encontra-se desde a segunda-feira na zona do Chinsuá; o Nionji-Seda que foi ontem a Cabinda só voltou à noitinha. Ficou a guardar a casa o Mestre Cozinheiro Eduardo Jorge Matias.

9 Sábado — Casou hoje na nossa igreja o sobrinho do professor desta escola da missão João Baptista Mavinga, Teófilo Mavinga com a menina Cecília Quintu, de São João. O casamento foi celebrado durante a celebração da Eucaristia. A cerimónia a que acorreu muito povo foi presidida pelo Rev. Gaspar Vanga. Após a cerimónia religiosa que terminou por volta das doze horas, os pais da noiva ofereceram um lauto repasto a convidados e amigos ~~em~~ sua casa na aldeia de São João.

10 Domingo — Duas missas, como de costume, a primeira pelo Rev. Nionje-Seda e a segunda, concelebrada e presidida pelo A. Nanga. Dia de movimento. Visitas e mais visitas, sendas de Cabinda, foram uma ocupação contínua. Almoçou-se em casa do professor João Baptista, em continuação da festa do casamento de ontem. À noite, A. Nanga foi ao Tubo, onde celebra missa amanhã e onde baptiza 25 crianças.

11 Segunda — Apesar do cansaço, dia trabalho. Certidões e mais certidões, uma série de ocupações na missão. O cacimbo vai entrando aos poucos. A. Nanga, ausente, como se disse acima. Estamos na semana dos preparativos das festividades do encerramento das actividades do curso Nova et Vetera. É semana do "Fervet opus"

12 Terça — O mesmo ambiente de trabalho. A missão vai ficando limpa assim como a roça. É pena não haver café neste ano. No Zibala estão a cortar madeira. Oxalá, não seja como no ano passado.

13 Quarta — Festa de Santo António de Lisboa. Neste momento, está a missão do Maiombe em festa, por ser o dia do Padroeiro! É pena estar ele sozinho, quero dizer, ele o Padre Madeca. Deve estar um pouco atrapalhado com o

trabalho. Que remédio! A Nanga foi ao Bonde Grande levar um doente, vindo do hospital do Cango.

14 Quinta — O lugar do almoço convívio está quase pronto. Chegou, ontem o Bacambana que perdeu o ano, infelizmente o último do magistério. Hoje, chegou o Nzati, vindo de Luanda. Mais uma ajuda. Dia de frio, à tardinha.

15 Sexta — Véspera do princípio das festas. Entre nós, todos os participantes do Curso. A Nanga foi buscar as ofertas do Mabiala, assim como as do Chuisua, Cunda e Macanga Grande. Nova cena de malcriadez, na Missão: a Inês Bakisse, insultou vergonhosamente o que deve ser respeitado, pela sua posição no ambiente, o Sr. Carlos Ingrezu. É horrível! Mas, o tempo é o melhor juiz deste mundo cheio de tudo e de todos, bons e maus; Nova et vetera!..

Gaspar Nanga partiu para Cabinda nas primeiras horas da noite para trazer a irmã Maria Irene e a menina Maria Alcina Leitão, chegadas de Luanda para as celebrações do encerramento dos C. I. Nova et vetera.

A Comissão das celebrações tem quase tudo a postos para o início das celebrações amanhã.

16 Sábado — Dia do início das celebrações. A parte da manhã foi ocupada com os últimos preparativos. O professor Manuel Maria do Nascimento Chiotã, do Cacata, encarregado da secção de estética da Comissão das Celebrações dirigiu, pessoalmente, esta manhã os trabalhos da ornamentação do local do Almoço convívio e do Mercado dos C. I. Nova et vetera.

Vindos de Lândana chegaram esta manhã para as celebrações os Reverendos José Rocha Ferreira, antigo reitor do Seminário de Luanda e ex-superior Principal dos Espi-

ritanos, João de Brito Monteiro, Maxamba, missionário de Lândana e o irmão João Evangelista, também da mesma Missão. Ao meio-dia chegam, finalmente, vindos de Cabinda Maria Irene Dessado Ferreira e Maria Alcina; trá-las o Rev. Gaspar Vanga. A sua chegada constituiu já um acontecimento. Momento de emoção! Esperávamos que a Ana Maria de Oliveira também viesse para estarmos outra vez todos presentes como nas celebrações do ano 2. Por razões várias, porém, não pode vir.

Com a presença de todos os participantes e orientadores-coordenadores dos C. I. Nova et Vetera e de muito povo iniciaram-se as Celebrações do Encerramento das actividades educativas dos C. I. Nova et Vetera para o ano 3 (1972/73), às 15.00 de hoje. Repicaram os sinos e soou o velho coco da Missão no meio de profundo e religioso silêncio.

Sob o signo de Culto da Responsabilidade e Competência, as celebrações querem chamar a atenção de todos para estes dois valores de convergência do ano 3.

O programa das celebrações foi elaborado da seguinte maneira:

16 de Junho – Sábado:

15.00 – Início das celebrações.
Visita às obras da futura SEDE dos C. I. Nova et Vetera.

16.00 – Inauguração da Avenida dos Participantes e do Mini-Refeitório dos C. I. Nova et Vetera no mercado

18.30 – Celebração da Palavra de Deus.
Tema da celebração: A Bíblia e o

Culto da Responsabilidade e Competência.

17 de Junho - Domingo:

9.45 - Início do culto dominical com procissão de entrada e Laudes.

10.00 - Concelebração Solene da Eucaristia.

Ao Ofertório: entrega dos Diplomas aos Participantes do 5.º e do 6.º curso dos C.: Nova et Vetera.

Execução da Missa Solene das Celebrações "Lukamenu mu Vuvu" (Despedida na Esperança), de G. Nionje. Seda pela orquestra e Coro "Bana Ba Vuvu Kietu" (Filhos da nossa esperança), Coral Piloto da Missão do Lucula. Direcção do Autor.

11.30 - Actividades recreativas.

13.30 - Almoço. Convívio (para os que se tiverem inscrito).

20.30 - Serão Africano (Turoko).

TERMO DAS CELEBRAÇÕES

Iniciadas na hora prevista no programa, as Celebrações constituíram um êxito desde o início. A seguir à visita às obras da futura Sede dos C.: Nova et Vetera, procedeu-se às 16.00 à inauguração da Avenida dos Participantes e do Mini-Refeitório. A benção foi dada pelo Rev. José Rocha Ferreira. A fita simbólica da Avenida foi cortada pela irmã Maria Irene Deusdado Ferreira e

do Mini-Rapidinho pela educadora social Maria Alcina Martins Leitão, enfermeira, coordenadora do Primeiro Curso para formação de Orientadores. Após a abertura do Mini-Rapidinho os C.I. Nova et Vetera ofereceram um pequeno lanche aos presentes.

Às 18.30, iniciou-se a celebração da Palavra de Deus a que presidiu o Sr. Bispo. Lastimavelmente ao previsto, o povo não participou como devia na nesta celebração introdutória da celebração da Eucaristia de amanhã. Na base deste pequeno fracasso, o tempo que vai ficando cada vez mais curto. Todavia, os alunos internos do Liceu, os participantes do 5º e do 6º curso, e os missionários presentes tiveram a oportunidade de escutar mais uma vez em ambiente de festa a palavra eficaz de Deus. A responsabilidade que pesa sobre cada homem é a de crescer até à estatura de Cristo.

7 junho

Amanheceu festivo o dia. Dia das Celebrações do Encerramento dos C.I. Nova et Vetera. Vindos de Cabinda e Luanda chegaram nas primeiras horas da manhã vários missionários e missionárias para participarem na celebração Eucarística. O povo que também já fez deste dia o seu dia recorreu das três zonas da nossa missão e das distantes terras de Cabinda, Luanda e Lunje de forma que à hora da missa a Catedral já era um mar de gente. Uma presença a traduzir o sim do povo aos ideais dos C.I. Nova et Vetera que no fundo, são os ideais do Cristianismo

de Cristo.

Como estava previsto, a celebração da Eucaristia foi iniciada às 10.30 com a Procissão de Entrada em que tomaram parte todos os participantes antigos e novos dos C. I. Nova et Vetera, estando o canto durante o percurso a cargo da orquestra e coro "Solemnis Festa", da Comunidade Cristã do Cunda. À entrada da igreja a procissão foi saudada com o hino "Nova et Vetera", música da autoria de F. A. Mpezu Rebambi, executada pela orquestra e coro Bana ba Vuvu Kietu, coral Pifoto da Missão do Lucula, sob a direcção de J. Nionje Seda, e cantado com fé e entusiasmo por toda uma comunidade orante que já enchia o templo.

Depois de todos terem tomado lugares na igreja, o Rev. Gaspar Nanga que estava a presidir à celebração, deu início às Laudes. Terminadas estas principiou a Missa com a solenidade de sempre. Finda a Missa durante a qual foram entregues os diplomas a onze moças e dois moços que participaram com proveito no 5º e 6º cursos e o diploma de honra e louvor ao Mestre Henrique Bitebe da secção das Artes Aplicadas, exemplo, no meio de nós do culto dos valores de convergência do ano 3, os valores de Responsabilidade e Competência, segue-se à 1h.30 da tarde o marcado Almoço-convívio em que tomaram parte cerca de cento e cincoenta convivas vindos de toda a parte e de todos os meios. Para amenizar o longo tempo do almoço a orquestra e coro B.V.K. tocou e cantou alguns números do seu vasto repertório musical ibinda. Nionje Seda que leu o relatório das actividades do ano, recitou o seu poema

"Rebentou o Sol" que foi muito ovacionado.
O 2º Anotador e ~~[illegible]~~ subsecretário para a Cultura Njimbi-Nzali declamou outro poema do mesmo J. Mionje Leda, "Os Cansados".
Gaspar Nanga, como encarregado da Missão, durante as palavras de agradecimento aos presentes, foi felicíssimo na evocação sumária de todos os missionários que já passaram por esta Missão, desde Danhes e Eugénio Biesch. Só por volta das cinco da tarde a malta se começou a dispersar.

Com o serão africano (imoko) que principiou por volta das vinte horas e que se prolongou até às vinte e uma hora e meia, terminaram as celebrações do Encerramento dos C.I. Nova et Vetera.

Alguma coisa começou a significar a experiência local de educação de base, que são os C.I. Nova et Vetera, iniciados em outubro de 1970 por J. Mionje Leda, sendo encarregado da Missão Gaspar Nanga, ambos do Clero Diocesano.

Ainda ficaram esta noite connosco a irmã Maria Irene Deusdado Ferreira, de Luanda, a Educadora Social Maria Alcina Leitão, também de Luanda, a qual tendo trabalhado connosco no ano antepassado não quis faltar às celebrações do ano ora findo, e bem assim os recreandos José Rocha Ferreira, e João Maxamba e o irmão João Evangelista, todos da Missão de Lândana.

Deixaram nos os missionários de Lândana que ainda ficaram connosco esta última noite

Gaspar Vanga foi levar a Cabinda a irmã Maria Irene e a educadora social Maria Alcina que tomam esta tarde o avião de regresso para Luanda.

19 Terça — Gaspar Vanga regressou hoje de Cabinda aonde foi levar as visitas que nos vieram de Luanda.

20 Quarta — Passou o dia sem algo digno de nota.

21 Quinta — Mais um dia sem algo de interesse para registar. O fio do cacimbo já se vai intensificando.

22 Sexta — Gaspar Vanga, que se encontra com gripe, partiu esta tarde para Cabinda aonde foi preparar a festa de Santo Antônio de Lisboa, padroeiro de Nazaire e, portanto, dos "Asolongo", marcada para o próximo domingo.

23 Sábado — Faleceu na Maternidade de Ubata-Ubenge a esposa do Lourenço Tshianika, do Nângulo, Lourdes Tébila, que não conseguiu dar à luz. Quando chegou àquele estabelecimento hospitalar já não havia mais nada a fazer. E é pena! A senhora era tão nova e tão bondosa. Morreu por causa da incúria dos parentes.

24 Domingo — Depois da última missa na Missão, Vionje-sé deslocou-se até ao Nângulo para fazer o enterro da D. Lourdes Tébila, que faleceu ontem no Ubata-Ubenge.

25 Segunda — Gaspar Nanga regressou esta tarde vindo de Cabinda aonde se tinha deslocado na sexta feira passada para presidir às festas dos "Asolongo" em honra do seu patrono Santo António de Lisboa.

26 Terça — Dia sem novidade para lá do tempo do cacimbo e do nevoeiro.

27 Quarta — Gaspar Nanga foi levar esta tarde à sua aldeia no Macanga o seminarista de Luanda A. M. Njimbi-Nzali que nos deu toda a colaboração possível nas celebrações do Encerramento dos C. I. Nova et Vetera.

28 Quinta — Vionje-Seda deslocou-se esta manhã a Cabinda para uma série de interesses pessoais e dos cursos. Acompanhou-o o estudante da Escola de Magistério de Cabinda, ora em férias, Pascoal Bakambana Maimbi. Foi "chauffeur" o Mestre Sebastião Mbambi. O carro com todos os seus passageiros regressou à noitinha.

29 Sexta — J. Vionje-Seda, acompanhado pelos Mestres pedreiros da Zona e do estudante Pascoal Bakambana, saiu esta manhã para a povoação do Cácata a fim de estudar com o povo a planta da futura capela da aldeia. Gaspar Nanga que conduziu o carro não pôde ficar todo o dia fora da Missão devido a muitos afazeres, pelo que só foi deixar o pessoal da parte da manhã tendo-o ido buscar à tardinha.

Fez-se o que se podia fazer. Apenas o povo

que agarrado a maneiras antigas de ver as realidades, não se deixou convencer pela ideia arejada duma igrejinha ou capela sem Torre, ideia que partilhava todo o grupo ido do Zenze. O cácata vai, portanto, construir uma igreja com uma Torre. Ficaram alinhados os futuros caboucos. O trabalho deve começar dentro de dias.

Antes de ir ao cácata Nionje-Seda presidiu ao funeral da criança de Antonio Tati, de Santo Eugénio, falecida ontem.

30 Sábado Gaspar Nanga foi dormir esta noite a Chingaunguili onde amanhã preside à celebração da Eucaristia do Domingo. Ficou na Missão Nionje-Seda.

Julho 1973

1 Domingo Faz hoje onze anos que Gabriel Nionje-Seda e seu companheiro Nzau Pitra, da Missão do Maiombe foram ordenados presbíteros na catedral de Luanda por sua Excelência Rev.ma o Senhor D. Moisés Alves de Pinho, então Arcebispo de Luanda.

Solenidade de São Pedro e São Paulo no mundo católico.

Nionje-Seda presidiu às duas Eucaristias de hoje. À tardinha, deslocou-se até à sua aldeia, Chindende onde celebrou com os familiares e amigos a data da sua ordenação sacerdotal. Depois da oração da tarde durante a qual Nionje-Seda fez à comunidade uma

breve exortação alusiva, seguiu-se o jantar oferecido pelo aniversariante aos presentes. Findo o jantar, Vionji-Seda e os amigos que o acompanharam João Baptista Maringa, Henrique Bitebe, António Bitebe, Afonso Mbumba (do Nângulo), Xavier Fiti, Pascoal Bakambana e o motorista Gabriel Vhimi.

2 Segunda — Começaram na Escola da Missão as provas da 4.ª Classe. Resultados satisfatórios na sua maioria. Não faltaram, no entanto, as raposas de sempre.

Aperta o frio do cacimbo.

3 Terça — Continuaram os exames da 4.ª classe. Vionji-Seda deslocou-se esta manhã até ao Nângulo onde celebrou a missa cantada de "Requiem" pela falecida Maria de Lourdes Tébila que fomos levar a enterrar no domingo antepassado.

Regressou depois do almoço.

Chegou-nos a infausta notícia do passamento do P.e José Troesch, antigo missionário desta Missão, e por duas vezes reitor do Seminário Menor aqui no Lucula e ultimamente em Cabinda. Morreu na terra natal, Alsácia, para onde fora evacuado depois de uma crise do fígado na Missão do Ambrizete - Tombuco de que era superior.

Fez o bem que fez pela nossa terra e pelo nosso povo, o bem que se pode traduzir pelo serviço de cerca de quarenta anos. Esta Missão no campo material deve-lhe a construção do actual dormitório do Internato e a instalação da luz electrica.

A última vez que veio cá foi no dia

das celebrações do Encerramento das actividades educativas dos C. I. Nova et Vetera para o ano 1, ocorridas em 28 de Maio de 1971, tendo usado da palavra no acto do abraço-convívio, palavra que para lá do estímulo foi o seu "Benedictus Dominus"!

Amanhã às 8 da manhã será concebrada uma missa solene de "requiem" pelo seu eterno descanso. Já foi avisado o povo para vir rezar pelo falecido na igreja em que muitas vez escutou a palavra através da sua boca.

4 Quarta O frio vai apertando aos poucos. Hoje fez os exames escritos a segunda turma da 4ª classe. Chumbaram 4. Pelos vistos este ano é de chance para muitos. A colheita do café parou com a fuga das meninas do Congo. O refeitório vai andando, embora lentamente.

5 Quinta Último dia dos exames na escola Sede. Houve boa percentagem, Graças a Deus. Agora, são as férias e tudo é alegria nos corações dos que passaram de classe. À tarde, A. Nanga foi ao Chinsua.

6 Sexta Dia de frio. Hoje é a vez do Nângulo. Logo de manhã, as examinadoras foram para lá de taxi. Começou-se com os trabalhos da vala do Calabube. O trabalho do refeitório vai avante. Hoje começou-se a rebocar o exterior da casa. Hoje A. Nanga partiu para Cabinda, seguindo depois para Luanda.

7 Sábado Preparativos do casamento da participante dos Cursos de Iniciação Nova et Vetera, Isabel Nombi, do Nângulo.

O Mestre Sebastião Ubambi que foi hoje a Cabinda para trazer o carro da Missão regressou à tardinha com a novidade de que o Rev. Gaspar Nanga seguiu esta tarde para Luanda em compa-

nhia do colega João Mayamba, de Lãadana.

8 Domingo Houve como de costume duas celebrações de Eucaristia, digo, apenas houve uma celebração da Eucaristia, a das 9h30. E foi no acto dessa celebração que a participante dos C. I. Nova et Vetera, Isabel Moumbi, do Mângulo, contraiu o santo matrimónio com Fernando Mombo, do Chindende. A Igreja estava repleta de gente que acompanhou o desenrolar do acto com a unção religiosa de sempre.

No fim da cerimónia os cursos Nova et Vetera ofereceram no Mercado Nova et Vetera um lauto copo de água aos noivos, e em que tomaram parte os participantes presentes e parentes dos noivos. A seguir ao copo d'água, o cortejo nupcial partiu para Chindende onde os pais do noivo e da noiva ofereceram um opíparo almoço à cerca de duas centenas de convidados.

Também neste dia os elementos da orquestra e coro Barra Ba Vuon Kietu que entram agora em férias depois de um ano de trabalho. Tocaram pela última vez e com que solenidade!

9 Segunda Faleceram duas crianças, vítimas da epidemia do sarampo que continuam a grassar entre nós. Uma era de S. João; a outra de S. José.

10 Terça — Nionje Sida foi esta manhã ao Cunha para administrar os sacramentos dos enfermos à mãe do nosso aluno interno Marcelino Cadula. A senhora, de seu nome Ana Malonda está gravemente doente e sofre duma bronquite já crónica. Que o Senhor a conforte!

11 Quarta — Dia sem novidade. O aluno Regidio Muanzo, do Mankama-Nzila, embrou-se de se ir embora se se despedir. Lá porque fez a 4ª classe, julga-se agora senhor do mundo... Que a sua vida não passe a ser uma fuga contínua.

12 Quinta — Nionje Sida que tem passado estes últimos dias com febres, acordou hoje c/ melhor disposição. Apenas a dor do pé que o não deixa em paz.

13 Sexta — Nionje Sida deslocou-se até ao Cácata para proceder à benção da primeira pedra da futura Capela daquela localidade. Levou-o e trouxe-o o Mestre Sebastião Mbambi.

Tivemos o prazer de abraçar o nosso seminarista, estudante de filosofia no Seminário de Luanda, Barnabé Lelo Tubi, do Chinseia. Vem passar as férias junto dos seus.

14 Sábado — A Missão pela primeira vez há três anos ficou desolada com a partida dos quinze alunos que terminaram aqui os seus estudos e agora pensam continuar a estudar

noutros estabelecimentos de ensino mais adiantado. Na sua maioria fazem parte da orquestra e Coro "Bana ba vavu Kietu" - Coral Piloto desta Missão. Com a sua partida ficamos mais pobres. Mas é importante que partam, na medida em que "é partindo que chegaremos".

Quiseram tocar pela última vez na igreja em que tantas e tantas vezes rezaram tocando e saiu como não podia deixar de ser a Missa solene "Lukanunu mu Vuvu" com o prefácio para a mesma Missa, hoje em 2.ª audição (a primeira audição foi no domingo passado) que Nionje-Tida dedicou ao seu companheiro Nzau-Pitra e hoje quis cantar e cantou para os meninos que estão ligados a criações suas como as missas "Nyenze-au bana batá mana" e "Lukanunu mu Vuvu". A Missa de hoje não pode deixar de marcar a todos quantos nela participaram. Uma Missa de despedida! Uma Missa de acção de graças!

Na ausência do Rev. Gaspar Nanga que se encontra a fazer o retiro anual em Luanda, Nionje-Tida celebrou as duas missas do dia. Começou hoje o povo com a contribuição comunitária mensal para auxiliar a Missão nos melhoramentos que há a fazer na igreja. Esta primeira contribuição rendeu 306$00.

16 Segunda Reabriu o Mercado depois de uma semana de encerramento por falta de autorização superior. Sucede que a autoridade administrativa da Região autorizou a abertura do Mercado com as salas-convívios anexas para até nova ordem.

17 O Rev. Gaspar Vanga escreveu-nos de Luanda. Entre as notícias que nos dá, conta-nos o desastre mortal do Rev. Casimiro, ocorrido em pleno retiro no Morro da Luz em Luanda e a desistência do sacerdócio ministerial do Rev. Bernardo, de Malanje, colega dos estudos do Rev. Mayamba, de Lândana. Factos em si tristes, mas que vão sucedendo neste nosso conturbados dias.

17 Terça O carro da Missão foi deixar esta manhã o seminarista Barnabé Lelo Tabi à sua aldeia (Chinsuá).

Vionje seda deslocou-se até ao chiolo esta tarde para arrumar o assunto do registo do filho da Angelina Ubenza, antiga cujo processo corre neste momento no tribunal da Comarca de Cabinda.

18 Quarta Passou pela Missão o Senhor Administrador do Posto que se informou sobre a mortandade infantil dos últimos tempos motivada pela epidemia do sarampo.

Por incúria nossa, o antigo curral dos bois na horta foi esta tarde devastado pelo fogo das queimadas das planícies. Pode-se calcular os prejuízos em contos de dinheiro.

19 Quinta | Chegou esta tarde vindo de Cabinda no carro do nosso amigo Manuel Dembi, de Cabinda, o rev. Jaspar Kanga vindo há dias de Luanda.
Chegou também o convite oficial da Comissão das Festas do Centenário da Missão de Lândana para a orquestra e coro Bana ba Vuvu Kietu (B.V.K.) - coral Pilota da nossa Missão, cantar na concelebração solene da Eucaristia do dia do centenário em Lândana.
Uma vez aceite as condições que a orquestra e coro B.V.K. põe, a saber, cinco mil escudos à disposição, além de transporte, refeições e pousada, não há mais outra hipótese senão preparar a ida.

20 Sexta | Hoje. Ida. O responsável da orquestra e coro Bana ba Vuvu Kietu, partiu esta madrugada em companhia do estudante Pascal Bonkambana a Cabinda, devendo chegar até Lândana para contactar com a comissão das Festas para uma série de pontos a pôr no ar a propósito da deslocação do grupo que cantará na concelebração solene da Eucaristia do dia do centenário em Lândana (25 deste mês.). Levou-os o motorista Sebastião Mbambi. O regresso foi bastante tardio por causa duma série de voltas que se tiveram de dar.

21 Sábado | Vindos das suas aldeias estão hospedados aqui na Missão à conta do grupo coral "Bana ba Vuvu Kietu" todos os elementos

da orquestra e coro para o ensaio da Missa e dos cantos. Fazem parte do grupo alguns catequistas, alunos da Missão e também algumas raparigas. Os elementos dos arredores da Missão só vêm para os ensaios que são dois por dia: um de manhã e outro à tardinha.

Um grupo de costureiras e alfaiates trabalhou hoje todo o dia no telheiro do "Mercado Nova et Vetera" na confecção das roupas da orquestra e coro B.V.K.

22 Domingo

Hoje, graças à presença de todos os elementos da orquestra e coro Bana ba Vuvu Kietu que se está a preparar para cantar na próxima Quarta-feira, 25, na Concelebração solene da Eucaristia em Lândana, a nossa celebração da Eucaristia das 9h pôde ser e foi solene. Na ausência do rev. Gaspar Nanga que foi celebrar ao Chingunguili, Vionje-Seda presidiu à primeira e à segunda Eucaristia.

23 Segunda-feira.

Último dia de ensaio do grupo coral que vai cantar em Lândana, uma vez que parte amanhã por volta das 9 horas. O ensaio da tardinha foi para ultimar as coisas, um ensaio mais de pormenores que doutra coisa.

Nos ensaios destes três dias tendentes a preparar o grupo têm sido valiosos colaboradores do responsável pelo grupo o rev. Gabriel Vionje-Seda, o antigo seminarista Marcelino Luemba Tubi, o seu irmão Bernabé Tubi, ainda hoje seminarista e o estudante

finalista da Escola do Magistério de Cabinda Pascoal Bakambana, todos eles entusiastas elementos da orquestra e Coro Bana ba Vuvu Kietu

24 Terça Chegaram por volta das 9 horas da manhã duas berliets destinadas ao transporte do grupo. Seriam quase dez horas quando os carros arrancaram para Lândana. Tinha principiado a festa. Além dos 50 elementos do coral foram mais de 30 pessoas interessadas em assistir à ordenação sacerdotal do diácono Ferreira Pinto, prevista também para amanhã. Vionji Lida seguiu com o grupo. Gaspar Nanga que ainda ficou na Missão partiu também à tarde para o mesmo destino.

25 Quarta "Festa de S. Tiago e Primeiro centenário da Missão de Lândana. O dia foi saudado com a salva da praxe: 21 tiros. Sacerdotes, irmãos e irmãos, cristãos vindos de Cabinda, de Ponta-Negra, (Ango Bravavilla) Luanda, Malanje, Lisboa e de todos os recantos do concelho de Cacongo (Lândana), não esquecendo o Maiombe e o Lucula-Zunge, formaram logo de manhã no recinto da Missão a maior multidão de sempre, impregnada da mística do dia. Lândana na sua pequeneza chegou a parecer pouca para receber tanta gente. Às 10 horas, sob a presidência do Senhor Arcebispo de Luanda, D. Manuel Nunes Gabriel, principiou a procissão de entrada que culminou com a concelebração solene da Eucaristia em que tomaram parte 26 presbíteros e no decorrer da qual foi ordenado o novel presbítero Fernando Henrique Ferreira Pinto. Presentes ao

solenissimo acto todas as autoridades do Distrito de Cabinda e o povo em número que é difícil calcular. O belo local escolhido para a concelebração da Eucaristia - o frontispício da Paços do Concelho de Cacongo ainda em construção. deu mais realce ao acto.

O canto esteve a cargo da orquestra e coro Bana ba vuvu Kietu - o coral piloto da nossa Missão -, que parece ter tocado e cantado como nunca, segundo a opinião de muitos, inclusive a dos que acompanharam a cerimónia pelo rádio. A propósito: a transmissão da cerimónia litúrgica esteve a cargo de três emissoras, a Emissora Oficial, a Radio Ecclesia, de Luanda e o Radio Clube de Cabinda. Desta forma os que não tiveram a oportunidade de estar presentes ao acto puderam seguir o desenrolar da solenissima cerimónia pela voz da rádio.

Através da orquestra e coro Bana ba vuvu Kietu, a Missão do Lucula, filha predilecta da Missão de Lândana, como escreveu o Padre Alberto Rihel, superior em exercício desta na carta convite que dirigiu ao grupo coral, regou em Lândana como uma filha ao pé da mãe nesse dia de acção de graças da Missão-Mãe.

Na vespera, o povo de Lândana fez um rico cortejo de oferendas a favor da Missão. Toda a noite, dançou-se e cantou-se no recinto da Missão em exibições do folclore da nossa terra. »

Depois do almoço o grupo partiu de regresso para o Lucula nos mesmos carros que o transportou ontem.

Viagem sem incidentes tanto na ida como na vinda.

Vionje-Seda voltou a acompanhar o grupo.
Gaspar Vanga ficou ainda em Lândana

26 Quinta — Um dia de cacimbo sem novidades. A preparação do grupo coral e a viagem deixaram suficientemente cansados os elementos que estiveram à frente do grupo. Não admira que hoje seja um dia de modorra.

27 Sexta — Passou-se mais um dia sem novidades. Chegou à noite vindo de Cabinda o rev. Gaspar Vanga.

28 Sabado — Acompanhados pelo irmão Acácio de Lândana, visitaram-nos o Sr. Constantino Ferreira Pinto, pai do novel padre Ferreira Pinto e o diácono Filipe Rios, companheiro do seminario do mesmo Padre Ferreira Pinto. Almoçaram connosco, partindo pouco depois.

29 Domingo — Dia do Senhor. Gaspar Vanga celebrou a primeira missa, partindo em seguida para Macanga onde celebrou a segunda missa para os cristãos da zona. Vionje-Seda celebrou aqui na Missão a segunda missa.

Tem-se feito sentir a ausência de todos os alunos internos da Missão, uns ainda em férias, outros com novos rumos, novos destinos.

30 Segunda — Começaram as obras da reparação da igreja que se encontra bastante danificada no interior. Morreu ontem em Lândana a irmã com a bela idade de anos. Hoje é o enterro. O rev. Gaspar Vanga foi representar a nossa Missão na última homenagem à saudosa irmã. Vionje-Seda com os cristãos que puderam vir.

celebrou a missa deste dia pelo eterno descanso da irmã. Que o Senhor a tenha junto de si no seu reino.

31 Terça — Dia sem novidades. Nionje seda deslocou-se no carro do professor João Baptista Maringa até ao Tubo para liquidar uma conta na serração. Vindo de Lândana, via Cabinda chegou à noitinha o Rev. Gaspar Nanga que para lá se deslocou ontem para representar a nossa comunidade cristã no enterro da falecida irmã de Lândana.

Agosto

1 Quarta — Mais um mês que começa. O Agosto promete-nos um frio de rachar.

Toda a população está agora absorvida na plantação do feijão nos terrenos pantanosos do Lucula e Zenze. Oxalá que a produção seja muita para alivio de muitas bolsas, pois o feijão das lojas é agora alimento dos ricos com o preço de 12$00 por quilo aqui e em Cabinda (cidade)

2 Quinta — Frio e nevoeiro, como ontem. Em todos os recantos da missão há dores de cabeça motivada pelos trabalhos de reparação. O interior da Igreja vai avante. O café acabou. Este ano, vem vinte sacos. Realmente, este ano é de problemas para a missão.

3 Sexta — A Nanga saiu para o Chinguinguili, tendo regressado à tardinha. Os programas dos povos atrasados. Mas que fazer na conjuntura actual? Na missão, trabalhos e mais trabalhos a vigiar. O tempo urge. O pior é a massinha. Ainda há poucos alunos na missão pelo que custam até os cargos mais pequenos dentro da missão. O refectório dos rapazes vai andando com a sua calma de sempre.

4 Sábado — Em tempo: ontem, o Rei Niaoje Seda dormiu no mabiala, onde hoje cantou missa pela alma da falcida mãe do monitor Zinca. Passou-se toda a manhã na limpeza da Igreja - preparação do dia do Senhor. O velho Paulo lá reuniu várias crianças que, depois, fizeram o trabalho da limpeza. Já noite quase A. Xanga foi buscar Pe. Gabriel.

5 Domingo — Houve as duas missas de costume: a primeira pelo Pe. Gabriel e a segunda pelo A. Xanga. Por ser o primeiro Domingo do mês, houve "makaba" solene!!! por povos inclusivamente a missão. Chegou-se a mil e tal escudos que se destinam à reparação e melhoramento da própria Igreja. Almoçaram na missão os construtores técnicos da ponte sobre o Chiloango no Lócato.

6 Segunda — O Pe. Gabriel seguiu para Cabinda com o Sebastião. Regressaram à noite e - surpresa - com três sobrinhos do A. Xanga. A missão mal tem lugar para se dormir: dois a dois. Problema de ontem: as salas de banho entopidas e furadas. Trabalhou-se nisso todo o dinhazinho para se descobrir o motivo. Era o papel que se deitava. A fossa está boa. Donde, a necessidade de se mudar as sanitas e com isto, mais uma reparação, mais pagamentos!.

7 Terça — Dia de certidões, no meio de tanta confusão. Enquanto se vai arranjando as salas de banho, improvisou-se uma retrete ao lado: um simples buraco "à la façon du peuple".

8 - Quarta — O mesmo ambiente de serviço. Dores de cabeça em toda a parte. A retrete vai adiantando e fica O.K.

9 Quinta — O Pe. Gabriel foi à tarde para o Catata, digo, Chindende. Uma questão de visita rápida.

10 – Sexta | Frio ao acordar. A questão da tria, cadela da missão, está quente. Mandou-se uma carta e não responderam, contrariamente às boas maneiras. Seja como for, o destacamento vai dar a cadela da missão.

11 – Sábado | Dia de programas. É roça, são as obras etc, tudo consumiu tempo. Recebeu-se um P.19 – o Sr. Governador visita a missão em despedida

12 – Domingo | Dia do Senhor. As missas de costume: A 1ª pelo Nionje Seda e a 2ª pelo A. Nanga. Começou com pouca gente, mas ficou para exemplo. Os do Chindende mataram um hipopótamo, o chamado "Noubu". Gente e mais gente

13 Segunda | Dia da visita – despedida do Sr. Governador. Fez-se tudo: copo de água, whisky, chamorros etc. depois, A. Nanga seguiu para o Bonde com o séquito que acompanhava o Sr. Governador. Dia de visitas, um dia histórico. –

14. Terça | Véspera d'Assunção. A. Nanga, quase com febres e garganta dorida

15 Quarta | Dia da Glorificação de Maria. Duas missas, como de costume, a primeira por A. Nanga e a 2ª pelo Gabriel. O mesmo ambiente de trabalhos

16 Quinta. | Tudo como de costume: obras e preocupações. Outra coisa que está a dar que fazer na área é a fome. De cabinda quase nada de comer vem. O pouco que nos chega (feijão e peixe) num preço exorbitante (feijão a 12 e o peixe a 20 o kilo e não há!) O café não deu mesmo nada. P. Gabriel dormiu no Cácata

17 Sexta | Na missão ficou A. Nanga, o Nionje Seda no Chindende, onde pernoitou. A tardinha foi-se buscar P. Gabriel. Frio e Nevoeiro. Já chegou o novo Reitor do Seminário de Cabinda, P. José Maria Faustino Bulo. Até que enfim!.. O Clero diocesano fica agora com o desejado triângulo: Cab, digo

Seminário de Cabinda + Maiombe + Missão do Lucula. Que o novo Reitor seja Bem vindo!..

18 Sábado — Vº Gabriel em preparação. Parte para Quanda dentro de dias. A. Nanga com gânglios que lhe traz febres. O dia amanheceu com muito nevoeiro e frio. Houve baptismos à tarde

19 Domingo — Dia do Senhor. Duas missas: a primeira por A. Nanga e a segunda por Nionje Seda. O Prefácio dele sofreu uma modificação na parte final que era muito alta, de sol para mi. Saiu feliz. A tarde A. Nanga foi buscar a monitora Cesarina que não podia dar à luz. Encontrou-a no Chinsua, digo no Macanga Peq.

20 Segunda — O Rev. Dº Gabriel partiu, de madrugada com o Sr. Sebastião. Também foram os sobrinhos de A. Nanga. De manhã, houve missa cantada com procissão por alma de Maria Alice, irmã do Sr. Manuel, o alfaiate. Tiraram o luto. Almoçou

21 Terça — Mais uma missa cantada com procissão. Foi mandada pelo primeiro Cabo Gouveia. O dia todo de trabalho. A retrete dos alunos está quase acabada. O único trabalho que resta é o betão da fossa seca.

22 Quarta — O mesmo ambiente de ocupações. Estiveram cá o Sr. Santos e o Matos. Queriam vir amanhã, principiar os trabalhos da pintura da Igreja, o que não pode ser. Combinou-se contra coisa. Primeiro, o tecto e depois a pintura. Portanto, não se pode. E por isso mesmo. A. Nanga partiu para Cabinda, empatar os homens da pintura. Aproveitou trazer feijão para os alunos. E que feijão!... Em Dumagens 10$00 o quilo. Como vamos viver?

23 Quinta — Missa cantada de Requiem pela alma do Sr. Francisco Lupezo, mandada pelo seu filho Damião Lupezo. Praticamente, a retrete dos alunos acabou. As nossa ainda por acabar. Falta de material. A Bomba d'água torna-se um quebra-cabeça. Não puxa.

24 Sexta: Logo de manhã, trabalho. Ir atrás da carreira, por causa

de três passageiros que a perderam. Na missão, tudo na mesma. Não houve missa pelo motivo acima citado - a carreira. Nesta tarde chegou o gasóil encomendado.

25 Sábado - O cozinheiro está doente. Graças a Madalena tem-se comido.

26 Domingo Duas missas por A. Nanga. Houve nas duas dialogo sobre a celebração da palavra do Senhor. De Cabinda vieram visitas. Trouxeram quase tudo e comemos todos na missão. Mais tarde, visitas do Sócoto. O Sr. Martins, capatás da Companhia de Cabinda e mais outros. O dia estava movimentado. A. Nanga, veio doente por causa duma pancada na cabeça: Um prego que lhe originou forte hemorragia na cabeça.

27 Segunda Os trabalhos estão parados por falta de matéria: tijolo, cimento etc. Pelo que A. Nanga, foi ao Chindende pedir emprestado uns 10 (dez) sacos de cimento. Fez-se pagamento das meninas que têm trabalhado cá. Foram-se embora para o Zaire.

28 Terça Começou-se com o santuário da Igreja. De manhã, A. Nanga foi à cerâmica buscar uma carrada de tijolos e à tarde levar um doente para o Macanga. Mais meninas do Zaire que se apresentaram. Não foram aceites por motivos económicos. A roça está quase limpa e não deu nada. Mais novos alunos. Desta vez o número 30 é o mais indicado. A vida está cara e portanto, quanto menos alunos m

29 Quarta Veio Sr. Oliveira buscar o pouco produto da missão: 11 sacos de coco, te e três tambores de mafuta em dois meses inteiros. O que é isto para tanta necessidade desta missão? É horrível!.. Todo o dia em casa e à tarde mais um doente a levar para o Chinsuá.

30 Quinta Frio matutino, a primeira nota do dia. A segunda, hoje os "nfumu" da terra, quero dizer, "os nfumu tradicionais", abriram a tal pesca "nkuala" no rio Nzenze. Era só visto: gente e mais gente, canoas e mais canoas e deste e doutro lado, todos irmanaram-se, neste interessante e tradicional disputo do Nzenze. Ainda que menos do o ano passado, hoje comeu-se peixe (biaes, mp

li) etc, em quase todos lares. Bakambana e A. Nanga lá estiveram. Este último, a partir só das 3h. À noite, o missionário Nanga dormiu no Chindende, onde deve cantar missa de Requiem pela alma do cunhado do Revdo. Sr. Gabriel Nisuji-Seda, o falecido Francisco Mandinji. Outra nota, é o reboque do mini Jeep do Marcelino Lubi, desde Chinsuá. Isto feito pelo Nanga.

31 Sexta — Na Missão, hoje não houve a missa habitual, de manhã, por A. Nanga ter ido ao Chindende. O povo tornou ir ao rio, para tal ukuala. Só depois de três dias é o que o rio está livre. Por enquanto, os participantes são obrigados ao imposto tradicional: das peixe aos "nfumus". Estamos no último dia de Agosto e nas vésperas das aulas.

Mês de Setembro 73

1 Sábado — Dia do casamento da Inês com Calixto. A. Nanga, rezou duas missas: a 1ª à hora de costume, isto é, às 6.30h e a segunda, ao meio dia, missa do Casamento! Houve bastante gente. Festa em casa do marido. Foram padrinhos. Estevão N'Gimbi e esposa, Angelina. Tudo correu bem. À noite, acompanhei os padrinhos ao Nângalo. Até que enfim, resolveu-se a questão deste casamento.

2 Domingo — Primeiro Domingo do mês. Como de costume, houve ofertório solene, por povos. Domingo de trabalho, ia dizer, dia de aborrecimento. Dia de trabalho: 3 missas e um casamento. Duas missas na Missão, tendo terminado a segunda, às 12. Dia de aborrecimento: o casamento que se marcou para as 3h da tarde, teve que ser realizado a 1h. O monitor André Nuângala, nubente, lá fez os seus convites para as 10h, exactamente na hora da missa paroquial. Brancos e pretos aborrecidos por causa do Padre que aparecia. Lá se fez compreender o erro do nubente e ainda, A. Nanga teve que ir de automóvel até lá e fez o casamento sem missa. O Sebastião levou para lá o carro. A 3ª missa, no Chinguinguili às 8.30h. Regressou à Missão à noitinha, causado sim, mas tudo "pro Domino".

3 Segunda — Surpresa aborrecida. Um interno com braço fraturado. Autor, filho do Juliano Catati. Logo de manhã, um vai vem contínuo. A primeira parte do santuário já tem todas as escadarias, digo, todos os degraus. A. Nanga, depois de tratado o assunto da fratura da mão do rapaz, levou-o ao Chindende, conforme parecer do pai.

4 Terça — Hoje foi o dia das contas - outra quebra cabeça. Só se fez o pagamento dos pedreiros da Igreja. Acabou-se a primeira parte do santuário. Ficou bem alto e no meio d'assembleia. De novo entre nós, o jove teólogo Franklin. Passou cá todo o dia. O mini-geep do Luemba dá que fazer. À noite, A. Nanga foi rebocá-lo do Bândama até à Missão. É questão duma bobina nova!

5 Quarta — Manhã de Grande "Nolá" até às 9h30. De manhã levei pessoas ao Chiobo e de regresso arrebenta-me a correia da ventuinha. Estava comigo o jovem teólogo Franklin. Fui socorrido com muito curto. Devia ir hoje a Cabinda, mas nada se conseguiu, por falta de documentos. Chegou hoje o dr. Gabriel que esteve em Luanda. Ainda conta com alguns dias em Cabinda e Maiombe. O internato vai se enchendo aos poucos. Mas o nº deste não vai ultrapassar o nº 30, por motivos económicos. E é tudo deste dia. Pela primeira vez se rezou missa no meio d'assembleia. O cozinheiro que esteve quinze dias doente, levantou-se e começou o trabalho hoje. Valá.

Quinta 6 — Por motivos vários, A. Nanga já não foi a Cabinda, pelo que mandou Bacambana a tratar alguns assuntos da Missão, como sejam: compra de um livro de pontos para os professores da escola. Sede compra de farinha para hóstias, lâmpadas, azeite etc etc. O altar já está no seu futuro local, isto, quase no meio d'assembleia. Entretanto, os trabalhos continuam em direcção ao sacrário. Está engraçada. Todo o dia, certo dias e trabalhos até à noite.

7 Sexta — Dia normal, isto é, dia de preocupações: trabalho. A bomba continua ao não trabalhar por causa das impancas. É pena, porque o representante, em Cabinda não está. Os alunos estão quase completos. O número tende a ultrapassar infelizmente. Noi

8 Sábado — Natividade de Maria Santíssima. Missa, como de costume. O Santuário, quase cheio. À tarde, A. Nanga foi levar um doente a Macanga. Na missão, nada de extraordinário.

9 Domingo — Duas missas, como de costume, por A. Nanga. A segunda missa foi pela intenção de todos os estudantes e pais da Área para que haja em todos boa vontade no cumprimento dos seus deveres. Já tardinha, recebeu-se uma carta do Dr. Gabriel e por isso mesmo tive que partir para Cabinda.

10 Segunda — Primeiro dia das aulas. Movimento, barulho na missão. Os estudantes de Cabinda partiram. Na missão, tudo como de costume. À noite chegou Dr. Gabriel com A. Nanga. Veio de Luanda, onde esteve a frequentar o curso para o mundo melhor.

11 Terça — Os trabalhos da Igreja vão adiantados. Está sendo rebocado o santuário. Pelo visto fica mais bonita. O prior é o dinheiro. O número de internos está completo, são ao todo 32. O quebra cabeça agora é alimentação.

12 Quarta — O mesmo ambiente de trabalho. A escola tem agora um livro de pontos para professores, livro que deve ser assinado, como nas repartições. São medidas para se evitar desordens.

13 Quinta — Tudo como de costume. A tardinha, A. Nanga foi a Cabinda buscar o Dr. Cónego Franklin da Costa que vem cá passar o fim de semana. Mas a viagem foi com tanto azar que dormiu pelo caminho por causa da bomba de alimentação que não puxava. Conseguiu se desenrascar-se e só chegou a Cabinda às 5h de tarde. Mudou-se uma bomba nova.

Aulas. O número dos professores está completo. Nada de extraordinário, na missão. A. Nanga, ainda em Cabinda.

15 Sábado

Os livros escolares acabaram, pelo que se mandou para Cabinda o Bacambana que os comprou. Na missão esperou-se pelo ilustre visitante, Cónego Franklin e só chegou às 17h15. Há quase vinte anos que não via mais esta terra que o viu criança, terra onde estudou até 6º Ano - 1930 e tal a 1942

16 Domingo

Dia do Senhor. Quem presidiu à missa das 9h30, foi o Sr. Cónego Franklin da Costa - Apesar dos 17 anos de ausência falou muito bem na lingua da sua querida terra - o Ibinda. Sua Rev.ª depois da Missa foi cumprimentado pelos antigos amigos - Foi um revivor o passado que se desgrava nos corações dos homens. Almoçamos todos no refeitório. À tarde, digressão pelo Macangra, Chinona, ponto que atravessamos de carro, e por último, Cácata, onde se vai cantar a missa de Amanhã, dia 17/9/73 É pena não haver tempo suficiente para uma missa nas catequeses mais próximas. Paciência! Que haja saúde pelo menos para mais uma visita destas!

17 Segunda

O Cónego Manuel Franklin da Costa regressou para Cabinda no Land Rover Grande. Levou-o o Rev. Gaspar Nanga. O Seminarista Njimbi-Nzati que terminou já as suas férias aproveitou a boleia para Cabinda onde tomará o avião na próxima quarta-feira para Luanda.

A caminho de Cabinda, na povoação do Cácata os dois padres da missão concelebraram com o Cónego Franklin a Eucaristia em que participou muito povo. Havia 17 anos que o povo do Cácata também já o não via. Não admira que Cácata em peso, homens, mulheres e crianças lhe tenham feito uma manifestação de estima que comoveu a todos os presentes. Cantou-se e rezou-se em acção de graças pela presen

ça do Grande filho de Ngoyo.
A separação verificou-se depois das três horas da tarde, findo o almoço que o povo ofereceu ao Cónego Franklin e seus companheiros. O carro seguiu viagem e Nionje-Seda regressou para a Missão na Companhia do professor Marcelino Luemba Tubi que ainda está em férias na sua aldeia de Chinsuá.
Chuviscou na zona do Zenze.

18 Terça — Dia sombrio. Os pedreiros continuaram a rebocar a igreja. Caiu um forte chuvisco depois do almoço.

19 Quarta — Esperamos pelo regresso do Gaspar Nanga que ficou de pernoitar ontem no Chinguingili no seu regresso de Cabinda.
Esteve um dia bafiento. O sol começa a aquecer.
Gaspar Nanga veio, de facto, de Cabinda, mas foi pernoitar no Chinsuá para rezar na aldeia a missa de amanhã.

20 Quinta — Nionje-Seda depois de celebrar a primeira missa na Missão foi dizer uma segunda missa no Cácata para onde partiu a seguir ao pequeno almoço.
Foi levá-lo o Mestre Sebastião.
Nionje-Seda regressou para a Missão na Carreira, a noitinha. Também chegou vindo do Chinsuá onde celebrou hoje a missa o Gaspar Nanga.
Na Missão, dia sem novidade.

Chuviscou todo o dia.

21. Sexta — Passou connosco o dia o professor Marcelino Tubi que aguarda o início das aulas dentro de dias na Escola Preparatória Barão de Pinna de Cabinda. Ao contrário de ontem, hoje esteve um dia maravilhoso de setembro.

22 Sábado — Ambiente escolar. Há vários alunos sem livros pelo que A. Nanga, levou vários para junto dos seus pais, a ver se arranjam livros e outro material escolar necessário. As obras da Igreja prosseguem. O prior é o dinheiro. Na missão, nada de extraordinário.

23 Domingo — Duas missas de costume. A Nanga rezou a primeira e foi ao Chinsuá rezar uma segunda missa, às 11h e lá ficou para uma missa no Rimano. Os chuvisos sucedem-se; talvez seja sinal de muito café. Oxalá!..

24 Segunda — Regresso de A. Nanga. Tudo normal na missão. Dia de frio. As aulas vão avante. No entanto, há muita falta de livros. Donde a partida de vários alunos para junto das famílias, a ver se arranje livros.

25 Terça — O dia todo, de cacimbo; frio e nevoeiro, eis o ambiente predominante durante todo o dia. O Leo Nionje-Seta partiu da tardinha para Cabinda, devendo regressar no Sábado por ter que passar, no regresso, pelo Cacata e Chiobo em serviço. Levou-o o Sr. Sebastião Mbambi. Também seguiu o jovem seminarista Barnabé que regressa para Luanda, na sexta feira. Visitaram a missão, Manuel Ndembi, professor primário e seus primos. Noite e solidão na missão!

26 Quarta — Contrariamente ao dia de ontem, hoje sol ardente desde manhã até à noite. Trabalho e calor, foi o ambiente do dia. A carrinha

pequena teve que ir ao Lumiano com A. Nanga, a pedido de um casal vindo do Zaire. Pobre do carro sem travões. Há que se ver isso, o mais depressa possível. O carro chegou à noite com o Sr. Sebastião. O Rev Nionje-Seda ficou em Cabinda como se disse já.

27 Quinta Frio de Cacimbo. O trabalho da Igreja vai andando. Hoje, quatro Imagens saíram da Igreja, a saber: Nossa Senhora, por estar repetida, Sagrado Coração de Jesus pelo mesmo motivo, Sta Teresa do Menino Jesus e S. Francisco de Assis. Estão já distribuídas pelos povos. O Vº Gabriel deve estar no Cácata.

28 Sexta O mesmo ambiente de trabalho na missão. O carro já está a dar dores de cabeça: a embraiagem. Talvez o disco, digo, a borracha da caixa é que está estragada.

29 Sábado Tudo como de costume. À noite fui buscar Vº Gabriel que se encontra no Chiobo, em serviço. Entretanto, mandou-se para Cabinda o Gabriel a ver se traz a respectiva borracha.

30 Domingo Fim do mês de setembro. Mais um passo para o fim do Ano. Duas missas como de costume. A primeira por Nionje Seda e a segunda por A. Nanga. À tardinha, A. Nanga foi levado para o Chinsuá, onde estará toda a semana, a fazer visitas pelos povos da Área

Outubro 1973

1 Seg. Chegou o mês de outubro, o mês da floração da natureza. É o nosso Maio na beleza e cor. Está tudo a vicejar de novo. É o mês da terra como mãe. Ganha particular sentido a dedicação do mês de outubro a Maria.
Está na missão o Nionje Seda. O Gaspar Nanga,

esse está em serviço de ministério na Zona 3
(Chinsuá - Macanga).

2 Terça — Dia sem novidade. Apenas o calor da época das Chuvas que se faz já sentir.

3 Quarta — Festa de Santa Teresinha do Menino Jesus, padroeira da aldeia do Chinsuá, na Zona 3. O Gaspar Vanga que já se encontrava lá desde a véspera e o Vionji Sada que foi daqui também para lá esta manhã concelebraram na aldeia uma missa solene em que participou muito povo ido de quase todas as aldeias da zona. Tocou e cantou o grupo coral - orquestra e coro "Solemnis Festa" da aldeia do Cunda. Maestro o catequista Sebastião Ngumba também do Cunda. À tardinha o povo honrou a sua padroeira com uma procissão que saiu da Escola junto à capela e terminou na capela do Ubata Cuala, lá em cima. Participaram na procissão os dois missionários. O Vionji Sada regressou para a Missão terminada que foi a procissão.

4 Quinta — Foi encontrado esta manhã numa berma de estrada junto à povoação de Santo Eugénio, o corpo do Afonso Nzuzi, de S. Miguel, quase já cadáver. Recebeu forte pancada na cabeça. Deitava sangue pelo ouvido direito e pelas narinas. Ainda foi transportado para o hospital de Cabinda no carro da tropa, mas acabou por sucumbir às 15 horas de hoje. Desconhece-se o móbil e o autor do hediondo crime. X

5 A familia do falecido Afonso Nzuzi alugou o carro do comerciante Rui, de S. Miguel, que

foi buscar a Cabinda o cádaver.
As 17 horas houve missa cantada de "requiem" de corpo presente na nossa igreja, seguida de procissão de enterro. Dia particularmente triste. Celebrou a Missa e presidiu ao funeral o presbítero Vionji-Seda que também assistiu o homem in extremis. Deixa mulher e filhos todos menores.

6 Sábado O missionário Gaspar Nanga regressou hoje da sua viagem de ministério na zona 3.

7 Dom. 1º domingo do mês de outubro, dia de acção de graças (ifumbu tshi matondo) que já se tomou notável pela procissão solene do ofertório de todos aglomerados humanos da nossa Missão, à missa das 9h30. Concelebraram o missionário Gaspar Nanga e o presbítero Vionji-Seda. O ofertório rendeu 784$50. O dinheiro destina-se a apoiar as iniciativas da Missão.

A ideia nasceu em julho. Foram pais da ideia o catequista-enfermeiro Carlos Peso, o Professor e ministro extraordinário da Eucaristia João Baptista Mawinga, de Sto Eugénio, o estudante da Escola de Magistério Rural de Cabinda Pascoal Bakambana, 3º Anotador dos cursos de Iniciação Nova et Vetera e o presbítero Vionji-Seda.
Até à data o dinheiro que já totalizou 2.431$00 tem-se destinado às obras de reparação na nossa igreja da Missão.

8 1. O Missionário Gaspar Nanga voltou a ser para o serviço de ministério desta vez na zona área do Sub-posto de Chinguinguili, zona 2

Os pedreiros retomaram os trabalhos de reparação da igreja há dias interrompidos.

9 Terça — Faz hoje anos de nascimento, 49 anos, o Sr. Bispo de Malanje D. Eduardo André Muaca, filho desta Terra e deste Povo. Na Missa foi sua Ex.cia Rev.ma lembrado duma forma especial. Nomeado há dias apenas Bispo Residencial de Malanje pedimos ao Senhor que seja sempre o seu Deus e que no exercício da missão que agora assumiu sinta sempre o conforto da luz e calor do Alto.

Dia de sol como poucos, um sol esplendente, sol de festa.

10 Quarta — Nada de extraordinário sucedeu hoje digno de nota.

11 Quinta — A carrinha da Missão foi hoje a Cabinda levar a prensa do óleo de palma que está a precisar duma reparação. Foram no carro o presbítero Vionje, o Mestre Sebastião Ubambi e o s/ ajudante Gabriel Nzimi. O carro chegou até Lândana aonde o presbítero Vionje-Seda foi tratar de assuntos do cartório na tipografia daquela Missão. Regressaram à noitinha

12 Sexta — Os pedreiros continuaram a trabalhar no serviço da reparação da igreja.

Um dia de sol de chuva que dá impressão de esta estar a chegar. Aliás, ontem e anteontem choveu e bem na planície do N. Thandu-Ubambi e na Cidade de Cabinda.

13 Sábado Esperava-se que o missionário Gaspar Nanga regressasse hoje. Porém, assim não sucedeu. O serviço na aldeia do Nyobo (Fubo) foi absorvente.

14 Domingo Domingo. Na Missão só está o presbítero Nionje-Seda que presidiu às duas concebrações, digo, celebrações dominicais da Eucaristia. O povo apoia a ideia dum KOKO novo para as chamadas aos actos do culto. O antigo está mais que estragado e quase que já não emite som. O novo instrumento que se pensa adquirir foi feito no Liambu li Nzambi na vizinha República do Zaire e está calculado em 1.400$00. Para essa importância os homens vão contribuir com 10$00, as mulheres com 5$00 e as crianças com 2$50 por indivíduo.

Chegou à noitinha o missionário Gaspar Nanga da VI viagem de ministério na zona 2, sub-posto do Chinguinguili.

15 Seg. O missionário Gaspar Nanga partiu para Cabinda esta manhã a fim de tratar na Repartição Escolar do assunto dos alunos adultos da nossa escola, que segundo uma circular da mesma Repartição, mas que não nos chegou às mãos, já não podem ser alunos normais.

16 Terça Nas primeiras horas de hoje, o presbítero Nionje-Seda foi chamado para ir sacramentar um doente grave de St Eugénio. Chamava-se André Mangovo, antigo catequista do Limano. Lá esteve o citado presbítero. O doente que sofria de anemia acabou por falecer

às 6 horas e meia da manhã. Paz à sua alma. Deixou mulher e filhos. Vivia tão pobre que para o caixão a Missão viu-se na obrigação de ceder algumas tábuas da obra do Refeitório. Tem-se falado tanto na necessidade de espírito de previdência... Mas quem liga?

Vionje-Seda sai hoje para as catequeses do Sub-Posto do Cacata, Zona 2. Neste mesmo dia chegou A-Nanga, com a solução do problema escolar: um transeat, para este ano! Ai de quem não aproveitar o tempo!... O mesmo A-Nanga, levou para a zona 2, o presbítero Vionje-Seda.

17 Quarta Antes de tudo, uma observação importante a registar no dia 14 p.p.!.. Ouviu-se, pela rádio, a triste notícia da morte do jovem Bispo de Benguela, D. Armando. Segundo informações, teria tido um desastre de viação. Ia para uma viagem, visita pastoral só e deu-se o desastre que o vitimou, em pouco tempo. São os desastres! É próprio do homem perguntar o porque dos desastres. Não falta desse porque que ele ou não viu ou mesmo não desvendou, o homem lança-se, ou melhor, dá-se à imaginação e... lá saem os argumentos pro ou contra o sinistrado, conforme sopra o vento, o que é lamentável, porque ao fim e ao cabo, os desastres são o um facto e, muitas vezes, quando menos se espera! Morreu um Bispo, o de Benguela! Fora nomeado em 1970, como primeiro Bispo de Benguela e morreu agora com 43 anos de idade! Paz à sua alma! Amem.

Dia 17 - Quarta. Dia de trabalho. Duas missas. Uma para os internos e outra, de enterro. Esta última, foi às 10h30. Foi cantada. O Pr. Catequista, zeloso catequista-enfermeiro desta Missão organizou tudo da melhor maneira, a fim de que houvesse uma missa cantada pela alma do André Mangovo. Na Missão, o trabalho de reparações continua. A-Nanga trouxe, ontem fechaduras, bidé, etc. e pedreiros e carpinteiros estiveram num sublime "Fervet opus". Por outro lado, as galinholas começaram a pôr ovos. Umas no capim e outras, dentro da capoeira.

Conseguimos descobrir já 6 ovos. Oxalá tenhamos sorte de encontrarmos todos os ovos. E assim acabou o dia. Obrigado, Cristo

18 Quinta — Dia de sol ardente. Ontem esteve cá também o Sr. Oliveira. Trouxe mais cimento (25 sacos) para a Igreja e outras reparações. As retretes, cada vez melhores. Hoje pintou-se a sacristia. Mais ovos do Funzi; a partir de hoje, elas só saem ao meio dia, a ver se põem os ovos dentro da capoeira. Ao meio dia, benzeu-se a nova casa do Sr. Sebastião Mbambi. A partir de hoje passa a dormir lá. Muito isolamento pela missão, durante o dia!..

19 Sexta — O amanhecer é agora muito antecipado. Mas para os alunos, quanto mais, sono melhor. Daí a necessidade de ser em acordados sempre, apesar de tanta claridade. Hoje ficou assim distribuído: Um pintor para as retretes (o Miguel que as caiou) os poucos que vieram chefiados por Henrique, trabalharam na obra do refeitório. Como ontem, o dia de hoje foi de sol, igualmente, ardente. A. Manga passou todo o dia na varanda a escrever assentos. Esteve cá uma estagiária branca a avisar que na próxima sexta feira, virá cá trabalhar, devendo portanto ser contada para o almoço.

20 Sábado — Dia de trabalho como de costume: Pintura da sacristia, os outros pedreiros na obra do Refeitório. Às 11h,30 A. Manga foi ao Tchibulam Nogunga buscar P. Gabriel que se encontra em viagem de Ministério. Neste mesmo dia, o mesmo Padre foi ao Macanga ver o suposto chefe morto do sábado passado. Está vivo e bem vivo.

21 Domingo — Dia do Senhor. As mesmas missas de sempre: a primeira pelo P. Gabriel e a segunda por A. Manga. Dia de visitas: 3 famílias entre as quais a do Sr. Xavier. Lá nos arranjamos quanto ao almoço. A tardinha, de resto em continuação da visita de Nionje. Seda, A.

Nanga, levou o mesmo missionário para o Mabiala, onde dorme hoje. Em seguida, o mesmo, quero. A Nanga foi cantar missa de acção de Graças no Macanga Grande. Esta só terminou às 22h30. E assim passou mais um Domingo, mais um dia do Senhor no Lucula. Zenze

22 Segunda — É o dia de cimentar o santuário, dia de preocupações e dia de aborrecimentos. Convidados mais pedreiros para o serviço. A missão ofereceu, um litro de bagaceira, 8 cervejas, uma lata de conserva e um pão para cada. Só se acabou à noite. O santuário está um mimo com ocre. Um aborrecimento. O Land Rover pequeno partiu o colector!.. Foi nas mãos do Gabriel que também apresentou as suas razões-desculpas. O resultado: A Nanga a carregar, ava, água e tudo o mais para o trabalho!.. A 5h (17h) o mesmo foi ao Mabiala buscar Pe Gabriel e pô-lo no Cunda, onde dorme!.. E passou mais um dia de Cansaço

23 Terça — Em tempo: ontem o Sebastião foi a Cabinda ver a maquineta de Mafeta que nos fez tanta falta. Veio hoje e com notícias pouco animadoras sobre o assento. Sexta ou Sábado só? E como vou pagar o pessoal? Tanto problema, meu Deus!.. O cozinheiro não apareceu, está doente.

24 Quarta — Rezou a missa comunitária A Nanga. Às oito o mesmo foi com o Padre Gabriel ao Mângulo, onde cantaram missa seguida de procissão para o cemitério, missa para se evitar a mortandade. É claro que o sucesso depende sempre da fé e da amizade de quem pede a Deus. Almoçamos todos lá.

25 Quinta — Dia de Grandes ocupações na missão: pagamento, certidões e reunião do pais e professores na escola. Na igreja acabou-se com o santuário. Parecendo que não, gastaram-se seis contos quase!.. A parte da tarde também teve o seu quê digno de nota: a partida do Sr. Pe Gabriel para a Cabinda com o professor João Baptista, mais uma necessidade para o Lirmam - levar o chefe de lá que tem a mulher bastante mal. Em tempo: esteve cá o Sr. Oliveira que levou a peça do carro para se soldar. Já quase meia noite, A Nanga acordado para ir buscar a Judite, filha do Catequista Eusébio, no Chiobo. De lá se partiu

para o infermeiro do Caio Congo. E assim se passou o dia!..

26 Sexta — Unica nota do dia é a vinda dos funcionários da extensão rural Calabube 73: um rapaz e uma menina que almocaram cá. A peça mandada soldar veio com o Sr. Baptista. O trabalho parou na igreja, por estar quase acabado. Todas as tardes carregar água para cima. E assim, acabou mais um dia!..

27 Sábado — Manhã de nuvens coz de chumbo. Cacimbo? Chuva.. A malta interrogou-se até às 11h30, hora em que o sol raiou calcinantemente. Arrumaram-se os objectos, ia dizer, arrumou-se o mobiliário do Santuário (altares, meses etc.) e encerou-se o mesmo santuário que é agora um primor!.. Também montou-se o colector do carro pequeno, agora em funcionamento!.. Faltam-lhe: travões e um silenciador. Soube-se alguns que vem aí o Sr. D. Manuel. Qual seja o programa que traz, desconhece-se. Aguardemos! Chegou Vl. Gabriel e Luemba

28 Domingo — As missas de costume: A primeira pelo Padre Gabriel e a segunda por A. Xanga. As chuvas vão se aproximando, pelo que se vê na atmosfera. O pior, são as máquinas que não chegam. Tanto cendem a perder-se!

29 Segunda — Por volta das dez horas fui levar, digo, levei Vl. Gabriel para o Chindende, onde permanece dois dias. Os trabalhos da igreja, pararam. Outra vez uns acabamentos na obra do refeitório.

30 Terça — Como novidade, a chegada do Sr. Governador do Distrito amanhã. Já é tarde para uns "binoko-noki" em feito. Todo o dia, preparou-se a missão. Estiveram cá os Administradores de concelho e do Fundo Zinze. A. Xanga, passou por Chindende a avizar Vl. Gabriel sobre o assunto. Da parte dos chefes, é notória a pouca boa vontade, preveniente, sobretudo dos orientadores, ~~que são~~ os chamados chefes dos povos, a um tempo verdadeiros exploradores!..

31 Quarta

Logo de manhã, um vai-vem contínuo. O Eriz André, mais uma vez desenganou o ambiente!.. Pôs à margem do que se devia fazer. Nem cabrito, nem galinhas, nem as duas grades de cerveja, de resto, tudo afeita do povo! A missão, lá se preparou como pôde e foi "chance" e foi ocasião oportuna e compensadora. A recepção foi em frente da varanda, digo, do relógio. Presentes, Sua Exc.ia o Sr. Governador do Distrito, comandantes, militares e policial, capitães da Companhia, Pide, Administradores e várias entidades civis e militares! Serviu-se um pequeno copo de água na varanda. Enfim, valeu a pena: vale a pena um sacrifício!.. O Sr. Governador prometeu-nos uma ajuda e carteiras para a escola. Assim terminou o dia!!

Novembro

1 Quinta-feira

Dia de Todos os Santos. Dia consagrado à Esperança. Dia de Festa. Houve duas missas como de costume. A primeira foi presidida por Ninje-Soda; a segunda por Gaspar Vanga.

À tardinha fez-se a habitual visita ao Cemitério, com a seguinte ordem de celebração.

Na igreja: 1. canto de entrada - Izomi. 2. Saudação do Presidente e oração introdutória. Finda a oração partiu a procissão para o Cemitério. Durante a procissão a orquestra e coro "Bana ba vuvu Kietu" tocou e cantou "A Nyinja" e Ngo-l'Aku Yezu inene.

No Cemitério: A visita consistiu na celebração da Palavra e na Absolvição Final. As Leituras escolhidas para a celebração: o texto do Apocalipse (Apoc. 7, 9, 14b-17) e o do Evangelho de Matheus (Mt. 25, 31-46).

Explanou a 1ª leitura o chefe dos catequistas do Sub-Posto do Cácata, Alexandre Chimpanzu. Finda a explanação, cantou-se o canto Isaya andi. Terminada a leitura do Evangelho que foi escutado com o maior silêncio fez a homilia o presbítero Nionje. Seguiu-se a oração dos fiéis participada.

A absolvição fez-se como vem no ritual dos defuntos. Ao Kyrie cantou-se o ~~Ffumu~~ Ffumu Nzambi tumona Kuaku Kiadi (texto Kiyombe).

No regresso para a igreja onde se cantou o Credo em latim e o Pater Noster em ibinda, a orquestra e coro B.V.K. executou o "Muna mbandu Tata Noe.

Pode-se dizer que a visita foi muito concorrida. Nela se quis e de facto se viveu a aura da esperança. Somos peregrinos. Temos um reino.

O Rev. Gaspar Nanga partiu para o Chinguinguili logo depois da segunda Missa em viagem de ministério.

2 Dia dos Fiéis Defuntos. As três missas celebrou-as o presbítero Nionje. Seda na nossa igreja repleta de fiéis. A terceira missa foi cantada. Um dia de sol de chuva que, entretanto, continua a fazer-se muito rogada.

3 Dia sem ocorrência digna de registo. Chegou o missionário Gaspar Nanga da sua viagem de ministério no Sub-posto

do Chingiringuili.

4 Domingo

Primeiro domingo do mês de novembro. A segunda missa, fez-se o já habitual ofertório de acção de graças. Desta vez a colecta rendeu $. É uma forma que se criou de apoio da comunidade à Igreja local nas suas necessidades mais prementes. Neste momento a Missão está a braços com os trabalhos da reparação e melhoramento da igreja.

A seguir à segunda missa, o missionário Gaspar Tranga saiu para o Chingiringuili aonde foi presidir à celebração vespertina da Eucaristia, devendo depois seguir viagem até Cabinda.

Reuniu hoje, como de costume, na sala provisória do Secretariado o conselho dos cursos dos C.I. Nova et Vetera.

A reorganização da catequese vai ganhando forma. Ontem as crianças afluiram ao encontro da tarde do sábado para um primeiro contacto com os catequistas. Hoje a catequese para os adultos que funciona antes do início da segunda missa, logo a seguir à reza das laudes, teve já uma afluência notável. Registamos aqui o lindo trabalho que o professor de posto Inácio Conde Bambi está a fazer neste capítulo da nossa catequese. É pena que o seu exemplo não esteja a ser seguido pelos companheiros da profissão.

5 Segunda

Nunca o calor foi tanto nestes últimos tempos

como hoje. Oxalá seja o preníncio duma boa chuvada para regar a terra que já está mais que ressequida.

6 Terça O Rev. Gaspar Tanga escreveu-nos de cabinda a dar-nos notícia da sua viagem e do conserto do carro que se está a fazer numa das oficinas da Cidade.

7 Quarta. O presbítero Vionje Seda foi chamado esta madrugada para ir sacramentar uma senhora gravemente doente no Cunda. Infelizmente na Missão continua a não haver gasóleo, falta que já é mais duma semana. Para o velho carro, que se está a desfazer aos bocados, poder andar o presbítero Vionje Seda teve de ir pedir alguns litros do precioso líquido ao comerciante Rui, de S. Miguel que lho cedeu. E não foi em cinco minutos ou meia hora que se arrumou a questão do transporte... No entanto, a questão era de vida ou de morte. Sempre se partiu mas quando se chegou ao destino a mucherzinha já não falava. E é pena! Filha do antigo catequista do mesmo povo José P. Mambuku, já falecido, tem sido boa mãe e boa filha da Igreja; quando se sentiu mal pediu a presença do sacerdote. Acreditamos que o Senhor não ficará indiferente ao s/ pedido.

Choveu pelos lados do Chindende. É a primeira chuva da temporada. Aqui na zona da Missão, ameaçou chover

mas chegou a concretizar a ameaça.
Continuamos sem luz na Missão por falta de gasóleo.

8 Quinta — Começou o dia sem novidades. Às quatro horas da tarde veio um carro do Cácata à busca do presbítero Vionje Seda para ir fazer o enterro da criança do Professor de Posto Manuel Maria do Nascimento Chiota, falecida ontem nas primeiras horas da noite. O professor, antigo seminarista de Cabinda e Malanje, tem sido o braço direito do catequista. Chefe do Sub-Posto do Cácata. Era já noite bastante adiantada quando Vionje Seda regressou do enterro.
Chegou também vindo de Cabinda o rev. Gaspar Vanga.
Faleceu no Cunda a senhora D. Cecília Mvindu. Deixa órfãos oito filhos todos menores. Esteve em estado de coma desde anteontem. Paz à sua alma.

9 Sexta — Os dois padres passaram a manhã na Missão. À tarde o Angelino saiu para os Sub-postos do Chinguinguili e Cácata afim de comunicar aos catequistas o programa da visita pastoral do Senhor Arcebispo D. Manuel que chega a esta Missão no próximo domingo, à tarde. Por sua vez o Gabriel saiu para o Cunda para o enterro da falecida Cecília Mvindu. Uma morte que metem tanta dó.

10 Sábado Véspera da chegada do Senhor D. Manuel, de Luanda, para a sua visita pastoral à nossa Missão do Lucula.

Terminou o trabalho da preparação das crianças para o Sacramento da Confirmação. As crianças foram preparadas pelos catequistas Lourenço Mambuco, do Nângulo, Paulo Ubachi, de Santo Eugénio e pelo professor de Posto Inácio Conde Bambi, da Escola desta Missão.

À tardinha o P. Angelino saiu para o Chinguá a fim de ultimar naquele sub-posto os preparativos da Confirmação que também lá irá conferir sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo de Luanda.

11 Domingo Dia do Senhor. Houve, como de costume, duas missas na nossa igreja. Celebrou a primeira o P. Angelino e a segunda o P. Gabriel. Às missas comunicou-se ao povo o programa da visita pastoral.

Por volta das 17 horas, chegou vindo de Cabinda o Senhor Arcebispo D. Manuel, acompanhado pelo Senhor P. José da Rocha Ferreira, Vigário Episcopal de Cabinda. Tocou o Sino e o Koko. Tinha chegado o pai que vem visitar os seus filhos.

Infelizmente, o povo não chegou a tempo para a procissão tradicio-

-nal ao cemitério que, por isso, já se não fez. As pessoas que vieram cumprimentar o Senhor Arcebispo rezaram com os alunos internos o Terço e as Laudes na igreja. Tomou parte na oração da comunidade o Senhor Arcebispo que à capitula das vésperas dirigiu breves palavras ao povo, palavras essas alusivas ao texto do Evangelho do dia.

12 Segunda

Missa da Visita Pastoral, às 9h. No princípio pouca gente, depois bastante. Umas 3 dezenas foram confirma. Depois, o Sr. Arcebispo entreteve-se com vários grupos: catequistas, chefes de povos e cristãos. O almoço teve lugar às 13h, estando presentes o Sr. Alferes, Sofurrieis, alguns professores. Neste mesmo momento, o Sr. Arcebispo sentiu-se encomodado. A. Nanga partiu imediatamente para o Chinsura, preparar o povo para a recepção do Sr. Arcebispo. Desta vez Chinsura e arredores não se deixou vencer. Vestiu-se de gala. Eram 4h quando ecoaram pelos salvas de Ganhangulos, lá ao longe. Era o carro do ilustre antistete que chegava. Homens e mulheres, velhos e crianças, todos, mas todos num só ideal, batendo palmas, cantando e rindo, cercam o visitante ao passo que os mais velhos assentavam-no numa cadeira a embalar até à residência: Era, de facto, impressionante ao máximo!.. Sua Ex.cia Rev.ma sensibilizou-se profundamente ao ponto de dizer "ser aquela a primeira recepção no género...". Depois de cumprimentado na residencial paroquial, foram ver as obras da ponto sobre o Chiloango. Entretanto, A. Nanga preparava tudo o necessário para a Santa Missa e confirmações. Celebrou-a o Sr. V.º Rocha Ferreira, Vigário Episcopal, pregou S. Arcebispo que conferiu a 3 dezenas o Sacramento da confirmação. Outra coisa impressionante, foi o ofertório "makaba" em géneros e em dinheiro tudo para o Seminário. Em dinheiro: 17000$00

13 Terça — Dia do Chinguinguili e partida do Sr. Arcebispo para Hândana.
Logo de manhã, Sua Exc.ia Rev.ma o Sr. Arcebispo partiu para o Chinguinguili, depois de se despedir da missão, sendo acompanhado por D. Gabriel Monte Seda. O Chinguinguili reservou também uma condigna recepção ao Sr. Arcebispo. Rezou-se a missa na Igreja. Nova e antiga. Sim, na nova, em todo o sentido da palavra e na antiga pelo seu aspecto miserando: já carcomida pelas intempéries, pela sua demora etc etc. Lá se reuniu o povo de Deus; lá foram confirmadas dezenas de crianças, lá se ouviram palavras de conforto tanto para a vida espiritual dos fiéis, como para um novo esforço na continuação da Igreja. Finda a missa, foi servido um copioso almoço em que tomaram parte, policias, o Sr. Capitão e o Sr. Administrador e muito povo. Por volta das 3 h, o Sr. Arcebispo para Hândana e já tarde os missionários da missão do Lucula regressaram para a sua missão.

14 Quarta — Dia de Carnaço. Na missão, nada de extraordinário. Só dores de cabeça, por falta da maquinetta da mafuta. Veio o carro do Seminário buscar a comida para o Seminário

15 Quinta — O ambiente vai cheirando a chuvas e isto graças a Deus. Preparou-se o carro para a viagem de amanhã. Sol ardente. As obras continuam. Com a mudança do tempo, vão aparecendo vários doentes no internato.

16 Sexta. — Logo depois da missa, os dois missionários partiram para Cabinda, com destino a Hândana, onde se reune todo o clero do distrito em companhia do Sr. Arcebispo. Pelo caminho, uma intermitente chuva foi tornando difícil o trânsito, mormente, depois do Chibodo. Chegou-se tarde. Aproveitou-se o tempo para se mudarem dois retentores dos diferenciais que vertiam sempre a valvulina. A reunião começou às 17h e terminou as 18h 30, estando presente todo o clero. Às 20h, os administradores das missões e paroquia e Seminário, jantaram no Palácio do Sr. Governador. Na missão, nada de extraordinário a não ser a ausência dos dois missionários que só regressam amanhã, querendo Deus:

17 Sábado — O Curso "Nova et Vetera" preparou-se para o seu encontro amanhã no Cácata, pelo que á tarde A. Nanga, foi ao Cunda e Chinsua buscar os catequistas e cantores. Dia de sol ardente. Chuviscou um pouco, na missão, ao passo que chovia na área do Cunda. E foi tudo, quanto a este dia.

18 Domingo — Dia do Senhor. Logo de manhã, Nova et Vetera partiu para o Cácata nos carros dos Srs. Nascimento Chiota e João Baptista Mavinga. A. Nanga, ficou na missão com as duas missas. Falou-se, nas duas missas, da má vontade manifestada na recepção do Sr. Arcebispo. Depois do almoço, A. Nanga foi ao Chinsua buscar peixe tubarão. Por lá, choveu que choveu. Por toda a parte os caminhos vão se tornando difíceis. Norte.

19 Segunda — O primeiro trabalho de hoje, foi, logo de manhã correr atrás da carreira por causa do Marcelino Ruemba. Logo depois do almoço A. Nanga e Sebastião partiram para Cabinda. Levaram consigo a imagem de Santa Teresinha, oferta desta missão para o Seminário de Cabinda. Ao volante o Sebastião e A. Nanga com imagem. O fim principal foi buscar a maquineta de mafuta que se encontra na oficina há mais de dois meses. Mesmo á entrada de Cabinda-Locola, na celebre curva do desastre dos Srs. Dos Madeca, Builo e o actual Bispo Sr. D. Muaca, o carro da missão, foi brutalmente chocado por de trás por um carro (camião) da Junta que perdeu toda a razão e se comprometeu a reparar o mesmo carro.

20 → Terça — Um dia de sol. Regressou o Sebastião de Cabinda com a notícia de que o carro da missão foi chocado como se disse acima. A tardinha, passaram pela missão os Administrador do Concelho de Cabinda e Posto de Tando Zinze a ver as possibilidades que há para se arranjar um cubículo onde o enfermeiro que está colocado aqui no Lucula-Zenze, possa fazer os tratamentos até que se faça o posto sanitário previsto para o ano. A. Nanga não veu. Talvez tenha havido um contratempo qualquer.

21 Quarta — Logo depois da missa, caiu um forte aguaceiro. O céu só ficou aliviado por volta das 11h. O pluviómetro marcou mm. A noitinha A. Nanga veio de boleia.

22 Quinta — Sol ardente para secar a terra humedecida pela encharrada de ontem. Dois factos a realçar neste dia: Por volta das 11h,30, chegou Sr. Oliveira com a prensa de mafuta. Até que enfim. Ela veio nova e com cara de 12 ou mais contos de consertos. Está-se mal. No entanto, ela paga-os se Deus quiser. Chegou ao seu local abandonado, lá vão dois meses. Ela como está, pode vencer uns bons dez ou mais anos de vida normal. Visitaram-nos o Sr. Administrador do Fundo Zinze, e os do Calabube. Outro facto, é o da partida do Dr. Gabriel Nionje. Seja para Cabinda, rumo a Luanda, onde vai cumprimentar o jovem casal Ana Maria e Pegado. Foi no carro do Sr. professor João Baptista Mavinga, contrariamente ao que se combinou com o Reitor do Seminário de Cabinda, Sr. Dr. Faustino Burlo. Este devia mandar para cá o carro. Mas num tempo como este, chuvoso e cheio de surpresas, é de crer não ter ele tido possibilidades, donde a tolerância e compreensão do Cronista!... Dormiram cá o Sr. Oliveira e filho - José Luis!..

23 Sexta — Dia de trabalho e de preocupações várias. O Sr. Oliveira partiu à madrugada. Na roça, o trabalho principal é o de mafuta: Cortar dedem, digo, dendém e fazer mafuta. Só "manunga" encheram um tambor. É pena ~~que~~ seja tarde de mais. Ameaçou chover. Pelos vistos, pelos lados do Chinguinguili, caíram algumas bátegas. É de lá que veio toda a frescura de hoje, à tardinha. Às 5h ou seja às 17h 30, A. Nanga foi ao Nângulo, a pé, resolver um caso moral de uma família.

24 Sábado — Logo depois da missa, baptismos de 3 adultos e a seguir uma série de certidões. Caíram fortes bátegas. O trabalho constante é o da mafuta. Depois da escola, às 10h, os alunos foram apanhar Manunga (3 tambores). Há que se aproveitar o tempo. Casou-se em Luanda, a jovem

Ana Maria com Pegado. Que tenham um futuro próspero, futuro de amor e compreensão mútuos! À tarde, muitas crianças para o catecismo. Houve confissões no fim do catecismo. Noite!

25 Domingo — Festa de Cristo Rei. Duas missas como de costume, todas por A. Nanga. A segunda, foi quase em latim. Missa "De Angelis" a recordar o passado!.. Visitas: o Sr. Gervasio, irmão do Sr. D. Muaca, o qual almoçou e dormiu na missão, o antigo professor desta missão, Sr. Estêvão Ngimbi. Quase, por volta das 3h, caiu uma chuva forte que ocupou quase a tarde inteira. Pela primeira vez foi encontrada morta uma galinhola, o que foi muita pena. Desconhece-se o porquê. Paciência. E é tudo para hoje.

26 Segunda — Dia de registos. De manhã, sol ardente e à tarde ameaçou chover. Na roça, esforça-se por recuperar o mínimo do perdido, embora seja tarde. Nada de novo digno de nota neste dia.

27 Terça — Dia de Polícia. Por volta das 10h, veio o Sr. Administrador do Tando Zinze buscar A. Nanga para a missa dos Polícias. Almoço lá, tendo regressado, de bolera, às 15h. Já noite, um telegrama de Cabinda: Amanhã, visita do Sr. Governador. Preparar a missão é o quebra cabeça. Choveu bastante durante a noite.

28 Quarta — Dia de ocupações, por causa dos visitantes. Logo de manhã, um "fervet opus" pela missão: é na cozinha, é na varanda etc. etc. Tudo pronto, por volta das 9h e às 10h15, chegada deles. Contràriamente aos recados, os visitantes eram: o Cônsul d. Alemanha Federal, e o seu "cicerone". Visitaram a missão, ouviram a sua história e, como é da praxe, foi servido um copo de água com "binoko noko"!.. Por volta das 11h30, os visitantes partiram para o Bumulambuto, onde comeu. Depois, outros vieram visitarem-nos: os administradores do Concelho de Cabinda e do Tando Zinze. Às vinte e três horas, chegou de Luanda o Sr. Gabriel. Hoje, o machimbombo, atrasou muito, por causa duma avaria mecânica, no Subantando. Realmente, o dia de hoje foi de grande cansaço!

29 Acordamos sob aguaceiro que refrescou e muito bem o ar
Quinta matutino. Na roça, é o trabalho da mafuta, que é a grande preocupação. Estiveram cá, os do Calabube, quero dizer, o Hand da Agricultura. Almoçaram cá. E quase às 18h, uma forte tempestade, estando o céu côr de chumbo, invadiu a natureza e encheu de medo os homens em construção! E afinal, a chuva foi lenta e calma, através da noite!..

30 Tudo normal e com as mesmas preocupações da missão.
Sexta

DEZEMBRO 73

Feriado Nacional. Programa: Passeio grande dos
Sábado alunos da escola Sede. Acompanhou-os D. Nanga enquanto o Vionje Seda se entretinha com as visitas, vindos do Chiobo. Não houve catequese, como de costume e compreende-se.

Mais um dia do Senhor! Tudo como de costume. Primeiro
Domingo, portanto, "Makaba Solene" ou seja dia de Acção de Graças! Fizeram-se avisos, sobre a recepção do Sr. D. Muaca, em Malanje: foi impressionante. No entanto, dado o facto de o "mandar ser difícil, recomendou-se violência junto de Deus para a assisti-lo, no seu mister.

Encontra-se em viagem de ministério na
Zona do Chiusuá o Jaspar Nanga. Ficou na missão o Vionje Seda. Houve hoje de manhã missa cantada de "Requiem" pelo descanso eterno do plecido José Paulino, do Fubo. Choveu torrencialmente à tarde. Tendo em conta o testemunho do "chauffeur" do

maximbombo, a chuva foi geral em todo o Distrito de Cabinda.

4 Terça — Saiu esta madrugada de maximbombo para Cabinda o Monje Seda. Regressa amanhã com o regente agrícola Flávio Delgado, de Luanda, que vem partilhar a sua experiência de técnico agro-pecuário com a Missão e o povo do Lucula. A sua vinda deve-se a um pedido dos C. S. Nova et Vetus e aos esforços da irmã Maria Irene Deusdado Ferreira, de Luanda.

5 Quarta — Chegou esta manhã no avião de Luanda o regente agrícola Flávio Delgado que vem oferecer os seus préstimos ao povo do Lucula.

O carro do Seminário de Cabinda chegou a esta missão por volta das 18 horas; trazia o rev. Monje Seda que vinha acompanhado do regente agrícola Flávio Delgado. Estava já na Missão vindo dos povos da zona do Chinsuá o missionário Gaspar Vanga que aproveitou o carro do Seminário para partir para Cabinda a fim de trazer o nosso carro que tem estado na oficina.

6 Quinta — O rev. Monje Seda passeou pelas aldeias dos arredores e plantação do café e palmar da Missão com o regente agrícola Flávio Delgado para um primeiro contacto com a geografia natural e humana do Lucula. O visitante está encantado com o que lhe foi dado ver e observar.

na sua opinião, tendo em conta o que lhe foi dar ver, as perspectivas do crescimento do povo são grandes e muito boas.

7 Vespera da festa da Imaculada Conceição.

O Rev. Nionji e o prof. Xavier Fiti, do mângulo trabalharam com o regente agrícola Flávio Delgado na elaboração dum plano de trabalhos para o futuro campo experimental agro-pecuário dos C. I. Nova et Vetera, sito atrás do Mercado. A orquestra e Coro Bana ba vuvu vistu enraion à noitinha para a festa da Imaculada Conceição.

Chegou à noite, vindo de cabinda o rev. Gaspar Vanga; trouxe o carro que esteve no conserto.

Ainda à noitinha, o regente agrícola Flávio Delgado teve no secretariado provisório dos Cursos Nova et Vetera, um encontro com os elementos mais destacados dos C. I. Nova et Vetera, durante o qual apresentou os seus pontos de vista para os futuros trabalhos do campo experimental.

Solenidade da Imaculada Conceição.

Duas missas, como de costume. A segunda foi concelebrada pelos revs. Gaspar Vanga que presidiu e Nionji sida.

No fim da segunda missa, o regente-agrícola Flávio Delgado fez uma palestra no salão das festas da escola da Missão sobre economia agrícola.

9 Domingo — Dia do Senhor. Duas missas, como de costume: a primeira por A. Nanga e a 2ª pelo P. Gabriel. Dia de passeio dos mabundos com A. Nanga. Partiu-se, por volta das 10h em dois carros. O da missão e o h. João Baptista. Às 11h, celebração da Eucaristia no Macanga Grande. Almoçou-se lá, à tarde, partida para o Licoto, onde se almoçou quase segunda vez (merenda). Ambiente muito alegre, o regresso leve o seu quê de aborrecimento, por causa do carro. Já no Licoto, meteu ar e à custa se saiu dali. No Macanga, foi pior, porque lá se ficou toda a noite, tendo o João Baptista partido para a missão a avisar P. Gabriel e o Sebastião. Enfim, depois duma longa odiceia, o carro chegou à missão às 4h de madrugada e de reboque. Tal é a vida do mundo: alegria fugaz, surpresas e tristezas. Nem sempre os desejos humanos se cumprem a seu bel-prazer!..

10 Segunda — Logo de manhã, P. Gabriel e o regente agrícola, Flávio, partiram para Cabinda. Dia de grande cansaço. Toda a manhã trabalhou-se no carro que ficou pronto ao meio dia. Qual era o problema? O tubo do depósito com folga na entrada para a bomba d'alimentação! O outro carro o depósito furado. Mais uma dor de alma. Lá para baixo, é a correia da bomba d'água que se arrebentou. Tudo um contínuo mal estar dum homem!.. Todo o dia de calor intenso. Está a principiar o pequeno cacimbo. A tarde A. Nanga foi experimentar o carro e carregar as baterias do mesmo.

11 Terça — Dia sem novidade. Fez-se ainda sentir o calor bafiento de ontem. O Angelino foi dormir hoje no Chinguinguili para preparar o povo p/ o Natal.

12 Quarta — Regressou na carrinha desta tarde vindo de Cabinda o Gabriel. Deslocou-se até lá para se ir despedir do regente Agrícola Flávio Delgado que ontem tomou o avião da tarde de regresso para Luanda depois da estadia de cinco dias na nossa missão, durante a qual deu a todos nós magistrais

lições sobre a sua especialidade. O enriquecimento, creemo-lo, foi mútuo. Veio lançar as bases do futuro campo experimental da Agricultura e Pecuária que há tempos para cá ~~[illegible]~~ C. I. Nova et Vetera tem pensado organizar.

O Regente Agrícola Flávio Alves Ereio Delgado nasceu em Cabo-Verde (Ilha de Santiago) em 16 de Agosto de 1942. Fez os estudos primários e liceais (5º Ano) na sua Terra natal, ingressou na Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra em 1960, tendo acabado os estudos em Junho de 1963. Trabalhou na Junta Provincial de Povoamento (Duque de Bragança e Viana), sendo actualmente Técnico de Formulação e Encarregado da Fábrica de Rações da Cuca-Protecto em Luanda. Orientou durante a sua estadia aqui no Xenze os trabalhos de instalação do Campo Experimental dos C. I. Nova et Vetera, atrás do Mercado. É actualmente orientador-coordenador extraordinário da Secção da Agricultura e Pecuária dos C. I. Nova et Vetera.

13 A sub-comissão para a tradução dos textos litúrgicos reuniu na Missão para traduzir os textos do Natal. O Gabriel partiu depois à Tardinha para o Cácata onde dormirá para preparar o povo para o Natal. A Manga regressou hoje e neste mesmo dia chegou o R. Dr. Augusto Junqueira vindo de Cabinda, de carreira. Seja bem vindo. Fica connosco uns três dias, devendo portanto regressar no Domingo, depois do almoço. Jantamos com o Dr. Gabriel no Cácata. E é tudo para este dia.

14 Sexta — Dia de sol ardente. O programa de hoje foi visitar a missão e arredores.

15 Sábado — Sol como de costume. Ainda entre nós o Rev. Pe. Junqueira, ia dizer, o Rev. Pe. August Junqueira. O Programa de hoje: visitar a Zona 3 ½, do Chinsua, compreendendo portanto, o mesmo Chinsua, macanga, Luiano, S. Pedro Cote, onde, infelizmente, deixamos uma criança moribunda, Chiobo, onde almoçamos com o Pe. Gabriel, missionário em viagem. À tarde levou o mesmo Pe. Gabriel ao Mabiala, onde dormiu.

16 Domingo — Tudo como de costume: duas missas rezadas por A. Manga. Muita gente na segunda missa. O povo desejoso de ver Pe. August, afluiu descomunalmente. O visitante, falou agradecendo tão boa vontade para com ele e ao mesmo tempo ficou surpreendido pelos cantos, liturgia típicos. O grupo dos professores ofereceu-lhe cerveja, e o Catequista Sr. Eusébio mandou fazer uma suculenta saca folha que a todos deixou satisfeito. Depois do Almoço, A. Manga levou para Cabinda o visitante, e o Rev. Nicole seja regressou da sua viagem.

17 Segunda — Dia sem novidade. Vindo de Cabinda regressou à noitinha o Angelino.

18 Terça — Mais um dia que passou sem qualquer novidade de maior. O Gabriel saiu esta tarde para o Cunda onde disse missa e confessou. Levou-o o Angelino. O chauffeur da Missão, Sebastião Mbambi confessou-se estar cansado por ter passado esta noite na velada da criança do Paulo Ngoma, de Santo Eugénio, que faleceu ontem no Tenga (Zaire) e foi hoje enterrada no cemitério da Missão.

Também já me ia esquecendo de registar

o encerramento das aulas do primeiro ciclo na escola da Missão. Sob a orientação do professor Sr. Baptista Mariola e outros colegas seus, o encerramento revestiu-se de dignidade e muita de festa. Filme das crianças da escola retiveram presente muitos pais e mães das crianças. Participou o Angelino. Também esteve presente o Fabrício.

O Angelino saiu esta manhã para o Tubo onde foi tratar de assuntos relativos à Missão com o Administrador do Posto. Regressou para o almoço.

O Fabrício saiu logo de manhã cedo para Chinfunda onde foi dizer missa e confessar o povo. Regressou para o almoço. Veio o carro do Comissário oliveira carregar os produtos da Missão para Cabinda. O óleo de palma soma 11 tambores e o coconte 2 sacos. Trabalho de 18 dias. Voltou a vai o Angelino para Cabinda, desta vez, para ir assistir à pesagem dos produtos no armazem. Parece que tem havido pouca seriedade na pesagem...

Amanhã chuva todo o dia.

Chegaram de Cabinda no maximbombo de ontem os estudantes da área da Missão. Vêm passar as suas férias de Natal e Ano Novo junto dos Pais. Sejam bem-vindos.

Estive na Missão todo o dia o Fabrício que saiu à Tanguinha, a pé, para o triângulo de

fim de preparar a comunidade da aldeia para a festa do Natal. Fez-se acompanhar de dois alunos. O motivo da viagem a pé foi a falta de combustível no pequeno Land-Rover pois o carro grande estava ainda em Cabinda com o Angelino que só chegou quando o Gabriel já tinha partido. Dorme hoje o Gabriel no nângulo para presidir amanhã à celebração penitencial e missa.

22 Sábado Regressou da sua viagem ao nângulo esta manhã o Gabriel. Foi buscá-lo o Angelino no Land-Rover grande.

23 Domingo Dia do Senhor. Houve como de costume duas missas. Celebrou a primeira o Gabriel e a segunda o Angelino. Como sempre foi muito concorrida a segunda missa.

24 Segunda-feira Vigília do Natal. Os dois padres passaram o dia na Missão para atender de confissão os fiéis das cinco aldeias da Missão. O Angelino dirigiu também os trabalhos do presépio que este ano, diga-se de passagem, ficou excepcionalmente lindo.

As mulheres das cinco aldeias da Missão capinaram esta manhã o largo da igreja. É um costume que data de longa data.

Na nossa igreja repleta de fiéis começou à meia-noite em ponto a Missa do Natal concelebrada pelo Angelino e Gabriel. Tocou e cantou a Orquestra e coro "Bana ba Kuvu Kietu". com a solenidade e unção de sempre. As cerimónias terminaram a 1 hora da madrugada. O Angelino partiu em seguida para o Sando-Zinga onde celebrou a Missa da Aurora.

25 Terça Hoje só houve uma missa na nossa igreja, a das 9h30. Foi celebrante o Gabriel que depois partiu para o Cácata onde celebrou a terceira missa do dia para os fiéis do Sub-posto. Pode-se dizer que a mesma affluência na missa da Meia-Noite se verificou na missa do dia. De facto, o Natal é sempre Natal. Uma festa da amizade do Encontro, uma festa da unidade.

26 Quarta O Gabriel passou o dia na missão. Foi ali ao Mabiala com o prof. João Baptista, tendo voltado para o almoço. O Angelino chegou à noite vindo do Sub-posto do Chinguinguili onde ontem celebrou a terceira missa do dia.

27 Quinta Continua a não chover. Calor sufocante durante todo o dia. À noite a pedido dos familiares e por ordem do chefe, dito geral, Luís André Muanda, de Santo Eugénio, foi preso em sua casa no povo de S. José do Lucula, o Juliano Cutati. Este é acusado de ter aparecido na noite passada em sonho ao sobrinho André Avelino Kiekie, professor ou monitor escolar, que convidou para fazer coisas incríveis. Mais um caso profundamente triste e revelador. O nosso povo passados oitenta anos de cristianismo ainda admite e acredita em semelhantes disparates. Pobre do Juliano Cutati. De facto, a cegueira é a coisa mais terrível e triste que há. E eu considero culpados não só os acusadores como também o Luís André Muanda que na sua

qualidade de "chefe-geral" tem ainda a coragem e a "lata" de se arvorar em juiz para julgar semelhante caso. Infelizmente não é a primeira vez que o faz. E até esteve implicado num caso que levou a vítima ao suicídio. Mas não aprende. Talvez por se julgar e sentir senhor absoluto da situação. Eu, porém, acredito que um dia a verdade triunfará contra todos os Luíses Andrés e Alberto Kiekies que não aceitam sequer que estão no erro. O Alberto Kiekie é o pai do tal Joelino Kiekie. Os dois como o resto da família têm pela mesma cartilha. Ao fabril que os quis chamar à responsabilidade tiveram o descaramento e a ousadia de responder com arrogância.

28 Sexta — Dia da chegada do Sr. D. Muaca. Logo de manhã, preparação da missão, quartos e igreja, preparação do almoço, pois segundo a carta de Sua Ex.cia Rev.ma, "chegar a Lucula "possivelmente, antes do almoço". Esperou-se até às duas horas, nada. E por isso, A. Nanga foi ao Chiobo dar encontro. Lá se esperou até às 5h30, igualmente nada. A. Nanga foi andando até que chegou a Cabinda. Tudo uma surpresa: Sr. D. Muaca acabava de chegar de Luanda. Houve engano nas datas. 29 e não 28/12/73 a data da chegada. A. Nanga regressou à missão, tendo chegado às 23h30. Outra surpresa é a ausência do Sr. P. Sérgio que se encontra doente em Luanda.

29 Sábado — O Sr. D. Muaca, de facto, chegou. Foi-se ao encontro dele. Chegou por volta das 11h. Pouca gente. Depois do almoço, visitou S. Miguel e S. José, exclusivamente, o doente Juliano Cutati. Almoçamos com os familiares do Sr. D. Muaca. Jantar foi a mesma coisa.

30 Domingo Dia do Senhor! As mesmas missas de sempre. A segunda por Sr. Bispo. Foi concelebrada, estando presente A. Manga e Pe. Gabriel. Muita gente. Durante a missa, Sr. Bispo entregou aos irmãos (Sr. Gervásio e D. Paulina) duas lembranças do Papa Paulo VI: dois terços!.. Vicente Seda, fez a introdução à homilia - repreendendo os implicados no assunto do Juliano Cutati - o que sua Exª Revma fez igualmente. Almoço: almoço convívio dos familiares dos Padres naturais do Rucula com as suas famílias. É claro que só podia haver representações. Assim, o Sr. Dr. Sérgio, foi representado por dois irmãos, a família do Dr. Gabriel, pelos irmãos, um tio, um primo e o irmão. Comeu-se e bebeu-se num ambiente, realmente, familiar. À tardinha, A. Manga foi ao Chinsuá levar os catequistas.

31 Segunda Último dia do ano 73. Por toda a parte há preparativos, há alegria - há gritos de "Bonne Année". O Sr. D. Muaca, foi visitar uma roça de S. Miguel e A. Manga foi fazendo as compras para o almoço de amanhã. Tudo comprado por ele mesmo. 4 grades de vinho, 6 de laranjadas, 12 kilos de de arroz, 15 de feijão, 4 sacos de pão, dois quilos de sal, 5 kilos de peixe seco - tudo para o almoço que o Sr. D. Muaca oferece ao povo de S. Miguel, amanhã. À tarde, passeio para o Limano, ver a nova ponte sobre o Chiloango. Ao longo do caminho, o D. Muaca, foi alvo de entusiasmo. Mas, macanga, sobressaiu, delirou nesse entusiasmo recebendo o ilustre prelado festivamente. Os canhangoles ecoaram pelos ares, o povo vestiu-se a domingueiro, o povo cantou e discursou, tendo oferecido, dois litros de manjenvo que o Sr. Bispo provou; um litro de Constantino, um de cinzano, um de vinho e um borrego. Sim, valeu a pena!.. Depois disto, desceu-se para o Chinsuá, onde mencionou. A missão levou tudo, e o povo ofereceu uma galinha, cerveja. E regressamos para missão cheios de saudades.
Um dos últimos benefícios do Ano 73 que vai findar, dentro

de horas.

Janeiro 1974

1 Zero horas!.. Algo de novo na convenção dos homens, convenção que parece reflectir-se na natureza: o novo Ano 1974!.. Em todos os corações há alegria, há festa, há agradecimentos de todos os benefícios do velho Ano 1973, ao passo que os votos de hoje e de amanhã são de súplicas que imploram ao Bom Deus, paz, saúde e felicidades!.. E isto, porque o condicionalismo humano está sempre cheio de incertezas — verdadeira humilhação do homem neste mundo!.. Que seja bem-vindo o jovem Ano 1974!..

— Factos deste primeiro dia do Ano: —

Duas missas como de costume. A primeira, por Monje-Seda e a segunda, concelebrada, sendo oficiante principal, Sr. D. Muaca. O almoço foi em S. Miguel e foi oferecido por Sua Ecc.ª Rev.ma ao povo que o viu nascer, tendo havido muita gente. Por toda a parte, ressoavam vozes, de "Bonne Année Oye"!.. De facto, cá na terra há momentos felizes. E o povo do Lucula viveu um desses momentos, ao ver o seu Bispo neste dia tão festivo, facto que se não verificava, há vão 32 anos! E é tudo, em resumo, o que se pode registar neste festivo dia!..

2 Dia de cansaço. Missa de manhã. O almoço foi oferecido pelo Curso "Nova et Vetera" e teve lugar no mini refeitório. Tomaram parte nele, os elementos do Curso mais importantes, ia dizer os mais responsáveis na direcção e na orientação do mesmo. Houve duas palavras do P.e Gabriel, palavras de agradecimentos, palavras que tiveram uma breve e significativa resposta do Sr. D. Muaca. No fim do almoço, o Sr. Bispo partiu para Cabinda, deixando saudades em todos.

3 Quinta Saiu esta manhã para Cabinda o Angelino. Deve chegar até Lândana para trazer os livros de assentos para este ano.

Depois de uma estiagem de quase mês e meio voltou a cair a chuva esta noite.

4 Sexta A chuva da noite prolongou-se até ao amanhecer do dia de hoje. Graças a ela a natureza acordou hoje com um ar de festa.

Passou o dia sem qualquer acontecimento de vulto.

5 Sábado Logo depois da missa foi chamado o Gabriel para ir sacramentar um moribundo de S. João que sempre acabou por morrer. O moribundo chamava-se Brás Manlimba e tinha os seus dezassete anos. Não há muito que foi atacado pela doença que o vitimou. Infelizmente, o S. João de ontem é ainda o mesmo de ontem: um povo que na sua maioria não se deixa trabalhar pela levedura do Evangelho que se pega até às suas portas. Não admira que o moribundo já com a idade de dezassete anos não tenha feito ainda a primeira comunhão... O sacerdote quando chegou ao quarto do moribundo já este havia pelo menos uma hora que perdera a fala. No entanto, fez ainda o que se pode e deve fazer em semelhante caso.

O Gabriel começou a sofrer hoje duma infecção no pé pelo que passou a tarde com febre. Veio tratá-lo o catequista enfermeiro da Missão Carlos Maria Pires.

6 Domingo — Dia da Epifania do Senhor. Duas missas como de costume, todas regadas por A. Nanga, em virtude de o Revdo. Dr. Gabriel se encontrar ainda doente. Houve beija menino, pela última vez. Não houve "makaba solene" neste primeiro Domingo, por falta de aviso. No fim da Missa, os elementos responsáveis do Curso fizeram a sua habitual reunião neste dia.

7 Segunda — O Dr. Gabriel ainda de cama. Tudo como de costume e sem algo de importante a registar. Sol, calor e febres.

8 Terça — Começou-se a desfazer o presépio. A escola Sede, merece vigilância, por parte dos professores que se vão descuidando cada vez mais no seu mister, o que pode prejudicar o ambiente escolar. Ameaçou chover. Ainda de cama o Rev. Nionje Seda

9 Quarta — Madrugada de sobressaltos na população. Um forte tiroteio por causa dum porco. Viu-se um porco, por sinal do João Baptista — no cerco do Quartel e julgou-se ser um terrorista e vai daí — rajadas contra o pobre animal que ficou esfacelado. Veja o efeito do medo e da desconfiança incontroláveis!.. Dia de grande sol até às 18h. Nionje Seda, ainda de cama e com paludismo.

10 Quinta — O dia amanheceu sob bátegas fortes e intermitentes. A. Nanga levou doentes para o Bonde e à tarde foi a Cabinda, levantar subsídios de há três meses. Pela missão, os mesmos sintomas de paludismo, o mesmo ambiente de sol ardente, calor e um geral malestar. Nionje Seda, já se levanta um pouco.

11 Sexta — Na missão, só Dr. Gabriel. Como ontem, chuva de manhã, a mesma talvez que caiu torrencialmente em Cabinda, das 3h às 11h de dia. Os internos vão limpando a missão aos poucos. O mini refeitório vai, satisfazendo, aos poucos, a sua clientela. Já se comem lá pratos a gosto do cliente. Parabéns!. Noite e fim do dia

12 Sábado — Tudo como de costumes. A. Manga, com sintomas de paludismo. Horrível será estarem os dois missionários de Cama!.. Hoje, pode dizer-se que começou uma nova fase na estruturação da catequese paroquial de que é incarregado Dº Gabriel. Todos os professores aceitaram o convite que lhes foi feito — de resto, uma obrigação cristã, proveniente do "novo mandamento de Cristo na última ceia da Quinta feira Santa". Por volta das 16h,30 — estava a missão cheia de criança — umas 200. Fizeram-se listas e distribuiram-se as classes. No fim, fizeram a oração da noite.

13 Domingo — Festa do Baptismo do Senhor!.. Duas missas. A primeira rezada pelo Dº Gabriel e com grande esforço. Houve na segunda, "Makaba" do primeiro Domingo. Escolheu-se este domingo (o 2º), por não ter havido avizo. Houve dois baptizados: os filhos do enfermeiro João Kabote e o do Lourenço Muanda. Sol ardente até às 6h.

14 Segunda — Missa cantada com procissão ao Cemitério pela alma de Braz Manlimba. O mesmo ambiente de sol, de trabalho. Às dez horas Houve encontro de professores com os missionários, encontro em que se trataram vários problemas escolares. Valeu a pena, tal encontro. Neste mesmo dia foi nomeado um cantorista — o Sr. Hilário. Começou hoje as suas actividades.

15. Terça — Mais uma missa cantada de Requiem c/ procissão pela intenção do Sr. Juliano Cutati. Sol ardente. À tarde fortes bátegas refrescaram a natureza. A. Manga, foi ao Cunda levar Dº Gabriel que lá dorme por causa da festa da Padroeira.

16 Quarta — Dia da Padroeira da Missão: Nossa Senhora das Vitórias! Ignora-se o porquê deste dia e deste título!.. E porque não ligar este dia ao da fundação — 6 de Junho de 1893?.. Enfim, seja como fôr, nós vamos festejar a Padroeira, no próximo Domingo — 20/1/74.

17 Quinta — Dia fresco e a ameaçar chuva. Tudo normal. Na roça, continua o mesmo trabalho de mafuta e coconote. Cá em cima, o trabalho de acabamento do refeitório dos alunos e na Nova et Vetera, a construção da nova capoeira. É tudo o que se pode dizer deste dia!

18 Sexta — Como ontem, um dia fresco e quase chuvoso. Às onze horas A. Xanga foi à Administração saber o número do censo populacional. 9.080? Será mesmo verdade? Estimativamente, sim. Se o dia começou fresco, terminou quente como tudo.

19 Sábado — O mesmo ambiente de calor. Como de costume, houve catequese à tarde. A. Xanga deslocou-se a Cácata tratar de um assunto de Nova et Vetera. E o dia terminou sem nada digno de nota.

20 Domingo — Acordou-se sob chuva intermitente, o que dificultou grandemente as missas e o cumprimento do preceito dominical. A primeira missa rezou-a o Dr. Gabriel e seus participantes graus; a segunda, só começou às 10h, ainda assim com pouca gente.

21 Segunda — Dia sem novidades. Sol, calor e à tardinha, chuva e vento, eis o dia 21, festa de Santa Inês. Recomeçaram as obras da futura Sede dos Cursos Nova et Vetera.

22 Terça — O Rev. Dr. Gabriel foi ao Cácata, onde deve dormir hoje e amanhã partir para Cabinda. Chuviscou um pouco. Passou por aqui o Sr. Administrador do Conselho e escolheu-se um lugar para o dispensário — perto da escola Sede.

23 Quarta — Tudo como de costume. Os alunos da escola-Sede começaram hoje a comer o pão da Cantina escolar. Duas vezes por semana, pão e manteiga e outros tantos dias pão com bite. É claro que não chega, porque a verba é pouca. Estiveram cá os Srs. Oliveira e Cardoso. Parece que a mafuta e coconote subiram mais uma vez. Oxalá continue tal preço. O Dr. Gabriel, em Cabinda, devendo regressar amanhã.

24 Quinta — Sol e calor. A-Nanga foi ao Bonde Pequeno levar um doente vindo do Zaire. Como factos dignos de nota neste dia, temos a visita da PIDE ou D.C.S. à tarde, parou na Praça Nova et Vetera, a fastidiosa notícia da morte de um grande filho de Cabinda. O Luis Sambo, Homem na sociedade da medicina, homem pioneiro do mundo da musica, clássica, e moderna, em Angola, homem conhecedor das maravilhas medicinais que existem "dans la Belle nature de Dieu". Luis Sambo desapareceu no mundo dos vivos, e deixou-se vivo nos corações de todos os curados por ele, nos corações dos Cabindas, nos corações dos amigos. Marido, mulher e uma criança, vítimas de um brutal acidente de viação no caminho do Dondo. Paz às suas almas!.. O último facto do dia, chuvisco e vento, e o regresso do Sr. Gabriel com Marcelino Luemba, por volta de meia noite.

25 Sexta — O mesmo ambiente de sol e calor. Festa rija no Bonde - eleição do Mansasa e mabonde. Para lá se deslocaram muitos. Não houve nada de extraordinário na missão. O Luemba regressou para Cabinda, logo depois do almoço.

26 Sábado — Ontem, tremendo desastre na curva do N Dungo Buba. O carro do Calabuco embateu-se fortemente numa palmeira que se sossobrou imediatamente. Coisa admirável, incrível, mas uma realidade!.. um morto, três feridos graves. O que morreu era irmão do Tinei. O carro irreconhecível: motor partido, suspensão e chassi partidos, caixa de velocidade arrebentada cabina etc etc Tudo destroços. Horrível!..

27 Domingo — Dia do Senhor. As duas missas de costume. A-Nanga rezou a primeira e foi a Cabinda, procurar hóstias. Regressou à noite. Tudo do Domingo. Cácata desolado por causa do acidente da Sexta feira.

28 Segunda — A vida continua com o mesmo ritmo. Dia de trabalho. O Cartorista vai aprendendo aos poucos. Será um grande alívio para os missionários. Prepararam-se os produtos que vão amanhã para Cabinda. Ameaçou chover.

29 Terça — Logo de manhã veio o carro do Luis mangoso carregar os produtos da Missão: 12 tambores d'óleo e 11 sacos de coconote. A Manga acompanhou o carro para Cabinda, devendo regressar amanhã. Na Missão, tudo normal.

30 Quarta — O mesmo ambiente na Missão. Em Cabinda, A. Manga ia ler um desastre mortal. Perda de travões depois do Manuel d'Eira. Ia matando dois rapazes!.. Não os tocou, felizmente. Ainda assim, teve que levá-los ao hospital, por causa de escoriações numa criança, escoriações provenientes da queda sofrida. Sorte!..

31 Quinta — Último dia do primeiro mês. Por volta das 10h, tremendo vendável sacudiu a natureza, tendo havido nos povos casas caídas. Choveu e bem. Com este dia que passa, mas um passo para o fim do ano e para a eternidade!

FEVEREIRO 1974

1 Sexta — Segundo mês. Foi um engano ter havido feriado, a nível do Concelho de Cabinda, em prol do Tratado do Simulambuco!.. Com efeito, por determinação superior, o feriado do Simulambuco foi transferido para o dia da festa da cidade — dia da cidade de Cabinda, 28 de maio de cada ano!.. Devido ao engano lamentável, não houve aulas, tendo os professores ido a Cabinda — tratar dos seus interesses. Infelizmente, em Cabinda, trabalhou-se normalmente. Na Missão, tudo normal. Só, uma coisa estranha: uma fastidiosa notícia — boato! — sobre o desastre que teria sido vítima o jovem e laborioso sacerdote Dr. João de Brito Mayamba que — segundo se disse — teria fraturado o braço em 3 posições e que se encontra em Ruanda. Não se sabe até que ponto isto é verdade, pelo que se escreveu, urgentemente, para Cabinda sobre o caso. Aguardemos! Noite e fim do dia!.

2 Sábado — Faleceu mais uma criança recém-nascida no Chindende. A mesma doença que vi-

mou há três dias uma outra criança recém-nascida do mesmo povo sobrinha-neta do reverendo Vionje-Seda vitimou também esta criança: o Terrível Tétano. As mães ainda não se habituaram a consultas médicas pre-natais e post-natais, o resultado é este espectáculo triste de quase todos os dias. A mortandade infantil continua a ser um flagelo entre nós.

Hoje de manhã a missa do dia foi solenizada na nossa igreja por se tratar do dia da Apresentação de Nossa Senhora no Templo. Antes da missa houve a costumada benção e procissão das velas.

3 Dia do Senhor. A primeira missa foi celebrada pelo rev. Angelino que depois saiu em viagem de ministério para a zona do sub-posto do Chinsuá. Vionje-Seda presidiu à celebração da Eucaristia da Comunidade, às 9,30 horas. Por ser o primeiro domingo do mês, o ofertório foi por povos como é já de tradição.

No fim da missa das 9h30 reuniu na sala provisória do secretariado dos C. I. Nova et Vetera o conselho dos cursos para sua sessão mensal. Para ela vieram os três delegados de Zona, Sebastião Lubongo, Sebastião Ngumba e João dos Santos Nzau Biamina, respectivamente catequistas do Chinsuá, Cunda e Nhengu-Bube Grande.

4 Sej. Amanhecem o dia surumbático. Horas depois caía uma torrencial chuva que deixou consolada a natureza. A Tardinha, Vionje Seda deslocou-se até ao Chinsua na carrinha pequena da Missão com o Mestre Sebastião Ubambi e o seu ajudante Gabriel Ypimi que trouxeram de regresso as duas carrinhas.

5 Terça Também hoje o dia amanhecem triste. Ameaçou todo o dia chuva que acabou por não cair.

Passou por aqui o Senhor Celestino, de Cabinda, um velho amigo da Missão. Prometeu voltar com mais vagar para almoçar connosco um destes próximos dias.

6 Quarta As mulheres das cinco aldeias cristãs da Missão capinaram o terreno do futuro Dispensário que ficará junto à Escola Sede.

Caiu chuva nos terrenos do Povo de Santo Eugénio.

7 Quinta Saiu esta manhã para o Ndungu-Buba onde cantou missa de "requiem" pelo descanso eterno do falecido André Donkese, daquela aldeia, o rev. Gabriel que só regressou para a Missão à noite, de carreira. Dia sem novidades.

8 Sexta Tivemos a visita do Reitor do Seminário de Cabinda, Pe Faustino Buillu, que almoçou connosco. Veio buscar os géneros alimentícios recolhidos no domingo passado na Zona 2, para o Seminário.

Infelizmente, a palavra participação ainda continua a não dizer algo em muitos. O carro veio e só carregou no chiobo, Cácata-Chimpolo, Cácata, Ndungu-Buba e Ndotshe-Mana. Nas outras aldeias quando se preguntava pelos generos, a reacção era de pasmo e encolhimento de ombros apesar da propaganda que se fez a favor da ideia. Mas não se pode, não se deve desanimar. O seminário precisa da nossa atenção e generosidade.

9 Sábado Passou o dia sem novidades. À noite chegou na companhia do rev. Angelino, o rev. João Mayamba; de Lândana que veio visitar-nos e passar connosco algumas horas do domingo.

10 Domingo. Celebrou a primeira missa o rev. Gabriel. A 2ª foi concelebrada pelos três padres presentes na Missão. Presidiu à concelebração o rev. João Mayamba. Chovou na altura da segunda missa. Depois do almoço partiu de regresso para Lândana o rev. João Mayamba. Também partiu de novo o rev. Angelino para a viagem de ministério, desta vez na zona do Chinguinguili. Ficou na Missão o rev. Gabriel.

11 Segunda Houve hoje de manhã na nossa igreja missa cantada de requiem pela alma da falecida tia do rev. Gabriel, Eugénia Kuese Seda. Cantou-se em primeira audição

a nova missa composta pelo rev. Gabriel, intitulada "Misa mi batuama": Missa dos que nos precederam na vida, na fé e na eternidade. O salmo responsorial "Va Katika Ligenga" (De profundis) também hoje cantado em primeira audição é da composição do catequista-enfermeiro Carlos Maria Peso, de Santo Eugénio.

A "Misa mi batuama" pretende prencher a lacuna duma missa apropriada para a celebração da Eucaristia pelos defuntos, em substituição da antiga missa de requiem em latim que o povo nunca entendeu. A composição muito simples na sua ~~composição~~ estruturação, fê-la o autor em tom menor da música africana, quase na mesma linha da outra sua composição a "Misa Lukamemu mu Vuvu" que ficou a ser a missa solene de sempre, a missa das celebrações.

12 Terça Dia de calor abafiento. À tarde caiu chuva.

13 Quarta Faleceu nas primeiras horas desta manhã no Cacata aonde fora transportada com urgência a esposa do Afonso Conde, de Santo Eugénio, Vitorina Lunyanga, vítima de tétano, motivado por um ferimento na mão. Também faleceu esta manhã uma criança de S. Miguel, esta vítima da epidemia de tosse convulsa que está outra vez a alastrar-se nestes dias entre nós.

14 Quinta Foi levada hoje a enterrar por volta das 11 horas da manhã a senhora que faleceu

ontem em Santo Eugénio. Presidiu às cerimónias do funeral que incorporou muito povo o rio Gabriel.

15 Sexta — Procedeu-se hoje à pavimentação do novo refeitório dos alunos da Missão. Trabalho duro que apesar de ter começado cedo terminou às 10 horas da noite. Trabalharam quatro pedreiros e três ajudantes. O refeitório sempre fica uma obra que valeu a pena começar.

16 Sábado — Saiu hoje para as catequeses em vigor de ministério o rio Gabriel. A zona do serviço desta vez é a zona 2, sub-posto do Cicata.

Todo o dia o calor foi de morte. Talvez caia logo à noite uma boa chuva que já está a fazer falta. À noite, chegou A. Nanga. Terminou a quinzena, tendo visitado as duas zonas de Chinsuá e Chinguinguili e mais uma catequese nova "Ngeze" que recebeu por Padroeira: Santa Teresa.

17 Domingo — Dia do Senhor. As duas missas por A. Nanga. Ameaçou chover. Quase à tardinha, chegaram as madres mercedárias e o Rev. Dr. Geraldo. Vieram visitar-nos. Lá se preparou na mini refeitório uma pequena merenda. Visitaram a missão e o povo de S. Miguel, aldeia do Sr. D. Eduardo André Muaca. Muita gente curiosa. São estas madres que virão trabalhar cá. Por volta das 5h regressaram para Cabinda, tendo deixado em cada coração muita saudade. Houve depois um enterro de uma criança de S. João. A. Nanga seguiu para Cabinda a fim de levantar as Boas-Festas do Natal. Chuviscou um pouco.

18 Segunda — Sol e calor, eis o ambiente dominante, neste dia. Nada houve de extraordinário houve na missão. À noite, A. Nanga regressou de Cabinda.

19 Terça — O mesmo ambiente de calor. Toda a manhã ocupada por visitas - os Srs. Administradores do Concelho de Cabinda e do Tando Zinze. Chuviscou um pouco. A tardinha, A. Nanga foi buscar Dr. Gabriel que dormiu no chiobo, tendo voltado com o carro cheio de milho, banana e ginguba para os alunos internos da missão.

20 Quinta — Sol, calor resumem o ambiente do dia. A lâmpade do Santíssimo Sacramento agora é a petróleo em vez de mafuta. É mais decente. Na missão, nada de extraordinário. A tardinha, ia chover.

21 Quinta — O mesmo sol ardente, de manhã até à noite. O Rev. Gabriel regressou à missão para um descanso de um dia, devendo recomeçar a sua viagem no Sábado. Como ontem, ameaçou chover. A vida torna-se cada vez mais cara em Cabinda. 15$00 o kilo de feijão.

22 Sexta — Ambiente de sol, como de costume. Ameaça da chuva que não cai. Pela missão, trabalho. O feijão dá dores de cabeça.

23 Sábado — Calor como sempre. A tarde, o Dr. Gabriel foi ao Chindende onde pernoitou com os responsáveis dos Cursos Nova et Vetera. De manhã, A. Nanga teve baptismo na missão.

24 Domingo — Domingo do Senhor. O Rev. Gabriel no Chindende; na missão ficou o outro missionário. Houve, depois do almoço, chuva intermitente que ocupou toda a tarde. O Dr. Gabriel regressou da sua viagem. Ontem o carro, de regresso da viagem com Sebastião, avariou na Bomba d'água. Aborrecimento d'um homem.

25 Segunda — Reunião do Clero em Cabinda. Apesar d'avaria da Bomba lá fomos com muito custo - 3h. 30 de viagem. O primeiro trabalho foi comprar um jogo de reparação para a Bomba. Pela missão, tudo normal. A. Nanga regressou à noite com Sr. Oliveira que veio descansar um pouco. O Rev. Nionje Seda, deve chegar amanhã com o Sr. Dr. Faustino Reitor do

Seminário de Cabinda. Veio buscar um pouco de arroz.

6 ...ça O mesmo ambiente de saturação da natureza - calor. Último dia do Carnaval. Chegaram os dois Reverendos - Faustino e Gabriel. Comece-se no mini refeitório. Foram ao Mângulo, visitar o Afonso pai do Paulo, jovem seminarista.

7 ...arta O Rev. Dr. Gabriel foi ao Mabiala fazer o serviço de hoje - as cinzas. A Nanga ficou na Missão. Muita gente na Missa das cinzas. Neste primeiro dia da Quaresma houve o que há de mais aborrecido - Surpresas. Eusébio em estado de Coma. Horrível. A Nanga, num vai vem contínuo, levou para o Cácata, foi avisar o Dr. Gabriel que se encontrava no Mabiala e foram ao Cácata tendo seguido para Cabinda avisar a família - a filha e o Gabriel. É mais uma recaída. O Sr. Eusébio caiu, digo, recaiu já no Domingo e nada se disse, o que foi um grande erro humano. A Nanga regressou muito tarde, por volta das 3h de madrugada. Que Deus o guarde e o defenda, com a sua misericórdia.

8 ...inta Último dia de Fevereiro. Logo de manhã, os dois missionários foram visitar o doente Eusébio - Está na mesma. É triste. Tudo como de costume. Recomeçou o trabalho do refeitório dos alunos. A chuva só ameaça. Pelo menos, passou-se uma tarde fresca. Não houve nada de extraordinário.

Março 74

1 ...ta Março, o 3º Mês do Ano - passa la Palisse!!!.. Ainda sob o pesadelo da doença do catequista Eusébio!.. Miséria humana! Dia do passeio da 4ª classe dos alunos do professor Inácio. Foram nos carros da Missão e do Sr. João Baptista, com destino á Ponte sobre o Chiloango. Lá se passou o dia todo. Na Missão, nada de extraordinário.

2 Sábado — Sol e Calor. O Catequista Eusébio vai melhorando aos poucos. Pela Missão, tudo normal, quero dizer, estamos com as mesmas ocupações - os meus trabalhos na roça, na obra do refatório etc etc. Dia quente até à tarde.

3 Domingo — Dia do Senhor. 1º Domingo da Quaresma. Duas missas: a 1ª por A. Nanga e a 2ª pelo Dr. Gabriel Monje Seva. Esta começou com muito pouca gente. Falou-se, em todas elas, do Ano Santo e como fazê-lo, melhor, como prepará-lo. Mas tudo está aparecer um tanto confuso, um tanto carregado. É o mês das contas, mês da celebração do Ano Santo, e mês da preparação da Páscoa!.. Tudo isto em tão pouco tempo!..

4 Segunda — Houve, de manhã, missa cantada de Requiem com procissão pela alma do falecido Afonso. Contas do pagamento do pessoal. Último dia das aulas. À tarde os dois missionários foram a Chindende, sacramentar uma enferma "Rosa". Nesta mesma tarde, morreu uma criança em S. João.

5 Terça — Calor, logo de manhã. Ficou de vir cá o carro do Seminário. Esperámo-lo até às quinze horas, hora do nosso almoço hoje. Infelizmente, não apareceu, pelo que A. Nanga teve que ir para os lados do Chinsuá onde reuniu uma boa carrada de mandioca, banana, milho, jinguba e acabou por partir para Cabindas às 22.30h. Dia de grande cansaço. Passou por cá o Sr. Administrador do Concelho com o programa do Sr. Secretário Geral do Governador Geral, o qual visita a missão no dia 19/3/74. Realmente, este mês e o próximo são de grandes ocupações e cansuras. É a semana da reconciliação, em cada missão, são os trabalhos da preparação da Páscoa, é a semana Santa, são as visitas, tudo, mas tudo vai (e é já) um quebra-cabeça para os missionários. Oxalá, que haja saúde!

6 Quarta — Logo de madrugada, seguiu para Cabinda, de carreira, o Dr. Gabriel, a fim de receber a irmã Adelaide que fica uma semana na missão do Lucula. Na missão nada de extraordinário.

Sol e calor. Às 8h de noite, chegaram os dois missionários com a irmã Adelaide. Há quase dois anos que não vê Rucula. Que seja bem vindo. A Nanga foi a Cabinda Jorjo, buscar a Maria Adelaide que vem passar entre nós alguns dias.

Também se deslocou para Cabinda, Nionje Seda, com o mesmo fim. Na missão, nada de extraordinário. Sol calor e mal estar geral, em todos, eis o dia. Os dois missionários com a Maria Adelaide chegaram, por volta das 19h30, a esta missão. Sede Bem vinda:

Veio o Sr. Cardoso comprar-nos o óleo de palma da missão. Parece melhor assim do que pagar o frete dos 700 a 800$00. Só claro que se perdem centavos, centavos esses que não perfazem o custo do frete Rucula-Cabinda. Vamos entrar na semana da reconciliação!.. Entre nós, como se disse, a Maria Adelaide que vem descansar, um pouco.

O mesmo ambiente destes dias. Desta vez, o Sr. Rui levava-nos o coconote, mas o carro dele estragou-se no Chimpelo e... adeus, Dia sem notícias, novidades ou qualquer coisa que valha para o registo a não ser o Baptismo de várias crianças logo depois da missão. Foi oficiante o Rev. Dr. Gabriel Nionje Seda. Também foi baptizado a criança do professor João Baptista que depois ofereceu à noitinha um copo de água no mini-refeitório. Pela tardinha, ~~Rev~~ Nanga, partiu para o Chinona, onde pernoita devendo rezar missa amanhã-Domingo.

Dia do Senhor! Na missão, as missas foram rezadas por Nionje Seda. Depois da missa, a Maria Adelaide deu uma conferência sobordinada ao tema: "as crianças". Só que a Maria Adelaide

Dia da Reunião do Clero do Distrito. Logo de manhã, partimos com a Maria Adelaide, tendo chegado a Cabinda às 10h. Na missão como facto importante, temos a morte da mãe do

professor João Baptista Mavinga, às 12h30. Depois duma longa doença, a D. deixou este vale de lágrimas. Dia de luto para a família Mavinga e amigos. A notícia correu celere e em pouco tempo um formigueiro de gente espalhava-se por todo o povo de S.D. Eugénio. A morte é a mais terrível e triste alienação do homem neste mundo. Com a morte, tudo cessa! Cessam as misérias, as doenças, a pobreza, a riqueza (outra miséria humana...), cessam as vaidades; o orgulho, a beleza criada, o egoísmo (o meu, o teu...) etc etc!.. A morte coloca o homem perante uma realidade inevitável; deixar tudo, para entrar num mundo totalmente diferente!
A morte dum conhecido deve ser para o homem, uma lembrança do que nos espera hoje ou amanhã! Hodie mihi, cras tibi!
À noite, tremenda chuva caiu sobre o Nzenze, precisamente, quase à chegada dos dois missionários.

12 Terça. Dia de luto. A Nanga, rezou a primeira missa e o Dr. Gabriel, a exequial, às 14h. Foi concelebrada. Muita gente. Tanta lágrima!..
Quase no fim da missa, um vendavel abalou Nzenze, com um forte chuvisco. E foi nesse momento que se enterrou a mãe do professor João Baptista Mavinga. A Nanga, passou quase por todas as catequeses a fim de deixar os impressos da semana da reconciliação e renovação no Nzenze e avisar os catequistas que devem estar na recolecção da 5ª até ao Domingo. Eis o programa a nível distrital: 11-17 = Lucula e Lândana.
18-24 = Cabinda e Maiombe. 25-31 = Paróquia da Cidade.
É na paróquia que se encerra a semana da Reconciliação!

13 Quarta. Em todas as missões e paróquias começaram já o ano Sant. Para nós em Cabinda, fez-se um programa (cf. dia anterior). Hoje é que a missão do Lucula devia começar a semana da Reconciliação. Mas, por razões alheias à nossa vontade só amanhã é que se começa com a vinda os catequistas. Na missão, nada d. extraordinário. Contràriamente ao dia de ontem, dia fresco, hoje houve calor. Ainda entre nós a Maria Adelaide que, de manhã e tarde, trabalha com o Dr. Gabriel. Mais um doente gravíssimo - o Alípio de S. João.

4 Hoje a missa foi em português, contrariamente ao que tem sido, em atenção
nta à Maria Adelaide. A nossa visitante continuou com o seu trabalho no
gabinete dos C.I. com o Rei Dr. Gabriel, trabalho esse que terminou
com o encontro dos responsáveis dos Cursos. O almoço da despedida
foi no mini refeitório, oferta dos Cursos. Às 14h, A. Nanga, levou
a visitante para o Cabessanga, onde se deve encontrar o carro
da missão do Maiombe. Neste mesmo momento, chuveu e bem o
que dificultou a viagem para Cabinda. Por volta das 21h, chegou
A. Nanga com o Rei Dr. Faustino Builo, Reitor do Seminário de Cabinda
o qual veio ajudar os missionários desta missão, nesta semana da
reconciliação. Que seja bem vindo!..

5 Ainda nas celebrações d'abertura do Ano Santo. Na prática
ta. começamos hoje a abertura do Ano Santo com seguinte programa:
Depois do pequeno almoço - encontro dos 3 padres - Builo, Nicoll Seda e
Nanga - às 9h - conferência dos catequistas pelo Dr. Gabriel, sobre
o sentido do ano Santo. Almoço às 12h30; 3h - conferência dos cate-
quistas pelo A. Nanga. Às 19h Celebração da Palavra, sobre os
temas propostos. Houve bastante gente. Estão entre nós quase
todos os catequistas d'Área, com a excepção de 3 - Macacama-
nzila, Macanga Grande e Chindende, digo, Nângulo. Tudo está de-
correndo bem graças a Deus. Pena é não ter havido tempo sufi-
ciente para uma preparação condigna. Paciência. Que haja, ao
menos uma boa vontade cristã.

ado Segundo dia da semana da renovação. O mesmo programa de
ontem: conferências aos catequistas, ambiente recreativo. À noite,
digo, à tardinha - pelas 19h, houve a comovente celebração pe-
nitencial presidida pelo Reitor do Seminário de Cabinda, Dr.
José Maria Faustino Builo. Foi de facto muito eficaz para
com todos!.. Depois confissões e muitos. Jantar e serão dos
Padres com os catequistas na varanda. Lá se falou conversando
e lá se bebeu cerveja. Realmente, há forças irresistíveis para
o homem deste mundo -

17 Domingo Dia do Senhor. Encerramento da abertura do Ano Santo. As duas missas de Costume. Muita gente. À madrugada. A. Nanga foi chamado para um doente, teve que ir ao Chinsuá, não tendo chegado á hora da missa de que foi oficiante principal, o Revdo. Dr. Faustino Brito, Reitor do Seminário de Cabinda. Almoçou-se no mini refeitório juntamente com os catequistas. Horas alegres, as de hoje. Quase ás duas horas chegou o irmão Bartolomeu com alguns seminaristas. Veio buscar o Reitor do Seminário. A missão do Quarta muito grata despediu-se do Revdo. Dr. Faustino que com as palavras eficazes veio dar, cre-se, mais um passo na santificação desta cristandade.

18 Segunda Dia de cansaço. Dia de Sol ardente e calor. O trabalho vai se aglomerando, os programas idem. A Páscoa está próxima. Como preparar os povos, neste estado de coisa. A. Nanga foi a Cabinda. Em tempo, não foi, por motivos alheios a sua vontade. A viagem ficou adiada.

19 Terça O Revdo. Gabriel está preparar a sua viagem para Maiombe. Em principio A. Nanga devia ir para Cabinda para o mesmo trabalho: ajudar a preparar a abertura do Ano Santo, nessas missões. O Sr. Alípio morreu e que morte!.. Quase abandonado. Poucos carpideiras. Razão: Era feiticeiro. A hora do enterro, confusão entre o chefe geral. Pois André e A. Nanga. A ganância de mandar transtorna pessoas e vai daí a falta de respeito, até em casas alheias. Ora, a missão tem o direito de fazer os seus programas, quanto mais não seja tratando-se dos enterros. O respeito pelas vinte e quatro horas recomendadas pelas autoridades e até mesmo pelo senso comum. Mas há que se julgue ser tudo e em todos os lugares. É o caso do chefe geral em questão!.. O enterro foi com missa solene de dois padres. Pelo menos, a miséria do nosso Alípio, acabou neste mundo. Foi descansar, queira Deus!. As Sr. A. Nanga partiu para o Chinsuá, onde deve cantar amanhã, a missa do Jorge Mosse.

20 Quarta Hoje é que o Pe. Gabriel devia partir para o Maiombe. Chegou

Vº Brito buscar Vº Gabriel. Trouxe o programa de a viagem ser só amanhã, por causa da missa do Chinsua. Na Missão, nada de extraordinário.

21 Dia de partida do Vº Gabriel para o Maiombe. Foram, por volta
uinta das 11h. E A. Manga partiu por volta das 4h e no meio de Chuva.

22 A. Manga em Cabinda, mandar consertar o motor de arranque. Fi-
xta com o K. É horrível, andar com o carro assim. Regressou à noite à Missão.

23 Sozinho na Missão. Neste dia Maiombe e Cabinda em celebra-
ábado ções penitenciais - abertura do Ano Santo. Soube de fonte oficial que o Sr. Secretário Geral chega a esta Missão na Terça. Dias de grande trabalho esses que se vão seguir! Há-que se aguentar. Que baja só saude!

4 Dia do Senhor. Festa de S. José e em S. José em atenção ao Sr. Vº
ingo José - o falecido. Dia de trabalho, ir e vir - nem houve tempo para uma conversa com o de S. José - É que, além da missa, houve várias visitas - um automóvel de Cabinda, o Sr. Paixão, a Pide, e foi-se buscar o Sr. Administrador do Massabi e nada. E o dia foi passando, nesta preocupação e trabalho.

5 Preparação da vinda do Sr. Secretário Geral - um vai-vém contínuo
quenda na procura do material, na procura de boas vontades e na preparação do necessário. Durmiu-se muito tarde nesses por causa deste trabalho.

6 Visita de Sua Exª o Senhor Secretário Geral - Tenente Coronel
ça Carneiro. Logo de manhã, aprontar tudo - comida - bebida e ornamentação da Missão. Chegaram por volta das 10h30. Faziam parte da comitiva, os Senhores Governador de Cabinda, Governador da Lunda, Comandante da Polícia, jornalistas vindo de Luanda, Pide e muitas outras entidades civis e militares. O Estão Capitão Carneiro, nome daqueles dias, ainda conheceu os que andaram com ele - nos dias de 61 - os Oliveira, Sr. Rui, Isabel Zinga etc com

quais falou demoradamente. Cantou-se, discursou-se e dançou-se. Dança executada pelo Grupo do Nângulo. Tudo alegrou os visitantes. Depois foi servido um razoável copo d'água na varanda da Missão. Por volta do meio dia, partiram para o Bumulambuto, onde almoçaram. Na Missão, o trabalho foi de arrumar as coisas.

27 Quinta — Dia de cansaço. Consta-nos que Gabriel está doente, devendo, talvez, ser operado. E isto em vésperas da Pascoa. Escreveu-se para lá uma carta. Os mesmos trabalhos na Missão.

28 Quinta — Sol e mais sol que intorpece os corpos pelo dia fora. Chega-nos agora a triste notícia da morte do Sr. Cristo - homem, digamos, de bem. Partiu, adiantou-se para a nossa vida - para a eternidade!.. O casamento do Sr. Rafael Ndoche tornou-se assim um problema.

29 Sexta — Véspera dos casamentos. Sempre chegou o Rafael e disposto a casar-se no mesmo dia, isto é, amanhã. Dia de preparação dos casamentos. Todo o dia, um vai vem contínuo, transporte das coisas do casamento. À noite, chegou o Dr. Gabriel a coxear, por causa da operação do pé. Oxalá, passe depressa isso!..

30 Sábado — Dia de Casamentos - dois na Missão às 11h e um no Cacata, o já celebre António, nas suas promessas do casamento. A 1h teve que se levar o casal do Nângulo. Entretanto, chuvia e pobres "n-unalos" preparados para o feito!.. Às 16h, A. Nanga partiu para o Cacata, para onde se deslocou também Dr. Gabriel, mais tarde o Sr. Marcelino Ruemba. Tudo foi a contento de todos. Quase às 21h, terminou-se com a cerimónia, tendo em seguida A. Nanga partido para Cazinda, em busca do Dr. Gabriel vindo de Luanda e nada, pelo que voltou

31 Domingo — Dia do Senhor. As mesmas missas. A primeira por Gabriel - com custa por causa do pé - e segunda por A. Nanga. Festa da despedida do Farriel Medeiros - jovem amigo dos seus amigos - ia dizer amigo de todos quantos conviveram com ele por estas zonas. Lá ofereceu um lauto almoço

eu que estiveram presentes. O Sr. Capitão do Tando Zinze, os dois missionários, professores, chefes de povos e muita gente. Comeu-se e bebeu-se. Houve discursos, em português e Ibinda, numa palavra, houve alegria em todos os presentes. De facto, a simpatia vale ouro neste mundo. À tarde, A-Nanga partiu com alguns estudantes para Cabinda, devendo concelebrar com o Sr. Arcebispo e muito Padre, no encerramento do Ano Santo, que teve lugar na Paróquia Senhora Rainha do Mundo. A chuva atrasou tudo e A-Nanga, depois do jantar acabou por regressar e pernoitou no Tando Zinze para uma Confissão Pascais.

Abril 74

1 Segunda — Já em pleno 4º mês do Ano! Como a vida vai célere, neste mundo. Hoje é dia de mentiras. Suspensão moral nas mentiras jocosas e oficiosas. Mas porque? Há tanta conjectura!.. Sol e calor intensos. A-Nanga regressou vindo do Tando Zinze. Dr. Gabriel com paludismo. O pé vai andando. Estamos em plena Páscoa afinal! Como preparar os cristãos numa semana apenas? Oxalá, que não haja doenças-obstáculos!..

2 Terça — O mesmo ambiente de sol e calor. O Dr. Gabriel vai melhorando. O problema de gasoil dá dores de cabeça. Há problemas, que encomodam até, digamos, à medula dos ossos de um homem. Esperou-se um carro com o gasoil e nada e quase tudo em ponto morto!..

3 Quarta — Tudo normal na missão. Por volta das 4h. caiu um vendaval com fortes burrascas e relâmpagos. Morreu o Gloje Pompidou, Presidente da República francesa. É admirável o seu testamento "... não quero mausoleo, mas simples tumulo com as datas da morte e do nascimento. A missa exequial deve ser gregoriana!.." — Eis o homem deste mundo! Em vida, todo importante, e com qualidades boas e más, todas elas admiráveis; na morte, as mesmas qualidades para todos — humilhação, alienação, cheiro e podridão — Pó da terra!..

4 Quinta — Sol e calor, como sempre! Está-se em confissões da Páscoa. À tarde ameaçou chover e com ventania. Os trabalhos na missão continuam os mesmos - mafuta, coconote e a limpeza da roça.

5 Sexta — Dia de calor, logo desde manhã. Por volta das 19h, foi a Cabinda com o professor Inácio - compras urgentes e necessárias. Toalhas de mesa e guardanapos. Já há lençóis novos outra vez. Mas o que é isto para a traquinice da nossa casa? Perde-se tudo em pouco tempo. É lamentável. Nem se pode estar presente em todos os lugares para uma fiscalização eficiente!.. A. Nanga, dormiu no Chinguinguili, devendo amanhã, realizar um casamento no Chinguinguili. Na missão, Dr. Gabriel foi ao Chindende fazer o mesmo, quero dizer, o trabalho das confissões.

6 Sábado — O mesmo trabalho e bom. A. Nanga, no Chinguinguili - casamento no meio da chuva e regressou à missão para o trabalho de amanhã. Dr. Gabriel prepara-se para o Cunda, onde passa o Domingo de Ramos. Chuva e tempestade forte que deixou casas mal paradas. Noite e cansaço.

7 Domingo — Domingo de Ramos. Sol ardente. Na missão, A. Nanga com as duas missas e no Cunda, Dr. Gabriel. Ameaçou chover. Houve muita gente à missa. Em tempo. Na sexta feira, houve baptismos de manhã. No sábado: cena horrível na Nova et Vetera. Dois furriéis espancaram as pobres meninas encarregadas. Abuso. Dr. Gabriel partiu para o Cunda. À tardinha, A. Nanga foi ao Chinsua, digo, ao Macanga, onde rezou missa às 21h e veio dormir no Chinsua

8 Segunda — Calor. As chuvas agora caem por zonas. Nada de especial na missão. O trabalho das confissões vai andando.

9 Terça — O problema do dia são as hóstias. Devia-se ir hoje a Cabinda, nada. À tarde levar o Dr. Gabriel para o Chindende, digo, para o Chiobo e tivemos um furo em pleno povo. É que os pneus já estão careca e reclamam clemência. Estamos mal. O carro pequeno já sofre a mesma doença. Vai contos por causa disso.

10 Quarta — Sol e calor. As onze horas A. Nanga teve que ir urgentemente para Cabinda comprar farinha d'hórtias para amanhã e dias seguintes. Foi e veio em plena noite para depois voltar para o Chinguinguili.

11 Quinta — Quinta feira Santa! Dia da Eucaristia! Dia do Sacerdócio!.. Quantos mistérios, quantos milagres nestas palavras - Eucaristia e Sacerdócio!.. Tudo, mas tudo fala-nos do Amor de Deus para com os homens!.. De manhã, na missão só o Rev. P. Gabriel que apesar de doente confessou muitos cristãos. A. Nanga, chegou às duas da tarde, vindo do Chinguinguili, onde, em companhia do Sr. P. Faustino Builo, confessou os cristãos locais. O Rev. Builo, partiu logo para Cabinda e o outro ficou para a missa às 11h. Muito trabalho cansativo. Nem se fez limpeza da Igreja, muito menos se preparou o altar da Reposição. À última da hora - suor em plena 6h, hora da missa. Paciência. Foi presidente da missa concelebrada A. Nanga. Houve pouca gente, sobretudo no princípio. Houve adoração do Santíssimo até à meia noite. Começamos assim o tríduo sagrado - dias de abundantes graças para quem quiser!..

12 Sexta — Sexta feira Santa - Paixão e Morte do Senhor. Trabalho e sacrifício que, aliás, à vida do Padre, quanto mais não seja tratando-se desta semana. As cerimónias começaram às 18h e com muita pouca gente, infelizmente. Oficiante A. Nanga.

13 Sábado — Sábado Santo! Cerimónias de Cor, trabalho na Igreja, visitas da Polícia e do Garcia, eis o dia inteiro. As cerimónias começaram às 21h! Também com muito pouca gente. O mesmo oficiante. Estava para chover. As cerimónias terminaram às 24h e já com um formigueiro de gente! Cristo Ressuscitou. Alleluia!.. Alegria nos corações, alegria no mundo e alegria no céu que contempla o muito libertado da escravidão do demónio pela ressurreição de Cristo. O motor apagou-se muito mais tarde!..

14 Domingo — Páscoa da Ressurreição! Alleluia! É o dia que o Senhor fez, exultemos no Senhor!.. O Rev. Dr. Gabriel foi ao Mabiala com os escuteiros. Houve só uma missa em virtude de ter havido a missa da Vigília Pascal. Muita gente na missa que começou bastante tarde. Logo depois da pregação caiu uma enchurrada que durou até às 2h.30. Lá se ficou na igreja por causa da chuva. Dia aborrecido devido a chuva - água por toda a parte. Houve, como de costume, visita Pascal e só começou às 2h.30. Foram visitados os povos vizinhos da missão até às 7h de Noite. Trabalho e cansaço!

15 Segunda — A. Nanga partiu à tardinha para o Macanga Pequeno em viagem de ministério

16 Terça — Iniciaram-se hoje os trabalhos do futuro Post sanitário para a zona do Zenze e ainda bem.

17 Quarta — Esteve um dia quente com ameaça de chuva que não chegou a concretizar-se.

18 Quinta — Regressou esta tarde da sua viagem de ministério A. Nanga que partiu em segunda para Cabinda onde foi tratar dum assunto momentoso. Nestes dias todos, tem estado na missão o Dr. Gabriel que apesar de andar com o incómodo duma ferida no pé se tem esforçado por garantir a assistência religiosa ao povo (missa e sacramentos).

19 Sexta — A ameaça de chuva de há dias para cá concretizou-se esta manhã com uma forte bátega de água que voltou a refrescar tudo

20 Sábado — A. Nanga foi ao Macanga levar o irmão do professor Inácio que veio de Quanza com o pé amputado por causa de um acidente sofrido nos motas. É um jovem dos seus 18 anos de idade. Cortado.

21 Domingo — Dia do Senhor!.. Tudo como de costume - duas missas: a primeira pelo Dr. Gabriel e a segunda por A. Nanga que depois partiu para o

o Chinguinguili - onde fizeram a visita pascal. Muito sol e depois tremenda chuva que ocupou toda a tarde. Cansaço.

22 Segunda — Sol ardente durante o dia. Devia-se almoçar no Chindende com o primo do Dr. Gabriel - Alfredo, mas ficou para depois. À tardinha levou-se para o Chindende o mesmo primo com o Dr. Gabriel, onde devem permanecer até 4ª feira.

23 Terça — O mesmo ambiente de sol e calor. Dr. Gabriel com o seu primo Alfredo, ainda no Chindende. O gasoil não veio no carro do Sr. Rui; é um problema para os trabalhos da missão.

24 Quarta — Logo de manhã, problemas. É o trabalho da roça, é o da missão tudo objecto de dores de cabeça. Por volta do meio dia A. Nanga foi ao Chindende buscar Dr. Gabriel e o primo, levá-los ao Chibulangunga, onde almoçaram e à tardinha foi buscá-los. Estava para chover. Noite e cansaço!

25 Quinta — Tudo como de costume. Mas, o assunto do dia é o golpe do Estado em Lisboa. Há 44 anos é que se não verificou isto - 1926. Spinola, chefe da nação. Que espectativa! Que perspectivas no futuro do novo chefe da nação portuguesa!.. À tarde houve visitas - os Policias!

26 Sexta — Logo de manhã, A. Nanga foi a Cabinda buscar um tambor de Gasoil que nos faz muita falta em casa. O assunto do dia é o mesmo - o golpe do estado em Lisboa!..

27 Sábado — Dr. Gabriel foi ao Cunda, rezar missa e baptizar. À tarde o mesmo foi ao Chindende, onde dorme hoje e amanhã afim de a família se despedir do seu filho Alfredo. Na missão, tudo normal.

28 Domingo — Dia do Senhor! Duas missas como de costume e todas por A. Nanga que depois se deslocou com os mabundos para a zona do Chinsua para a visita Pascal - Macanga grande e pequeno

Luciano, S. Paulo Zenga, Chimuná, e Mbata Buala. Sim! Digono de regist é o carro comprado pelo professor Diniz do Nângulo - Vá lá! É mais um passo no progresso do Rucula Zenze

29. Segunda Dia de Cansaço. O mesmo ambiente de curiosidade sobre os acontecimentos de Lisboa. Hoje saíram 3 Decretos Lei, entre eles: a criação do feriado Nacional no dia 1 de Maio - dia do trabalhador; a abolição da PIDE ou D.G.S - salvo erro criada em Abril de 1957!.. "Sine commentu"!.. A tarde A-Nanga foi buscar um doente no Macanga Grande. Tudo, já cheira a Cacimbo.

30 Terça Último dia de Abril que deixa lugar ao mês de Maio, mês de flores!.. O cacimbo vai-se manifestando cada vez mais. Veio o material (tijolo e tambuas) para a futura Sede dos Cursos "Nova et Vetera". Dia sem novidades.

Maio 74

1 Quarta Dia Mundial do trabalhador - S. José Operário. Pela primeira vez, foi criado, em Portugal, feriado nacional! Os primeiros passos do Novo Governo! De facto, vai haver algo de novo! O mundo continua admirar expectativamente as mudanças de Spinola - novo Chefe da nação!.. Oxalá!.. Dia quente. O carro do Calabube, fez geito - transportando água para a obra da futura Sede dos Cursos.

2 Quinta Foi esta manhã a cabinda o P. Angelino tendo ficado na missão o P. Gabriel.
O golpe de Estado havido em Lisboa no último 25 de Abril continua a ser o tema das conversas por toda a parte.
O calor é ainda do tempo da chuva, mas há sinais evidentes do cacimbo que se aproxima.

B Sexta

A ter em conta o que nos chega até aqui pela Rádio e Imprensa, neste ano Santo de Renovação e Reconciliação, o golpe de Estado do dia 25 de Abril findo em Lisboa é um autêntico sinal dos tempos. Para todos, o importante é saber decifrá-lo. Será, realmente, a etapa decisiva da Paz que parecia já não ser um dom também para nós? Esta também a hora de revelação das situações. Há a impressão de todos quererem hoje um lugar no comboio que partiu... Pode ser que ainda não seja tarde demais, uma vez que para o homem todo o tempo é tempo de salvação.

4 Sábado

O nevoeiro desta manhã é o sinal evidente do cacimbo que se aproxima.
O Mestre Henrique Bitebe, o "fac totum" desta Missão desde os tempos da grande figura de missionário e organizador Padre Alberto Philippi, presentemente em Lândana, levantou-se hoje da cama e veio até aqui. Tem-se encontrado doente e há quase quinze dias que não sai da casa. Formulamos para ele sinceros votos de melhoras.
Regressou à noitinha vindo de Cabinda o P. Angelino que veio acompanhado do Pe Casimiro, Vigário geral de Malanje. O Padre desloca-se até estas paragens para visitar a terra natal do seu Bispo, D. Eduardo André Muaca, natural de S. Miguel do Lucula, aproveitando a viagem que estou a fazer ao Distrito

de Cabinda.

5 Domingo — A primeira missa foi celebrada pelo Sr. Gabriel. A segunda concelebraram-na os Padres Casimiro e Angelino. Na homilia, o Padre Casimiro que se felicitou por se encontrar no meio do povo do seu Bispo, falou da vocação e das vocações, o tema, afinal, do Dia Mundial das Vocações que ocorre hoje. A generosidade material dos fiéis do Lucula para com os seminários, cifrou-se em 1.125$00 de esmolas. Parabéns ao povo do Bispo Muaca. Mas essa generosidade poderá não contar nada se não se apoiar na generosidade e doação dos corações e da vida. Depois do almoço oferecido por um grupo de cristãos ao Pe Casimiro, este partiu de regresso para Cabinda. Foi levá-lo o P. Angelino.

6 Segunda — Passaram esta manhã pela Missão os topógrafos da Junta A. das Estradas de Angola para o estudo do troço da estrada Fátima (entrada da Missão) — Centro Comercial do Zenze. O Padre Gabriel que se encontrava presente pediu à Brigada que voltasse amanhã, pois o Padre Angelino ausentou-se para Cabinda e só deve estar ~~tarde~~ de regresso esta tarde. Entretanto, o assunto foi comunicado a um ou outro elemento do povo para recolha de opiniões.

7 Terça — A brigada da Junta autónoma de Estradas de Angola que está a estudar o troço da estrada Fátima (entrada da Missão) - Zenze) chegou por volta das 8 horas da manhã.

com o Padre Angelino que regressou ontem de Cabinda e o Padre Gabriel a brigada trocou as impressões que se impunham para o estudo do futuro troço. E chegou-se a conclusão de que o troço devia passar ao leste da Missão, aproximando-se o mais possível do muro que ladeia os edifícios da mesma, afim de se evitarem estragos maiores nos terrenos plantados. A passar pelo lado ocidental, além de o percurso se tornar maior, havia os problemas do cemitério e da própria igreja que tinham as suas implicações a longo prazo, pelo menos.

Vão adiantadas as obras do futuro posto sanitário; também recomeçaram os trabalhos na obra da futura sede dos C. I. Nova A Vetera sob a orientação do Mestre das Artes Aplicadas Henrique Bitebe que agora se encontra melhor.

Também passou por aqui o Sr. Administrador do Concelho de Cabinda na sua viagem semanal de inspecção às obras do Plano Calabube.

8 Sol e Calor. Sr. Gabriel queimou-se na palma da mão direita.
Quarta A-Nanga foi preparar a comida para o Seminário. É que o Sr. Reitor, Sr. Faustino Builo, vem amanhã buscá-la.

9 O mesmo sol e o mesmo calor. Grípes em toda a parte.
Quinta A mulher do Sr. Luis André mais que atacada, a ponto de delirar em contorsões. O Sr. Sr. Faustino não apareceu para o almoço. É pena. Oxalá tenha vindo até Chinguingam

10 Sexta — Sol e calor, logo de manhã. Cá estiveram os da Junta Autónoma das estradas, como sempre a roça da Missão sofre: bastante café e palmeira vão se embora. De manhã houve baptismos na Missão.
A. Nanga foi ao Chinguinguili dormir para um serviço amanhã.

11 Sábado — Na Missão só o Dr. Gabriel em virtude de o outro ter ido ao Chinguinguili baptizar umas crianças. Na Missão, tudo normal. Só a gripe é que nos dá que fazer. No dormitório vários alunos de cama.

12 Domingo — Dia do Senhor. As mesmas missas. Depois da missa os da Visita Pascal foram ao Nângulo, Chindende e Cunda. Foi duro e muito cansativo. O trabalho acabou por volta das 20h, tendo, depois, A. Nanga seguido para o Macanga por causa da festa da Padroeira do Macanga, Nossa Senhora de Fátima.

13 Segunda — Macanga Grande em festa. Hoje festeja a sua Padroeira Nossa Senhora de Fátima. Lá estiveram os catequistas de vários povos - quase todos. Na Missão visitaram-nos as madres do Mbata Mbenge.

14 Terça — O mesmo sol. Dia de visitas. Três senhoras da extensão rural e mais alemã - D. Úrsula em visita em Angola. Cá ficaram toda a tarde. Às 5.30 - ou seja às dezassete e trinta, chegou o Sr. Comandante da P.S.P. em Cabinda preocupado com a demora das senhoras aqui. A obra da futura Sede vai avante, assim como o Hospital. Os Zunzuns sobre o momento actual não cessam.

15 Quarta — Cacimbo - dia em que oficialmente acabam as chuvas. De facto, o amanhecer foi tipicamente de cacimbo - nevoeiro, um ar fusco. Neste mesmo dia toma posse de presidência o Senhor António Spínola que ocupa os aposentos do Velho Américo Tomás, hoje no exílio com o seu Marcelo Caetano. De facto, "Sic transit gloria mundi" - Assim é o mundo, altos e baixos, apogeu e quedas. É o curso da história que inalteceu um Napoleão, um Hitler, os construtores de fama etc. e os quais foram, desprezivelmente, expulsos

do ecran mundial da fama!.. É que a confiança do homem nos homens, é uma constante utopia para aqueles que sossobram. Haja em vista os sucessivos golpes de estado que vão por esse mundo fora. Pobre do homem, pobre de nós que, bastas vezes, nos enganamos, a este respeito! Mas hoje, o Presidente da República portuguesa é o Sr. Spínola e porque toma hoje posse houve tolerância de ponto em todo o mundo português! Oxalá, que seja tudo para um mundo melhor; um mundo de perspectivas, um mundo de esperanças e de novos progressos para cada um de nós!..

16 Quinta

Tomaram posse às 16 horas em lugar os membros escolhidos do governo provisório chefiado pelo primeiro-ministro o Professor Adelino Palma Carlos. Como ontem nas cerimónias do Presidente António de Spínola foram feitas importantes declarações respeitantes à nova Política interna e externa da IV República Portuguesa. O problema da Independência das colónias continua a aparecer e a ser o maior problema cuja solução quer chamar a si esta IV República. Como escrevi no passado dia 3 deste mês neste mesmo Diário, finalmente rebentou também para o povo português o sol da esperança que não pode deixar também de o ser para os povos que ainda hoje coloniza. A vitória do Movimento das Forças Armadas em Lisboa no dia 25 de Abril findo é a vitória de todas as forças que lutam no mundo contra a opressão, contra o mal.

17 Sexta

Passou-se o dia sem qualquer novidade digna de interesse. O Padre Gabriel que ficou sozinho na Missão saiu esta

manhã para sacramentar duas doentes, uma no Nângulo e outra em São João. A doente do Nângulo é a avó do ex. seminarista Marcelino Luemba Tubi, do Chinsuá e está gravemente enferma. O P.e Angelino saiu à tarde no dia 15 para um serviço religioso na aldeia do Ndungu. Bulba nessa mesma noite tendo depois prosseguido viagem para Cabinda donde ainda não regressou.

18 Sábado Veio de Cabinda o P. Angelino. Também passou pela Missão para cumprimentar a malta o Administrador de Posto Teixeira, do Posto de Tando-Zinze. Regressou há dias de Portugal aonde fora passar um mês de férias. Esteve no Porto e em Lisboa na altura dos acontecimentos de 25 de Abril. Nasceu, realmente, para toda aquela gente um mundo novo de relações humanas. Acabou a opressão, o medo, o servilismo. Abrem-se horizontes para a criação duma sociedade feita de homens e não de séres humilhados.

19 Domingo A primeira Missa foi celebrada pelo P. Gabriel e a segunda pelo P. Angelino.
A propósito do momento político actual do Enclave de Cabinda. Já se vão definindo quatro vias polarizantes do futuro político de Cabinda: a primeira reclama uma nação independente para o Enclave, a segunda defende a divisão do Enclave entre as duas repúblicas vizinhas, a República Popular do Congo e a República do Zaire, a terceira está para a continuação da união política com Angola, a quarta defende a separação de

Angola e a integração com Portugal, sendo a hegemonia deste. É defensor desta quarta via o grupo do Alexandre Tati, apoiado naturalmente pelos colonos brancos e que se procura servir da força paramilitar os T.E.S (Tropas Especiais), uma facção da Frente Nacional da Libertação de Angola com sede em Kinshasa, que em tempos se separou entregando-se em seguida às autoridades portuguesas que passaram utilizá-la para deter o avanço militar dos grupos subversivos do MPLA e da Fnla respectivamente nas zonas do Maiombe-Belize e do Tando-Zinze. Diga-se de passagem que a tal quarta via encontrou tão forte reacção do povo que o partido que fundou, o P.D.P.C (Partido Democrático dos dos Povos de Cabinda), e que teve a pretensão de se intitular "unico porta-voz de Cabinda e seu organismo exclusivo" se dissolveu dum dia para outro sem conseguir mais elementos além dos fundadores que o mesmo povo classifica de "traidores, fascistas e agentes da ex-Pide/D.G.S., (Polícia Política Portuguesa)" agora exiliada em Portugal. Hoje uns elementos perdidos do tal Partido Democrático dos Povos de Cabinda que vieram para uma reunião com o povo desta área do Lucula foram tão mal recebidos que se pisgaram antes mesmo da reunião. É que a politização do povo que se tenta negar é um facto insofismável. O importante agora é dar um sentido humano e consequentemente evangélico às justas aspirações do povo,

na medida em que só o verdadeiramente humano é suporte e substrato do autêntico cristianismo.

Com surpresa de todos, nós caiu depois do almoço um dos mais fortes aguaceiros da temporada de chuva, que oficialmente terminou em 15 deste mês.
O pluviômetro marcou 4,10 mm.

20 Segunda — Manhã fresca, não tanto por causa do cacimbo que ainda está quase por cima, mas por causa da chuva de ontem. O dia todo foi de calor intenso. Os mesmos trabalhos de costume. Os pedreiros na casa do Quissa Nova et Velha, os outros na roça. Não houve nada de extraordinário digno de nota neste dia.

21 Terça — Sol logo de manhã. De fato, o cacimbo está a custar entrar. Estiveram cá os Srs administradores do Concelho de Cabinda e o do Tando Zinze. A Guiné vai arrumando um tanto. À tarde, caiu, de novo, um forte aguaceiro.

22 Quarta — Dia do cacimbo, mas com a mesma atmosfera, a mesma temperatura da chuva. Ainda com a temperatura de 24 a 25 graus. Terrível. O Pe Gabriel ainda de cama. Abriu-se, de novo, a pista e está quase imóvel. Está, no entanto, melhorando, graças a Deus. A comida vai rareando, as provas. Está-se mal neste ano.

23 Quinta — O mesmo sol. Esteve cá o P. Faustino Brito, Reitor do Seminário de Cabinda. Veio fazer-nos uma visita e aproveitou levar um Tambor de milho e 6 sacos de arroz para o Seminário. À guisa de elucidação: o milho é para a Criação e o arroz para os jovens seminaristas - futuros sacerdotes de amanhã. O mesmo Reverendo trouxe-nos um elucubrante "ouvir-se dizer" sobre a possível morte de um dos Padres Negros em Quanda. Quem é? Ficamos na expectativa. O futuro de amanhã dir-lo-á!

24 Sexta O cacimbo vai-se manifestando aos poucos. Os trabalhos da futura Sede vão acabando. Está sendo coberta. Esteve cá o Sr. Cardoso com o Sr. Oliveira que matabichou connosco. Aquele trouxe-nos alguma coisa para consumo da casa. Tudo está ficando caro, sobretudo quanto a viveres. O caitório está tendo um movimento. O pior é não haver selos, pelo que se mandou dinheiro para o mesmo efeito. Infelizmente, os selos não vieram.

25 Sábado - Já p. se sabe o nome do sacerdote falecido. É Rev.mo Sr. D.e Martinho Samba. Natural do Ribolo, foi homem duma larga página de valores. Já como seminarista manifestou-se como um homem talentoso, homem profundo na poesia, como músico, organista-pianista, compositor. Bastam as suas composições, as suas poesias - haja em vista a afamada Sátira sobre as saias curtas publicada em Ruanda em o Apostolado em 1947, as suas poesias proféticas sobre o futuro de Angola, etc etc, tudo, mas tudo mesmo fez do saudoso D.e Martinho Samba um homem completo na sua cultura. Foi prefeito no Seminário do Rucula, depois de vencidas várias peripécias da vida do Seminário. Viu-se coroado de glória os seus sofrimentos a quando da sua ordenação sacerdotal em 1951, ele e o Rev. D.e Bento, já falecido também. Trabalhou como professor no Seminário de Malanje. Fundou a paróquia da Samba. E quando dos tormentosos dias de 1961, a PIDE (D.G.S), então o único galo no poleiro da política fascista portuguesa, o D.e Martinho Samba foi abarbatado inclementemente qual pombinha adormecida, pela PIDE, hoje ex. PIDE, graças a Deus, essa ave de rapina que encheu prisões, que dizimou famílias e que deportou a seu bel prazer, homens e mulheres como gado bovino. E o D.e Martinho Samba conheceu prisões, sofreu bofetadas, sofreu fome, sofreu torturas e conheceu o célebre Caixias - masmorra de Portugal!.. À custa de tanto sofrer, o coração do D.e Samba transtornou-se e ficou doente até à morte. Ficou no exílio quase onze anos de sofrimentos. Regressado à terra, já não era aquele homem robusto e saudável - já era

cardíaco, reumático, o Martinho Samba já era sofredor, por causa da D.G.S. E com uma vida assim encurtada e alienada pelos sofrimentos da PIDE, o Dr. Martinho Samba, já não podia viver longo tempo. Acaba de morrer, vítima, como outros tantos mártires dos seus ideais naturais, no dia.... Que Deus o tenha em seu seio e que de lá reze por nós!.. Hoje mesmo, foi cantada uma Missa de Requiem pela sua alma. Foi cantor, A. Manga.

Na Missão, depois desta Missa, A. Manga celebrou uma outra em que se realizou um casamento e uns cinco baptizados.

26 Domingo a 29 Quarta

Estou a escrever estas linhas na quarta-feira, 29. Não me preocupei com tomar notas para o Diário, razão porque ficam em branco os três primeiros dias. O que me lembre, nada de importante feriu a minha atenção e que pudesse registar aqui.

Partiu esta tarde para Cabinda o P. Angelino que ficou de fazer à passagem um casamento no Ndungu-Buba Pequeno.

Chegou o motorista do Calabube Cândido Maia que como de costume pernoitou aqui na Missão. Trouxe mais material para o Posto Sanitário que deve estar concluído o mais tardar na próxima semana.

30 Quinta

Ficou pronta a primeira fase dos trabalhos da Sede dos C. I. Nova et Vetera sita nas imediações da igreja. Passam a faltar agora os acabamentos: reboco, pavimentação e pintura. Pensa-se entrar na segunda fase dos trabalhos na próxima semana.

O Mestre Sebastião Ubambi, encarregado da Agricultura da Missão descobriu um trabalho de autêntico vandalismo levado

a cabo pelos alunos internos da Missão na roça da mesma. Não se sabe o que é que deu na cabeça aos miúdos: lembraram-se de cortar indiscriminadamente uma grande parte das bananeiras com bananas e sem bananas, prejudicando assim a produção do bananal para todo este Cacimbo. O P. Gabriel foi ver o estrago. Mais tarde apareceu no local o professor João Baptista Maringa. Todos nos sentimos indignados com o diabólico procedimento dos alunos. E o que é lamentável é que quase todos os miúdos estavam metidos no assunto. Para o seu próprio ensinamento além da censura, tiveram um castigo exemplar de que se não irão esquecer assim fàcilmente. A. Nanga, chegou hoje à noite.

31 Sexta — Um dia tipicamente de Cacimbo, embora ao meio e quase toda a tarde, houvesse calor. Visitas: visitaram-nos os funcionários da extensão rural e vários professores. Tudo o resto, foi sem grande coisa digno de registo. Noite fria

JUNHO 74

1 Sábado — Como tudo corre veloz. Esta-se já no sexto mês. Com este mês, aparecem as preocupações de toda a espécie - limpesa das roças, procura de sementes para a colheita de café etc etc. Tudo verdadeiro quebra cabeça. Dia de Cacimbo, pouco sol e triste.

2 Domingo — As missas de sempre: a primeira pelo P. Gabriel e a segunda por A. Nanga. À tarde A. Nanga foi ao Tubo rezar missa vespertina. Não houve nada de extraordinário. Tudo à maneira de um Domingo qualquer

3 Segunda Tudo como de costume. Pela roça: os serventes com tendências grevistas. Querem mais dinheiro, o que podiam ter feito a quando das chuvas. Todos anos o cacimbo traz os seus problemas - não há mafuta e consequentemente, o pagamento traz os seus problemas que exigem do responsável sacrifícios económicos.

4 Terça O mesmo ambiente de cacimbo. Já vão aparecendo crianças a pedir trabalho. O Dr. Gabriel foi sacramentar um doente no Cacata.

5 Quarta Dia sem nada de especial. O frio vai começando. Em tudo - um abiente de animosidade do dia 25/4/74. Spínola.

6 Quinta Cada dia com os seus problemas. Os serventes na varanda reclamam uma coisa que não depende inteiramente do responsável. Que esperem para mais tempo - vai-se escrever. Outro "casse-tête": em cabinda não há gasoil. É um problema

7 Sexta Continua a greve dos trabalhadores. Na roça (fábrica) tudo parado. É uma dor d'alma para quem está à frente!.. Mandar! Bum!.. A falta de gasoil continua. Estiveram cá os polícias do Tando Zinze. Houve quem facilitasse alguns litros para o motor da luz. À tardinha, A. Nanga foi ao Bonde Pequeno levar uns donaires da fronteira do Zaire.

8 Sábado Tudo como de costume. A greve continua. Houve, quase "table ronde" com os trabalhadores e chegou-se a um acordo sobre o aumento. É formidável. Veja lá o que valem os ventos da história!.. Desde o dia 25 Abril de 1974, tudo mudou no mundo português. O ouvir-se falar tanto de Spínola e de greves até o simples trabalhador do sertão amotina-se, reivindica direitos, berra, à viva voz o nome de Spínola, de liberdade e de democracia! É formidável e muito admirável. Eis-nos perante um facto insufismável em todas as latitudes do orbe terrestre. Mas que fazer? Acha-se que o seguir os trâmites da história é a única maneira de evitar azar. E quais são esses trâmites? Viver a história, viver o presente mesmo quando é aborrecido com calma e tacto: "Pacientes feras"!..

9 Domingo — Dia do Senhor! As missas de costume. A-Nanga, apesar de doente, cantou a segunda missa. Quase ao da missa, visitas vindas de Malanje. dois Padres Espanhóis. No fim da missa, um vai vêm contínuo. Atendê-los até ao meio. Idos estes, chegou o Rei Jº Candjumbo com mais dois. Cá ficaram connosco até ás 16h. A-Nanga, acompanhou-os até á tardinha. Dia de Cansaço.

10 Segunda — Feriado Nacional. O Ano escolar vai acabar. Ai do aluno que não está preparado!.. Outrora era dia de Camões, agora dia de Portugal. "O tempora, o mores!.. Dous tempos em que tudo era paz e socego. O cacimbo vai chegando e fortemente: frio enevoeiro. Hoje, houve mambos entre S. José e Sto Eugénio, por causa do mato. E quantos não se apoderaram do terreno da missão. Quando doe o calo pessoal, ah sim! É o mundo em que vivemos!..

11 Terça — Correu o boato de que o Sr. Spínola estaria hoje em Ruanda e por isso mesmo Feriado Nacional. Parece que não foi um facto real, pois ele empossou os Governadores de Angola e Moçambique lá mesmo em Risboa. Frio. Os trabalhos do cacimbo atrapalham as pessoas com roças. Não se sabe como arranjar o pessoal para isso.

12 Quarta — Dia de preparação para a festa do Corpo de Deus. Todo o dia num "fevet opus" trabalhou-se no arranjo do caminho para a procissão. Desta vez é o S. Miguel que vai ser visitado por Cristo. Não houve tempo para encerar o santuário. Paciência

13 Quinta — Corpo de Deus! Hoje no mundo Católico, tudo está de gala. Cristo visita o seu povo. A missão do Rucula, seguindo a tradição de sempre, levou o Autor da vida em triunfo para S. Miguel, cantando, rezando ~~ao~~ sob os estrondos ensurdecedores dos Canhangulos. A missa foi cantada como sempre. Muita gente. Cacata, Chinguinguili, Chiobo, muitos, mas muitos mesmo estiveram connosco na Igreja matriz da Missão do Rucula. Tudo correu normalmente, graças a Deus.

14 Sexta — Muito trabalho. A. Nanga devia ir, de manhã, para o Chinsuá, para os casamentos do Chinsuá, mas não conseguiu só foi á tardinha. O trabalho da missão continua. Que fazer? No Macanga, está em estado de coma um familiar do professor João Baptista. Recebeu extrumunção. Cas mãos de A. Nanga.

15 Sábado — Dia de casamentos no Chinsuá.

16 Domingo — Dia do Senhor. Tudo como de costume — o programa das missas. Tudo correu a seu bel prazer. No entanto, houve quem denigrisse o ambiente — a história da conversão da Madalena, a pecadora (o Evangelho do dia) trouxe malentendidos — Uma senhora (não nos interessa o nome...) sentiu-se atingida e vai daí, trovando barulho contra A. Nanga — celebrante! Tudo, mas tudo, foi injusto. Com efeito, teriam estado na Igreja, centenas de ouvidos. Em nenhum dos ouvidos entrou semelhante ideia. Primeiro, porque o celebrante desconhece tal mulher com a sua vida, em segundo lugar, porque a Igreja não propôs tal Evangelho para criticá-la. Logo, ela foi mais que imprudente. Passou-se da ignorância da vida dela para a realidade. E é pena, muita pena mesmo!.. A tarde, sempre morreu a mulher do Macanga Grande.

17 Segunda — As 6,30.
↳ ↳ houve missa cantada de Requiem com procissão, por alma de Alberto Nguala — do Cácata. Estiveram presentes os seus familiares — vários dos quais vieram do Zaire. A tarde, A. Nanga foi interrogar a tal mulher — D. Gertrudes, mãe de muitos filhos. Muita gente. Começaram os exames. Hoje foi a vez da pré — Nas termópilas, caiu uma pequenita — chumbou, coitadinha.

18 Terça — Segundo dia dos exames na escola sede. Hoje é dia da 1ª classe. Passaram quase todos. Por volta das 12h, chegaram as mulheres do Mbata Mbenge, para se abastecerem — feijão, peixe etc etc. Cá almoçaram cá, na praça. Foi um dia de sol ardente.

19 Quarta — Frio de cacimbo. Cada dia com o seu quê d'admiração. Hoje á noite a missão foi assaltada por um hábil ladrão. Eis o facto. Há tempos, desapareceram as chaves do Dr. Gabriel, do Quarto do Sr. Bispo e mais outras. Semana passada, com surpresa nossa, arrombou-se um dos armários do quarto do Bispo. Era ele que utilizava as chaves roubadas. E nesta noite, por volta das 1h, o Dr. Gabriel que se encontrava acordado, ouve abrir a porta do Bispo. Desconfiado, abre a porta dele e dá alarme. A-Nanga acordou depois, pelo que o ladrão deu aos de vila diogo, tendo deixado sandálias e o molho de 3 chaves. Por pouco, levava de lá uns 14.000$00 — dinheiro da cantina escolar, dinheiro da caixa escolar e mais outra quantia. Apenas tirou uns 40$00 que se encontravam sobre a mesa. Pelos vistos, o ladrão não é de longe, conhece a casa perfeitamente. Há tanto trabalho por aí, para um ganha pão!..

20 Quinta — Dia de sol ardente. Cabinda 26°. Nem sempre acontece isto. Visitas. Problemas no Chinguinguili — Ngangas a estupidez: Dois ou 3 feiticeiros no povo. Consultas em pleno dia. Um á vontade incrível!.. Pelo que A-Nanga se deslocou para lá á tardinha e com tanta sorte que acabou por desvendar o lugar, os consulentes e conseguiu entrar no grupo sem que o próprio nganga o soubesse. Aí, se batia!.. Depois seguiu-se o pânico da fuga!.. Hourrível! É admirável! Tanto conselho! Tanta graça de Deus! O Tambili ás um dos chefes! Sim, foram eles buscar tais ngangas — no Cacongo — perto do Chimbuandi. Há que se tomar medidas graves, em prol da palavra de Deus!..

21 Sexta — Dia de S. Luis Gonzaga. Lá se deslocou Dr. Gabriel, cantou missa e baptizou várias crianças. Dia de exames orais para a 3ª Classe. Tudo correu bem. De novo entre nós o Sr. Alfredo — primo do Rev. Dr. Gabriel — mecânico em Kinshasa!.. A tarde, A-Nanga, levou o visitante para Chindende, onde se encontrou com seu primo Dr. Gabriel.

22 Sábado Dia sem grandes novidades. O cacimbo vai apertando - frio em barda. Entretanto,

23 Domingo Dia do Senhor. As missas de costume. O Revdo Dr. Gabriel, foi o pregador. No entanto, a ferida do pé abriu de novo. Terá que ir a Cabinda para uma consulta médica. À tardinha, Nionie Seda foi ao Chindende, onde dormiu. Visitaram a missão, o partido democrático dos povos de Cabinda. Comeram e beberam na praça.

24 Segunda Duas missas por A. Nanga: uma na missão logo de manhã e outra cantada no Kângulo - missa de Requiem. Depois disso, foi-se ao Tubo para carregar os tijolos do Sr. D. Muaca. Só com uma Scania. Tarde quente. Chinguinguilo em crise.

25 Terça O mesmo ambiente de calor. Tudo ~~na~~ mesma. Trabalho e quebra cabeças. Mais visitas. O dia todo ocupado. Pela roça, tudo normal. O café está sendo limpo, agora o pior é a falta de pessoal para a colheita.

26 Quarta Frio e nevoeiro, logo de manhã. Ouviu-se dizer que o Rev Dr. Sérgio já está em Cabinda, para um mês de descanço. Oxalá. A falta de operários empatou todo o serviço, na missão. Não há pedreiros, nem carpinteiros, o que é muita pena. O Revdo Dr. Sérgio acabou por aparecer cá com uns amigos

27 Quinta O mesmo frio matutino. Pelas 10h, A. Nanga, foi ao Chiobo levar Dr. Gabriel que se desloca a Cabinda para uma consulta médica e possivelmente Luanda. Encontramos Dr. Sérgio doente e muito em baixo: febres, falta de forças etc. O problemático meio familiar é que lhe tantos encómodos doentios. Foi a Cabinda, para a consulta. O que faz uma injecção mal aplicada! Dr. Sérgio ficou lesado na espinha dorsal tendo sido atingido o sistema nervoso! Confiança em Deus!..

28 Sexta O mesmo trabalho. Café, limpeza da roça etc etc, tudo uma dor d'alma. O frio vai apertando cada vez mais

A. Nanga foi a S. Pedro, digo, a S. Paulo Zenga, para a respectiva festa. Entretanto, na Missão não ficou Padre Nenhum, por Dr. Gabriel ser encontrar ainda em Cabinda

29 S. Pedro e S. Paulo, colunas da Igreja Católica. Grande festa
bado em S. Paulo Zenga. Na Missão não houve missa, de manhã. Tudo correu a seu bel prazer, não obstante o trabalho que aperta de todos os lados. Este ano, é um Ano de serviço - não há missionários suficientes. Com a graciosa do Pitra, a doença do Dr. Alvaro e agora, as ausências dos Drs. Camboa e Rocha Ferreira, o distrito, fica desfalcado nas missões

30 Dia do Senhor - Duas missas por A. Nanga - Há uma coisa que
ninge não está bem nestes povos. rouba-se... não há respeito mútuo entre os próprios. Pelo que foi necessário umas repreensões. Por outro lado, S. Miguel acaba de provocar um "mambo" grande com repercussões aborrecidas no povo vizinho do Sr. Mobuto. Benjamim e Lourenço Maquidi espancaram os empregados do S. Miguel e Zenze, só por serem Zairenses. Veja só tamanha falta de compreensão!.. Ninguém numa terra para lá morrer. A luta pela vida, obriga o homem a percorrer mundos. Logo, procedeu-se muito mal. Vieram os douanes para se informarem melhor e fazerem as suas comunicações para quem de direito. E depois? depois, má vontade, sofrimento e mesmo depois vem guerra! Tudo isso, não dá para gente que se diz da mesma e mesmo sangue

Julho de 74

Já o ano vai mais que meado. Esta-se no sétimo mês do Ano 74
unda Hoje começam os exames fora da Missão. A. Nanga, foi novamente escalado pela Repartição escolar - transportar o juri para o Nângulo, chinsua, chindende, macanga grande e S. Pedro Cote. Ontem chegou o Dr. Gabriel para arrumar e partir para Rianda, na próxima Terça. Na Missão - exames orais 4ª classe

Terç O mesmo Ambiente de exames tanto lá fora como cá dentro.

Cá dentro, a malta está passando bem, lá fora, mais fácil, "ad modum Calabube", igualmente. Na roça, a colheita de café em dia.

3 Quarta — É só hoje se conseguiu o exame no Chindende, por o professor se ter ausentado para Cabinda. Na missão, acabaram os exames - quase tudo aprovado.

4 Quinta — Exames lá fora. 4ª e 5ª Macanga Grande, o que foi um grande atraso, no programa elaborado. Visitas da extensão rural.

5 Sexta — Logo de manhã, estiveram cá os Srs Oliveira e Cardoso. O carro que ontem se roubou para o Zaire, apareceu, mais mint danificado. Vai, agora, custar dar boleias. Exames no Chinsua. Este ano tiveram sorte, dois catequistas da missão: Sebastião Rubongo, do Chinouá e Sebastião Ngumba do Bunda - Parabéns.

6 Sábado — Trabalho e mais trabalho. Cá esteve o enfermeiro da lepra. A. Nanga partiu para o Chinguinguili, onde vai resolver a "maka" do dia 20/6/74 - o feiticeiro apanhado com a boca na botija pelo próprio A. Nanga. Trabalhou até á meia noite. Na missão, tudo normal.

7 Domingo — Dia do Senhor! Duas missas, como de costume e todas pelo Rev. Dr. Gabriel Nionje Seda, por A. Nanga, ter estado no Chinguinguili, onde resolu duas missas: uma para as crianças e a outra para os adultos. Até que enfim, sempre se resolveu a célebre maka. Acabaram por vergar e dizer a verdade - De facto, foi a convite deles (nomeadamente do Brás) que os ngangas apareceram lá. Coisa incrível, até professores!...

8 Segunda — Último dia dos exames, em S. Pedro Cote. A missão ficou sem Padre. O Rev. Gabriel Nionje Seda, partiu hoje para Cabinda e de lá, parte para Luanda. Foram os dois missionários de Land Rover, até via S. Pedro Cote, onde A. Nanga ficou com o juri. O Dr. Gabriel

foi com Sebastião Mbambi, devendo este, no regresso, passar por S. Pedro Cote, o que se não realizou. Por tanto esperar,

9 Terça - O mesmo ambiente de ocupações intenso, em todos os recantos da missão. É o café que se não apanha bem, é a falta do pessoal para o mesmo serviço etc etc. Chegou o Rev Sérgio Gabriel Macaia. Estive com ele. Visitas e mais visitas.

10 Quarta Dº Sérgio com mais uma crise e forte. Lá estive, horas a fio, nesta noite. Estamos mal. Não há missionários e o trabalho é muito. Na missão, tudo na mesma. Os alunos, quase em greve. Querem ir todos para férias. Foi a 4ª classe e os outros, sobretudo do Chindende, fugiram. Paciência.

11 Quinta - Mais uma visita ao Dº Sérgio. Regular. Tratou-se outro assunto a ver se envia para o Kimpese. Mas, o homem põe e Deus dispõe. Tal não aconteceu com efeito, a madrugada de amanhã terá as suas surpresas. Eis-las:

12 Sexta Nesta madrugada, o Dº Sérgio piorou. A. Manga, chamado às duas da noite. Vai-se para lá e de facto, Dº Sérgio, mesmo arrasca. Torna-se para missão para avisar um ou outro do que se passava. Levo-a Cabinda, às 3h de madrugada. Lá, ventila-se o caminho de Ponta Negra. Trata-se toda a papelada e às 2h, A. Manga parte para lá. Depois de Lândana, Sr Sérgio, ampanha uma crise, durante a viagem. Queria ver a atrapalhação de um homem ao volante. Só e em plena viagem. À custa, lá chegamos à fronteira. Depois da acostumada burocracia, partimos. Caminho, afastado, sim, mas muito incómodo e com prejuízos para a direcção, por causa dos buracos. Chegamos a Ponta Negra às 18h50. Contactou-se imediatamente com o Dr. Dianca, Negro do Sul de Angola. Tratou e bem o Rev que depois recobrou bastante. Isto, quanto ao Sr. Dº Sérgio. Na missão, não houve missa, só comunhão. Tudo, como de costume.

13 Sábado A. Nanga, ainda em Santa Negra, pelo que, de manhã, ~~[illegible]~~ houve missa. Muita certidão, por assinar, por falta de Padre. O trabalho prosseguiu normalmente. Por volta das 22,30, chegou A. Nanga, para as missas da amanhã.

14 Domingo Dia do Senhor e de cansaço. As missas de costume. Logo depois da missa, a missão tornou-se um verdadeiro Posto turístico — visitas em barda. Primeira, chegaram as madres de Cabinda, umas 7, depois Dº Canjimbo com 3 catequistas. Trouxeram tudo menos bebida. Almoçou-se no patamar. Em segundo lugar, mais de 7 carros em pequenique, família do Sr. Armindo. Parecia, digo, a Nova et Vetera parecia o Jirasol de Cabinda.

15 Segunda O frio vai apertando cada vez mais. Logo de manhã, nevoeiro e frio cortante. Depois, o sol ardente. O trabalho das certidões veio aumentar o quebra cabeça do dia a dia. Dezenas e dezenas de pessoas na missão. E o trabalho para um indivíduo, aumentou e bem.

16 Terça O mesmo despertar de ontem, assim como o trabalho das certidões. Chegou o Sr. Oliveira para um dia, devendo, portanto dormir cá. Veio acompanhar a colheita do seu café. O da missão, vai a passo de caracol: não há pessoal, o que dificulta tudo. O que há fazer?.. Se houvesse apoio...

17 Quarta Logo de manhã, o Sr. Oliveira, foi-se embora, levando consigo um tambor de milho para o Seminário e oito sacos de milho para as madres. Continuou o mesmo aperto de serviço. Também esteve entre nós o Sr. Cardoso, a quem se encomendou feijão e peixe, para a missão.

18 Quinta O trabalho vai aumentando. Mandou-se um homem para o Zaire procurar pessoal para o café. O dia passou assim sem grande coisa

19 Sexta — O café vai avante, mas não cá como era de esperar. Frio e sol. As certidões vão aumentando. Na missão, está em preparação a abertura das matrículas. Foi-se transportar os tijolos do Sr. D. Muaca.

20 Sábado — As ocupações continuam e tendem aumentar. Chega amanhã o Sr. D. Manuel, segundo uns rumores infundados. Entretanto, passou-se o dia todo na limpeza da missão.

21 Domingo — Dia do Senhor. As missas de costume por A. Nanga. Quase, a só começou às 10-15h e ainda assim, com muita pouca gente. A igreja só ficou cheia quase no fim. Nesta mesma fez-se a comunicação oficial da chegada do Sr. D. Manuel, na segunda feira. Comunicou-se igualmente a saída de A. Nanga, desta missão, devendo partir para a Europa, frequentar a reciclage, na Bélgica - Substituto provável, Dº Pitra. Tudo isto duma carta do Sr. Arcebispo

22 Segunda — Dia de trabalho intenso e de espectativa: limpeza geral, comidoria etc etc. Afinal, tudo ficou sem efeito, porque o Sr. Arcebispo nem se quer chegou a Cabinda. Por volta das 22h soube-se que ele adiou a viagem para fim deste mês

23 Terça — As meninas e rapazes que chegaram, começaram a colher o café colheram 11 sacos. Vai-se gastar dinheiro, mas antes isso, pois o café tem de sair fora. As certidões continuam a chegar. O peor deste dia, foi a ausência do Hilário-cartorista. E vai daí, o aperto do trabalho deste dia.

24 Quarta — Tudo como de costume: Colheita de café. O frio aperta aos poucos. A. Nanga, ferido no pé e custa-lhe ao andar. A tardinha morreu um recém nascido, filho de um servente da missão, e por isso teve que apeder com cobertador e pano crú (um metro), até porque o pai se encontrava ausente e por ordem (ordem) da missão. E o dia acabou.
De Quanda, nada vem a informar-nos sobre a vinda do Sr.

Arcebispo a esta missão. Tudo leva a crer que do no fim do mês

25 Quinta. Tudo como de costume - trabalhos e certidões. A. Nanga, continua manco, missas, andar em carro etc, tudo um sacrifício contínuo. O café continua a dar dores de cabeça.

26 Sexta Dia de Sol. O Land Rover Pequeno parado. Mandou-se desmontar as rodas para os travões. As meninas do Zaire, vindas há bem pouco tempo para a colheita do café, em greve estúpida: queren a caixa por 25$00, quando todas as companhias, a caixa é por 10$00 e o saco a 25$00, o preço que a missão paga. Manuel Almeida, o saco a 15$00. Crê-se não haver injustiça. Pagou-se o trabalho feito em dois dias e... despedir-las.

27 Sábado Tudo como de costume. Morreu, de repente, uma mulher do Chinsuá. A. Nanga lá esteve de noite. O interro religioso, foi impossível, dado o facto de trabalho e da ferida de A. Nanga. Isolamento na missão.

28 Domingo. Dia do Senhor. Duas missas, um baptizado e tudo com dificuldade por causa da ferida do celebrante. Na segunda missa, teve que pregar assentado. Paciência. À tarde, foi-se ao Chinguinguili onde, dijo, buscar V. Brito que lá celebrou a missa das 11h. Dormiu cá. Cansaço.

29 Segunda. V. Brito Mayamba, rezou a missa de manhã e A. Nanga, foi ao Cunda buscar meninas e rapazes para a colheita do café. Houve pelo menos uma dezena de boas vontades. Passaram o dia na roça onde se almoçou. Também esteve cá o Crujeira. Tudo correu bem. Foi-se reparar, ia dizer, ver a bomba d'água. Prometeu fazer feito.

30 Terça Tudo como de costume - trabalho das certidões, trabalho da colheita do café. À tarde, dijo, na missão ficou Mayamba e A. Nanga apesar da ferida, ficou no Chinsuá, onde cantou missa. Depois do almoço foram ambos para Cabinda, tendo o Brito partido para Kândana. À noitinha, A. Nanga, voltou para a missão.

31 Quarta — Fim do mês. Ontem esperou-se por Sr. Cardoso, para a compra dos produtos da missão. Como não veio, mandou-se o Sebastião para levantar algum dinheiro para os pagamentos. É assim todos os anos. As poucas reservas da chuva, são gastas no tempo de cacimbo. Em dois meses inteiros só quatro tambores.

Agosto 74

1 Quinta — Mais um mês que finda. Tudo a correr e o fim do ano vai-se aproximando. Na missão, tudo na mesma. Foi-se sacramentar uma velha em Santo Eugénio.

2 Sexta. — As meninas que vieram há bem pouco tempo, foram-se embora. E o dinheiro gasto? É pena e muita pena. O café, ainda por colher. Seja como fôr, há que se fazer tudo o sacrifício para pô-lo fora. Aí vêm o tempo de Chuviscos.

3 Sábado — Houve baptismos logo depois da missa. O dia todo como qualquer outro de cacimbo - muito trabalho. Passou-se todo o dia a procurar trocos. A Tardinha, A. Nanga foi ao Mabiala levar doente.

Domingo — Dia do Senhor. Dia de alegria. Dia da visita dos legionários de Cabinda a esta missão. Primeiro, dia de nevoeiro, portanto, frio. A primeira missa, na mesma hora. A pedido dos legionários de Cabinda, só se devia começar a 2ª missa, depois da chegada deles. E assim, esperou-se até às 10h,30, hora em que começamos. Muita gente, e é 1º Domingo do mês, portanto, dia de "makaba solene", facto que fez com que a missa acabasse às 12h,30. Por volta da 1h, chegou o machimbombo de Cabinda. Eram os legionários, quase uma centena deles. Depois dos cumprimentos, preparar as mesas. Traziam tudo: comida, bebida e talhar. Os legionários do Luanda, imanados no mesmo ideal, ofereceram, dois leitões, pratos de saca-folha e três grades de cerveja. O almoço de confraternização decorreu, realmente, num ambiente fraterno. Comeu-se, bebeu-se. A pedido dos visitantes, A. Nanga teve que cantar uma 3ª missa, às 16,30. Orquestra

local exibiu-se mais uma vez. Os visitantes admiraram a liturgia, os cantos, tudo num franco progresso, o que, diga-se de passagem, falta em Cabinda. Já quase 18h, depois das despedidas saudosas, aquele grupo de homens, e mulheres, rapazes e raparigas, partiu, acenando lenços brancos que comoveram, quase até às lagrimas, tanto os que partiram como os que ficaram. Dia histórico, na Região de Maria em Cabinda. Presentes o Reitor e os irmãos e duas madres.

5 Segunda — Frio, logo de manhã. O mesmo trabalho de sempre. Os Bares da praça - quase paralizados - uma pequena greve dos empregados que reclamam aumento de vencimento.

6 Terça — Logo de manhã, um aborrecimento. Veio 8 h. João Cardoso a queixar-se de que dentro os 4 tambores de maguta, houve um com água. Que responsabilidade! Há se chamou Sebastião como responsável. É claro que procurar encontrar o autor dum mal feito é sempre um tempo perdido. É pena que aconteçam coisas dessas numa missão mais 4 meninas para o café. Só tenho dois alunos internos. Tudo em férias.

7 Quarta — Dia de frio e nevoeiro. O mesmo passou sem grande coisa digna de nota.

Quinta 8 — A colheita do café vai avante, mas com gastos. Em Santo Eugénio, prepara-se a festa do casamento da Carolina. Há um fervet opus

9 Sexta — Dia de surpresa. O Pe. Brito Mayamba aparece cá com o Rev. Goudfroi Nluati, sacerdote Vilo, de Ponta Negra, futuro Bispo da mesma cidade. Dia de alegria e de consolação para um homem isolado. Lá visitou rápidamente os povos vizinhos, Chinsuá e Macanga. Já, tarde, regressou para o Chiobo, onde se encontra o Rev. Sérgio Macaia, vindo, igualmente daquela cidade para, onde fora, como doente. Encontra-se. Em tempo, o Pe. Sérgio Ainda se encontra em Cabinda, devendo vir depois.

10 Sábado — Dia de casamento da Senhoria Carolina Passi com o Sr. Jorge Umba. A missa, começou ás horas. Tudo em festa. Motivo: casamento e duma filha da Nova et Vetera. A humilia foi comum. Começou o sacerdote e deu a palavra a vários assistentes, cujos depoitamentos calaram bem fundo nos corações dos presentes, mormente nos dos cônjuges. Houve quem chorasse por causa da despedida da mãe da cônjuge, D. Anastasia que, ~~[illegible]~~ banhada em lágrimas, se despedia da filha que dixa o lar! O almoço, passou em casa do noivo, em Santo Eugénio.

11 Domingo — Dia do Senhor. Dia de grande trabalho, grande festa em casa do Sr. António Passi. As duas missas, de sempre. A última, foi tarde demais. Quase logo no fim da missa, chega o camião do Sr. Oliveira, cheia de visitantes que deviam almoçar na varanda. É ver a atrapalhação de um homem!.. Depois, do almoço dos visitantes, começou, em Santo Eugénio, o almoço de S.to Eugénio. Há, houve, alegria, dançou-se, comeu-se... á contento de todos!

12 Segunda — Chegaram ao Chiobo, os Rev.dos Sérgio Macaia, Gondofrois M'Puati e Mayamba. O Rand Rover grande, dormiu no Bikeche. Motivo: fuga no tubo da entrada da bomba d'alimentação. Lá foi buscá-lo o Sr. Sebastião.

13 Terça — Dia da missa cantada de Requiem no Cácata. Lá foram os Padres; Nanga, Mayamba e G. M'Puati. Infelizmente, o dono da Missa ausentou-se e vai vai, o não haver missa. Almoçou-se no Chiobo com o D.r Sérgio. A Nanga, manco, bolhas nos pés. Mais pessoal para a colheita do café. O Rand Rover, vestido com pneus novos e respectivas câmaras. Mas, foi, um pouco contra vontade do responsável A. Nanga que mandou pôr primeiro os travões e depois os pneus novos. Enfim, cada dia com seu aborrecimento. A noite. A Nanga, rebocou o carro do professor Dinis. Ainda esteve cá Mayamba, que veio resolver um assunto urgente. Os 3 Padres, rezaram missa vespertina no Chiobo, depois do jantar, Mayamba e M'Puati foram para

o Seminário de Cabinda, onde pernoitaram.

14 Quarta — Véspera da Assunção de Maria ao Céu. Preparação da festa. A falta de alunos constitui um problema diário. A. Nanga encontra-se só.

15 Quinta — Assunção de Nossa Senhora. Logo depois da primeira A. Nanga foi ao Chiobo buscar D. Sérgio para a segunda missa. Houve muita gente. Trabalho sem gente. Almoço improvisado para os visitantes. À tarde, levar o Rev.do Macaia para o Chiobo. As chuvas, devem estar para vir, por causa de fortes "holas".

16 Sexta — Dia frio e chuvoso de novaciro. O mesmo trabalho de sempre, as mesmas preocupações. O café dá dores de café. Esteve cá o Sr. Cardoso, que informou tudo isso.

17 Sábado — Baptismos, logo de manhã. O dia todo passou sem novidades. Não se fez a limpeza da igreja por falta de pessoas. Outro veio de Cabinda o jovem seminarista-finalista de Teologia, Franklin. Veio para ajudar A. Nanga que se encontra só e neste mesmo dia foram eles e mais Filipe - futuro irmão para Macanga Grande começar um pequeno retiro - (tridero) de 30 crianças de 1ª comunhão e preparar 55 crianças para o baptismo.

18 Domingo — Dia do Senhor. As missas de sempre - duas. Houve um baptisado. Chuviscou muito e desgraçado do café, ainda por colher. A. Nanga foi ao Chiobo, a convite do antigo soldado do leste, Joaquim Nzungo. Grande festa e muitos convidados. À tardinha, foi-se ao encontro do Sr. Brito que devia ajudar, amanhã, no trabalho do Macanga Grande. Não veio, o que constituiu grande transtorno para A. Nanga. Que acabou por dormir lá. Neste mesmo dia grande tiroteio, em Santo Eugénio - confusão dos soldados por causa duma menina. Houve pancadaria, entre eles e os civis, a ponto de terem sido atingidos pela pancadaria, o alferes e um furrível. Enfim, é o mundo.

19 Segunda Dia de grande trabalho no macanga grande. Duas missas, 30 primeiras comunhões - 55 baptizadas e muitas confissões. O trabalho começou às 8.30h e terminou às 3h da tarde. Suor e cansaço, foram o efeito do dia. Trabalharam comigo, pelo menos na preparação, os jovens Franklin, Sebastião e Filipe. Receberam as respectivas certidões logo depois do baptismo. A cerimónia decorreu dentro da missa.

20 Terça Dia de cansaço. O café da roça está quase acabar. À tardinha A. Nanga levou o jovem Franklin, até Tuiti. Nesta mesma noite, muita surpresa. Do Padre Faustino soube-se por volta das 22h que o Sr. Arcebispo mandou um pé 19 via Tando-Zinze em que comunica a sua chegada a esta missão amanhã e a intenção da presença do Pe. Pitra aqui devendo, portanto, Pe. Nanga vir a Cabinda buscá-lo, parte de manhã. Tudo isto, fez com que A. Nanga entrasse em contacto com o Sr. Capitão da Companhia para se informar melhor, seguindo a Cabinda, por volta da 1h de madrugada.

21 Quarta A. Nanga e Pe. Pitra chegaram à madrugada. Cansaço. O Revdo. Pe. Pitra vem chefiar esta missão, onde já trabalhou, longos anos. À tarde, chegou o Sr. Arcebispo de Ruanda tendo dormido cá.

22 Quinta Missa extraordinária às 8h30. Foi concelebrada: Sua Ecia Revma Pitra e A. Nanga. Durante ela, fez-se, uma comunicação oficial das nossas colocações. Pitra, novo Superior da missão, A. Nanga, férias. O Sr. Arcebispo fez uma rápida vistoria ao cartório, refeitório etc. Também resolveu o problema dos indivíduos baptizados no congo. Já se pode transcrever os seus assentos cá no cartório da missão. É uma grande coisa. Depois do matabicho, Sua Ecia Revma partiu para Cabinda, devendo regressar hoje mesmo para Ruanda. Também regressou para Cabinda o Rev. Pitra - novo Superior da missão do Rucula.

23 Sexta Trabalho e mais ocupações. Pagamentos ao Pessoal do café. Mas, o café este ano tem problema em Cabinda. Muitos não o querem. Ai de nós se não o vendermos!.. Oxalá que não seja assim

O preço que era de 6$00 já baixou para 5$50 e para um 4$00. Ainda assim,

24 Sábado — Cada dia com o seu quê de ocupação. Há que se entregar a missão e o trabalho amontoa-se a pouco e pouco.

25 Domingo — Dia do Senhor. Tudo como de costume: duas missas por A. Nanga. A última, muita gente. Dia de frio intenso. Nada de extraordinário, digno de nota.

26 Segunda — O mesmo trabalho. Estão a ajudar-me os jovens Sacâmbana e Filipe. À tarde, chegaram as madres do Zaire, Urbata Ubenge. Vieram fazer umas compras ligeiras e encomendar outras.

27 Terça — Continuam os trabalhos de sempre. À tarde, A. Nanga, foi a Cabinda buscar Dª Pitra. Tudo na missão, normal. Entraram dois novos alunos, de boa idade - nove a dez anos.

28 Quarta — A. Nanga que devia voltar, não veio. Motivo: um contratempo no programa. Levar os Padres para o Chiobo, devendo o carro voltar com Nenkama, o que se não verificou. Na missão, ensacou-se o café.

29 Quinta — Aniversário sacerdotal do Rev. Pe Sérgio Macaia: 20 anos ao serviço de Deus. Presentes 8 Padres, a saber: Dr. Cónego Próspero Puati; Campimbu, Nanga, Pitra, Nvovy, Nionie Seda, Mayamba. A missa foi solene e com muito fieis. Depois disso, almoço de confraternização de que tomaram partes muita gente. Também presentes, convidados de Cabinda, Padres e irmãs. Na missão, tudo normal.

30 Sexta — Logo de manhã, os Revdos Pitra e Nionie Seda foram a Cabinda buscar a bagagem do Pitra novo Superior da missão do Lucula. Na missão, A. Nanga, arruma para partir. Trabalho e um monte de problemas a resolver.

31 Sábado — O mesmo trabalho. O café dá que fazer. Os Padres Pitra Gabriel chegaram à noite. Frio e mais frio, tudo um problema. A missão continua quase sem alunos, o que faz com que o Padre faça tudo em toda a missão. Connosco Dº Álvaro Nvovy.

SETEMBRO 1974

1 Domingo – Domingo dia do Senhor. A. Nanga rezou a primeira missa. A segunda pelos 4 Padres. Presidiu o Rev. Pitra, novo Superior. O Padre Gabriel leu a provisão da exoneração de A. Nanga. O mesmo Reverendo pregou. No fim da Missão, A. Nanga em breves palavras, despedindo-se dos custos, tendo agradecido os 4 anos no meio do povo do Lucula-Houve, igualmente, a bênção de dois carros novos pertencentes aos Srs. Alberto Capita, do Chindende, irmão do Dr. Gabriel, o segundo é do Sr. David Mbienga, do Chinguinguili. Seguiu-se depois o almoço. À tardinha A. Nanga partiu para Cabinda em missão de serviço.

2 Segundo – Tudo normal. Durante o dia só os três Padres – Pitra, Gabriel e Álvaro. O assunto do café dá a todos dores de cabeça. Cancelada a compra de café, no distrito. É um caso sério o dinheiro da colheita já foi. E agora? O futuro di-lo-á, com certeza. A. Nanga regressou à noite.

3 Terça – As mesmas preocupações na missão. Estiveram cá funcionários da Câmara Municipal de Cabinda. Motivo: tratar o assunto d'água. À tardinha, A. Nanga, foi ao Cácata com Raymond, enviado das mades do Mbata Mbenge. Motivo: buscar uma cabra, o que se não conseguiu.

4 Quarta – O trabalho mais importante é o do inventário da missão. Por outro lado, as certidões dão que fazer. Não há pessoal

5 Quinta – Estiveram connosco injenheiros da Câmara Municipal de Cabinda. Tratou-se o assunto das águas locais. Tudo normal

6 Sexta – A. Nanga veio de Cabinda à noite. Fora tratar um assunto que se não tratou, só na 2ª feira. Na Missão, tudo normal.

7 Sábado – À tarde, A. Nanga foi ao Chinguinguili, onde deve passar o Domingo, seguindo depois para Cabinda.

8 Domingo. Dia do Senhor. O Pitra veio de Cabinda, de surpresa tratar do carro. Viajou com sobrinhos. Regressou depois para Cabinda. Neste dia A. Nanga rezou a missa no Chinguinguili e departiu para Cabinda. Esteve cá o Sr. Cardoso que levou uns três tambores de mafuta

9 Segunda. Trabalho na Missão. Na Missão, só Fr. Gabriel, os outros dois Padres em Cabinda, em missão de serviço.

10 Terça. Tudo normal na Missão. À noite chegou A. Nanga, devendo o carro regressar a Cabinda para buscar o Revdo. Pe. Pitra e o pintor. Todos os povos estiveram na missão à espera do Sr. Uzita

11 Quarta. Dia de frio. Como ontem, estiveram muitos estavam à espera do Sr. Uzita, jovem político que luta pelo seu povo. Esteve cá o engenheiro da Câmara, o qual está fazendo um estudo sobre a canalização da água do Calabube. Ficou, disse ele, um trabalho mal feito. E de facto, por toda a parte, está correndo água - tubos (mangueiras, furados. Já noite, veio de Cabinda o Revdo. Pe. Pitra com o pintor para o refeitório dos alunos internos da missão.

12 Quinta. Iniciaram-se hoje os trabalhos da pintura do novo refeitório dos internos desta Missão. Dirige os trabalhos o Mestre-Pintor André Vemba, de Lazaire. Os Padres Pitra e Gabriel saíram por volta das 11 horas para uma inspecção das escolas da Zona 3. Por motivo do adiamento das aulas, os alunos que já tinham entrado na Missão foram autorizados a regressarem para as suas casas até nova ordem.

13 Sexta. Saiu para Cabinda esta manhã no carro do chefe Luís André o P. Angelino que foi tratar da sua viagem.
Por volta das 11 horas chegou à Pra-

ça dos C. I. Nova et Vetera, acompanhado dum jornalista francês, o 1º Vice-Presidente da FLEC Sr. Nzita Tiago. Uma viagem de informação. O povo acorreu de todas as partes para aclamar o seu líder. Um espectáculo de festa e esperança. O coral da "Jeunesse" do Zenze entoou cantos patrióticos e revolucionários depois de ter escutado com sofriguidão a comunicação do Snr. Nzita.

14 Sábado O P. Angelino, que chegou a regressar ainda ontem de Cabinda, começou hoje a fazer a entrega dos bens da Missão ao novo responsável, o P. José Faustino Nzau Pitra. Assistiram à entrega o P. Gabriel, o Mestre Sebastião, os professores Diris Chimbuca, Xavier Fidi e Pascoal Bakambana.

15 Domingo Dia do Senhor. As missas de sempre. A primeira pelo M. Nionje Seda e a segunda pelos 3 sendo presidente o Revdo. M. Pitra. No fim da missa, visita do novo director, Amaro Iati. A sessão teve lugar na praça Nova et Vetera. Houve discursos e estiveram presentes, vários povos, Chinsua, Uângalo, Mabiala, Cunda, Macanga etc. cada um teve a sua palavra ao director. No fim, almoçou-se lá.

16 Segunda Os dois Revdos. Pitra e Nionje Seda foram a Cabinda tendo regressado só à noite. As obras da pintura vão avante. Infelizmente, a tinta que se meteu não teve continuação. Já não existe, infelizmente.

17 Terça O mesmo ambiente de trabalho. Chegou a esta missão o Revdo. Sérgio Macaia que veio descansar um

um pouco. Na Missão, nada de extraordinário, apenas o motor de baixo que falhou - macadas válvulas e pistão. É um problema sério. Porquanto, o motor em questão é a vida da Missão. Parado está a Missão em ponto morto.

18 Quarta Logo de manhã os três Reverendos: Sérgio, Pitra e Gabriel foram ao Uângulo, onde rezaram Missa. Almoçaram lá tendo chegado, por volta do meio dia. Tarde friolenta.

19 Quinta Logo de manhã, Padre Brito veio visitar-nos. O mesmo dia a dia pela parte da manhã, o Rev.do P. Sérgio foi ao Chiobo com D. Pitra. À tarde o novo Comandante da Polícia visitou-nos com mais dois súbditos seus. Beberam-se um whisky, na varanda. Neste mesmo dia, A-yanga foi a Cabinda, tratar de assuntos particulares. E veio noite

20 Sexta Hoje de manhã D. Pitra seguiu para Cabinda em missão de serviço. A pintura do interno está sendo um primor. Vale a pena, embora se gaste um pouco mais. Nzau Pitra regressou, trazendo consigo os colchões dos internos

21 Sábado De novo, digo, o D. Pitra de novo a caminho de Cabinda, infelizmente os bancos não atendem aos Sábados. No entanto, tratou outros assuntos da Missão. O internato está quase acabar.

22 Domingo As duas missas na igreja da Missão foram celebradas pelo P. Nicolau Seda. Os Padres Pitra e Angelino deslocaram-se até Belize para contactarem com o Catequista Renato que deve vir tomar conta dos alunos desta Missão. Ainda regressaram no mesmo dia depois duma viagem estafante. O Catequista não chegou a vir porque a encontrava ausente. Vieram visitar o P. Nicolau Seda, depois de seu regresso de Luanda para onde se deslocara doente, o Catequista e um grupo de cristãos do Adungu-Buba.

23 Segunda

Início das aulas. Às 8 horas desta manhã apresentaram-se na escola da Missão os professores e alunos para o começo de mais um ano lectivo. Logo a seguir à apresentação, o Director da Escola, o Rev. P. Nzau Pitra convocou os professores para uma reunião. Além dos professores assistiram à mesma o P. Nionje-Seda e o Director cessante o P. Angelino. Na agenda dos trabalhos figuraram os seguintes assuntos: 1. Eleição do subdirector. 2. Distribuição de turmas e de salas.

Depois da reunião, os professores iniciaram as suas actividades.

Terça 24

O P. Angelino saiu para Cabinda a fim de tratar da sua viagem. Na Missão os Padres Nzau Pitra e Nionje-Seda passaram a manhã a arrumar os assuntos do Internato para o ano lectivo 1974/5. Além dos dois alunos que ficaram esta quinzena na Missão, vieram ontem engrossar o número mais onze meninos. Com a melhoria das condições passa-se a esperar mais dos meninos.

Quarta 25

Os trabalhos do refeitório novo dos alunos estão quase ultimados. Dentro de dias devem os internos passar a fazer uso dele. Para a aquisição de mais tintas para a pintura da camarata e do refeitório dos missionários o P. Pitra foi a Cabinda depois do almoço tendo regressado à noitinha.

A comunidade cristã de Chiridende ofereceu uma carrada de gêneros alimentícios para a Missão. Os internos são os grandes beneficiados neste tempo em que está quase a faltar tudo.

26 Quinta — Manhã de cacimbo. Ambiente de inquietação missionária. Uma nova planificação da missionação preocupa os jovens sacerdotes, revdos. Pes Nzau Pitra e Nionje Seda. Ei-los a caminho do Posto Missionário de Chinuá para um encontro-contacto com os catequistas e anciãos do povo. Acompanha-os o Rev.P.e Nanga. Abant flentes!.. Chinuá! Quantum mutatus ab illo!.. Regista-se um ambiente de festa. Falou-se sobre a formação permanente dos catequistas; a marcação do dia dos baptismos; o envio dos delegados das aldeias para o sínina dos primeiros Domingos do mês na igreja da Missão; o dia do internato e dos futuros obreiros da Missão; a sala de estudos a funcionar na Missão; a colaboração mensal dos catequistas na educação disciplinar dos alunos internos; Decidiu-se também que o 2º Domingo do mês seria o dia da presença missionária no Posto de Chinuá. Eram cerca das 19h quando os Revs Pes Pitra e Seda (Nanga) regressavam à Missão.

27 Sexta — Manhã animada pela operação-limpeza. "É preciso limpar a Missão, diz o pintor Sr. André Vemba; pois parece vergonha". Fervet opus! Entretanto os Revds Pes Pitra e Nionje, transbordantes de entusiasmo, seguem ao Posto missionário de Chinguingili para um encontro com os catequistas e anciãos do povo. Fez-se a mesma comunicação do encontro anterior com os catequistas de Chinuá. Decidiu-se que o 3º Domingo do mês seria o dia dos baptismos e da presença missionária no Chinguingili.

28 Sábado — Manhã melancólica. Não se ouviram as gargalhadas estridulas do Rev.P.e Nionje ao romper da aurora. A sua ferida inquieta-nos a todos. Depois de uma operação e de tantos sofrimentos!!! Só com a paciência de Job!.. O Rev.P.e Pitra foi cantar uma missa de Requiem na capela do Cacata regressando logo em seguida. Após o almoço o Rev.P.e Nanga saiu para Cabinda numa viagem-foguete em serviço da Missão. Regressou altas horas da noite.

29 Domingo

Manhã festiva. Festa de S. Miguel.

Na igreja da Missão: Cântico de entrada; Comunicação breve sobre a representabilidade da imagem de S. Miguel como defensor da ordem e da verdade pelo rev. Pe Nzau Pitra que presidiu à assembeia eucarística; Bênção da imagem; Procissão até à aldeia de S. Miguel. Em S. Miguel: Palavras calorosas de saudação à chegada da imagem junto do nicho, proferidas pelo rev. Pe Gabriel; Missa concelebrada com a participação do rev. Pe Nanga que, ao momento dado, insistiu sobre o toque do sino para a oração matinal e vespertina e evocou a memória do falecido rev. Pe José Troesch, como benfeitor da dita imagem de S. Miguel. Os três Revdos Pes almoçaram em casa do chefe do povo, sr. António Nhimi. Às 15h o rev. Pe Pitra foi à Macanga à busca do primeiro chefe dos alunos internos da Missão, sr. Alberto Gimi Mabiala, casado, ex catequista de Macanga Pequena. À tardinha chegou a esta Missão o rev. Pe Pedro Candjimbu que se fez acompanhar de uma irmã de S. José de Cluny, do sr. professor Miguel Cabeche e esposa e de dois catequistas, todos vindos de Subantando. Motivo da visita: combinar com o Rev Pe Nionje a possibilidade da deslocação do grupo coral "Lukanunu mu Vuvu" para abrilhantar as festas de S. Pedro. Após o jantar, regressaram ao ponto de partida. Eram 19h30.

30 Segunda

Continuação do programa: Operação-Limpeza. Depois de ter orientado os trabalhos da limpeza das imediações do internato da Missão, o Rev Pe Pitra seguiu para Cabinda em serviço da Missão.

Outubro

1 Terça

Festa de Sta Teresinha do Menino Jesus, padroeira do Seminário de Cabinda. O Rev Pe Pitra continua em Cabinda onde pernoitou.

2 Quarta | O Rev.P.e Pita regressou de Cabinda às 16h30, carregado de paludismo e de infecções nos dedos do pé direito provocadas pelas "bitas".

3 Quinta | Chissuá em festa. Para lá seguiram os Revs.Pes Nionje e Nanga. Houve Missa concelebrada.

NOTA FINAL

A totalidade da informação encontrada, contendo os manuscritos – Manuscritos dos Cursos *Nova et Vetera*, Manuscritos do *Diário do Seminário*, Manuscritos das *Atas das Reuniões*, Manuscritos do *Diário da Missão* –, as fotografias e os mapas, foi tão volumosa que nos obrigou, por imperativos de edição, a procedermos a sofrido trabalho de discernimento perante a escolha que se impunha, pois, numa rápida avaliação de tudo aproveitarmos, levar-nos-ia a um incomportável segundo volume com cerca de oito centenas de páginas!

Limitámo-nos, portanto, a uma pequena mostra de três fotografias de páginas dos Livros (I-II-III) de Matrículas, a uma seleção de 131 fotografias dos Manuscritos dos Cursos *Nova et Vetera* e 133 fotografias do *Diário da Missão do Lucula Zenze*, referente ao período da realização dos Cursos.

Pareceu-nos que, apesar de um volume de anexos bem extenso, pouco poderíamos ainda omitir, sob pena de comprometermos a amostra que julgamos indispensável para uma avaliação de conjunto.